

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
MESTRADO EM HISTÓRIA DA LITERATURA

ANNO III

O MARUI

NUM. 9.

N'esta officina aprontão-se com nitidez, promptidão e modicidade em preços  
todo e qualquer trabalho concernente a arte lytographica.

Assinatura: Anno 1880. Semestre 9º. Trimestre 5º. — Rua dos Principes n.º 125.

Aos remissoes.

Pedimos aos Srs. remissão, o favor de tratarem  
com mais consideração o nosso cobrador, pois  
não estamos resorridos mandando-o vir  
vezes ás suas portas, para ouvir sempre um volta  
logo, estou occupado, não tenho dinheiro trocado e  
outros pretextos de mau pagador.

Sempre ouvir de "não tenho dinheiro  
metta" por conseguinte, pedimos de novo para  
tratarem com mais benevolencia o cobrador,  
ou confessarem as suas fraquezas, que lá por  
isso não lhe queremos mal, nem deixaremos  
de ser seu amiguinho.

MARUI.

ESCANDALO

Tem causado geral e justa indignação o ines-  
perado augmento de VINTE E CINCO POR CENTO no  
pagamento dos possuidores de penna d'agua!

Esta desagradavel realidade, que, sobemos  
a ultima hora foi o resultado da reunião da Hy-  
draulica Rio Grandense, que teve lugar na quarta  
feira da semana passada.

Sentimos immensamente não desportarmos pro-  
prietariamente de tempo e espaço para convenientemen-  
te tratarmos deste importante assumpto, que tanto  
tem indignado a população desta cidade.

Pobre povo... sempre o escolhido para ser o  
martyr!!... Onde está a moralidade desta deli-  
beração vexatoria e revoltante?!

« Senhores da Hydraulica, lembraivos da po-  
breza desprotegida, lembraivos que ella tambem  
tem sede e não pôde prescindir d'agua, e que  
este vosso procedimento além de ser vexatorio e  
revoltante é indigno de quem deve sentir no pei-  
to pulsar-lhe um coração humanitario.

Deverei lembrar-vos em melhorar a sorte dos  
infelizes, e não aggraval-os mais.

Se o que vos levassem a essa reunião, fosse  
um idéa feliz caritativa, como a que seria em  
porporcionar a classe desprotegida da fortuna um

de, impossibilitando-a de beber agua, todas as  
vezes que tem sede, é ser egoista deshumanita-  
rio e somente digno da maldição de todos.

O MARUI: PRESENÇA LITERÁRIA

CABRION.

NA IMPRENSA DO SÉCULO XIX

(1880 - 1882)

Quando a imprensa ventilon a questão da ca-  
restia das carnes verdes, tivemos esperanças de  
ainda um dia podermos comer com appetite um  
bife de vacca de Louisa!  
mas... não era para nós a questão só a do pre-  
ço — que nós acolhiamos com enthusiasmo era  
a questão do aceio!

Os habitantes da cidade do Rio Grande talvez  
ainda não se tenham lembrado que possuem os  
açougues mais immundos do que ha noticia.

O estrangeiro quando choga á nossa terrinha  
passa sempre os primeiros dias sem ter coragem  
de se atirar á carne!

E compração. Basta ver aquelles antros repug-  
nantes e infectos, cobertos de cebo, que accumu-  
lado de muitos dias já tem a espessura de uma  
toalha. Os toalhas en-  
sanguentadas e mal cheirosas; basta olhar para  
aquelles cepos, para aquelles cutellos, para aquel-  
les ganchos, enfim para tudo que está dentro de  
um dos nossos talhoes — para nos convencerms  
que neste genero andamos pelas alturas da civili-  
sacão franceza — do anno de mil trescentos e tantos!

Em todas as capitães do mundo, os açougues  
são entre os estabelecimentos luxuosos e aceia-  
dós, os que mais luxo e aceio apresentam.

Lisboa, que é uma capital modesta de um  
paiz de segunda ordem, possui açougues com  
um luxo e um aceio quasi por assim dizer axe-

Rio Grande, dezembro de 2007.

As paredes de todos os estabelecimentos são re-  
vestidos de marmore polido.

No balcão, tambem todo de marmore, pôde  
encostar-se qualquer pessôa sem receio de su-

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
MESTRADO EM HISTÓRIA DA LITERATURA**

**O *MARUÍ*: PRESENÇA LITERÁRIA NA IMPRENSA DO SÉCULO XIX  
(1880 – 1882)**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras, na área de História da Literatura.

**Bianca Ramires Acosta**

Prof. Dr. Francisco das Neves Alves  
Orientador

Data da defesa: 18 de dezembro de 2007

Instituição depositária:  
NID – Núcleo de informação e Documentação da  
Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Rio Grande, dezembro de 2007

*Porque d'Ele por Ele e para Ele  
são todas as coisas...*

Todas as pessoas são importantes e, cada qual do seu jeito, por um motivo ou outro, mereciam ser citadas aqui (*brothers and sisters*, amigos, companheiros de jornada, colegas, os enlouquecidos por conta do mestrado, porém não cauterizados - a quem amo - e outros loucos...) no entanto, por questões óbvias, não o faço. Mas sei que aquelas que me conhecem e que sempre estiveram ao meu lado, principalmente em mais essa etapa da minha vida, ao ler esse trabalho saberão que, embora não nomeadas aqui, é delas que falo. Com certeza vocês sabem disso e eu agradeço de coração por toda força e fé que vocês sempre tiveram por mim e em mim. Muito obrigada a todos. No entanto, também por razões óbvias, *Special Thanks to: Mor, Rê, Pai, Mãe, Manas, Artur, Mauro, Mary, Rosaurinha...* Ah! Se não fossem vocês...

Ainda que os teus passos  
pareçam inúteis, vai abrindo  
caminhos, como a água que  
desce cantando da montanha.  
Outros te seguirão...

Saint-Exupéry

## RESUMO

A proposta dessa dissertação é a de verificar a atividade literária presente na imprensa do século XIX. Para tanto, como *corpus*, foi escolhido o jornal caricato rio-grandino *Maruí* (1880 – 1882) que realizou articulações entre literatura e imprensa, sobretudo através da poesia e da prosa. Nesse contexto o jornal optou por desenvolver uma linguagem de conteúdo contundente e moralizador, configurando assim a crítica de costumes. As mesmas giram em torno da vida política e social, discutindo os hábitos e preceitos morais, críticas essas que ganhavam ainda mais relevância com desenhos mordazes e incisivos.

Objetiva-se resgatar textos publicados pelo periódico como forma de garantir o acesso dos mesmos ao estudo de pesquisadores interessados, uma vez que essas fontes primárias encontram-se praticamente inacessíveis ao público em geral. Nessa perspectiva, o foco dessa dissertação é a análise do produto literário veiculado no *Maruí*, observando e analisando como literatura e imprensa articulavam-se e expressavam a crítica de costumes através de textos satíricos e carregados de ironia, tema escolhido para esse estudo, levando em consideração o contexto histórico-literário em que o jornal estava inserido.

Para se proceder a análise foi necessário realizar uma antologia que expressasse o tema escolhido a fim de se indexar o material de maior relevância. Muito embora os índices abordem todo o conteúdo do periódico, a transcrição do *corpus* para a pesquisa se deteve nas matérias literárias com cunho crítico e/ou humorístico.

**Palavras-chave:** Literatura; Imprensa; Humor; Ironia; Crítica de costumes.

## ABSTRACT

The proposal of this dissertation is to verify the literary activity in the 19<sup>th</sup> century press. For this, it was chosen, as the corpus, the caricatural rio-grandino newspaper *Maruí* (1880-1882), which articulated literature and press, especially through poetry and prose. In this context, the newspaper chose to use an impacting and moralizing language, characterizing, the criticism of customs. The newspaper material also deals with the political and social life, discussing the habits and moral precepts, such criticism used to achieve much more significance with sarcastic and incisive drawings.

The aims is to restore the newspaper published texts as a way of ensuring their access of the texts to researchers interested in studying them, considering that these primary sources are virtually inaccessible to the general public. From this perspective, the focus of this dissertation is the analysis of the literary product in *Maruí*, observing and analyzing how literature and press were articulated and used to express the criticism of customs through satirical and ironic, theme which was chosen for this study, taking into consideration the historical and literary context in which the newspaper was inserted.

To carry the analysis on it was necessary to conduct an anthology that expressed the theme chosen in order to index the material of greater relevance. Although the indexes address the entire contents of the newspaper, the transcription of the *corpus* of the research focused on the literary field containing critic and / or humor.

**Keywords:** Literature; Press; Humor, Irony, Criticism of customs.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>9</b>
<b>Histórico</b>	<b>9</b>
<b>Estrutura do trabalho</b>	<b>12</b>
<b>Normas para a transcrição</b>	<b>13</b>
<b>1 A IMPRENSA LITERÁRIA NO RIO GRANDE DO SUL DO SÉCULO XIX</b>	<b>18</b>
1.1. Contexto histórico-literário	18
1.2. A imprensa na cidade do Rio Grande	22
1.3. A imprensa caricata	24
<b>2 BREVES ESBOÇOS TEÓRICOS</b>	<b>30</b>
2.1. Da memória e história	30
2.2. De possíveis articulações entre literatura e sociedade	35
2.3. Da história do riso e da teoria do humor	38
<b>3 O MARUÍ COMO PRESENÇA LITERÁRIA: O HUMOR MORALIZANTE E A CRÍTICA DE COSTUMES</b>	<b>48</b>
3.1. O surgimento do <i>Maruí</i>	48
3.2. Humor moralizante e crítica de costumes no <i>Maruí</i>	57
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>88</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>97</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>103</b>
a) Índice geral classificado de assuntos	103
b) Índice remissivo de colaboradores	180
c) Antologia da produção literária	201
d) Material caricato	254

## INTRODUÇÃO

*As pessoas comuns pensam apenas como passar o tempo. Uma pessoa inteligente tenta usar o tempo. (Arthur Schopenhauer)*

### **Histórico**

O objetivo desse trabalho é o de resgatar textos literários de raiz crítica e humorística publicados no jornal rio-grandino *Maruí*, que teve circulação já ao final do século XIX (1880 - 1882). Como, atualmente, grande parte desse importante material encontra-se disperso em diversas bibliotecas brasileiras e, quase sempre, inacessível ao público em geral; a preservação dessas fontes primárias só ocorrerá por completo após uma minuciosa coleta e atualização ortográfica. Os índices são restritos à parte dos números existentes na Biblioteca Rio-Grandense, sediada no município gaúcho de Rio Grande, e a partir desse trabalho pretende-se disponibilizar o acesso dos mesmos aos estudos de pesquisadores em geral.

Também há a necessidade de recuperar e analisar a produção literária como forma de possibilitar o reconhecimento e a consolidação da cultura literária regional. A idéia de se trabalhar com imprensa caricata surge porque o tipo de linguagem utilizado por esse tipo de jornal é pouco observado e atestado como literatura, seja pelo pouco valor estético, embora bastante apreciado pelo público em geral, seja pela impossibilidade de, muitas vezes, se elaborar um cânone. No

entanto tal motivo possibilita a consideração de uma investigação e análise do material como primordiais para a construção de um estudo de interesse, não somente literário, como também histórico.

A relevância do projeto dá-se à medida em que se verifica que os textos literários produzidos pela imprensa caricata em jornais rio-grandinos ainda foram pouco trabalhados e do quão contundentes foram as projeções dadas por esse tipo de jornalismo à vida política, social e cultural da sociedade vigente. A caricatura contribuiu significativamente para que a imprensa atingisse um público maior, por permitir que inclusive aquelas pessoas que não possuíssem domínio do código da linguagem escrita não ficassem à margem dos acontecimentos e da vida social da época.

Por se tratar de uma produção do século XIX é importante salientar que esse material oferece rico conteúdo a respeito da vida política e social da sociedade, possibilitando a realização de articulações entre o passado e o presente. Além disso, como já fora dito, há o fato de essa publicação estar pouco disponível ao público e em potencial fase de deterioração, o que poderá fazer com que o seu acesso torne-se ainda mais difícil, quando não impossível.

Para se constituir uma sociedade é necessário que haja memória e, nesse ponto, a pesquisa em jornal torna-se primordial por permitir que se possa ver e analisar em que medida os diferentes momentos históricos estão nele refletidos, como influenciou na orientação, formação e/ou manipulação da opinião pública e até mesmo nos próprios momentos históricos.

Em se tratando de um jornal caricato, pode-se afirmar que algumas linhas desenhadas sobre uma folha de papel muitas vezes transmitem uma mensagem

mais contundente e significativa do que a escrita de longos textos (ALVES, 1999. p.166). Justamente por esse aspecto, é importante analisar em que medida essa mensagem servia como entretenimento, manifestava uma postura humorística, irônica ou de natureza crítica, sendo formadora ou debatedora de opiniões, costumes e de ideologias. No entanto tal observância se dará a partir da análise de textos publicados em diferentes fases pelas quais passou o jornal. Para tanto tomam-se como objetos de investigação a crítica de costumes, o humor e a ironia como ferramentas usadas para moralizar as práticas tidas como “vícios sociais” e ofensoras da moral. Assim, a investigação e análise de diferentes características que definem o jornal *Maruí* constitui-se em importante e fundamental objeto de estudo para uma melhor compreensão da sociedade rio-grandina.

O presente trabalho é uma continuidade do meu envolvimento com pesquisa de cunho literário e jornalístico, relativos à imprensa rio-grandina do século XIX, ocorrido desde a graduação. Tal pesquisa, ao longo de sua existência, culminou em diversas comunicações apresentadas em congressos e seminários, bem como em publicações em anais.

No ano de 2003, com apoio financeiro da FAPERGS, pude dar continuidade ao trabalho que vinha desenvolvendo voluntariamente há dois anos sob a orientação do então responsável pelo projeto, Prof. Msc. Artur Vaz, intitulado *Projeto Resgate da Literatura no Jornal Eco do Sul*, desenvolvido no Departamento de Letras e Artes, da Fundação Universidade Federal do Rio Grande. O projeto tinha como objetivo resgatar textos literários e históricos publicados, em meio a artigos noticiosos, no jornal rio-grandino *Eco do Sul* nas décadas finais do século XIX,

incluindo tanto a produção de autores renomados como de autores excluídos do cânone contemporâneo.

No ano de 2005, ao ingressar no mestrado, percebi a necessidade de expandir a pesquisa em jornal e decidi trabalhar com a imprensa caricata ao analisar textos do periódico *Maruí*. Esse interesse restringiu-se ao objetivo de se confeccionar dois índices, por assunto e por autor, além de uma antologia preocupada em transcrever, indexar e analisar exclusivamente textos publicados no semanário cuja temática apoiou-se no humor e na crítica de costumes, com mensagens por vezes caricaturais.

### **Estrutura do trabalho**

Inicialmente foi feita a consulta, seguida da coleta e transcrição de dados, ao material na Biblioteca Rio-Grandense que tinha por objetivo se fazer um levantamento do que havia de mais relevante concernente ao tema proposto. Feito isso se deu então a indexação do mesmo, ou seja, a identificação e classificação do que foi coletado, tarefa fundamental para a definição do objeto de análise, dando suporte para a resolução da problemática. A última etapa consistiu em desenvolver a interpretação e analisar o que foi levantado, tendo como fator constitutivo a contribuição de textos literários para a formação de opinião, como instrumento moralizador, crítico e como modalidade sistemática da sociedade como um todo.

O caráter da pesquisa apresenta-se como sendo eminentemente bibliográfico tendo como fonte básica a coleção do jornal caricato *Maruí* disponível no acervo da Biblioteca Rio-Grandense. Para análise foram utilizados diversos

elementos teóricos e críticos em um levantamento bibliográfico, com o propósito de subsidiar a pesquisa a respeito do tema.

### **Normas para transcrição fidedigna dos textos**

Antônio Houaiss, em seu *Elementos de bibliologia*, define edição fidedigna como aquela que é calcada “sobre um único exemplar-fonte” e “com indicação prévia do critério que presidiu ao seu estabelecimento” (HOUAISS, 1967, p. 274). É com base nesses parâmetros que foi realizada a edição dos anexos, em que buscou-se facilitar a leitura dos textos ao esclarecer as citações e as alusões de ordens geográfica, histórica e mitológica, tornando-os inteligíveis para os leitores atuais, conforme recomendação de Segismundo Spina (1994, p. 86).

Destaca-se, também, na transcrição de poemas, a intenção de fazer coincidir o fim de estrofes com o fim das páginas para evitar dúvidas na divisão, o que ocorre muitas vezes na leitura dos originais. Uma forma de impedir esse problema foi a inclusão da forma do poema (soneto, quadras etc.) junto ao índice por assunto.

O trabalho divide-se em três capítulos: **A Imprensa Literária no Rio Grande Do Sul do Século XIX, Breves esboços teóricos, e o *Maruí* como presença literária: O Humor Moralizante e a Crítica de Costumes**. O primeiro capítulo destina-se ao estudo do contexto em que a imprensa rio-grandina se desenvolveu; o segundo aponta os elementos teóricos que sustentam a tese defendida; enquanto o terceiro, e último, analisa a presença e contribuição do jornal caricato *Maruí* no que se refere à literatura, isso é, aquela construção mais estética

do texto, que permitiu aos escritores desenvolver um estilo pessoal e livre de quaisquer imposições de padronização. A transcrição da antologia literária encontrada no *Maruí* resumiu-se aos textos que permitiram uma análise que se detivesse no humor moralizante e na crítica de costumes presente no periódico, e, desse modo, objetivou-se estabelecer as relações entre os textos e a linha editorial do jornal.

Além disso há os anexos em que consta a indexação do material coletado, que seguiu a mesma metodologia já adotada por outros trabalhos de pesquisa cujo objeto de estudo foi o material literário encontrado em periódicos, conforme o modelo apresentado por Antonio Dimas em *Tempos eufóricos* (1983), em sua análise da revista *Kosmos* (1904 – 1909); Carlos Alexandre Baumgarten e Fiorina Macedo Torres em *Província de São Pedro: índices de assuntos e colaboradores*; Mauro Póvoas em seu estudo *Murmúrios do Guaíba*; Artur Vaz no projeto sobre o jornal *Eco do Sul*, bem como na sua tese de doutorado intitulada *A lírica de imigrantes portugueses no Brasil meridional (1832 – 1922)* Leila Cruz de Ávila em sua dissertação de mestrado a respeito do periódico literário *Inúbia*; Fernanda de Avila Branco na também dissertação de mestrado em que trabalhou o jornal *O Diabrete*. A indexação constituiu-se de dois índices: um índice geral classificado de assuntos e um índice remissivo de colaboradores (em que foi feito um recorte no caso de textos sem autoria, não sendo, portanto, catalogados), seguindo o modelo utilizado pelos pesquisadores já citados e conforme exemplo abaixo:

**MARUÍ. Rio Grande, Ano I, n.º 1, 4 de janeiro de 1880.**

### **1.1.1. POESIA**

1.1.1.1. MARUÍ. **Programa**. Programa do jornal apresentado em 18 quadras. (p. 2)

1.1.1.2. RABAGAS. **Decepção**. Poema em 3 quadras que satiriza a poesia romântica por desmistificar a beleza feminina. Faz isso ao ironizar a aparência enganadora da mulher amada. (p. 6)

O índice geral conta com o nome do autor e do título precedendo a breves dados do texto quando necessário, incluindo a indicação das páginas, que obedece a seqüência dentro da mesma edição do jornal (8 páginas) e não de maneira contínua ao longo das publicações durante o ano, como aparece no *Maruí*. Os números antes do nome do autor (1.1.1.2. RABAGAS., por exemplo) indicam respectivamente: **1** ao ano da publicação; **1** ao número da publicação do jornal durante o ano; **1** refere-se à seção, dentre as oito que compõem o índice, na qual a matéria foi catalogada (**1**: poesia; **2**: prosa; **3**: crítica; **4**: notas gerais; **5**: caricatura; **6**: anúncio; **7**: anedota e **8**: outros). **2** indica, por ordem alfabética<sup>1</sup>, o número do texto dentro da respectiva seção. As seções foram assim distribuídas a partir da necessidade de melhor agrupar as matérias coletadas para facilitar a elaboração do índice geral.

Uma vez que nem sempre é possível indicar o número da edição do jornal, já que as páginas deste encontram-se muitas vezes de maneira aleatória, decidiu-se estabelecer um critério seguindo a ordem dos exemplares a que se teve acesso. Para tanto incluiu-se um número e seguiu-se eles pontualmente de acordo com a data de publicação dominical. Dessa forma contabilizou-se 51 números possíveis em 1880, 52 em 1881 e 18 em 1882. Assim sendo não se pode negar a probabilidade de serem encontrados números iguais com conteúdos diferentes em

---

<sup>1</sup> Quando isso não foi possível, nos casos em que não havia autor ou o mesmo se repetia, por exemplo, decidiu-se obedecer a ordem de aparição da matéria no periódico.

outras bibliotecas. Porém essa é uma possibilidade bastante remota uma vez que é em Rio Grande que se encontra o volume de edições praticamente completo do periódico, o que motivou a decisão de se trabalhar única e exclusivamente com os exemplares da Biblioteca Rio-Grandense, sem ser dada maior relevância a outras instituições que porventura possuam exemplares do *Maruí*.

A seguir os critérios na reprodução dos textos constantes nos anexos, principalmente os casos em que houve mudança dos originais.

1. Houve a atualização da **ortografia** e da **acentuação** (inclusive a crase) conforme as normas vigentes, tomando como referência os dicionários – inclusive eletrônicos – Aurélio e Houaiss. Aqui, incluem-se os nomes próprios e o uso de apóstrofos na época (d'esta). As exceções ocorreram nos casos em que haveria mudança no metro poético (poemas), deixando assim as formas arcaicas dicionarizadas.

2. **Erros tipográficos** evidentes foram corrigidos. Em caso de dúvida na intenção, optou-se pela inclusão de uma nota explicativa.

3. A **pontuação** foi corrigida nos casos em que contraria a norma atual. Nos demais casos, permaneceu conforme o original.

4. O uso de **maiúsculas** ou, em raros casos, minúsculas em início de verso foi mantido. Mantiveram-se também, pela expressividade, palavras com inicial maiúsculas que deveriam, normalmente, ser grafadas com minúscula.

5. Uniformizou-se sempre em **maiúsculas** após ponto final, ponto de interrogação e ponto de exclamação. Uniformizou-se também o uso de minúsculas após dois pontos e nos casos em que contraria a norma atual, como, por exemplo, nos meses e dias do ano.

6. Os **estrangeirismos**, em geral, foram mantidos com a grafia e a forma de destaque originais.
7. O **destaque** de certas expressões – com itálico ou com aspas na fonte original – foi uniformizado com a adoção de itálico para todos os casos.
8. Mantiveram-se os numerais; as interjeições (exceto entre *oh* e *ó*); o uso de pronome pessoal reto e erros de sintaxe.
9. As **notas de rodapé** originais foram incluídas com a indicação inicial *Nota original do autor*.
10. Há um caso de **epígrafe** que foi mantida e uniformizada para a direita e em fonte 11, com o texto em itálico e sem aspas.
11. A abreviação dos nomes dos autores foi mantida no intuito de demonstrar as mudanças no uso do nome pelo poeta. Porém muitos dos textos coletados possuem autoria desconhecida, seja pela utilização de pseudônimos ou pela falta de indicação de autor (em que se indicou com SEM AUTOR ou S. A ).

## 1 A IMPRENSA LITERÁRIA NO SÉCULO XIX

*Não, Tempo, não zombarás de minhas mudanças! As pirâmides que novamente construístes não me parecem novas, nem estranhas. Apenas as mesmas com novas vestimentas. (William Shakespeare)*

### 1.1. Contexto histórico-literário

Impossível falar de literatura e imprensa sem uma leitura aprofundada e investigativa do século XIX. Essa leitura exige um olhar atento às influências que se tornaram determinantes e decisivas para o desenvolvimento intelectual, social e político da sociedade de então. A formação histórica do Brasil e o surgimento e desenvolvimento da imprensa são processos que ocorreram paralelamente e que estavam interligados.

A imprensa surgiu como uma *mola* que impulsionou as muitas transformações sofridas pela sociedade. Também nivelou e formulou novas idéias e ideais influenciando, muitas vezes, o desenvolvimento histórico-social do país e ainda sofrendo as conseqüências de sua postura difundida pelo norte editorial.

Durante a vigência do século XIX foi a imprensa escrita o único meio de comunicação, significativo e enfático em qualquer sociedade que se fizesse presente. Servia aos mais variados interesses, fosse para divulgar informações, difundir leitura e cultura, propagar ideais. Nesse período o jornalismo atuou com

firmeza na construção e reflexo de hábitos, costumes, opiniões, sentimentos, ideologias, e isso em uma proporção que atingiu imensa parte das comunidades da época.

No Brasil foi ainda a imprensa que exerceu um papel fundamental na formação político-administrativa e institucional no país, pois, além de divulgar, fomentava e imprimia na sociedade as mais diferentes e divergentes idéias e ideais que eram propagadas durante as diversas fases porque passou.

No Rio Grande do Sul esse crescimento se deu em meio à bipolarização partidária que marcou o cenário gaúcho do século XIX. Entre 1845 e 1870, com o resfriamento dos debates políticos após a pacificação entre farroupilhas e legalistas, houve uma grande diversificação e um significativo progresso na imprensa sulina, que evoluiu ainda mais nas três décadas seguintes. Surgiram então os pasquins, os caricatos, as folhas literárias e as noticiosas. Essa etapa, segundo Alves (1999), foi definitiva para a imprensa do final do século, por ter sido uma fase de transição no jornalismo, tendo apresentado alterações editoriais e técnicas.

Com o desenvolvimento de um jornalismo predominantemente opinativo, que expressava as convicções de seus responsáveis, surgiu também a necessidade de uma diversificação ainda maior, visando atender, mais especificamente, a determinados grupos e segmentos da sociedade. Nesse contexto surge a imprensa caricata que obteve ampla popularidade porque, a sua maneira, expressava a forma de pensar e agir das sociedades que buscava analisar (ALVES, 1995a. p.124). Sem maiores compromissos com a legislação, os caricaturistas, durante o II Reinado, tinham liberdade de criticar qualquer objeto que desejasse, tendo apenas que tomar

os devidos cuidados com as autoridades locais. Essa liberdade garantiu-lhes o acesso mais direto à sociedade e a aceitação por boa parte dessa.

A imprensa gaúcha teve sua consolidação após a Guerra dos Farrroupilhas e com ela surge a necessidade de afirmação da identidade do povo sulino. Vem então a imprensa contribuir com a literatura em jornal, por exemplo, uma vez que, através da circulação das folhas, atingiam um público maior já que despendiam um investimento menor do que o da publicação de livros.

O surgimento de uma imprensa de qualidade, preocupada com o desenvolvimento intelectual e social de uma sociedade, proporcionou a descoberta de uma área em potencial no município do Rio Grande, uma vez que esse, por ser portuário, estava conectado ao mundo, contribuindo para a divulgação de posturas, bem como para a divulgação e discussão a respeito das artes. Começa a se consolidar uma imprensa literária atuante que se dedica à difusão da cultura.

É nesse cenário que surgem os primeiros periódicos dedicados exclusivamente à divulgação da cultura e das artes. De acordo com Athos Damasceno Ferreira (1962) o primeiro periódico literário a surgir no Rio Grande do Sul foi *O Guaíba*, publicado em Porto Alegre em 1856, seguido por outros dos quais se destacam *Arcádia* (1867), pioneiro na cidade de Rio Grande, e a *Revista Mensal*, publicada pela *Sociedade Partenon Literário*.

A *Sociedade Partenon Literário* (1868 - 1885) contribuiu muito para o desenvolvimento cultural e para consolidação de uma elite intelectual rio-grandense. No entanto seu principal mérito foi a criação da *Revista Mensal*, responsável por ter introduzido no Rio Grande do Sul a difusão da literatura, uma vez que era de distribuição gratuita e atingia todo o estado, sendo assim o mais importante meio de

divulgação da literatura sulina do século XIX (BAUMGARTEN, 1982. p.19.). A consulta a esse material torna-se obrigatória para que se possa estudar e compreender o período de formação da literatura sul-rio-grandense.

Uma vez que, com o *Partenon Literário*, Porto Alegre centraliza o debate literário em toda província, a ênfase na participação social do literato permite que o estereótipo de artista irresponsável seja contrariado. A Sociedade ainda realizava saraus, cursos noturnos, cujo objetivo era estudar aritmética, língua portuguesa e desenho, incentivava a organização de bibliotecas para que o livro estivesse acessível aos leitores, essas entre muitas outras atividades.

A literatura aos poucos foi deixando de ter uma função secundária para ter um lugar de destaque, o que originou outros periódicos especializados em divulgar exclusivamente matérias literárias. Muitos foram os intelectuais que se destacaram contribuindo com suas obras para a *Revista*, entre eles: Apeles Porto Alegre, Múcio Teixeira, Apolinário Porto Alegre e Lobo da Costa.

De fato esse diferencial visava atender um público leitor cada vez mais exigente, e é aí que a pequena imprensa ganhava importância visto que era o contraponto do discurso da imprensa diária. Especializando-se em explorar aquilo que era deixado de lado, ou que era pouco abordado, pelos grandes diários, fez uso de um discurso marcado pelo humor, ironia, debate e, principalmente, pela crítica.

O empenho da *Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário* em desenvolver e consolidar culturalmente a elite intelectual rio-grandense fez com que a revista se tornasse responsável pela unificação do processo literário sul-rio-grandense; fato esse que introduziu no Rio Grande do Sul a difusão da literatura

através de periódicos, uma prática que seria no século XIX o elemento mais importante para a divulgação da produção literária.

## **1.2. A imprensa na cidade do Rio Grande**

Durante o século XIX, a cidade do Rio Grande desempenhou importante papel no contexto regional, de forma que a imprensa rio-grandina foi uma das que mais se destacou no Rio Grande do Sul. Destaque esse atribuído à quantidade e qualidade dos periódicos, que fez com que o município tivesse como característica *uma fértil tradição ligada à imprensa circulando nessa cidade grande quantidade de periódicos, pequenos ou grandes, temporários ou perenes, “sérios” ou humorísticos* (ALVES, 1995b. p.132).

Além de ter sido uma das pioneiras entre as localidades gaúchas a publicar jornais, Rio Grande teve publicações longevas as quais chegaram a circular por mais de 70 anos, caso do *Eco do Sul*, por exemplo. Assim sendo as publicações da imprensa rio-grandina, em âmbito regional, só foram superadas pelas porto-alegrenses distanciando-se de outras localidades gaúchas.

O historiador Francisco da Neves Alves sugere três fases de periodização da pequena imprensa rio-grandina:

... a primeira fase assinala o surgimento da imprensa na cidade, desenvolvendo-se durante a década de 30 e a primeira metade dos anos 40 e sendo demarcada pelo processo de afirmação do Estado Nacional Brasileiro e pela deflagração e desenvolvimento da Revolução Farroupilha. A segunda etapa identifica um primeiro momento de crescimento e diversificação dos jornais rio-grandinos, ocorrendo da segunda metade da década de 40 até o

final dos anos 60 e coincidindo com a época de estabilização político-econômica nacional e provincial. Finalmente, a terceira fase refere-se ao período de desenvolvimento máximo da pequena imprensa, durante as três últimas décadas do século XIX, até o seu declínio e, praticamente desaparecimento, ocorrido na virada para o século XX, identificando-se com o processo de transição Monarquia-República e de consolidação da nova forma de governo. (ALVES, 1999. p. 23)

O fato de a temporalidade estar condicionada ao tempo dos acontecimentos políticos não é por acaso, já que a imprensa esteve permeada pelos conflitos políticos-partidários.

A produção jornalística da cidade estendeu-se para além dos “grandes diários”, a chamada “imprensa séria”. Ao lado desses surgiu também um expressivo número de pequenos jornais de, geralmente, curta circulação e de periodicidade irregular, no entanto de forma praticamente ininterrupta durante o século XIX e denominada “pequena imprensa”.

Segundo Francisco das Neves Alves (1999, p.23) o conjunto dessa produção, distribuído nas três fases propostas, não se apresentou estanque ou isolado entre si:

... mas sim guardam características internas comuns, derivadas das condições político-ideológicas ou sócio-econômicas das etapas que representavam, permitindo, assim, uma melhor compreensão do desenvolvimento da atividade jornalística rio-grandina.

Isso porque o jornalismo na cidade do Rio Grande reproduziu o desenvolvimento da imprensa no Brasil e no Rio Grande do Sul, estando ela mesma acompanhando o contexto regional e nacional ao longo do século XIX. Assim sendo, a abordagem da

pequena imprensa rio-grandina faz-se necessária, possibilitando a análise de quais fatores influenciaram a sociedade de então.

### **1.3. A imprensa caricata**

A iconografia serve, através da História, como meio de se reproduzir as muitas relações existentes entre os diversos fundamentos de uma mesma sociedade. Seu poder propaga-se ao aliar-se à imprensa.

Logo, a imprensa caricata ajuda a reconstruir um passado histórico e a desvendar a maneira como a sociedade em que ela estava inserida vivia e se portava frente a inúmeras situações. Além da linguagem visual, carregada de sarcasmo e ironia, os caricatos também elaboravam textos em que criticavam aspectos políticos, econômicos, sociais e culturais, muitas vezes atendo-se à crítica pela crítica, é bem verdade, mas em outras manifestavam um pensamento ideológico bem centrado e fundamentado, expressando seu posicionamento político partidário. Nesse aspecto:

A caricatura, ainda mais quando associada à imprensa, constitui-se numa "fonte histórica" por excelência, servindo à reconstrução social, política, econômica e ideológica da sociedade por ela retratada ... (ALVES, 1996. p. 140)

Uma vez que:

... as caricaturas exprimem vivamente a tendência corrente dos acontecimentos e refletem as principais reações dos dias de antanho<sup>2</sup> (LIMA, 1963. p. 8)

---

<sup>2</sup> R. Gerald McMurtry, citado por LIMA, Hernan.

Nas últimas décadas do século XIX os jornais caricatos encontraram, junto à imprensa rio-grandina, expressivo espaço para seu desenvolvimento, “repetindo um fenômeno que também caracterizava o ambiente jornalístico das grandes cidades brasileiras” (ALVES, 1999. p. 166). Jornalismo e caricatura resultaram em uma fusão atrativa para atingir um público ainda maior do que aquele dedicado à leitura, contribuindo assim para a popularidade dos periódicos desse gênero, uma vez que esses poderiam atingir até mesmo o numeroso grupo dos analfabetos que, através das linhas precisas e incisivas dos cartunistas, conseguiam compreender as críticas e os principais assuntos abordados. A inserção da caricatura nos periódicos aponta para uma caminhada em direção à democracia e a liberdade, principalmente de expressão (BRANCO, 2005. p. 13.).

Segundo Alves (1999)

...o caricaturista retratava a sociedade pautando sua abordagem no uso da crítica, da ironia e do humor, através de um jornalismo opinativo. Essa crítica mordaz acrescida da comunicação visual direta, proporcionada pela caricatura, levaram à popularização da imprensa caricata entre o público e o leitor.

O que se confirma em:

A charge do século XIX se evidencia por um desenho menos sintético e estilizado, com menos deformação; é ao contrário, essencialmente narrativo e floreado de detalhes icônicos e lingüísticos. Do ponto de vista do conteúdo, possui uma crítica direta e unívoca, como reflexo de uma posição ideológica definida. Esse caráter combativo, antes da imprensa ilustrada, em 1842, restringira-se em artigos satíricos, comuns em alguns jornais em toda a imprensa brasileira. As imagens caricaturais eram impressas em pranchas litográficas, até que finalmente fossem incluídas na imprensa periódica. (COSTA FILHO, 2001. p.3)

A importância dessa linguagem se deve principalmente ao fato de que, através do ícone era possível expressar de forma mais eficaz aquilo a que se referia, além de se ter uma liberdade comunicacional muito mais ativa. Ao atacar o clero, por exemplo, essa crítica era muito mais mordaz do que um texto escrito com muitas palavras. Através das imagens a opinião que se tinha a respeito da má conduta, fosse de padres, fosse da sociedade em geral, era mais facilmente concebida pelo público leitor por possuir fácil assimilação e interpretação. A intenção não era ressaltar os aspectos físicos daqueles a quem a caricatura se referia, mas aspectos concernentes à conduta moral dos mesmos. Por esse motivo era detalhadamente lingüístico e narrativo, tanto que em alguns casos se não houvesse um detalhamento escrito, a leitura iconográfica seria facilmente prejudicada.

Os ironistas dos jornais faziam provocações, davam voz a quem não tinha e garantiam algum espaço de liberdade de expressão, fazendo com que a caricatura pudesse atuar como um agente político, de resistência, e fosse usada rotineiramente para expressar a insatisfação, fosse contra o regime vigente ou denunciador do modo de vida das sociedades.

Seja na grande ou na pequena imprensa a caricatura representa, ainda na atualidade, marca forte de opinião e contestação. Diversas vezes foi o estopim motivador de ações do governo sobre os periódicos, tirando o sono e preocupando os políticos e a sociedade como um todo, afinal coloca-se o riso em discussão em quase tudo: fome, miséria, morte, sucesso, sagrado, etc.

O período compreendido entre os anos de 1874 e 1893 representa o apogeu da caricatura na cidade do Rio Grande. Nessa época os periódicos caricatos obtiveram publicação de forma quase ininterrupta, circulando entre os mais

“organizados e duradouros representantes da pequena imprensa rio-grandina” (ALVES, 1999. p.11) desse período.

Embora sucessores dos pasquins, os caricatos ofereciam menos insultos à vida privada das personalidades e detinham-se em apresentar uma qualidade gráfica muito melhor, bem como maior regularidade na distribuição e publicação, ainda que no centro do seu discurso estivesse a crítica, a sátira e o humor, e esses em uma linguagem mais polida do que aqueles.

Os caricatos tendiam a adotar práticas moralizantes, atacando, dessa forma, aquelas personalidades tidas como corruptoras da sociedade e que não contribuía para o desenvolvimento da cidade, ou do país como um todo, e que ficavam no cerne dos ataques desses periódicos. Julgavam-se de grande importância e utilidade pública porque, através de seu discurso crítico-moralizante, teriam a missão de purificar e engrandecer a sociedade.

No município de Rio Grande as principais folhas caricatas que ganharam destaque no século XIX foram: *O Amolador* (1874), *O Diabete* (1875), o *Maruí* (1880) e o *Bisturi* (1888). Tais folhas faziam críticas aos mais diversos setores da sociedade, pois qualquer um que usasse a hipocrisia como máscara estava sujeito a ser alvo dos referidos jornais. Através do humor criticavam, ironizavam, corrigiam, desde a Igreja Católica até personalidades políticas, passando por membros ilustres da sociedade, partidos políticos e quem mais ferisse a moral e a honra. Atacavam a diversos grupos sociais sem estabelecer ligação direta com nenhum deles, à exceção do *Bisturi* que defendia claramente a ideologia do Partido Liberal.

Nesse contexto *O Amolador* fora o precursor do gênero na imprensa rio-grandina. Teve curta duração devido à falta de recursos financeiros, bem como à

forte concorrência, a que esteve submetido, com o rival *O Diabrete* que melhor se estabeleceu por apresentar assinaturas de menor valor e superior qualidade gráfica e literária; o que lhe resultou maior popularidade e longevidade, mantendo seis anos de publicações. Seguido a esses, surge o *Maruí* com críticas contundentes e mordazes fazendo grande concorrência a *O Diabrete*, embora com curta duração, apenas dois anos. O *Bisturi* veio para preencher um espaço deixado pelas folhas anteriores; seu envolvimento com a ideologia do Partido Liberal ocasionou-lhe muitas perseguições, levando inclusive à prisão do seu redator-chefe, fato que obrigou a folha a pausar por um pequeno espaço de tempo, contudo sua vida foi bastante longa, lhe garantindo uma publicação estável, porém não ininterrupta, por nove anos.

Através de suas mensagens visuais, carregadas de sarcasmo e teor marcadamente irônico, cujos textos explicitavam um caráter opinativo e crítico, os pequenos jornais não estavam tão preocupados com suas bases comerciais. Por esse motivo contestavam tudo e qualquer coisa que se opusesse à moral, refletindo o modo de viver da sociedade e as transformações pelas quais ela passava, tanto no contexto local como no regional e nacional, e bem fazia essa leitura através de um discurso humorístico, satírico e acima de tudo crítico.

Durante as três últimas décadas do século XIX a pequena imprensa, ao lado dos grandes e perenes diários, conquistou espaço. Embora tivesse recursos bastante escassos movimentou a sociedade rio-grandina, tendo circulado de forma praticamente ininterrupta durante todo esse período, através dos hebdomadários citados, além de outros de circulação ainda mais restrita.

Marcados pela crítica carregada de humor, ironia, sarcasmo e deboche escrachado, atacavam a tudo e a todos muitas vezes de forma até mesmo violenta. Ao se posicionar politicamente, não pouparam esforços para censurar a vida política nacional, inclusive apregoando a mudança na forma de governo, o que, embora muitos dos periódicos fossem favoráveis à instalação da República, praticamente condenou os semanários à extinção, pois, com a nova forma de governo, eles ficaram extremamente limitados em sua liberdade de expressão e pensamento tão amplamente difundidos e permitidos durante o II Império.

Sendo assim, os caricatos, ainda que com menor impacto quando comparados à imprensa diária, marcaram presença na cidade do Rio Grande. Além dos desenhos mordazes, os textos com não menos efeito cáustico mostraram, com muito humor, as múltiplas faces da sociedade que retratava.

## 2 BREVES ESBOÇOS TEÓRICOS

É a teoria que decide o que podemos observar. (Albert Einstein)

### 2.1 Da memória e história

É necessário que a questão da memória e história seja verificada para se proceder a análise de como se deu o entrosamento entre o humor moralizante, como literatura, produzido nos textos coletados, e a escrita da própria história, ou seja: com que objetivo esses textos foram escritos; a quem se destinavam; como literatura e imprensa se articulavam, de forma que atualmente seja possível verificar o discurso produzido nessas duas esferas; e, finalmente, quais projeções esses textos deram à vida política, social e cultural da sociedade vigente. Para tanto utiliza-se aqui teorias, como as de Paul Ricoeur<sup>3</sup>, acerca dessa temática.

Durante sua carreira Ricoeur trabalhou para traçar o sentido do passado e da participação humana sobre ele. É claro que alguns fatos estarão inacessíveis aos estudiosos por conta da distância que os separa, porém os seus traços remanescem. Através deles há a tentativa de se representar o passado no presente. Isso é feito com a memória, através da escrita e da leitura da História, porém a

---

<sup>3</sup> Todas as referências a Paul Ricoeur feitas aqui tem por base as idéias do filósofo difundidas através das obras que constam na bibliografia dessa dissertação.

memória é notoriamente falível e os acontecimentos históricos, já que não podem representar o que passou, apenas esboçam parcialmente o que já foi, são conseqüentemente mais deturpados e corrompidos impedindo que realmente representem o passado.

O filósofo opôs consistentemente toda a reivindicação de que o conhecimento histórico possa ser definitivo ou que pretensiosamente intencione nivelar ou absolutizar qualquer área de conhecimento. Rejeita, por outro lado, reivindicações, tais como as de Hegel ou Marx, de que há uma História Universal em que todas as histórias locais são incorporadas e feitas inteiramente inteligíveis. Por outro lado, resistiu também a noção positivista de que há fatos mal interpretados e inacabados que são acessíveis à memória ou ao historiador. Argumenta que pode haver o conhecimento histórico objetivo que merece ser chamado de verdadeiro.

O argumento de Ricoeur começa com um conjunto de fatores que tem como base que sem memórias não poderia haver nenhuma História que envolva pessoas. Há a memória do indivíduo, daquilo que encontrou, ou fez ou sofreu. E analogicamente há um jogo de memórias de que os indivíduos compartilham com outros membros de seu grupo. Com essa "memória coletiva" um grupo de pessoas tem acesso a eventos e a ações do passado que são reconstruídas e recontadas a eles. Certamente, sobre essa perspectiva, as memórias coletivas desse indivíduo são antecedentes à memória.

Os seres humanos são impregnados por um discurso "familiar" repleto de acontecimentos que envolvem um grupo (família, comunidade, nação, etc.). A memória individual muitas vezes entra em conflito com essa memória coletiva. Não obstante, a memória coletiva pressupõe que alguém relatou ou que testemunhou

algo e que recordam exatamente como se deu o acontecido. Essa pessoa testifica o fato mais ou menos assim: "*eu testemunhei o que aconteceu com x. Se você não acredita, pergunte a alguma outra pessoa que estava lá.*". O testemunho dado e recebido é absorvido pela memória coletiva de um grupo, e torna-se "conhecimento comum." Essa memória mostra também que há uma ligação social entre os membros de um grupo, estabelecendo uma certa confiança nas palavras uns dos outros.

A tarefa da história da escrita, que Ricoeur chama de operação historiográfica, é suportar, corrigir, ou refutar a memória coletiva. Essa operação não trata diretamente da memória individual, exceto quando relatada e acreditada por outros. Tem três constituintes distintos, porém fundamentais e inseparáveis, que são atividades interpretativas.

O primeiro constituinte é a construção ascendente e o uso dos arquivos que contêm alguma forma, (por exemplo, originais, artefatos), traços do passado. Os traços principais são os originais que testificam e os relatórios gravados sobre seus contextos. O próprio trabalho de arquivamento é uma atividade interpretativa. Guiado por seus interesses, historiadores, bibliotecários, entre outros, determinam que traços devem ser preservados. E as perguntas ou as hipóteses moldadas pelos historiadores os conduzem a detectar os fatos que podem ser afirmados de maneira singular, proposições discretas que normalmente incluem datas, lugares, nomes próprios e verbos de ação ou de circunstância. Esses não são fatos positivistas, nem tão pouco correspondem diretamente ao que ocorreu realmente ou à memória viva que uma testemunha ocular pôde ter tido dele. Os fatos são estabelecidos somente

com questionamentos e são, estes mesmos, interpretações dos arquivos do historiador.

O segundo constituinte da operação historiográfica é aquele de explanação/compreensão, a atividade pela qual os historiadores relacionam os fatos entre si. Ricoeur rejeita a suposta dicotomia entre a explanação dos fatos nos termos de causas "externas" e de sua compreensão com as razões ou as intenções. Porque a ação é sempre interação e conseqüentemente uma mistura de fazer e de se submeter, não há nenhum modelo excepcionalmente privilegiado para acontecimentos históricos. O historiador deve estar atento aos múltiplos significados dos "porquês" que são relevantes para fazer a ação inteligível.

O terceiro constituinte da operação historiográfica é a atividade de produzir uma representação verbal de alguma parte do passado em um texto. Este constituinte é sempre retórico e conseqüentemente interpretativo. Certamente, a operação historiográfica dá forma a um tipo de "círculo de interpretação," para as escritas do historiador; é candidato para o arquivamento do material para explanação/compreensão subsequente do assunto a reescrever.

Dado a natureza interpretativa da operação historiográfica, o conhecimento histórico, como o diagnóstico e o prognóstico médico, tem sempre o caráter da probabilidade ou da credibilidade ao invés da certeza. Além disso, a operação historiográfica, como a memória, é limitada. Há sempre algo pertinente, um tópico histórico que seja deixado de lado, despercebido, ou desaparecido. Alguma coisa do passado sempre será irrecuperável e não há nada que possa realmente abranger tudo o que for disponível para a recordação. Finalmente, pode-

se dizer que nós não temos nada melhor do que a testemunha e a crítica historiográfica para dar crédito à representação histórica do passado.

Mesmo que a operação historiográfica seja completamente interpretativa, é ainda possível falar da objetividade e da verossimilhança dos acontecimentos históricos levantados pelo historiador. Essa operação tem seu ponto de partida no testemunho. Mesmo o falso consulta um mundo em que algo ocorreu realmente, algo objetivo. Além disso, todo o testemunho consulta, ao menos implicitamente, algum grupo específico como também à ligação social que suporta a atividade de dar e de receber o testemunho entre seus membros. Até mesmo quando os historiadores executam a fundo a operação historiográfica, dão uma representação substituta do passado. Dessa forma um estudo aprofundado da História é fiel à evidência disponível sendo merecedor de ser catalogado como verdadeiro, mesmo que seja contestável ou ainda reformulável.

A literatura, enquanto função histórica-social, depende de sua estrutura que se reclina sobre a organização formal de certas representações mentais. É preciso então se levar em consideração,

(...) um nível de realidade e um nível de elaboração da realidade; e também a diferença de perspectiva dos contemporâneos da obra, inclusive o próprio autor, e a da posteridade que ela suscita, determinando variações históricas de função numa estrutura que permanece esteticamente invariável. Em face da ordem formal que o autor estabeleceu para a sua matéria, as circunstâncias vão propiciando maneiras diferentes de interpretar, que constituem o destino da obra no tempo. (SOUZA, 2000. p. 169)

Pode-se deduzir que o estudo da função histórico-literária só adquire pleno significado quando aliado ao da sua estrutura, de forma que a investigação

histórica e as orientações estéticas estejam interligadas, como objetivou-se fazer em relação ao *Maruí*.

## **2.2. De possíveis articulações entre literatura e sociedade**

Discutir hábitos, práticas e preceitos morais de uma sociedade, com enfoque ao que se considerasse como sendo uma falha, seja na conduta ou no caráter, ou um fato que promovesse desonra, serve como essência à imprensa, principalmente a caricata. Porém não há que se reduzir o esforço da literatura, e dos literatos, a uma simples fórmula, a uma “redução esquemática” que se propõe a refletir uma sociedade. A literatura como um todo tem o seu próprio núcleo e órgão e, de forma única, através de espelho próprio, combina, cria e recria tudo aquilo que passa por sua ótica, devolvendo à realidade algo então transformado.

A literatura exerce influência contundente sobre o meio na qual está inserida e *vice-versa*. Essas influências completam-se de forma que possibilitam uma interpretação dialética que supera a mecanicidade que predomina nessas duas instâncias. Não se pretende aqui analisar a arte como expressão da sociedade, e ainda menos em que medida ela está interessada nos problemas sociais, sejam de ordem política ou moral, seria redundância afirmar que a mesma deva ter tais conteúdos. Entenda-se por literatura, nesse contexto, as associações que expressam as relações entre os indivíduos, como forma de expressão artística.

Na verdade a arte depende de fatores do meio, que são expressos na obra, como no caso a literatura, e também sobre os indivíduos que compõem esse meio, produz um efeito que modifique sua concepção do mundo, modificando sua

conduta e reforçando seus valores sociais. Segundo Antonio Candido “isto decorre da natureza da obra de arte e independe do grau de consciência que possam ter a respeito os artistas e os receptores de arte” (SOUZA, 2000. p. 21.). Não convém separar um aspecto do outro, a repercussão e feitura da obra só acaba quando repercute e atua. Não existe imparcialidade, nem absoluta objetividade, porque no simples fato de se escolher um tema ou no dispor a ordem em que as palavras se apresentam, há a visão de mundo, a opinião de quem propõe a forma de arte.

Há quatro momentos de produção em que as influências da e na obra de arte são manifestas, segundo Candido: a) o artista é impulsionado por uma necessidade interna e orienta esse momento segundo os padrões da época; b) escolhe certos temas; c) usa certas formas e d) a síntese resultante age sobre o meio (SOUZA, 2000. p.127).

Ora se todo processo de comunicação pressupõe um emissor (artista), uma mensagem (obra) e um receptor (público), logo há um quarto elemento nesse processo que é o seu efeito. Mais do que simplesmente transmitir noções e conceitos, a arte é uma expressão de realidades intrínsecas ao artista e por isso mesmo depende de um apelo subjetivo, abstrato, tanto na criação quanto na recepção. Porém já que é uma expressão, há o pressuposto de que há algo mais amplo do que as vivências do artista, havendo que se considerar todas as recorrências àquilo que lhe possibilita criar temas e formas para a confecção da obra à medida em que essas se moldam à sociedade. *A literatura então requer uma certa comunhão de meios expressivos (a palavra, a imagem) e mobiliza afinidades profundas que congregam os homens de um lugar e de um momento, para chegar a uma “comunicação”* (SOUZA, 2000. p. 139).

Se por um lado a obra depende do artista e das condições sociais em que é produzida, por outro visa, principalmente, a um leitor atento, reflexivo e conhecedor do seu próprio meio. O público dá sentido e realidade à obra e sem ele o autor não se realiza, pois o leitor, no caso da literatura, é, de certo modo, o espelho que reflete a sua imagem enquanto criador. (SOUZA, 2000. p. 139) O público liga o autor a sua própria obra, que por sua vez une autor e público; tendo em vista que primeiro há o interesse pela produção para que depois esse interesse seja estendido ao produtor. Segundo Antonio Candido,

Assim, à série autor-público-obra, junta-se outra: autor-obra-público. Mas o autor, do seu lado, é intermediário entre a obra, que criou, e o público, a que se dirige; é o agente que desencadeia o processo, definindo um terceira série interativa: obra-autor-público. (SOUZA. 2000. p. 38).

Para Antonio Candido (2000. p. 39) o estudo sociológico da arte, sobretudo através da literatura, ajuda a compreender a formação e o destino das obras; a própria criação. Nesse sentido cabe dizer que, para que haja a integridade da obra, não se pode romper a tríade e nem mesmo adotar uma análise dissociada da mesma. Só podemos entendê-la fundindo texto e contexto numa interpretação *dialeticamente íntegra*. Fusão essa que se pretende demonstrar ao se analisar como os textos publicados no *Maruí* articulavam-se com a realidade da época em que foram produzidos.

### 2.3. Da história do riso e a teoria do humor

Para se dar continuidade à análise do humor como fenômeno social na crítica de costumes no jornal *Maruí* é necessário que antes seja feito um breve relato de como o estudo sobre o riso foi, e ainda vem sendo, realizado ao longo dos séculos. Para tanto foi elencado nesse subcapítulo dois estudos bastante aprofundados sobre esse tema, considerações que podem ser encontradas em Henri Bergson, em seu ensaio intitulado *Laughter: a Essay on the Meaning of Comic*, em que foi feita uma contribuição significativa à análise do significado social do humor. Além de Bergson, Igor Krichtafovitch, apresenta no artigo *Humor Theory* diversas teorias para compor o estudo sobre o caso. O critério de seleção para esse cânone foi segundo aquelas teorias que de alguma forma contribuem para a análise e embasamento do riso como crítica à política, aos costumes e ao status social<sup>4</sup>.

Não se pretende aqui realizar uma análise do humor na imprensa, e menos ainda se constituir uma teoria do riso ou do cômico, mas se propõe uma reflexão acerca do importante papel do riso na cultura popular e na apropriação desse elemento pela imprensa, como forma de resistência e contestação, na cidade do Rio Grande, através dos textos literários selecionados e oriundos das páginas do periódico caricato *Maruí*.

Os estudos práticos sobre o humor começaram somente há aproximadamente cem anos. Não somente filósofos, mas sociólogos, psicólogos, lingüistas, comediantes profissionais, escritores, artistas e jornalistas começaram a estudar a questão do riso.

---

<sup>4</sup> Os demais teóricos citados nesse subcapítulo estão presentes em ambos os estudos.

Quando o homem começou a preservar a língua escrita, os métodos de transcrição eram provavelmente caros. Imprimiam somente os fatos mais importantes de suas vidas em folhas de *papyrus*, em tabuletas de argila ou em paredes. Poderia se esperar que uma matéria sujeita a cair no esquecimento como o humor não remanesceria como parte dos registros antigos alcançados hoje. Surpreendentemente tais registros remanesceram e o mais antigo destes pode ser observado nos tempos dos faraós egípcios. Estudos apontam que o antigo humor egípcio não era diferente do atual. Os egípcios divertiam-se com gracejos obscenos; com a sátira política, paródias e até mesmo com o humor negro.

Ao longo da história da humanidade o riso sempre esteve presente, porém desempenhando papéis diferentes. Se na Antigüidade era utilizado para fazer suportar os revezes dos rituais religiosos e oficiais, na Idade Média incorporou-se à cultura popular, provocando a sublime magia da liberdade. A partir daí tornou-se zombeteiro, irônico, sarcástico, um riso de protesto, de contestação do poder.

Platão é considerado o primeiro grande filósofo cujo esforço significativo foi devotado ao estudo do humor, segundo Krichtafovitch. Sua opinião no assunto provou ser negativa já que não viu nada de bom no humor. Na obra *República* ele examinou as conseqüências negativas do riso psicopático. Em *Philebus*, somente os defeitos são atribuídos à figura cômica. Aqueles que promovem o riso às custas de outros pensam ser mais consideráveis e mais espertos do que são na realidade, por esse motivo Platão considera o humor um fenômeno negativo, porque esta emoção é baseada na malevolência e na inveja, na deficiência ou fraqueza de alguém cujo status seja inferior. Platão não se deteve em fazer um estudo sobre a natureza do humor, mas veio à conclusão, consideravelmente importante, de que o riso pode ter

conseqüências sérias, que incluem afetar o status de uma república inteira. Assim sendo estava o riso denunciado por Platão.

Muitos outros pensadores e escritores chegaram à mesma conclusão. Certamente, o riso em panfletos, caricaturas, ou em trabalhos literários inteiros foi usado como arma em batalhas políticas, e, freqüentemente, na tentativa de esmagar o poder vigente. Há muitos regimes políticos em que ridicularizar o governo é matéria de entretenimento nacional. Os riscos associados a esse tipo de realização muitas vezes levam os autores à sérias conseqüências, porém pode-se dizer que uma anedota só se torna ainda mais interessante quando o que está sendo dito através dela conduz a esse risco, como levar o escritor à prisão por exemplo.

Aristóteles em sua *Retórica* via o humor como uma forma de “esnobar” educadamente. Indicou duas características principais do cômico: o ridículo pode ser definido como um erro ou uma deformidade que não produz dor ou dano a outro. Foi ele o primeiro a introduzir o conceito de efeito do riso repentino ou provocado; idéia essa que foi esquecida firmemente por seus posteriores, e que veio a ser reconstruída em torno de dois mil anos mais tarde. Ao contrário das idéias de Platão, Aristóteles afirma que esse tipo de humor, em quantidades limitadas, poderia ser benéfico.

A Idade Média não era uma boa época para se estudar um fenômeno alegre como o humor. O período seguinte de investigações ativas sobre o assunto coincidiu com o período do Renascimento. As opiniões de Platão e de Aristóteles de que o riso tem sua base no *status* social e na superioridade de alguém sobre outro foram desenvolvidas. O humor consiste então em alcançar um sentimento de superioridade sobre algo, ou em se superar um obstáculo, ou na agressão, no

ataque a algum objeto, situação ou pessoa. Aqui há uma idéia frutífera de que o riso é uma expressão do triunfo repentino, causada por um sentimento mais ou menos repentino. Uma vez que a humanidade está em constante esforço pela conquista de poder não deve surpreender que a vitória pertença a quem ri.

No período seguinte, já no século XVII, houve a afirmação de que o riso é uma emoção que nasce de uma mudança repentina por uma expectativa ansiosa pelo nada, isto é, com a indicação da palavra chave, o “sal” da anedota, as predições sobre as conclusões previstas são inesperadas. Para haver comicidade é necessário que dentro do objeto cômico haja algo de verdadeiro, algo momentaneamente ilusório, e que no momento seguinte esse algo se transforme em nada. Esse “algo”, pode-se concluir, deverá ter um caráter absurdo. Immanuel Kant na obra *Crítica da razão pura* afirmou que esse é o mecanismo que provoca o riso. Mas nem sempre o absurdo é engraçado. Para produzir o riso, o absurdo deve ser apresentado de forma que se enquadre em uma certa estrutura de pensamento (“jogo das idéias”).

No século XIX foi desenvolvida a idéia de que o riso aparece do reconhecimento da expectativa e da concepção do abstrato de determinados fatos. O sucesso nesse reconhecimento do absurdo, da não-correspondência entre um conceito e a coisa real, é, de acordo com Arthur Schopenhauer, citado no ensaio *Humor Theory*, então, a razão para o riso.

Estudo freudianos contribuíram significativamente para a análise do humor, dando uma avaliação psicológica da sagacidade levando à seguinte conclusão: o prazer da sagacidade origina-se de uma economia de inibição, ou do cômico de uma economia de pensamento, e do humor de uma economia de

sentimento. Porém a análise realizada nessa dissertação não se concentrou em estudos da psicanálise.

A partir do final do século XIX, em contraste a Platão, a função principal do riso foi definida como a melhoria de uma sociedade. O riso perde todo o seu sentido quando fora do grupo social. Ele está conectado aos seres humanos ou a algo que por sua vez esteja conectado a eles, logo um homem solitário nunca ri. Tais afirmações são embasadas na teoria desenvolvida por Bergson.

Uma outra proposta para uma possível interpretação do riso e da cultura dos povos foi defendida por Mikhail Bakhtin em *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de Francois Rabelais*. Nela o autor supôs uma reconstrução significativa da consciência artística e ideológica dos seres humanos. Em Bakhtin é possível encontrar uma explanação cultural da tradição do humor dos povos e da forma do riso em várias esferas da criação humana, destacando o papel ocupado pela comédia durante a Idade Média e o Renascimento.

Após longos períodos que incluem a construção das pirâmides egípcias e a criação do teatro pelos gregos, a cultura popular inventou o carnaval, que, ao lado do riso **festivo**, tem um papel importante na história do cômico. A cultura medieval canônica é caracterizada por ser, acima de tudo, exclusivamente séria. A seriedade foi considerada o único método de expressar a verdade e outros fatos importantes e úteis. O riso, entretanto, é tão universal quanto a solenidade, de acordo com Bakhtin, ele contém a história da sociedade e a sua concepção de mundo.

Em oposição às festividades praticadas na Antigüidade, as festas populares medievais tinham como principal característica a liberação, uma outra concepção de mundo. Agora a população, marcada por cultos e ritos oficiais,

poderia então, durante suas festas, abandonar toda a formalidade a que estava diariamente submetida. O carnaval propiciava uma segunda vida:

Todos esses ritos e espetáculos organizados à maneira cômica (...) ofereciam uma visão do mundo, do homem e das relações humanas totalmente diferente, deliberadamente não-oficial, exterior à Igreja e ao Estado; pareciam ter construído, ao lado do mundo oficial, um segundo mundo e uma segunda vida aos quais os homens da Idade Média pertenciam em maior ou menor proporção, e nos quais eles viviam em ocasiões determinadas. (BAKHTIN: 1999, p. 4)

Em uma sociedade estratificada, com papéis e posições tão claramente estabelecidos, a hierarquia, o poder e a ordem são recorrentes. Antes, sem tal estrutura, os elementos cômicos, presentes em rituais sérios, eram considerados tão divinos quanto a celebração a que serviam. Com o surgimento de uma nova organização social, aqueles elementos foram reapropriados para dar conta do suprir as dificuldades do povo com o novo modelo:

... as formas cômicas (...) adquirem um caráter não-oficial, seu sentido modifica-se, elas complicam-se e aprofundam-se, para transformarem-se finalmente nas formas fundamentais de expressão da sensação popular no mundo, da cultura popular. (BAKHTIN: 1999, p. 5).

A separação em classes cria lados temporariamente opostos. Em situações momentâneas, desempenham-se papéis contrários. Mas em cada momento, há, sim, uma ordem estabelecida, ditada não apenas por questões econômicas, como também culturais, morais e intelectuais. A hegemonia é multidimensional e localizada temporalmente, sem dominado ou dominante que existam automaticamente. Tem uma direção, exige algum consentimento para seu

exercício e, mais importante, é instável, circular, modificável. A principal característica dessa festividade que nasceu do povo é a magia da segunda vida. Nela, os papéis desaparecem, as formalidades caem, as distâncias diminuem, o proibido é permitido, o escondido é assumido, o sonho é realizado. A estratificação paira, as classes não se separam, não há dominante ou dominado.

No carnaval, festa que se consolidou na Idade Média, diferente de outros festejos e celebrações, quando geralmente existe uma platéia assistindo a quem conduz a cerimônia, não existe platéia nem palco. O carnaval não é assistido. É vivido. Durante o acontecimento, abandona-se a primeira vida, aquela do cotidiano, e vive-se intensa e unicamente a segunda vida.

Os espectadores não assistem ao carnaval, eles o vivem, uma vez que o carnaval pela sua própria natureza existe para todo o povo. Enquanto dura o carnaval, não se conhece outra vida senão a do carnaval. Impossível escapar a ela, pois o carnaval não tem nenhuma fronteira espacial. Durante a realização da festa, só se pode viver de acordo com suas leis, isto é, as leis da liberdade. (BAKHTIN: 1999, p. 6)

No carnaval, os valores invertem-se, a ordem subverte-se, a zombaria domina, efetivando a circularidade. As relações de poder ficam suspensas durante a festa. E tudo isso não se dá numa representação. É realmente vivido, transformado em realidade. Com esse movimento de liberação, essa festa especial que permitia a circularidade, a inversão, a subversão, permitiu-se também a criação de novos elementos de linguagem, uma linguagem especialmente carnavalesca. É a criação de um mundo paralelo e novo onde tudo acontece fantasticamente.

(...) essa eliminação provisória, ao mesmo tempo ideal e efetiva, das relações hierárquicas entre os indivíduos, criava na praça pública um tipo particular de comunicação, inconcebível em situações normais. Elaboravam-se formas especiais do vocabulário e do gesto da praça pública, francas e sem restrições, que aboliam toda a distância entre os indivíduos em comunicação, liberados das normas correntes da etiqueta e da decência. (BAKHTIN: 1999, p. 9)

O riso da Idade Média libertava. Como define Bakhtin (1999, p. 10), o riso carnavalesco é um riso *festivo*, geral, que toma conta de tudo, espalha-se:

O riso carnavalesco é em primeiro lugar patrimônio do povo (esse caráter popular, como dissemos, é inerente à própria natureza do carnaval); todos riem, o riso é “geral”; em segundo lugar, é universal, atinge todas as coisas e pessoas (...); por último, esse riso é ambivalente: alegre e cheio de alvoroço, mas ao mesmo tempo burlador e sarcástico, nega e afirma, amortalha e ressuscita simultaneamente.

Essa é a proposta de Mikhail Bakhtin para se analisar o riso na Idade Média e no Renascimento, bem como a sua importante participação na formação da cultura popular.

De acordo com teorias cognitivas, a memória armazena eventos e na base do efeito cômico se encontra uma colisão de contextos, e não simples significados semânticos. Na época do renascimento, o riso transformou-se em uma expressão do aspecto novo, livre, crítico e histórico daquele período. Por esta razão o problema da origem do riso não pode ser examinado de maneira isolada. Ele aparece simultaneamente com língua e pensamento, no mesmo momento em que surgem todos os outros elementos importantes da cultura humana.

Para a vitória na batalha verbal não é necessário ter argumentos ou conhecimento lógico. O objetivo da oposição cômica é pôr o oponente em uma

posição psicológica desfavorável. O humor político nasce da necessidade de sujeição da maioria à minoria, isso é ao regimento comandante ou ao governo. É uma reação (às vezes inadequada) a uma concentração excedente do poder na sociedade. Serve como um exemplo da liberação relativamente segura da agressão com respeito às autoridades. O poder cria instituições que por sua vez criam várias proibições e limitações na sociedade. Resistir a esses impulsos autoritários é fundamental, e, obviamente, o humor é uma das formas mais eficazes de tal resistência.

O humor existe como um fenômeno objetivo e tem uma natureza agressiva. Uma pessoa ri não somente em gracejos “inocentes”, mas também nos infortúnios dos outros. Pode então ser dividido em dois tipos básicos: o humor de elevação e o humor de depreciação, que também podem aparecer juntos. É um fenômeno inato e tem um papel essencial na sobrevivência da espécie. Trata-se de um mecanismo social, uma arma intelectual, que não existe fora do fator humano, é assim uma arma de agressão nos fortes que cumpre uma função defensiva nos fracos. Esse riso manifesta-se na satisfação dos sentimentos puramente agressivos, baixos, de auto-elevação às custas da humilhação do outro, vem do infortúnio que acontece aos inimigos, adversários e oponentes.

Assim sendo pode-se afirmar que uma das possíveis finalidades do humor é expressar a realidade de uma maneira diferente: isso pode ser feito distorcendo-se os dados de uma certa realidade ou ainda exagerando-se esses fatos (hipérbole). De qualquer forma há uma certa imprecisão ao se tentar teorizar o humor, o que permite que praticamente todas as teorias sejam possíveis. O riso significa a apreensão repentina entre um conceito e o objeto real e representa uma

mera expressão de uma dada realidade. Realidade essa que foi vivida e explorada na imprensa rio-grandina, especialmente no *Maruí* como se verá a seguir.

### 3 O *MARUÍ* COMO PRESENÇA LITERÁRIA: O HUMOR MORALIZANTE E A CRÍTICA DE COSTUMES

*Reúno em mim mesmo a teoria e a prática.*  
(Machado de Assis)

#### 3.1. O surgimento do *MARUÍ*

O jornal caricato *Maruí* teve sua circulação compreendida entre 4 de janeiro de 1880 a maio de 1882, sempre aos domingos, e trouxe importantes articulações entre literatura e imprensa, tratando de assuntos políticos, literários e sociais, despertando assim o interesse em fazer tais associações e avaliar em que medidas elas acontecem. Durante sua curta existência dedicou-se a realizar um discurso moralizante da sociedade e fazer crítica política.

O próprio *Maruí* autointitulava-se como um “periódico ilustrado, satírico e recreativo<sup>5</sup>”, e passou por uma série de transformações no período em que circulou, tendo sofrido significativas alterações no conteúdo e linha editorial, passando de colunas leves, preenchidas com literatura romântica, a artigos de forte expressão crítica à vida política e social, que ganhavam ainda mais contundência devido à linguagem iconográfica. Tendo recebido forte influência de outros dois caricatos do centro do país, o *Cabrião* e a *Revista Ilustrada*.

---

<sup>5</sup> MARUÍ. *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo*. Rio Grande, 4 de janeiro de 1880. p. 1.

A possibilidade de encontrar o reflexo de uma sociedade nas páginas de um jornal caricato fez com que a pesquisa se tornasse ainda mais relevante. O jornal *Maruí*, sobre a propriedade de Tadeu Alves do Amorim, discutia os hábitos, práticas e preceitos morais da sociedade. Ao passar por uma reforma mudou sua linguagem inicial, adotada pelo antigo proprietário, Henrique Marcos Gonzales<sup>6</sup>, que se constituía basicamente de piadas leves e literatura romanesca e assume uma postura mais crítica e contundente em relação à sociedade e ao seu contexto geral. Trata-se de um reflexo de preceitos políticos e sociais de uma sociedade que estava “na mira” da imprensa caricata.

O *Maruí* foi fundado em 4 de janeiro de 1880 e mantinha os mesmos padrões já adotados pelo jornais caricatos da época. Tinha oito páginas, divididas meio a meio entre textos e desenhos, possuía tipografia própria e circulação semanal. O termo **maruí**, sinônimo de **maruim**, refere-se a um tipo de mosquito, o que revelava as intenções do semanário: que tal como um mosquito irrita, pica, produz coceira ou ardência, de forma analógica o caricato propunha-se a promover certa agitação na sociedade rio-grandina.

Comum à época, a primeira publicação caricata do jornal trazia a passagem do ano em um encontro entre os anos “velho” e o “novo” (Anexos; Fig.1.), mas aludia também ao novo jornal figurando seu redator com asas de maruí. Nessa figura o ano velho dizia ao ano novo: “*Meu filho, encontrarás aí na Terra o ‘Maruí’*,”

---

<sup>6</sup> Athos Damasceno (1971, p. 342), afirma que Gonzales era espanhol e trabalhava como litografo na cidade de Rio Grande. Prestou serviços ao também caricato *O Diabrete* e proporcionou à sociedade rio-grandina um texto satírico e gracioso através da imprensa caricata. O surgimento do *Maruí* deve-se ao empenho do ex-empregado d’*O Diabrete* em “fazer sombra” e servir de contraponto à folha, através do novo semanário. Uma vez que as desavenças entre Gonzales e Campos Júnior, proprietário d’*O Diabrete*, iniciaram, era só uma questão de tempo para que esse último comesse a sentir os efeitos da concorrência.

que aguarda a tua presença para ilustrar teus fatos<sup>7</sup>”. As intenções do semanário ficavam expressas já no seu programa, publicado na sua primeira edição na forma de versos e intitulado *Programa*<sup>8</sup>.

Tal programa tão cheio de promessas, e também de indiretas à conduta d’*O Diabrete*, não foi cumprido pela direção do jornal (FERREIRA, 1962. p. 173). A princípio visava conquistar as *preferências morais* da população, opondo-se ao *timbre corrosivo do colega*, sendo mais simpático sem ofender, atacar ou agir grosseiramente,

Tranqüilizai-vos, leitoras,  
Não tem veneno o ferrão,  
Posso, pois, em vossos rostos  
Ir dar um leve chupão!

(...)

Não irei aos aposentos  
Das esposas recatadas  
Ferir alheios melindres  
Com grosseiras azoadas.

Mas aos poucos esse intuito foi mudando. Em se tratando de literatura Athos Damasceno Ferreira afirma que a folha, sob a propriedade de Gonzales, limitou-se à mediocridade por utilizar modelos com pouco conteúdo e expressividade (1962), e no aspecto moral agiu como os demais jornais do mesmo gênero *alfinetando* a todos. Em relação ao público em geral oferecia literatura secundária e sem muita expressão.

---

<sup>7</sup>LORD K. **Maruí**. *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo*. Ano I, n. 1. Rio Grande, 4 de janeiro de 1880. p. 1.

<sup>8</sup>MARUÍ. **Programa**. *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo*. Ano I, n.º 1. Rio Grande, 4 de janeiro de 1880. p. 2.

A rixa com o seu oponente, *O Diabrete*, era evidente (BRANCO, 2005). Sua aparição veio piorar a situação daquele periódico com as outras folhas rio-grandinas, que já não eram das mais cordiais tendo em vista suas críticas contundentes. Em cada número em que a redação do *Maruí* oferecia ataques, recebia de lá na mesma medida e, segundo Damasceno Ferreira, a briga entre Campos Júnior, redator de *O Diabrete*, e Gonzales<sup>9</sup>, egresso do mesmo jornal e agora proprietário do *Maruí*, partia das injúrias pitorescas, publicadas nas charges e piadas, para agressões de cunho pessoal. Segundo Costa Filho:

(...) A imprensa funcionava em grande parte como uma espécie de arena, onde eram travadas as disputas e altercações exaltadas entre os redatores (...) (2001. p. 6)

Após vários episódios de *guerra* entre os dois proprietários, período em que o ofício de atacar a conduta dos demais *figurões* fora deixado de lado em nome do engalfinhamento estabelecido entre os profissionais, Gonzales voltou-se ao compromisso assumido quando do lançamento do *Maruí* e dedicou-se a atacar os notáveis violadores da moral. Às leitoras, oferecia versos, dentre tantos outros, dos gaúchos Múcio Teixeira, Lobo da Costa e Revocata de Melo, além da prosa então admirada de José de Alencar e do português Camilo Castelo Branco.

O conflito entre os dois hebdomadários refletia também a disputa travada pelo espaço na imprensa rio-grandina. Esse quadro deu-se até o desaparecimento de *O Diabrete*, em abril de 1881, após enfrentar diversos problemas, inclusive a própria concorrência do *Maruí*, cuja qualidade editorial elevava-se sobremaneira.

---

<sup>9</sup> O surgimento dessa folha esteve intimamente ligado ao rompimento entre Francisco Luís de Campos Júnior, proprietário d'*O Diabrete* e o ilustrador Henrique Marcos Gonzales.

Henrique Gonzales permaneceu por pouco tempo à frente do jornal. Em 14 de agosto de 1880 Tadeu Alves do Amorim<sup>10</sup> assume a propriedade e começa a sua destacada trajetória como jornalista atuante junto à imprensa caricata rio-grandina. Em sociedade com seu irmão Constantino Alves do Amorim, Tadeu buscou realizar melhorias técnicas e administrativas no jornal. A transferência foi assinalada por uma figura em que Gonzales entrega uma criança a Amorim e diz: (Anexos; Fig. 3.) - “*Em vossas mãos deposito, tem apenas seis meses de existência... sejam felizes!*”<sup>11</sup>

A principal fonte de sustentação do periódico eram as assinaturas e outros serviços litográficos, como os anúncios, fonte essa que em geral os periódicos de crítica não se apoiavam e “sem a qual nenhuma organização jornalística, por mais afreguesada que seja, pode manter-se” (FERREIRA, 1962. p.179). Os anúncios tinham a ilustração como diferencial e por esse motivo, provavelmente, pudessem contribuir para a manutenção material da folha, muito embora esses aparecessem em número bastante escasso. O caricato teve boa aceitação na sociedade rio-grandina, além de ganhar assinantes de outras localidades do sul da província. Como os demais semanários, o *Maruí* também ameaçava divulgar os nomes daqueles assinantes que se encontrassem em débito com a folha, ameaça essa que nunca chegou a ser cumprida.

---

<sup>10</sup> O rio-grandino Tadeu Alves do Amorim (1856-1920) desde muito jovem trabalhava em jornais como em *O Amolador* e *O Diabrete*. Segundo Athos Damasceno, Tadeu identificou-se “com a árdua profissão”, dedicando-se com zelo e diligência em meio às grandes dificuldades que a imprensa passava tanto para a obtenção dos recursos para a manutenção material, como para manter a qualidade das matérias. Foi também responsável pelo *Bisturi* (1888) com que atingiu o apogeu de sua carreira. Seu irmão Constantino Alves do Amorim também trabalhara no *Diabrete* e tornou-se seu sócio no *Maruí*; como caricaturista, Constantino destacou-se pela qualidade técnica e pelo expressivo senso de humor.

<sup>11</sup> LORD K. **MARUÍ**. *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo*. Ano I, n.º 32. Rio Grande, 15 de agosto de 1880. p. 1.

Passados dois meses após ter assumido a redação do jornal, Tadeu promoveu não apenas transformações de ordem técnico-administrativas, mas também no conteúdo e na linha editorial. Como bem frisa Damasceno:

De fato, às inocentes colunas do periódico, em geral alimentadas à base das piadas leves e da literatura sedativa dos versos de amor, sucedem pouco a pouco contundentes artigos de crítica política e social, a que dão relevo, na obra litográfica, os mordazes desenhos que os completam. (FERREIRA, 1962. p. 178)

Tadeu trouxe do seu aprendizado n'*O Diabrete* os moldes que agora se adaptam de maneira coerente com a nova fase do *Maruí*:

...editoriais puxados à sustância, candentes artigos de meio palmo, ligeiras, mas esbraseadas pílulas e, sobretudo, esfuziantes charges, começam então a ferir assuntos dos mais variados matizes. As disputas políticas adquirem vulto no semanário. E ainda os problemas administrativos e as questões religiosas e também os problemas de educação e mais os de literatura e de arte e, afinal, os fatos ligados à moralidade pública – fatos que não eram fatos, senão simples **fatinhos**, mas que cresciam desmesuradamente aos olhos dos bisbilhoteiros e eram trazidos à baila como vergonhosas culpas sem remissão possível. (FERREIRA, 1962, p. 179)

Dessa maneira, a folha não poupava críticas, que eram predominantemente ou à política ou aos costumes. A postura político-partidária não foi claramente definida, ainda que não faltassem, a certos governantes, críticas de todos os tipos e uma certa simpatia pelo Partido Liberal<sup>12</sup>.

---

<sup>12</sup> Tal simpatia pode ser atestada pelas homenagens e apoio a Gaspar da Silveira Martins e ao Visconde de Pelotas, além de o jornal ter defendido abertamente a reforma eleitoral. (Alves, 1999. p. 201 – 203). Em 14 de março de 1880, Lord K reproduz uma conversa entre D. Pedro II e a Província de São Pedro do Sul, representada por uma mulher, em que D. Pedro indica os nomes de Gaspar Martins e o de Visconde de Pelotas a senadores. (Anexos; Fig 2.)

A posição do periódico não era de absoluta oposição à república, todavia alegava que para uma nova forma de governo obter fundamentos sólidos, o povo deveria ser melhor instruído, bem como se fazia necessária uma transformação nas atitudes das autoridades públicas. Fazia assim ríspidas críticas contra à corrupção e o intuito enganoso dos governantes, ao passo que aconselhava politicamente seu público leitor, traçando o perfil de um político ideal; considerava que este seria aquele que tivesse comprometimento com as causas da cidade e que colocasse a mesma na posição de destaque que julgava merecer.

No que tange à crítica de costumes, o jornal propunha extirpar os “vícios sociais”, sendo guardião e defensor da moral e da honra, não medindo esforços para desqualificar aqueles que transgredissem as “regras sociais”. O periódico prometia atuar sempre que visse “a causa da honra e da moralidade comprometida gravemente<sup>13</sup>”. (ALVES, 1999. p. 207)

(...) grande parte dos jornais era criada, inclusive para uma missão de combate e moralização da política e dos costumes sociais (...) a linguagem jornalística caracterizava-se por um texto retórico e argumentativo, dando margem às criações literárias (...) Nessa crítica não resta lugar para ambivalência de sentido, ao contrário, ela é franca e direta (...) (COSTA FILHO, 2003. p. 6)

Para consolidar a meta proposta, inúmeras vezes a folha defendeu o casamento, instituição que considerava a *base fundamental da sociedade*. Criticava a raridade das realizações matrimoniais e sugeria que logo se as fizessem para que a sociedade não fosse à pique.

---

<sup>13</sup> *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo*. Ano III, n.º 3. Rio Grande, 12 de fevereiro de 1882. p.2.

Um exemplo que marca o posicionamento do periódico a favor da moral ficou marcado por uma caricatura publicada na edição de 10 de abril de 1881 em que o título “Pela Moralidade” (Anexos; Fig. 8) ilustrava o anúncio de que no números seguintes estariam ali os nomes de certas personalidades que, ao invés de estar tratando *de seus deveres de chefe de família*, passavam as noites *entregues à mais vergonhosa orgia*. Se para manter sua função moralizadora, se para obter maior atenção dos curiosos, o certo é que o assunto circulou com vigor pela sociedade rio-grandina causando grande agitação e inquietação. Porém, logo se viu que, para alívio dos supostos envolvidos na libertinagem, a tal listagem não foi publicada em nenhuma edição subsequente.

O papel da mulher na sociedade não ficou de fora das preocupações morais a que se debruçava o *Maruí*. Muitos artigos foram publicados, em prosa e verso, descrevendo aquela que seria a “mulher ideal”, o que em suma significa dizer que essa deveria ser submissa, boa esposa, mãe e amiga, devendo *enfim ser praticamente uma santa*<sup>14</sup>, segundo Alves (1999. p.209).

Porém um dos maiores, mais destacados e preferidos alvos da caricatura de costumes do jornal era, sem dúvida, o clero. O *Maruí* atacava com veemência os padres da época fazendo duras críticas quanto à espiritualidade e temporalidade, que para o periódico, era essa última o maior interesse dos religiosos. Não foram poucas as caricaturas que apresentavam o interesse por finanças dos eclesiásticos,

---

<sup>14</sup> Trata-se de um texto em que essa “caricatura” de mulher ideal foi publicada sob o título de “**Presente de festas de ano bom**” na edição de 2 de janeiro de 1881 (p. 2) em que o jornal ofereceu um abecedário para uso doméstico em que, para cada letra do alfabeto, atribuía uma virtude que expressava o que seria uma boa mulher. *A – Amiga deve ser a mulher de sua casa. B – benquista deve-se fazer na vizinhança. C – Caridosa deve ser com o pobre. (...) Z – Zelosa deve ser na sua honra, para que os lobos não possam devorá-la.*

o *Maruí* nunca quis aparentar sutileza para disfarçar seu anticlericalismo (Anexos; Fig. 7.)

Outras questões estiveram no cerne das atenções do periódico: pedintes, autoridades públicas, as loterias que iam ganhando espaço na cidade<sup>15</sup>, a própria imprensa. Essa última, para o hebdomadário, tinha fundamental relevância na sociedade a ponto de representá-la como uma mãe alimentando seu filho ao peito<sup>16</sup>.

Em março de 1881 a sombra do fim do jornal já era vista. A dissolução da sociedade entre os dois irmãos foi anunciada, ficando o jornal sob a responsabilidade somente de Tadeu Amorim. Em agosto, do mesmo ano, o redator não ocultava do público leitor as dificuldades pelas quais vinha passando o jornal, chegando a apelar aos assinantes que cumprissem com os pagamentos sem os quais ele sequer poderia entregar a folha, *já se sentia cheiro de defunto* como afirmou Athos Damasceno (FERREIRA, 1962. p. 182). Isso denota que o hebdomadário tinha na raiz de sua principal fonte de sustentação as assinaturas, sua maior crise. Afora isso, ainda havia a indisposição criada com os demais periódicos da cidade porquanto ia adquirindo inimigos de todos os lados, tendo em vista que não economizava nas duras críticas distribuídas a todos.

Em maio de 1882 o *Maruí* dá por encerradas as suas atividades, mas não sem deixar impresso na sociedade rio-grandina uma forte atuação na intransigente defesa da moralidade pública. Assim sendo o *Maruí*:

---

<sup>15</sup> Em 28 de agosto de 1881 (p. 4) o *Maruí* considerou as loterias que se espalhavam pela cidade como sendo uma *epidemia reinante* (Anexos; Fig. 9).

<sup>16</sup> No caso, o povo está representado pela criança suprimdo-se com o leite da verdade ao seio da imprensa, representada pela mãe. *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo*. Rio Grande, 9 de janeiro de 1881. p. 4. (Anexos; Fig. 5)

representou relações e elementos antagônicos que compõem a própria sociedade, contrapondo seriedade e divertimento, sendo jocoso e moralista, crítico e ferrenho para uns e agraciando outros com elogios e homenagens. (ALVES, 1995b. p. 145.)

Um jornal que, se de certa forma possuía uma expressão limitada, demonstrou no geral uma crítica combativa e confrontadora, mantendo sempre claro um dualismo de idéias e de valores.

### **3.2. Humor moralizante e crítica de costumes no *Maruí***

No decorrer da pesquisa soube-se que houve outro estudo interessado nas publicações do *Maruí*, que no entanto não visava traçar um perfil do sistema literário da zona sul do Rio Grande do Sul. Muito provavelmente por esse motivo a leitura que se fez do *Maruí* foi tão precoce. A citação aqui da pesquisa realizada na Universidade Federal de Pelotas justifica-se pelo fato de esse ter sido o único trabalho preocupado em levantar um índice e uma antologia do periódico *Maruí*, encontrado durante a confecção dessa dissertação.

A coleta resumiu-se aos apenas 23 números disponíveis na Biblioteca Municipal Pelotense, em que constam dois folhetins que foram comentados pelos pesquisadores do projeto - o primeiro chama-se *Turíbio*<sup>17</sup>, assinado pelo Dr. Picknick Jr. e o segundo chama-se *Por falta de Combinação*, sem autoria - isso somente após a coleta e transcrição dos textos; que, importante salientar, não foram, pela equipe de pesquisadores, atualizados ortograficamente.

---

<sup>17</sup> DR. PICKNICK JUNIOR. **Turíbio**. *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo*. Ano I, n.º 1. Rio Grande, 4 de janeiro de 1880. p. 2. Essa prosa tem continuação em números posteriores.

No projeto consta a afirmação de que, ao contrário da maioria dos jornais da época, o *Maruí* não publicava folhetins ou poemas estrangeiros. O que pôde ser contestado a partir da elaboração dos índices provenientes dos números subsequentes disponíveis na Biblioteca Municipal Rio-Grandense. A exemplo disso há a declaração de que a temática do periódico não era essencialmente romântica, mas sim irônica e bem humorada. Koschier e Schwantes (2001. p. 3) afirmam:

Não fica claro se essa ausência de traduções deve-se a um espírito nacionalista ou à dificuldade em conseguir textos humorísticos em língua estrangeira. Vale notar, outrossim, que o texto cômico é tanto mais engraçado quanto maior for a facilidade do leitor conseguir reconhecer suas referências culturais.

Ora pode-se perceber que, como já fora dito, houve na pesquisa pelotense uma leitura superficial da temática do *Maruí*, pois, como foi comprovado pelo índice aqui elaborado, a linha editorial do jornal não se limitou à publicação de textos humorísticos. Esse fato provocou o traçar de um perfil prematuro do periódico. Vale destacar que a pesquisa limitou-se praticamente aos primeiros seis meses de vida do *Maruí*, época em que ainda estava sob o comando de Henrique Gonzales.

Obviamente essa foi uma leitura precoce do estilo de escrita do *Maruí*. No entanto é de merecido destaque aqui pelo interesse em resgatar uma parte da história que poderia ter se somado a outras tantas, esquecidas e desconhecidas por estarem nas obscuras, e por vezes inacessíveis, prateleiras bibliotecárias do país. O *Maruí* não se propunha em apenas divertir os leitores, não se tratava de rir por rir, como se verá a seguir.

Como bem afirma Regina Zilberman (1985. p. 94.) no Rio Grande do Sul do século XIX houve certo projeto político que coincidiu com a adesão dos ideais republicanos e federalistas. Sob esse prisma o humor, que ganhou forma e expressão em textos cômicos de uma forma geral, serviu como eficaz ferramenta para criticar, ou apoiar, valores e atitudes ligadas, ou não, aos ideais vigentes:

Faz-me rir o furor d'alguns republicanos.  
Que tentam derribar do sólio a majestade.  
Em nome do porvir da deusa liberdade  
Que esmaga sob os pés o cetro do tiranos<sup>18</sup>.

Em outro Lê-se:

Treme a Superstição!  
Desmaia a Hipocrisia!  
A Ignorância vacila e foge a Iniquidade!  
Ouve-se a voz de Deus.  
Minhas irmãs, é dia!  
Levanta-te justiça!  
Acorda Liberdade!<sup>19</sup>

No *Maruí* a proposta do humor servia sobretudo como uma sanção social em que através do riso se poderia humilhar, ridicularizar e expor fraquezas. Assim sendo, embora *satírico e recreativo*, o jornal revelara-se aguçado e contumaz em sua tarefa de criticar e julgar todo ato que considerasse imoral.

Nem mesmo a imprensa escapou do olhar moralizante do *Maruí*. Na crônica *A nossa imprensa*<sup>20</sup> seu papel é discutido pelo periódico:

<sup>18</sup> Sem Autor. **Comédia Vulgar**. *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo*. Ano I, n.º 20. Rio Grande. 16 de maio de 1880. p. 6.

<sup>19</sup> BRAGA, Guilherme. **Dum Poema inédito**. *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo*. Ano II, n.º 20. Rio Grande, 15 de maio de 1881. p. 3.

<sup>20</sup> Sem Autor. **A nossa imprensa**. *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo*. Ano II, n.º 4. Rio Grande 23 de janeiro de 1881. p. 1. Embora a autoria não seja assinada supõe-se ser da redação do jornal.

O Maruí apesar de não gozar os foros da imprensa séria, lamenta todavia que esta ainda não tenha se compenetrado do que é e do que vale. Os ilustres colegas relevem a franqueza de dizer-lhes que eles próprios são a causa da imprensa não ser entre nós tão considerada quanto devia sê-lo e o é em outras partes.

Consciente do lugar que ocupa, o *Maruí* critica a atuação da imprensa séria por esta ainda não entender sua função na sociedade. O papel do jornal no século XIX era por demais importante, não só por sua função de informar a sociedade, mas sobretudo a de gerar e refletir a opinião pública.

Por essa razão nesse momento a crítica à imprensa deve-se ao fato de que por inúmeras vezes ela noticiava determinadas atividades sociais dos quais não era convidada e fazia isso como se tivesse participado de tais eventos. Para o *Maruí* isso era não ter consciência da sua importância. Ora se tivesse, a imprensa deveria se fazer respeitar como potência que é:

Entendíamos nós, jornalistas domingueiros, ou hebdomadários, pobres ignorantes das práticas da imprensa graúda, que os atos públicos, e mesmo os particulares de certa ordem, para que não fosse convidada, não devia ela noticia-los. Ou a imprensa tem consciência da sua importância ou não tem.

A relevância da imprensa era tal para o *Maruí* que, como já foi dito, em algumas edições anteriores ela era representada por uma mãe alimentando seu filho com o leite puro da verdade. Ora, sendo assim tão essencial e vital era mesmo impossível que o periódico aceitasse que a imprensa se colocasse em uma condição menor. Além disso havia toda uma preocupação com a imagem da imprensa diante das solenidades. O periódico declara que em Rio Grande dificilmente a imprensa era

convidada para participar de sessões solenes e festas. Ao contrário do que se fazia em outras cidades, quando qualquer personalidade se fazia presente, raras foram as vezes em que era considerado um convite à imprensa. Mesmo assim a imprensa noticiava o fato com elogios não somente à atividade, mas também a quem a promovesse:

Inaugura-se um melhoramento público com certa solenidade. Convida-se por assim dizer todo o mundo para assistir a ele, menos porém a imprensa. A imprensa porém, faz-se de surda, de cega e de idiota e não dá importância à exclusão e noticia o fato com as suas melhores frases e mais escolhidos adjetivos.

Para o periódico, a imprensa deveria ficar muda e indiferente diante do menosprezo com que era tratada, mas, ao contrário, tecia elogios aos eventos e a quem os promovia, os mesmos que a desconsideravam e isso irritava profundamente a redação do *Maruí*.

Com duras críticas à atuação da instituição, ao descaso com que ela mesma se acometia, o *Maruí* ordenou que a imprensa diária confessasse que ela mesma desprestigiava a instituição que dela merecia zelo e enobrecimento. Ao que o periódico não se limitou em apenas criticar, mas ilustrou com exemplos essa prática que desvalorizava o jornalismo:

Se pensais que falamos por falar, estais enganados. Podemos provar com fatos inúmeros a desconsideração com que é tratada a imprensa que representais e, por conseguinte, vós mesmos, e a indiferença com que recebeis essas demonstrações de pouco caso.

O periódico conclui sua crítica afirmando que as demais folhas deveriam assumir a real importância que tinham na sociedade, preferindo ele a modesta

condição de pequena imprensa do que *gozar foros de imprensa séria* e com isso ser desprestigiada:

Ora vamos lá: confessem os colegas da imprensa - séria - que é pouco invejável o papel que voluntariamente aceitam nestas comédias sociais.

O Maruí confessa francamente que prefere a modesta e obscura posição de periódico caricato, a ser jornal diário com foros de sisudo e de órgão da opinião pública. Honras que nos desonre não as queremos.

Era dessa forma que o periódico defendia seu ponto de vista concernente à atuação da imprensa junto à sociedade. Não perdoando quem quer que desvalorizasse o papel fundamental da instituição naquele cenário rio-grandense.

A mesma crítica também é dirigida a redatores<sup>21</sup>. Só que a imprensa agora toma forma, é personificada. Em muitas ocasiões as críticas eram conduzidas a uma única pessoa, e nomeá-la não era problema, como no caso a seguir. Muito provavelmente esse tenha sido um dos maiores motivos pelo tanto que Tadeu Alves do Amorim se indispôs com personalidades locais, ele não media qualitativos a ninguém e também, muita vezes, não se preocupava, em esconder do público local de quem ele falava:

Do sul nas plagas...na província linda,  
A quem há tempos eu voltei meu ombro,  
Existe um Dias bestial ainda  
Que foi d'Arcadia redator! ... que assombro! ... ?<sup>22</sup>

<sup>21</sup> Sobre esse tema, com o título de “Jogo da peteca”, Tadeu Amorim ilustra em 15 de janeiro de 1881 as figuras dos redatores do *Diário do Rio Grande* e do *Artista* no qual os acusa de não saberem usar a gramática Língua Portuguesa. (Anexo; Fig. 6)

<sup>22</sup> CUNHA, Machado. **Ao amigo Cabral Pinheiro (redator do Progresso) Quem é Antonio Joaquim Dias?** Maruí. *Periódico ilustrado, satírico e recreativo*. Ano I, n.º 41. Rio Grande, 17 de outubro de 1880. p. 7.

Percebe-se aí a presença do que hoje é o Rio Grande e do periódico *Arcádia*, que dedicou-se exclusivamente à literatura e contava com a colaboração de autores que logo se destacariam culturalmente na Província. Antonio Joaquim Dias além de redator também foi proprietário da folha. Devido à importância que teve o periódico, tendo sido precursor da *Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário*, é bem possível que por conta disso o eu lírico se diga tão assombrado.

Ele escrevia com um c, setembro  
 Com um k, cavalos e jantar com i!  
 Quando do mesmo (a gracejar) me lembro  
 Dou gargalhadas sem cessar aqui!

Ora, para um redator de um jornal tão importante quanto fora a *Arcádia* se esperaria que a língua portuguesa fosse seja seguida com zelo, de maneira formal e respeitosa. Para o sujeito poético essa falta de cuidado só servia para se gracejar.

Dizem-me agora que esse biltre imundo,  
 Redige altivo o Mercantil portanto  
 A ele envio o meu pesar profundo  
 Por ser seu dono um redator jumento!

Nota-se que a crítica além de pessoal era também profissional. Atingir a redação de um jornal atacando moralmente o seu redator, ainda mais quando esse acima de tudo era seu dono, era desmoralizar o próprio jornal (o que o eu lírico soube fazer muito bem). Apesar disso, é provável que esse cunho desmoralizador se devesse muito mais às rixas tão comuns entre jornais do que a veracidade do fato, visto que Antonio Joaquim Dias possuía grande prestígio entre as mais

diversas e conhecidas personalidades gaúchas devido ao seu embasamento intelectual.

Nesse mesmo contexto, de criticar e expor toda e qualquer forma de imoralidade, apresenta-se um dos freqüentes alvos do periódico: os padres. Não que o *Maruí* fizesse oposição ao catolicismo ou cristianismo, mas fora implacável com a hipocrisia e a falsa moralidade, inclusive aquelas provenientes da religiosidade. Na grande maioria das vezes a crítica vinha expressa nos desenhos caricaturais, o que não impedia a publicação de textos que discutiam a moralidade do clero.

- Quem sabe se anda em pecado?  
Neste ponto apenas posso  
Dar-lhe um conselho d'amigo:  
Se quiser ter dúzias de filhos,  
Apegue-se a um padre nosso...<sup>23</sup>

No poema citado a crítica de costumes refere-se ao clero, uma das principais metas de ataque do *Maruí*. Além de concentrar-se na questão da temporalidade e da espiritualidade duvidosa na vida dos religiosos, o jornal apresentou diversas caricaturas que expressavam o interesse financeiro dos clérigos (ALVES, 1999. p. 208.).

Nesse texto intitulado *Conselhos* uma mulher queixa-se a um padre por não poder ter filhos ao que o jesuíta sugere que se o motivo é ela estar em pecado, então que a saída (e até mesmo porque não dizer redenção?) é ela “se apegar a um padre” para então ter seu desejo atendido. O jornal evidencia e coloca em discussão as atividades sexuais inconfessáveis dos padres, ditos e tidos por muitos como

---

<sup>23</sup> S. A. **Conselhos**. *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo*. Ano II, n.º 8. Rio Grande, 20 de fevereiro de 1881. p. 7.

sendo castos e celibatários. Noção essa contumazmente contrariada, como pôde ser visto.

Para esses, alguns textos do periódico indicavam um destino que seria o um dos mais desejados pelos autores. É o que se vê na última estrofe do poema a seguir trabalhado:

Eu respeito do - clero - muito a cr'oa:  
 Mas...se fosse possível um *transporte*...  
 Eu no leme...nas velas vento forte...  
 E os frades a bordo - lá na proa...  
 Eu respeito do - clero - muito a cr'oa:  
 Mas...se fosse possível um *transporte*...<sup>24</sup>

Esse poema é uma sátira aos ensinamentos religiosos que declaram Eva culpada pelo pecado da humanidade. O eu lírico diz que a mulher não cedeu ao pecado da gulodice, que o pomo de Adão em nada tem a ver com o pecado da gula, ou seja em nada tem a ver com o fruto ser uma fruta.

O que aconteceu é que Eva simulou um desmaio e Adão entrou em desespero acreditando que ela morrera. A seguir o eu lírico diz que Adão volta trazendo um colchão às costas. Ao que a serpente, ao ver a cena, solta um grito, cai do tronco em que jazia e transforma-se no ar em um cabrito. Segundo Chevalier e Gheerbrant (1991. p. 111), “a serpente encarna a psique inferior, o psiquismo obscuro, o que é raro, incompreensível e misterioso” essas características aliadas ao grito que tem valor legal de protesto pode transportar o leitor ao real significado do mito edênico. Ora o ar é um elemento ativo e masculino, simboliza a espiritualização e intermedeia céu e terra como via de comunicação entre eles, então ao

---

<sup>24</sup> J.J.C. **No Éden**. *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo*. Ano II, n.º 46. Rio Grande, 13 de novembro de 1881. p. 6.

transformar-se em cabrito a serpente encarna a agilidade e o gosto pela liberdade que é feita de impulsos imprevisíveis. Daí subentende-se que Adão e Eva estavam diretamente ligados com céu e terra através da carne.

O sujeito lírico não diz o que acontece com o casal edênico e nem o que faria *se fosse possível um transporte*, deixa as conclusões a cargo do leitor, todas elas subentendidas. Tanto que suspende os versos e entre eles há reticências. Sinal de que não quer se intrometer nos pensamentos do seu receptor, embora ao mesmo tempo os induza e sugestione.

A serpente *cruel* nada dizia;  
De repente, porém, soltou um grito.

.....  
.....

É daqui que nos vem o *mal profundo*:  
O tal - pomo - não passa de tolice,  
Nunca Eva cedeu à gulodice  
Com'os frades afirmam neste mundo.  
É daqui que nos vem o *mal profundo*:  
O tal - pomo - não passa de tolice.  
Ah frades! ...

.....

Essa crítica desconstrói o mito edênico a partir da perspectiva de que, em uma possível leitura, o *mal profundo* seria a crença de que o relacionamento sexual advém de uma natureza pecaminosa. Segundo o eu lírico é justamente esse aspecto que liga o homem ao divino (ar liga céu e terra) . A questão é de natureza sexual e não no sentido alimentar, o que sempre se usou como justificava para o pomo no

pescoço masculino, como se Adão tivesse engolido um caroço. Ao que em outro poema, Eva<sup>25</sup>, o eu lírico faz dela uma mulher diferente da idealizada.

Adão ao vê-la nua e iluminada  
 Pelo celeste olhar onipotente  
 Sorriu, tremeu, chorou e humildemente  
 Beijou a fronte à loira desposada,

Que mulher é essa que se apresenta nua? Note-se que o amor romântico aqui não é o idealizado, mas o erótico e esse muito mais próximo do real. A presença do divino não é descartada. O eu lírico coloca a figura de Deus nesse *celeste olhar onipotente*, logo Ele não se opõe ao envolvimento amoroso entre o casal. Obviamente não se pode esquecer que esse momento apresentado pelo sujeito poético antecede ao da queda.

Rezam depois as folhas da escritura  
 Que Eva pecou e o Arcanjo vingador  
 Expulsou-os da edênica planura.

Embora o sujeito poético não diga que pecado foi esse, ela, nesse soneto, não é vista como alguém que pôs a humanidade a perder. Pelo contrário, ela é exaltada pelos seus feitos:

Salve, ó sublime filha do Senhor!  
 Tu que inventastes o êxtase, a ternura,  
 E os crimes todos do primeiro amor!

---

<sup>25</sup> Sem autor. **Eva. Maruí.** *Periódico ilustrado, satírico e recreativo*. Ano I, n.º 44. Rio Grande, 7 de novembro de 1881. p. 7.

O amor é louvado pelo eu lírico e percebe-se que não se trata de um amor romantizado, fantasiado, pois já não é possível tal fantasia, nem o se fechar na própria interioridade. Se o relacionamento sexual é crime, Eva merece os louros por ter inventando um crime tão sublime.

Há no *Maruí* principalmente dois tipos de mulher: uma que é a idealizada, a idolatrada e outra sensual e tentadora, o que na verdade explora duas realidades; ora é uma que se quer, ora é outra que se tem:

Senhora séria degenera em soberba.  
A recatada em arisca.  
A risonha em fácil.  
A esperta em doida.  
A calada em sonsa.

Nesse texto o eu lírico reconhece a complexidade que é o ser humano. A mulher, assim como o homem, não pode estar restrita ao rótulo de boa ou má. Essa visão maniqueísta e romântica de se ver o mundo é superada uma vez que o comportamento e a personalidade humanos não são uniformes, mas se adaptam ao levar homem ou mulher, multifacetados, a pensar e agir de diferentes formas em diferentes situações.

Em *Os deveres da mulher*<sup>26</sup> a crítica de costumes gira em torno daquela que seria um dos alvos prediletos do *Maruí*: a mulher, que não raramente, como já fora dito, tinha o seu perfil ideal traçado nas edições do jornal. Havia uma preocupação moral com o papel da mulher na sociedade:

---

<sup>26</sup> S. A. **Os deveres da mulher**. *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo*. Ano III, n.º 2. Rio Grande, 8 de janeiro de 1882. p. 4.

**Os deveres da mulher****Êxodo 20: 2-17  
(Os Dez Mandamentos)**

São dez, segundo a opinião de pessoas abalizadas:	
O 1º amar a um só homem sem ser coquete com os outros.	Amar a Deus sobre todas as coisas
O 2º não jurar em vão até casar-se.	Não tomar seu santo nome em vão
O 3º ouvir missa e confessar-se sem ser beata.	Guardar o Sábado
O 4º honrar com palavras e ações seu marido.	Honrar pai e mãe
O 5º não mata-lo de desgosto, pedindo-lhe impossíveis.	Não matar
O 6º saber manejar o leque para afugentar CERTAS MOSCAS.	Não adulterar
O 7º não furtar uma hora à costura para dedica-la ao espelho.	Não roubar
8º não murmurar nem mentir grandezas aparentes.	Não levantar falso testemunho
O 9º não desejar mais de um marido.	Não cobiçar a mulher do próximo.
O 10º ler quanto possa e instruir-se sempre que a instrução seja encaminhada em bem da sociedade e da família.	

A mulher corresponde, essencialmente, a três aspectos: como um ser que encanta e distancia da evolução, como mãe ou como donzela. No caso desse texto o que se tem é a idealização daquela que deveria ser um exemplo na sociedade. Está a mulher, proposta pelo autor do texto, abaixo do homem, devendo, portanto, cumprir os *mandamentos*, para ao menos, servir de exemplo.

A intertextualidade subverte um texto bíblico e se faz presente. O texto escolhido é o que alude aos 10 mandamentos dados a Moisés (Êxodo). Aqui a referência concretiza-se ao ordenar a mulher uma certa santidade, cômica e questionável. Há certa comicidade, um riso que pode ser considerado como irônico ao comportamento feminino. *Não jurar em vão até casar-se*, por exemplo, libera a mulher para falsas juras após o casamento; *Não murmurar nem mentir grandezas aparentes* significa estar livre para mentir grandezas menos aparentes.

Em contrapartida o jornal não descartou textos literários que trazem uma mulher que se desfaz da idealizada, transgredindo o modelo cultuado pela poesia romântica:

O que são as mulheres? Uma história  
Escrita em perfil fino, mas com sangue,  
São anjos e demônios, a memória  
Dessa “diva” ideal, de “Lucia” sangue<sup>27</sup>.

Essa mulher que é capaz de despertar o “pranto e o riso”<sup>28</sup> na humanidade que, segundo o eu lírico, está prostrada a seus pés, não raramente freqüentava os versos estampados no periódico.

A visão a respeito do amor e da mulher oscila entre dois pólos, negativo e positivo, bem e mal, sim e não. Na verdade ele, o eu lírico, confere a essas características um caráter ambivalente de justaposição. Contradições e oposições que também fazem parte da realidade da natureza e complexidade humana.

Essa mulher que não era idealizada, mas sim real e participante de um mundo incoerente, como é a ampla gama de sentimentos que envolvem qualquer ser humano, aparece em textos que, além de criticá-la moralmente, função principal do periódico, mostra a face de alguém que não é perfeito:

As mulheres quando caem  
A falar da vida alheia,  
Começam pela lua nova  
E acabam na lua cheia.<sup>29</sup>

<sup>27</sup> S. A. **O que são as mulheres?** *Maruí. Periódico, ilustrado, satírico e recreativo*. Ano II, n.º 4. Rio Grande, 23 de janeiro de 1881. p. 7. Esse texto faz referência a duas obras de José de Alencar: **Lucíola** (1862) e **Diva** (1864).

<sup>28</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>29</sup> ARGEMIRO. Sem título. *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo*. Ano II, n.º 1. Rio Grande, 2 de janeiro de 1881. p. 6.

Falar da vida alheia era pecado imperdoável na concepção do *Maruí*, embora ele mesmo vivesse disso.

A influência do sentimento anti-romântico<sup>30</sup>, ainda que seguindo o estilo romântico, era tanta que até mesmo um soneto, que normalmente teria conteúdo romântico, apresenta uma versão não romantizada da mulher. Trata-se de *A minha Ela - Soneto realista*<sup>31</sup>. Um texto que mais uma vez fez alusão ao que seria a mulher ideal, dentro de uma concepção mais próxima do real:

Encontrei finalmente a minha “ela”.  
Um puro coração que me compreende!  
É sincero o amor que o meu lhe rende  
Sou moço (mas sem medo) e ela é bela....

O sujeito lírico do poema apresenta a sua amada. Depois de certa procura ele encontra alguém cujo coração é puro e cheio de compreensão. E como se isso não bastasse ela ainda era bela e correspondia ao sincero amor que esse jovem corajoso lhe devotava.

Não pensem que é romântica donzela  
Que ao primeiro rapapé o peito rende;  
Ambos somos realistas. Ela entende  
Que o platonismo não passa de balela.

Aqui esse sujeito adverte o leitor que a sua amada não é como as outras, pelo contrário ele opõe a romântica donzela à bela realista, marcando a estética anti-

---

<sup>30</sup> Não necessariamente realista, uma vez que, segundo Zilberman, o Realismo no Brasil nunca chegou a se manifestar claramente e em relação à literatura sul-rio-grandense, que começa a surgir justamente com a suposta aparição dessa escola no Brasil, tal afirmação é muito difícil de ser definida.

<sup>31</sup> JUNIO. **A minha ela. Soneto realista.** *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo.* Ano I, n.º 51. Rio Grande, 26 de dezembro de 1880. p. 7.

romântica. Aqui fica claro o oposicionismo entre as duas escolas, oposição presente desde o título do poema. O amor romantizado é um amor inexistente, uma mentira.

A preocupação com a aparência foi paralela aos gastos. Para o sujeito desse poema esse amor só lhe trouxe benefícios:

Ando agora lavado e engomado,  
Tenho sempre brunida a minha roupa  
Sem gastar um só vintém do ordenado!

Em uma sociedade em que a valorização social era tão importante, encontrar alguém como a bela desse poema era um achado:

E não sabem quem é que isso me poupa?  
A minha lavadeira, anjo adorado!  
Eu cá...não meto prego sem estopa.

O sujeito poético, talvez pela moralidade que o *Maruí* defendia, deixa que o leitor interprete o verso *Sem gastar um só vintém do ordenado!* mesmo andando lavado e engomado. Porém, segundo os rumos do realismo, não é difícil deduzir que o pagamento dado a lavadeira era de natureza romântica/sexual.

A não idealização da mulher, que sempre fora vista como símbolo de beleza e de posse impossível é, mais uma vez, traspassada:

Balançava-se Sinhá, sorrindo à brisa  
 Que flutuava-lhe o loiríssimo cabelo,  
 E, voando a saia, um lindo tornozelo  
 Eu vi por entre as rendas da camisa...<sup>32</sup>

A aparente beleza ainda se faz presente, porém essa bela idealizada deixa o corpo à mostra. Antes, no Romantismo, essa visão ficava no mundo imaginário do idealizador.

Vem mais forte a aragem e mais divisa  
 Meu olhar, que começa a arder em zelo,  
 E eu vejo, meu Deus, ó que modelo!  
 De perna torneada, grossa e lisa!

Muito embora haja exposição da moça, os olhos do eu lírico ardem em zelo e não em paixão, muito embora ele não negue a beleza que lhe encanta.

E Sinhá, sem notar-me, bem contente  
 Na copada laranjeira balanceia,  
 Quando o acaso surge de repente:

O sujeito poético olha ao longe a beleza daquelas pernas torneadas sem que a sua musa dê conta da sua presença. E então surge uma surpresa:

Fatal espinho rompe a linda meia  
 E mostra-me (Jesus, que incidente!)  
 Os trapos de que estava a perna cheia.

Esse poema revela uma crítica ao ideário romântico. Toda beleza estonteante das musas inatingíveis é desfeita nessa que é uma farsa. A beleza não

---

<sup>32</sup> S. A. **Incidente**. *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo*. Ano I, n.º 34. Rio Grande, 29 de agosto de 18

passava de um truque para encantar e seduzir. Era passageira e não resistiria aos espinhos da vida.

Espinhos que também viriam presentes no casamento. Embora o *Maruí* já tivesse publicado textos em favor dessa prática social que estava em desuso, querendo ele que logo se fizessem antes que a sociedade fosse à ruína total, também apareceram publicações que se opunham, ou ao menos, desmistificavam o mito do amor encantado:

Casou-se João com Rita,  
Mulher esperta, mas feia;  
Casou Gil com Dorotéia,  
Que era parva, mas bonita;  
Brás casou com Ignês,  
Que é rica, mas um demônio:  
Pergunto qual matrimônio  
É o pior destes três?<sup>33</sup>

O eu lírico desse poema traz à tona uma realidade que sempre houve, mas que não era assim tão reveladora. Existiam sim matrimônios por conveniência e que poderiam ir à falência, uma vez que não eram calcados em bases sólidas e sim em interesses pessoais. O que também pode ser percebido em outro poema cujo título por si só já é uma ironia ao que ele vem debater: *Casamento Feliz*<sup>34</sup>:

Sendo pois tal matrimônio  
Como um vice-versa eterno  
Chama-lhe Cruz: “Luz do inferno”  
Luz a Cruz: “- Cruz do demônio”.

<sup>33</sup> S. A. **Sem. Título.** *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo.* Ano II, n.º 51. Rio Grande, 18 de dezembro de 1881. p. 5.

<sup>34</sup> PUFF. **Casamento feliz.** *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo.* Ano I, n.º 2. Rio Grande, 11 de janeiro de 1880. p. 6.

O casamento era uma prática que poderia não dar certo, como o eu lírico desse poema bem apresenta. No desejo de encontrar a felicidade real ao lado de sua amada o Sr. Cruz casa-se com a D. Luz. E no dia a dia os dois descobrem as imperfeições um do outro e amaldiçoam-se. Isso prova que essa prática também como todas as demais sociais seria falível.

Dentre tantas maneiras de se fazer crítica de costumes, o *Maruí* encontrou diferentes ângulos de visões para expressar o seu ponto de vista. Como foi visto nem sempre essas observações vieram através de um riso visível, mas também através de um humor mascarado, uma sátira, um tom irônico e desprezível que censurava a realidade vivida. No poema *A uma cega*<sup>35</sup>, a crítica à sociedade vem em um soneto que enfatiza a visão como um infortúnio, já que não há no mundo nada belo a ser visto; claramente uma visão pessimista da realidade de então:

Não te lastimes, não, bela infeliz,  
Por não poderes ver o nosso mundo:  
Não vale tanto - crê - Ninguém é jucundo  
Como o teu pobre coração te diz

A crítica à realidade vivida transforma-se em apelo à cegueira como forma de se estar alheio aos sofrimentos mundanos:

Não vês os torpes pensamentos vis  
Que se agitam do nosso olhar no fundo;  
O desejo brutal, o instinto imundo  
Que nos domina. Ó cega, és bem feliz!<sup>36</sup>

<sup>35</sup> Sem Autor. **A uma cega (imitado do italiano)**. *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo*. Ano I, n.º 43. Rio Grande, 31 de outubro de 1880. p. 6.

<sup>36</sup> Idem, *ibidem*.

Já nas primeiras estrofes a hipótese de um mundo idealizado e feliz se desfaz. O eu lírico aconselha a *bela infeliz* a se conformar com sua condição de cega uma vez que enxergar não tem valor, não há nada de belo a ser visto. Segundo Chevalier e Gheerbrant (1991. p.653) há no olhar uma força mágica que lhe confere uma terrível eficácia. O eu lírico despreza o fato de que empregar o olhar consiste em desvendar um mundo de aparências e não em brincar com ele, isso é empregar bem o olhar.

Varre da mente os gozos com que sonha  
Tua insensata e errante fantasia,  
Ergue a cabeça lívida e tristonha;<sup>37</sup>

No nosso mundo a infâmia tripudia  
Nua, asquerosa, lúbrica, medonha!  
Feliz de que não vê a luz do dia.<sup>38</sup>

O olho é símbolo de percepção intelectual, em consequência disso simboliza o compreender. Ser cego significa então ou ignorar a realidade e, portanto, ser um irresponsável, ou ignorar, como propõem Chevalier e Gheerbrant (1991. p.217), as aparências enganadoras do mundo e com isso poder conhecer uma outra realidade de mundo, secreta e profunda. Há aí dois pólos antagônicos entre si da simbologia do ser cego.

É o caráter simbólico e positivo da cegueira ignorado pelo eu lírico, o que faz do cego mais sábio e menos doente. Esta aí a diferença entre olho e olhar: ser cego não significa deixar de ver, de buscar informações e significações. Essas

---

<sup>37</sup> Idem, ibidem.

<sup>38</sup> Idem, ibidem.

acepções podem perfeitamente ser captadas por outros sentidos (audição, tato, olfato e paladar) e passíveis de ser, analisadas e interpretadas pelo sistema nervoso central. Logo *não ver a luz do dia* não significa estar alheio às transformações por que passa o universo.

Já em *Tudo é assim*<sup>39</sup> a crítica social é direta e com destino certo: fere de imediato a política nacional. Com uma clara intertextualidade subversiva ao texto das bem aventuranças, descrito nos Evangelhos de Mateus (5: 1-12) e Lucas (6: 20-29), o eu lírico fala de *certas beatitudes* quem em nada tem a ver com as da Bíblia:

#### **Tudo é assim**

Bem aventurados  
Os vencedores,  
Porque da terra  
São os senhores.

Bem aventurados  
Os sem vergonha,  
Pois não há cousa  
Que lhes oponha.

Bem aventurados  
Os de alma vil,  
Que tudo alcançam  
Neste Brasil.

Bem aventurados  
São os ladrões,  
Porque merecem  
Mil atenções.

Bem aventurados  
Os vis e baixos,  
Que sempre alcançam  
Os bons despachos.

Bem aventurados  
Os assassinos,

#### **Mateus 5: 1-10 ( O sermão da montanha)**

Bem-aventurados os pobres de espírito,  
Porque deles é o Reino dos céus;

Bem-aventurados os que choram,  
Porque eles serão consolados;

Bem-aventurados os mansos,  
Porque eles herdarão a terra;

Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça,  
Porque eles serão fartos;

Bem-aventurados os misericordiosos,  
Porque eles alcançarão misericórdia;

Bem-aventurados os limpos de coração,  
Porque eles verão a Deus;

<sup>39</sup> UM BAIANO. **Tudo é assim**. *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo*. Ano II, n.º 1. Rio Grande, 2 de janeiro de 1881. p. 2.

De grandes cargos  
Sujeitos dignos.

Bem aventurados  
Os escolhidos,  
Que da política  
São protegidos.

Porque só esses  
Bons afilhados,  
Saem senadores,  
Saem deputados.

Bem-aventurados os pacificadores,  
Porque eles serão chamados filhos de Deus;

Como se vê, as *novas* beatitudes opõem-se frontalmente às das escrituras sagradas. Esse texto expõe a postura reveladora e crítica adotada pelo *Maruí*. Ao contrário do que afirmam as escrituras, “bem-aventurado” na terra é aquele que se contrapõe ao ensinamentos de Cristo, pois até aqui quem tem levado vantagem são justamente esses opositores. O texto afirma que os vencedores, os sem-vergonha, os de alma vil, baixos, os assassinos, os escolhidos e protegidos pela e da política, esses sim são os “bons afilhados” e é deles, e segundo o eu lírico apenas deles, que suscitam os deputados e senadores.

Há, no texto que introduz esse poema, a afirmação de que só quem não usa de inteligência se arrisca em não usar subterfúgios para chegar onde se quer:

Fazer escolha de meios e querer chegar aos fins, só o fazem os papalvos que não têm experiência do mundo e dos homens. Quem quer chegar ao complemento dos seus planos, deixa a estrada real e mete-se pelos atalhos e caminhos tortuosos. Chega mais depressa e sem ter necessidade de vencer obstáculos que há de encontrar no trajeto<sup>40</sup>

<sup>40</sup> S. A. **O mundo é de quem sabe viver**. *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo*. Ano II, n.º 1. Rio Grande, 2 de janeiro de 1881. p. 2. Essa crônica introduz o poema a seguir, intitulado **Tudo é assim**.

Percebe-se aí que no século XIX a moral e o caráter dos governantes eram questionados e estavam sempre sob o olhar atento daqueles que diziam primar pela ética e pela ordem.

A crítica à política se fez muito presente nas páginas do jornal, valendo-se inclusive de textos publicados em jornais estrangeiros:

Pertencem a uma folha européia as seguintes definições políticas:  
*Ministro de estado* - Negociante por atacado, sem capital próprio.  
*Parlamento* - Divertimento bonito e lucrativo para os atores, mas caro para os espectadores.  
*Maioria* - Relógio de repetição a que se dá corda pela barriga, anda ou não anda conforme os governos dão ou deixam de dar-lhes corda a certas horas  
*Urna* - Alambique onde se destilam as fraudes dos partidos<sup>41</sup>.

Eis aí, nesses dois textos, o riso proposto por Bergson, um que propõe a melhoria de uma sociedade. De acordo com ele esse riso age como uma sanção social, é uma correção e não funcionaria se tivesse como marca a simpatia e a bondade. É, como afirma George Minois (2003. p.112), um riso revelador e agressor, pois na medida em que revela e desconcerta insinua as imperfeições humanas e faz transparecer os aspectos mais ridículos do comportamento e personalidade humanos.

Esse tom irônico, ainda que provoque o riso, não é pedante. O humor constituído de crítica permite ao leitor refletir ao mesmo tempo que acha graça, pois por trás desse rir consta oculta uma crítica dura e de ironia cortante. Há uma causa para a comicidade e ela atenta para a vida social, e, no riso provocado por essa causa, há um gesto que tem todo um aspecto de reação defensiva. Para Bergson,

<sup>41</sup> S. A. **Definições políticas**. *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo*. Ano II, n.º 23. Rio Grande, 5 de junho de 1881. p. 6.

O riso é antes de tudo um castigo. Feito para humilhar, deve causar à vítima dele uma impressão penosa. A sociedade vingase através do riso das liberdades que se tomaram com ela. Ela não atingiria o seu objetivo se carregasse a marca da solidariedade e da bondade. (Bergson, 1987, p. 99-100)

O cômico, apropriado pelos setores oprimidos da sociedade, transforma-se em linguagem de classe, e através do humor, “ao ridicularizar atos, costumes e práticas da elite culta, que é ‘séria’, busca criticar, reformar, modificar sua cultura.” (Meirelles, 2005. p.70). É o humor político que nasce da necessidade de se sujeitar o maior ao menor, como já fora dito. Bergson opõe-se aos sistemas e às grandes teorias do riso associando o cômico ao inconsciente coletivo. Revela, à sua maneira, o lado obscuro e ambivalente do humor, relativizando e historicizando as inúmeras formas de representação do humor.

No *Maruí* há uma tentativa de denunciar certa realidade com o propósito de despertar a consciência daqueles que se desviam do caminho ético e moral. Esse tom irônico, provocador de riso, revela, como propõe Minois, um discurso pessimista. Pessimista porque diante do riso nada fica oculto; toda seriedade de uma sociedade hipócrita, cujo poder está nas mãos de pessoas tidas como imorais, é revelada.

A crítica à sociedade vigente e aos rumos que a humanidade tomava foram expressos em textos, em verso e prosa, que transpunham os sentimentos inquietantes de um eu lírico inconformado. Em *O mundo está desgraçado*<sup>42</sup>, a visão

---

<sup>42</sup> PERIQUITO. **O mundo está desgraçado**. *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo*. Ano II, n.º 23. Rio Grande, 5 de junho de 1881. p. 6.

pessimista de um mundo que não tem mais concerto foi declarada em todas as estrofes do longo poema:

A moral já tem peçonha!  
 Meu Deus! Que pouca vergonha!  
 “O mundo está desgraçado...”

Ao contrário de outros textos encontrados no jornal que refletem o ideário romântico, fascinados pelo passado, o eu lírico desse poema está intimamente relacionado ao mundo presente. Um mundo em que reina a inveja, a intriga, a imoralidade e não há maneira de endireitá-lo. Para o eu lírico do poema as bases de uma sociedade sólida e honrada já não existem e esse seria o motivo para o mundo estar perdido:

Já sem o pai as filhinhas  
 Andam nas ruas sozinhas  
 Sempre dum pra outro lado,  
 A todos rendendo lerias:

Até mesmo o mal uso da língua portuguesa foi atestado pelo eu lírico como sendo parte de um mundo perdido. Uma vez que essa já não era a primeira vez que o periódico não perdoava quem utilizasse de maneira errônea a gramática portuguesa, aqui ficou clara a postura do periódico em relação a essa prática:

Sabe hoje qualquer fedelho  
 Grego, latim e francês:  
 Mas afinal chega a velho  
 Sem saber o português;  
 Há hoje tantos lit'ratos

A vida política também foi exposta. Para o eu lírico qualquer um que soubesse se utilizar de um discurso convincente poderia ser elevado à categoria de ministro. Se Deus ao menos lhes desse quatro pés, considerados pelo eu lírico como uma farsa, poderiam se diferenciar da gente decente. Qualquer um que ferisse a moral e contribuísse para a desgraça mundial, desgraça essa de cunho moral, foi citado pelo eu lírico: agiotas, religiosos hipócritas, jogadores, todos faziam parte desse elenco que empurrava o mundo para o abismo. Além disso a influência do progresso, a imprensa e a jogatina também contribuía para a falência do mundo. O universo urbano é explanado em suas múltiplas possibilidades e também os horrores que contradizem a modernidade.

O eu lírico encerra suas considerações sem perspectiva de um futuro digno e honrado. Não há esperanças, ele renuncia a tudo que possa ser fantástico ou improvável: O individualismo, o imediatismo, a intolerância e a falta de caráter marcam o mundo moderno e acabam por frustrar seus sonhos e expectativas:

O mundo, enfim 'stá perdido  
Ninguém o pode end'reitar!  
Caminha tudo invertido!  
Não sei onde isto há de dar?  
Cede a razão à toleima  
A honra já não ateuima  
Em sustentar seu reinado.  
A moral já tem peçonha,  
Meu Deus! Que pouca vergonha!  
"O mundo está desgraçado..."

A partir daí pode-se perceber alguma influência das escolas realista e naturalista. Esse eu lírico foge a qualquer exibição subjetiva dos românticos, correspondendo aos vínculos que esse eu lírico tem com os dados da realidade. Essa é a sua visão de mundo, mas também o é a de outros. Ele ora observa, ora

participa dessa representação particularizada e que é ao mesmo tempo pertencente a um determinado grupo.

É um mundo claro que racionaliza a sua própria irracionalidade. Ainda assim a forma como a realidade é explorada traz em si uma crítica direta ao contexto social, mais próxima da estética naturalista, contrariando, de certa forma, o movimento realista que a fazia de forma mais implícita, indireta. O eu lírico não acredita em qualquer possibilidade de saída ou esperança para a sociedade, por esse motivo a crítica transforma-se em um pessimismo fatalista.

Nesse mesmo contexto a crítica à burguesia dominante é relatada. O eu lírico do poema *O orgulhoso*<sup>43</sup> descrê da possibilidade de o burguês garantir um sentido justo aos seus comandados. Isso porque acredita que o seu intento não é apenas ter dinheiro, mas sim dominar o mundo:

Eu o vi! - tremendo era no gesto.  
Terrível seu olhar;  
E o senho carregado pretendia  
O globo dominar.

Prova ainda maior desse poder de dominação está nos versos a seguir. A prova da acentuação na divisão do trabalho e da vida social entre a burguesia e o proletariado, embora talvez esse não seja o melhor conceito para classes sociais do Rio Grande do Sul de então

E o pobre agricultor junto a seus filhos,  
Dentro do humilde lar,  
Quisera, antes que os dele, ver de um tigre  
Os olhos fuzilar;

---

<sup>43</sup> Sem Autor. **O orgulhoso**. *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo*. Ano I, n.º 32. Rio Grande, 15 de agosto de 1880. p. 7.

Que a um filho seu talvez quisera o nobre  
 Para um executor;  
 Ou para o leito infesto alguma filha  
 Do triste agricultor.

Nota-se aí a soberania do burguês. Uma onipotência geralmente reinante que feria os ideais daquele período. O grande abismo que separava os ricos dos pobres e da classe média em geral fora contestado pelas publicações do *Maruí* naquele período:

**A um milionário**<sup>44</sup>

Dizes que és grande, que és onipotente,  
 Que ao teu fulgor a própria natureza  
 Pasma e recua - e é tal tua grandeza  
 Que abala os céus e a terra juntamente.

Nem mesmo a força divina era suficiente para fazer com que a burguesia fosse mais humilde. Eles se opunham e se sobrepunham até mesmo a ela:

Dizes que podes com teu ouro absurdo  
 Lutar com Deus, opor-te à Divindade,  
 E até sem a menor dificuldade,  
 Dar voz ao morto e dar ouvido ao surdo.<sup>45</sup>

Tal soberania era finalmente destruída com a morte. Essa era uma das saídas encontradas quase que unanimemente pelos eu líricos desse período. Muitas vezes acreditando em um socialismo em geral utópico, eles se viam obrigados a definir a morte como solução para as injustiças cometidas com os menos favorecidos. Traspasse que enfim é exultado e aclamado pelos injustiçados:

---

<sup>44</sup> Sem autor. **A um milionário**. *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo*. Ano I, n.º 43. Rio Grande, 31 de outubro de 1880. p. 7.

<sup>45</sup> Idem, *ibidem*.

Alguns dias apenas decorrerão;  
E eis que ele se sumiu!  
E a laje dos sepulcros fria e muda  
Sobre ele já caiu.

A crítica moralizante nesse poema ocorre pelo que Bergson propôs de rir do poder. Uma situação que é exposta e que pode ser modificada pela reação daquele que sofre em detrimento daquele que atormenta. É possível identificar esse riso na exultação e nos aplausos da multidão na morte do burguês:

E o bárbaro tropel dos que o serviam  
Exulta com o seu fim!  
E a turba aplaude; e ninguém chora a morte  
De homem tão ruim.<sup>46</sup>

É o fim de todas as glórias. A morte, muitas vezes tida como evasão, é vista pelo eu lírico como a justiça feita. Não se trata apenas de fuga da realidade, mas principalmente porque é na morte que até mesmo os mais poderosos tornam-se iguais a qualquer outro ser. Na sepultura não há obra, ciência ou sabedoria. Não há recompensa, mas a memória do morto fica entregue ao esquecimento:

Tudo se finda! E na nudez dos túmulos  
Glórias, vaidades e soberba - é nada  
Tudo se acaba quando chega a morte  
Tudo de finda numa negra ossada.<sup>47</sup>

Não que a morte não tenha sido vista como refúgio, bem ao estilo do ideal romântico. Por diversas vezes ela foi enfocada no *Maruí* espelhando a incapacidade de se aceitar, e naturalmente transformar, as pressões do meio. Esse desejo em

<sup>46</sup> Sem Autor. **O orgulhoso**. *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo*. Ano I, n.º 32. Rio Grande, 15 de agosto de 1880. p. 7.

<sup>47</sup> GIL Jr. B. D. **Exumação de um cadáver**. *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo*. Ano I, n.º 49. Rio Grande, 19 de dezembro. p. 7.

evadir o presente revela uma realidade idealizada que não será, nunca, vivida. Também configura um exílio social, o sentimento incômodo e desagradável da realidade persiste na alma do sujeito poético. A morte aparece às vezes sem riso nela, a crítica vem como um chamado à reflexão:

Morrer, dormir, não mais termina a vida,  
E com ela terminam nossas dores;  
Um punhado de terra, algumas flores...  
E depois uma lágrima fingida<sup>48</sup>

Ainda assim há aí um humor mascarado sustentado pela “lágrima fingida”, já que a hipocrisia é constantemente marcada e contestada nas publicações do *Maruí*.

A morte seria então por diversas vezes o resultado das ações humanas, sendo personificada, uma vez que tem vontade própria e age com justiça. E isso vale para quem quer que seja, ricos e pobres, livres e escravos:

O homem seja qual for  
Seja rico ou seja pobre  
Seja mecânico ou nobre  
Seja vassalo ou senhor  
Da morte e do seu furor  
Não há de escapar um só.<sup>49</sup>

Para o sujeito poético o homem deve ter consciência de sua vulnerabilidade, pois a morte é iminente para qualquer pessoa. Isso fica claro com a intertextualidade que é feita com uma figura bíblica, a de Jó:

---

<sup>48</sup> F. OTAVIANO **Soneto**. *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo*. Ano II, n.º 34. Rio Grande, 21 de agosto de 1881. p. 6.

<sup>49</sup> S. A. **Lembra-te homem que és pó**. *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo*. Ano III, n.º 11. Rio Grande, 12 de março de 1882.p. 8.

Bem nos adverte Jó  
Bem a igreja nos propõe  
Bem diz quando as cinzas põe  
Lembra-te homem que és pó.<sup>50</sup>

Jó aqui simboliza a impotência do ser humano diante da morte que é inevitável. Diante dela não há diferenças sociais, culturais ou étnicas, a morte imputa limites ao homem. O sujeito poético indica a natureza vulnerável do ser humano: todos são pó e ao pó retornarão.

---

<sup>50</sup> Idem

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Se queremos progredir, não devemos repetir a história, mas fazer uma história nova. (Gandhi) Se alguém julga saber alguma coisa, com efeito, não aprendeu ainda como convém saber. (ICo 8.2)*

O riso é uma prática específica e significativa para as sociedades que o reconheçam como tal. Deve haver o que se pode chamar de um contrato tácito social, a saber, algum acordo sobre o mundo social em que se encontra a base implícita do humor, bem como um certo consenso e compreensão compartilhados implicitamente a respeito daquilo que constitui o gracejar. Além disso, é necessário também haver uma congruência entre a estrutura do humor e a estrutura social. Quando essa congruência implícita ou o contrato tácito falham, então, provavelmente, o que deveria ser cômico não resultará em riso.

De acordo com Bergson, para se compreender o riso é preciso pô-lo em seu ambiente natural, que é a sociedade, e sobretudo determinar a utilidade de sua função, que é social. Deve responder a determinadas exigências da vida em comum, ter uma significação social. Assim, ao se deparar frente a um gracejo, pressupõe-se que haja um mundo social compartilhado, em que tanto os autores quanto os receptores compreendam e sigam à determinadas regras<sup>51</sup>.

---

<sup>51</sup> Com isso em mente, tanto Bakhtin quanto Bergson comparam o cômico com ritos; aqui compreendidos como um ato simbólico que derive seu significado de um conjunto de símbolos

O humor no *Maruí* pode ser encontrado em uma combinação de duas características: conceptual e retórico. É importante enfatizar que o surpreendente é necessário nessas duas características; a brevidade e a velocidade são a alma da sagacidade. O humor com base na realidade é uma forma de aliviar as tensões, de liberação ou de elevação que expressa algo essencial à humanidade. Se verdadeiro, mais que aliviar tensões ele libera a vontade e o desejo de mudar determinada situação; faz com que o familiar se desfamiliarize, o ordinário seja feito extraordinário e o real surreal, mudando a maneira que a sociedade vê a realidade. Essa é a idéia de uma mudança da situação.

Assim sendo, o riso joga com práticas aceitas de uma dada sociedade. Quando desperta para uma consciência coletiva, o humor pode mesmo ter uma função crítica com respeito à sociedade. Aí se estabelece a suma importância que o humor teve nos movimentos políticos e sociais quando foram usados para criticar a ordem estabelecida, como no discurso dos pasquins e caricatos, por exemplo.

Ao se rir do poder é possível, inclusive, dizer quem se é e qual a realidade social em que se vive e talvez indique como a mesma pode ser mudada. Ou simplesmente pode reforçar o consenso social sem precisar criticar a ordem estabelecida ou tentar mudar a situação em que determinada sociedade se encontra, esse humor apenas brinca com hierarquias sociais existentes.

Esse é o cômico como diversão agradável e tem um lugar importante na teoria do riso, mas de um modo geral o humor, ainda mais quando de cunho moralizante, é utilizado para expor as falhas de um determinado setor da

---

legitimados como sociais, (como um funeral ou o carnaval, por exemplo). O humor tanto pode servir ao rito como pode ser pensado como anti-rito, dependendo da intenção de quem o cria e como o faz.

sociedade como um sentimento de glória repentino em que se satiriza algo ou alguém e o leva ao escárnio, ao ridículo. Explicitar o que é implícito na vida social é uma forma de senso comum. É uma prática exemplar porque é uma atividade humana, universal. O mais extraordinário sobre o humor é que ele permite que uma sociedade retorne ao sentido comum distanciando-a dela, familiarizando-a com um mundo comum, com suas estratégias diminutas de desfamiliarização. Se o humor faz recordar o senso comum, o faz retirando a sociedade para, momentaneamente, fora do sentido comum, onde os gracejos funcionam como momentos que podem ser chamados de incomuns. É uma forma paradoxal do discurso e da ação que derrota as expectativas, produzindo o riso com suas inversões, contorções e explosões verbais inesperadas.

Explosões verbais muito repercutidas no tipo de pesquisa que se propôs aqui, em que é fundamental não se limitar aos jornais ditos literários e nem se deixar guiar por um cânone. A importância dos textos publicados no *Maruí* se dá pela possibilidade de uma reconstituição e visibilidade da vida literária do século XIX, ao menos no Rio Grande do Sul. Muito embora essa literatura possa não ter muito valor estético, de impressionante qualidade literária, e ainda que seja até mesmo difícil catalogá-la ou classificá-la em algum gênero, seu valor se deve principalmente à sua constituição histórica embebida no cotidiano daquela sociedade em que circulou, uma vez que muitos leitores, segundo evidências, demonstravam bastante interesse pelos textos publicados. Representa a maneira de ver e dizer uma época e é através dessa representação, resgatando essa página da história, revisitando o passado, que se pode reescrever uma nova história. E tudo isso justifica-se porque “ainda não

foi completada a história que narra a dívida da literatura brasileira para com o jornalismo, especialmente no século XIX” (ZILBERMAN, 2003).

A imaginação é uma forma de abordar a história. Estudar as articulações entre literatura e imprensa, principalmente sendo essa última a do século XIX, é um convite para se pensar a história não como algo estático e fossilizado, mas como reconhecimento daquilo que permite compreender o passado para melhor influenciar o presente. Isso, afirma uma idéia exposta por Lloyd Kramer mais de um século depois em que diz:

A literatura sugere formas alternativas de conhecer e descrever o mundo e usa a linguagem imaginativa para representar as ambíguas e imbricantes categorias da vida, do pensamento, das palavras e da experiência. (KRAMER, p. 131)

Há que se distinguir o passado real, concreto da historiografia, ou seja, a narrativa feita desse passado, ou o discurso construído pelo historiador. É essa distinção que aproxima um do outro: o historiador do fato real e o escritor de ficção literária. De outro lado está um outro nível de distinção que se baseia na convicção de que os dados do passado já não são fatos brutos, concretos, mas fatos recuperáveis, são representações do que ocorreu. Assim constituem uma representação imaginária de dados do passado, já irrecuperáveis na sua imanência. Esses dois pressupostos permitem, de um certo modo, ultrapassar, e até mesmo desradicalizar, a convencional e positivista oposição que se faz entre documento/fato/verdade/história, de um lado, e, de outro, ficção/imaginário/literatura.

Do ponto de vista literário, o caminho percorrido entre literatura e história só é possível graças à valorização do contexto, por permitir ultrapassar o positivismo

convencional dos estudos literários. Aí a obra literária era considerada um todo fechado em si mesma. A contextualização considera, para a leitura e interpretação da literatura, os fatores econômicos, políticos, sociais e culturais em que a matéria literária foi construída. Muito embora a valorização do contexto tenha o mérito de transpor a barreira que separa o fato histórico do literário, ainda é necessário percorrer um longo caminho que permitirá se chegar até o nível mais elevado de entendimento dessas duas esferas. Para responder a seguinte questão, por exemplo: Como se dá a concepção dos textos, literário e histórico, como representações reais e imaginárias da realidade?

Em suma o que se pode dizer é que História e Literatura reconfiguram um passado, ambas seguem trilhas ora divergentes, ora paralelas. De um lado tem-se na história uma reconfiguração circunscrita aos dados fornecidos pelo passado, preocupa-se em investigar documentos, critérios e exigências científicas; na outra face tem-se na literatura, ao contrário, um não apego, um não compromisso com as fontes históricas. Isso permite que o imaginário não esteja condicionado às exigências impostas pela verificação dessas fontes.

Há no *Maruí* um representativo número de manifestações literárias, ainda que de pouco valor estético por muitas vezes até mesmo ser difícil catalogar os textos em alguns dos gêneros literários tradicionais. Essa representatividade exemplifica a presença da literatura em periódicos do século XIX, inclusive dos caricatos. Os textos em sua maioria não possuem autoria ou essa se apresenta com pseudônimos não catalogados nas biografias disponíveis, o que impossibilitou a identificação desses nomes.

É bem verdade que alguns dos periódicos que circularam no século XIX preocupavam-se apenas em proporcionar entretenimento e, enquanto outros, formação cultural ao leitores. Porém o *Maruí* além disso ocupava-se em formar e refletir a opinião pública. Fazendo uso de uma linguagem ambígua e plurissignificativa, além de lúdica, o periódico convenciona, ou não, o público. Abordava de modo humorístico, satírico e irônico assuntos polêmicos e/ou considerados extremamente sérios.

As publicações, de um modo geral, apresentam um tom moralizador. O que motivou a elaboração dessa pesquisa, mostrando como o periódico cumpria seu objetivo maior de punir e coibir, através do riso, todo e qualquer comportamento social que julgasse ofensivo à moral; o que fazia não só através dos textos com mensagens caricaturais e moralizantes, mas principalmente através dos desenhos mordazes.

Quanto ao modelo ideário houve a influência do Romantismo, embora esse já estivesse em declínio, porém muito mais presente se fizeram as escolas realista/naturalista. Nessa perspectiva permeiam os textos um tom pessimista e racional que não permitia que os autores idealizassem o mundo e nem o passado. O presente vivido era muito mais concreto e verossímil, a maioria assumia uma posição amargurada e niilista.

Ainda que o *Maruí* não apresente inovações significativas para a concepção estético-literária brasileira, não se pode negar que os textos contribuíam como um importante veículo de divulgação e expressão de opiniões, pois apresentavam os sentimentos, angústias e modos de perceber e influir a realidade

em que viviam e faziam isso criticando, atacando e denunciando o que, na sua concepção, era imoral ou ofensivo aos bons costumes.

Assim sendo os textos literários produzidos e publicados no periódico adquirem uma importância não somente como fonte histórica, mas também como de pesquisa por permitir o resgate de marcas que contribuíram para a formação da sociedade rio-grandina. Resgate esse que, apesar de limitado ao assunto principal dessa dissertação, intentou colaborar para a preservação de uma parte da história que poderá ser útil a outros pesquisadores, seja pelos textos coletados, seja pelo índice.

O resgate dos textos coletados nas 121 possíveis publicações do *Maruí* permitiu uma leitura da sociedade daquele final de século que intenciona ter colaborado para romper com a distância que separa o tempo e os pesquisadores. Além disso permitiu o reconhecer e o consolidar da cultura sulina. Os textos caricatos expressam de maneira bastante peculiar o modos de viver e ver a sociedade e mostram, mais uma vez, que a impossibilidade de se elaborar um cânone não é, de forma alguma, motivo para a não observância dessas fontes primárias.

A vida política, social e cultural da sociedade de então ganharam uma projeção contundente. Através de uma linguagem simples e de traços marcantes na caricatura, o periódico expôs e criticou, sempre cumprindo o papel de guardião da moral e dos bons costumes, segundo aquilo que considerava certo.

Se por um lado as mensagens pudessem servir de entretenimento, por outro, sem dúvida, manifestava uma postura crítica. Através do humor e da criticidade a hipocrisia, a imoralidade e a má atuação política, por exemplo,

ganharam espaço na deflagração. Uma vez que diferentes momentos e fatos históricos estiveram no jornal refletidos, e, dessa forma, muitos leitores puderam ver, discutir, analisar, refletir e reconhecer o seu próprio contexto social, foi possível verificar a influência na orientação, formação e manipulação da opinião pública.

Através da exploração da temática contida no *Maruí* foi possível, como fora mostrado nas análises, perceber a forma como o jornal se identificava e comunicava com os leitores e como formava e debatia opiniões, costumes e ideologias. Ainda que a análise tenha se debruçado sobre a prosa e a poesia, não detendo-se na iconografia, a observância das diferentes fases pelas quais o periódico passou mostrou que humor, ironia e crítica serviram como ferramentas moralizantes na tentativa de extirpar os “vícios sociais”. O caráter investigativo das diferentes características que definem o *Maruí* constituiu-se em um objeto de estudo fundamental para melhor compreender a sociedade rio-grandina do século XIX.

Percebe-se que, apesar de muitos serem os estudos no campo literatura e imprensa do século XIX, se faz urgente e necessária a atuação de outros estudiosos engajados na difícil tarefa de resgatar a grande quantidade de material dessa natureza que ainda permanecem ocultas ao público em geral. Levando em consideração o precário estado de muitas dessas publicações, torna-se imprescindível a atuação de pessoal interessado em aderir a essa árdua tarefa, mas com a convicção de que é possível descobrir preciosidades históricas e literárias ocultas nessas fontes.

Uma vez que a literatura muitas vezes tenha a intenção de provocar, incitar à empatia, à identificação, ou seja, criar uma aproximação entre leitor e o passado, para que uma construção de memória por meio desse seja possível, se faz

isso preservando-o, transformando-o, para então organizar o presente e se projetar um futuro. Pensar em como a sociedade brasileira, por exemplo, encontrava na imprensa e no humor um espaço de discussão sobre sua própria realidade, pode ser um dos primeiros passos para transcender os limites que ainda separam literatura e história.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E OBRAS CONSULTADAS

ALVES, Francisco das Neves. **Uma introdução à História da imprensa rio-grandina: o estudo de alguns “fragmentos” do século XIX**. Rio Grande: Universidade do Rio Grande, 1995a.

\_\_\_\_\_. **A cidade do Rio Grande: estudos históricos**. Rio Grande: Universidade do Rio Grande. Secretaria Municipal da Educação e Cultura, 1995b.

\_\_\_\_\_. **Imprensa Caricata rio-grandina e crítica política ao final do império**. Revista Biblos. V. 8. Rio Grande: Ed. da FURG, 1996.

\_\_\_\_\_. **A pequena imprensa rio-grandina no século XIX**. Rio Grande: Editora da Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 1999.

\_\_\_\_\_. **Cercear e punir: O controle do discurso jornalístico nos primeiros tempos republicanos e as repercussões junto à imprensa caricata rio-grandina**. Revista Biblos. V. 12. Rio Grande: Ed. da FURG, 2000a.

\_\_\_\_\_. **Imprensa Gaúcha: história, historiografia e política**. Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2000b.

ALVES, Francisco das Neves. BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. (orgs.). **História e Literatura no Rio Grande do Sul**. Rio Grande: FURG, 2001a.

ALVES, Francisco das Neves. *Usos e abusos da poesia no contexto da imprensa rio-grandina: uma introdução ao tema*. In: ALVES, Francisco das Neves. BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. (orgs.). **História e Literatura no Rio Grande do Sul**. Rio Grande: FURG, 2001a.

ALVES, Francisco das Neves. *A imprensa rio-grandina segundo Abeillard Barreto*. In: ALVES, Francisco das Neves. (et al.) **A imprensa na cidade do Rio Grande: ensaios históricos**. Rio Grande: Núcleo de Estudos em História da Cidade do Rio Grande, 2001b. p. 35 – 39.

\_\_\_\_\_. *A imprensa rio-grandina nas três últimas décadas do século XIX: o espaço do discurso político-partidário*. In: ALVES, Francisco das Neves. (et al.) **A imprensa na cidade do Rio Grande: ensaios históricos**. Rio Grande: Núcleo de Estudos em História da Cidade do Rio Grande, 2001b. p. 41 – 52.

\_\_\_\_\_. *A cidade do Rio Grande e o seu jornalismo: brevíssimo bosquejo histórico acerca do século XIX*. In: ALVES, Francisco das Neves. (org.). **Imprensa e história no Rio Grande do Sul**. Rio Grande: FURG, 2001c. p. 9 – 17.

\_\_\_\_\_. *Carlos Reverbel e as tendências do jornalismo gaúcho*. In: ALVES, Francisco das Neves. BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. (orgs.). **Imprensa, literatura e história no Rio Grande do Sul: escritores gaúchos**. Rio Grande: FURG, 2005a.

\_\_\_\_\_. **A imprensa na cidade do Rio Grande: um catálogo histórico**. Rio Grande: FURG, 2005b.

ÁVILA, Leila Cruz. **Imprensa e literatura no Rio Grande: o periódico *Inúbia* (1868)**. Rio Grande: FURG, 2004. Dissertação de Mestrado. Fundação Universidade Federal do Rio Grande 2004.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1999.

BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. **Literatura e crítica na imprensa do Rio Grande do Sul (1868-1880)**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1982.

BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. TORRES, Fiorina Matilde Macedo. **Província de São Pedro: índice de assuntos e colaboradores**. Caderno de pesquisas literárias PUCRS. V.2. n. 1. Porto Alegre: maio de 1996.

BERGSON, Henri. **Laughter: a Essay on the Meaning of Comic**. Disponível em: <[www.questia.com](http://www.questia.com)> Acesso em: 20 de janeiro de 2007.

BOZI, Alba Livia Tallon. **Charges: o riso como contestação na imprensa**. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense. Artigo apresentado ao GT 04 – História da Mídia Impressa, no IV Encontro Nacional de História da Mídia, realizado em São Luís/MA, de 30 de maio a 2 de junho de 2006.

BRANCO, Fernanda de Avila. **A presença e o papel da literatura no jornal caricato *O Diabrete* (1875 – 1881)** Rio Grande: FURG, 2005. Dissertação de Mestrado. Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2005.

BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Ed. da UNESP, 1992.

CHEVALIER, Jean. GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

CIRLOT, Juan-Eduardo. **Dicionário de símbolos**. São Paulo: Moraes, 1984.

COSSON, Rildo. et al. **Literatura, jornal e cultura: autores pelotenses – 1851 – 1889**. Pelotas: Projeto de pesquisa desenvolvido na Universidade Federal de Pelotas. 2001 – 2003.

\_\_\_\_\_. **O horizonte de leitura dos escritores pelotenses no Império**. Pelotas: Ensaio. 2001.

COSTA FILHO, Francisco das Chagas Frazão. **As charges na imprensa maranhense do século XIX**. In: ENCONTRO NACIONAL DA REDE ALFREDO DE CARVALHO, I, [S.d.] Faculdade São Luís.

CUNHA, Jaqueline Rosa da. **Jornal e Literatura: uma amostra da expressão literária sul-rio-grandense veiculada ao *Arauto das Letras* (1882 – 1883)**. Rio Grande: FURG, 2003. Dissertação de Mestrado. Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2003.

DECCA, Edgar. LEMAIRE, Ria (orgs). **Pelas margens: outros caminhos da História e da Literatura**. Campinas, Porto Alegre: UNICAMP, Ed. da Universidade, 2000.

DIMAS, Antonio. **Tempos eufóricos** (Análise da revista Kosmos: 1904 – 1909). São Paulo: Ática, 1983.

FERREIRA, Athos Damasceno. **Imprensa Caricata no Rio Grande do Sul no século XIX**. Porto Alegre: Globo, 1962.

HOUAISS, Antônio. **Elementos de bibliografia**. Rio de Janeiro: INL, 1967.

HUNT, Lynn. *História, Cultura e texto*. IN: HUNT, L. (org) **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, Livro História Cultural, 1995.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. Disponível em: <[www.dominiopublico.gov.br](http://www.dominiopublico.gov.br)> Acesso em: 20 de janeiro de 2007.

KOSCHIER, Jaqueline. SCHWANTES, Cintia. **A disputa pelo leitor: um jornal rio-grandino em Pelotas**. In: ENCONTRO DE PESQUISADORES EM PERIÓDICOS, II, Pelotas, 2001.

KRAMER, Lloyd. *Literatura, crítica e imaginação histórica: o desafio de Hayden White e Dominick LaCapara*. In: HUNT, Lynn. (org) **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

KRICHTAFOVITCH, Igor. **Humor Theory**. Disponível em: <[www.humorthory.com](http://www.humorthory.com)> Acesso em: 7 de fevereiro de 2007.

LIMA, Herman. **História da caricatura no Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.

LIMA, Hilton Roberto da Costa. *Fragmentos sobre a imprensa rio-grandense no século XIX: O Guaíba, a Arcádia, e o Partenon Literário*. In: ALVES, Francisco das Neves. BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. (orgs.). **História e Literatura no Rio Grande do Sul**. Rio Grande: FURG, 2001.

MACHADO, Anna Rachel. (coord. et al.) **Planejar gêneros acadêmicos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

MARUÍ. *Periódico ilustrado, satírico e recreativo*. Rio Grande: 1880 – 1882.

MATA, Rosa Gonçalves da. *A importância do Partenon Literário para a Literatura e a História do Rio Grande do Sul*. In: ALVES, Francisco das Neves. BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. (orgs.). **História e Literatura no Rio Grande do Sul**. Rio Grande: FURG, 2001.

MEYER, Marlise. **Folhetim: uma história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MINOIS, Georges. **História do riso e do escárnio**. Trad. Maria Elena Assumpção. São Paulo: UNESP, 2003.

PEREIRA, Nalde Jaqueline Corrêa. *O Partenon Literário e seu papel na Literatura e História sul-rio-grandenses*. In: ALVES, Francisco das Neves. BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. (orgs.). **História e Literatura no Rio Grande do Sul**. Rio Grande: FURG, 2001.

PÓVOAS, Mauro Nicola. **Murmúrios do Guaíba: índices e antologia**. Cadernos do Centro de Pesquisa Literárias da PUCRS. v.7. n.1. Porto Alegre, maio de 2001.

PROPP, Vladimir. **Comicidade e Riso**. Tradução de Aurora Bernardini e Homero de Andrade. São Paulo: Ática, 1992.

RICOEUR, Paul. **Time and Narrative**, Volumes 1-3, trans. Kathleen Blamey and David Pellauer. Chicago and London: University of Chicago Press, 1984 -1988.

\_\_\_\_\_. **From Text to Action**. trans. Kathleen Blamey and John Thompson. Evanston, Ill: Northwestern University Press, 1991a.

\_\_\_\_\_. *Narrated time*. In M. J. Valdes (Editor), **A Ricoeur reader: reflection and imagination**. University of Toronto. 1991b.

\_\_\_\_\_. **Tempo e Narrativa**. Tomo I. Tradução de Constança Marcondes Cesar. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

\_\_\_\_\_. **Tempo e Narrativa**. Tomo II. Tradução de Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

\_\_\_\_\_. **The Hermeneutics of Action**. Ed. Richard Kearney. London: Sage Publications, 1996.

\_\_\_\_\_. **Tempo e Narrativa**. Tomo III. Tradução de Roberto Leal Ferreira. Campinas, SP: Papirus, 1997

RÜDIGER, Francisco. **Tendências do Jornalismo**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003.

SILVA FILHO, Clêncio Braz da. *Imprensa caricata no século XIX: as visões sobre a República*. In: ALVES, Francisco das Neves. (et al.) **A imprensa na cidade do Rio Grande: ensaios históricos**. Rio Grande: Núcleo de Estudos em História da Cidade do Rio Grande, 2001b. p. 77 – 91.

\_\_\_\_\_. *Revisitando a imprensa rio-grandina*. In: ALVES, Francisco das Neves. (et al.) **A imprensa na cidade do Rio Grande: ensaios históricos**. Rio Grande: Núcleo de Estudos em História da Cidade do Rio Grande, 2001b. p. 99 – 111.

SOUZA, Antonio Candido Mello e. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. São Paulo: TAQ, 2000.

SPINA, Segismundo. **Introdução à edótica: crítica textual**. São Paulo: Ars Poetica, 1994

THOMPSON John B. **Hermeneutics and the Human Sciences**. Trans. John B Thompson. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

VAZ, Artur Emílio Alarcon. **Resgate da produção literária do jornal Eco do Sul (Rio Grande)**. Rio Grande: Projeto de pesquisa desenvolvido no Departamento de Letras e Artes da Fundação Universidade Federal do Rio Grande. 2002.

\_\_\_\_\_. **A lírica de imigrantes portugueses no Brasil meridional (1832 – 1922)**. Belo Horizonte: UFMG, 2007. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais, 2007.

VELLOZO, Sérgio Luiz da Rocha. **Teoria geral da comunicação coletiva**. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1969.

WHITE, Hayden. **Meta-história: A imaginação histórica do século XIX**. Tradução de José Laurênio de Melo. São Paulo: EDUSP, 1995.

ZILBERMAN, Regina. **Literatura Gaúcha: Temas e figuras da ficção e da poesia do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: L&PM, 1985.

\_\_\_\_\_. *O positivismo e a História na Literatura Brasileira*. In: MOREIRA, Maria Eunice. (org) **História da literatura: teorias, temas e autores**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003.

\_\_\_\_\_. **Literatura de rodapé (ou) o jornal como suporte literário.** In idéias, Jornal do Brasil, 8 de novembro de 2003. Disponível em: <[www.jb.com.br](http://www.jb.com.br)> Acesso em: 25 de agosto de 2007.

## ANEXOS

### a) Índice geral classificado de assuntos

**MARUÍ. Rio Grande, Ano I, n.º 1, 4 de janeiro de 1880.**

#### 1.1.1. POESIA

1.1.1.1. MARUÍ. **Programa**. Programa do jornal apresentado em 18 quadras. (p. 2)

1.1.1.2. RABAGAS. **Decepção**. Poema em 3 quadras que satiriza a poesia romântica por desmistificar a beleza feminina. Faz isso ao ironizar a aparência enganadora da mulher amada. (p. 6)

#### 1.1.2. PROSA

1.1.2.1. DR. PICKNICK JR. **Turíbio**. Conto que fala sobre Turíbio Serapião da Silva e brinca com a idéia de como surge um comerciante. Tem continuação na edição seguinte. (p. 2)

#### 1.1.3. CRÍTICA

1.1.3.1. DR. BRISTOL. **Crônica**. Crônica em que o Dr. Bristol explica o fato de se tornar um “folhetinista”. Ele começa sua tarefa de cronista comentando sobre os recentes bailes, espetáculos, leilões e passeios. Fala sobre a peça teatral *Culto ao Progresso*. (p. 6)

#### 1.1.4. NOTAS GERAIS

1.1.4.1. GONZALES, Henrique. Sem título. Nota alertando os leitores de como proceder para ter o direito à assinatura do jornal. (p. 7)

### 1.1.5. CARICATURA

1.1.5.1. LORD K. Sem título. Desenho que alude ao ano de 1880 saudando a chegada do *Maruí*. (p. 1)

1.1.5.2. LORD K. Sem título. Vários desenhos que correspondem ao surgimento do *Maruí*. (p. 4)

1.1.5.3. LORD K. Sem título. Desenho que saúda o surgimento do *Maruí*. (p. 8)

### 1.1.8. OUTROS

1.1.8.1. TABOCA JR. **Perguntas e respostas**. Texto rimado e humorístico sobre o destino de várias personalidades. (p. 6)

## MARUÍ. Rio Grande, Ano I, n.º2, 11 de janeiro de 1880.

### 1.2.1. POESIA

1.2.1.1. CASTRO, Lucio de. **Remember...A. C.\*\***. Poema romântico em 10 quadras. Expressa a saudade de um amor inatingido. (p. 3)

1.2.1.2. PUFF. **Casamento feliz**. Poema em 4 quadras que satiriza com a insatisfação no matrimônio. (p. 6)

### 1.2.2. PROSA

1.2.2.1. DR. PICKNICK JR. **O Sr. Turíbio**. Conclusão do conto publicado na edição anterior. (p. 2)

### 1.2.3. CRÍTICA

1.2.3.1. DR. BRISTOL. **Crônica**. Reclama da monotonia da noite e em seguida conta os fatos ocorridos durante a semana: um leilão de um par de patins de D. Alexandria, os preparativos para as festas de carnaval e um baile oferecido pelos “rapazes da biblioteca”. (p. 6)

1.2.3.2. DR. KAMPP. **As bisnagas**. Crônica que critica o uso indiscriminado de bisnagas. Pela leitura percebe-se que “dar bisnagadas” também era uma metáfora

de flertes. O autor afirma que se as bisnagas existissem no tempo de Adão e Eva, esta o teria tentado com uma. (p. 6)

1.2.3.3. DR. PICKNICK JR. **Crítica ao Rink**. Crônica assinada pelo Dr. Picknick, fala sobre a “morte do Rink”. Num tom irônico e bem-humorado diz que sua presença era mais necessária do que a queda do atual ministério e a imigração chinesa. (p. 6)

1.2.3.4. SIMIRIQUEFESTE. **Emigração chinesa**. Artigo de cunho político sobre possível emigração de chineses para o Brasil, cuja resposta negativa do ministro chinês, deixou o Imperador brasileiro desolado. (p. 7)

### 1.2.5. CARICATURA

1.2.5.1. LORD K. Sem título. Desenho em agradecimento pela aceitação pública do periódico. (p. 1)

1.2.5.2. LORD K. Sem título. Vários desenhos que satirizam a economia da cidade, os políticos, a cobrança de impostos e o uso de bisnagas. (p. 4)

1.2.5.3. LORD K. Sem título. Caricatura que critica a imigração chinesa.

## MARUÍ. Rio Grande, Ano I, n.º 3, 18 de janeiro de 1880.

### 1.3.1. PROSA

1.3.2.1. DR. RABAGAS. **Carta do outro mundo**. Carta de um morto falando sobre a vida na Terra, em comparação com a sua no céu, pelo seu ponto de vista. (p. 2)

### 1.3.3. CRÍTICA

1.3.3.1. DR. BRISTOL. **Crônica**. Queixando-se da dura vida de ser cronista. (p. 6)

1.3.3.2. Sem autor. **Araújo Porto Alegre**. Segue um artigo falando sobre a morte do poeta Araújo Porto Alegre e sua importância para a literatura. Há uma pequena biografia extraída do “Eco Americano de 1871”. (p. 2)

1.3.3.3. SIMIRIQUEFESTE. **Os caixeiros**. O autor coloca-se à disposição dos caixeiros (que reivindicavam um dia de folga por semana) desde que não tivesse que lutar fisicamente com alguém. (p. 3)

### 1.3.4. NOTAS GERAIS

1.3.4.1. MARUÍ. Sem título. Nota de agradecimento ao público rio-grandino e pelotense pela receptividade do jornal. (p. 7)

### 1.3.5. CARICATURA

1.3.5.1. LORD K. Sem título. Diversas caricaturas em crítica à política, economia e imprensa geral. (p. 4)

1.3.5.2. LORD K. Sem título. Satirizando o uso de bisnagas durante o carnaval. (p. 8)

### 1.3.8. OUTROS

1.3.8.1. LORD K. **Homenagem a Araújo Porto Alegre**. Retrato do poeta. (p. 1)

1.3.8.2. Sem autor. Sem título. Várias notas humorísticas criticando a atuação de personalidades. (p. 6)

1.3.8.3. Sem autor. Sem título. Artigo que faz referência ao jornal rio-grandino *O Diabrete*, que teria publicado algo pejorativo referente ao *Maruí*. (p. 2)

## MARUÍ. Rio Grande, Ano I, n.º 4, 25 de janeiro de 1880.

### 1.4.2. PROSA

1.4.2.1. DR. RABAGAS. **Carta do outro mundo**. Carta de um morto falando sobre a vida na Terra, em comparação com a sua no céu, pelo seu ponto de vista. (p. 3)

### 1.4.3. CRÍTICA

1.4.3.1. DR. BRISTOL. **Crônica**. Crítica política em que questiona a Constituição Nacional. (p. 2)

1.4.3.2. PUFF. **Meeting**. Crônica em defesa da greve dos caixeiros. (p. 2)

### 1.4.5. CARICATURA

1.4.5.1. LORD K. Sem título. Humoriza a relação entre o *Maruí* e o *Cabrion*. (p. 1)

1.4.5.2. LORD K. Sem título. Satirizando a imprensa e o Império. (p. 4)

1.4.5.3. LORD K. Sem título. Ridiculariza *O Diabrete*. (p. 8)

### 1.4.8. OUTROS

1.4.8.1. DR. LEÃO. **Recados de Pelotas**. Nota sobre a circulação do periódico na cidade de Pelotas. (p. 7)

1.4.8.2. Sem autor. **Coisas leves e pesadas**. Várias notas humorísticas criticando a sociedade em geral, configurando uma crítica de costumes. (p. 6)

1.4.8.3. Sem autor. **Diz-se**. Pequenas notícias sobre acontecimentos políticos. Entre elas está a seguinte: "...que o *Jornal de Pelotas* vai inscrever no seu frontispício, em letras , a distância de duzentos metros, o seguinte: 'Órgão legítimo dos partidos Conservador, Liberal e Republicano.' É a única maneira sem nunca se comprometer." (p. 6)

1.4.8.4. Sem autor. Sem título. Várias respostas cômicas do *Maruí* aos concorrentes. (p. 7)

## MARUÍ. Rio Grande, Ano I, n.º 5, 1 de fevereiro de 1880.

### 1.5.1. POESIA

1.5.1.1. CARVALHO JR. **Nêmesis**. Soneto romântico. (p. 3)

1.5.1.2. CASTRO, Lucio de. **Teus olhos**. Poema romântico em 6 quadras. (p. 2)

### 1.5.3. CRÍTICA

1.5.3.1. DR. BRISTOL. Sem título. Crônica falando sobre o carnaval e Biblioteca Rio-Grandense. (p. 6)

1.5.3.2. DR. LEÃO. **Crônica**. Correspondência de Pelotas. (p. 3)

1.5.3.3. Sem autor. **Coisas leves e pesadas**. Crítica de costumes como formato de anedotas. (p. 2)

1.5.3.4. Sem autor. **Diz-se**. Crítica de costumes contra várias personalidades da cidade. (p. 3)

### 1.5.5. CARICATURA

1.5.5.1. LORD K. Sem título. Criticando a imprensa. (p. 1)

1.5.5.2. LORD K. Sem título. Continua criticando a imprensa da cidade. (p. 8)

### 1.5.8. OUTROS

1.5.8.1. LORD K. Sem título. Retrato em homenagem ao Dr. Custódio Vieira de Castro, médico e filantropo de Rio Grande. (p. 1)

1.5.8.2. Sem autor. **Expediente** Respostas aos periódicos concorrentes. (p. 2)

**MARUÍ. Rio Grande, Ano I, n.º6, 8 de fevereiro de 1880<sup>52</sup>.**

### 1.6.1. POESIA

1.6.1.1. CARVALHAES, Alfredo. **Falstaff**. Poema romântico em 7 quadras. (p. 2)

1.6.1.2. MENDONÇA, Lucio de. **Visão do abismo**. Soneto romântico. (p. 3)

### 1.6.3. CRÍTICA

1.6.3.1. ANTONELLI. **Cartas do outro mundo**. Esta carta é dedicada a Simiriquefesti. Continua comparando a vida terrena com a celestial, só que desta vez ela é enviada do inferno. (p. 2)

### 1.6.3. CRÍTICA

1.6.3.1. FERRINHOS, José dos. **Epístola. Ao amigo Zebedeu**. Crítica que trata dos assuntos banais noticiados nos jornais. (p. 3)

1.6.3.2. DR. LEÃO. **Crônica**. Correspondência de Pelotas. O autor comenta sobre uma discussão na Biblioteca Pública em que o Sr. Godinho afirmava ser o Sr. César, do jornal *Diário*, o correspondente do *Maruí*. Fato negado pelo Dr. Leão, que segue sua coluna tecendo comentários sobre a nomeação do cargo de Tenente e cita vários senhores que não poderiam assumir pelos mais variados motivos. (p. 3)

1.6.3.3. PEREIRA, Zé. **Carnaval na côrte**. Crônica comentando a proibição das festas de carnaval na capital do império. (p. 7)

### 1.6.4. NOTAS GERAIS

1.6.4.1. MARUÍ. Nota em que a direção do jornal alega não dever nada a ninguém. (p. 7)

---

<sup>52</sup> Não há referência à data nessa edição, porém, com publicações sempre aos domingos, pressupõe-se a mesma.

### 1.6.5. CARICATURA

1.6.5.1. LORD K. Sem título. Diversos, inclusive de crítica à imprensa. (p. 4)

1.6.5.2. LORD K. Sem título. Alegoria ao carnaval, saudando-o. (p. 8)

### 1.6.7. ANEDOTAS

1.6.7.1. Sem autor. **Coisas que fazem rir**. Diversas piadas. (p. 7)

### 1.6.8. OUTROS

1.6.8.1. LORD K. Sem título. Retrato em homenagem a Antonio Bonono Martins Vianna, advogado. (p. 1)

## MARUÍ. Rio Grande, Ano I, n.º7, 15 de fevereiro de 1880<sup>53</sup>.

### 1.7.1. POESIA

1.7.1.1. MENDONÇA, Lucio de. **O anjo do prostíbulo**. Soneto romântico. (p. 7)

1.7.1.2. ULJIO, C. **Saudades do lar**. Poema romântico em 5 quadras. (p. 6)

### 1.7.3. CRÍTICA

1.7.3.1. DR. FERGUSSON. Sem título. Crônica sobre os bailes de carnaval no clube *Saca-Rolhas*. (p. 2)

1.7.3.2. DR. LEÃO. **Crônica**. Correspondência de Pelotas. O autor comenta sobre outros periódicos em geral. (p. 3)

1.7.3.3. Sem autor. **A mulher e a noite**. Crônica que relata a mulher como sendo uma ilusão (p. 7)

1.7.3.4. ZEBEDEU. **Epístola II**. Crônica em resposta à carta de José dos Ferrinhos. Mantém o tom irônico e critica o governo e os políticos em geral. (p. 2)

---

<sup>53</sup> Não há referência à data nessa edição, porém, com publicações sempre aos domingos, pressupõe-se a mesma.

### **1.7.5. CARICATURA**

1.7.5.1. LORD K. Sem título. Carnavalizando a imprensa. Assina como *Lord Kçado*. (p. 4)

1.7.5.2. LORD K. Sem título. Sátira ao *Cabrion*. (p. 8)

### **1.7.7. ANEDOTAS**

1.7.7.1. Sem autor. **Coisas que fazem rir**. Diversas piadas. (p. 7)

### **1.7.8. OUTROS**

1.7.8.1. LORD K. Sem título. Retrato em homenagem ao Coronel José Luiz de Mesquita. (p. 1)

## **MARUÍ. Rio Grande, Ano I, n.º 8, 22 de fevereiro de 1880.**

### **1.8.1. POESIA**

1.8.1.1. Sem autor. **Coisas de jardim da praça**. Poema em 9 quadras que fala sobre a falta de água na cidade. (p. 7)

### **1.8.3. CRÍTICA**

1.8.3.1. MARUÍ. Sem título. Crítica em resposta aos ataques d'*O Diabrete*. (p. 2)

1.8.3.2. PINDAMONHANGABENSE. **Romance. Apontamento de um mestre escolar**. Divagações comparando a vida a uma gramática. (p. 2)

### **1.8.4. NOTAS GERAIS**

1.8.4.1. Sem autor. Sem título. Diversas notas sobre inúmeros acontecimentos. (p. 3)

### **1.8.5. CARICATURA**

1.8.5.1. LORD K. Sem título. Desenhos que mostram a imprensa por trás das eleições em que cada representante tenta “vender” seu candidato. (p. 4)

1.8.5.2. LORD K. Sem título. Várias sobre diversos acontecimentos e personalidades. (p. 8)

### 1.8.8. OUTROS

1.8.8.1. LORD K. Sem título. Retrato<sup>54</sup> em homenagem ao Dr. Pio Ângelo da Silva. (p. 1)

**MARUÍ. Rio Grande, Ano I, n.º 9, 29 de fevereiro de 1880<sup>55</sup>.**

### 1.9.1. POESIA

1.9.1.1. DR. PUFF. **Perguntas e respostas.** Texto rimado em que o autor faz várias críticas sociais. (p. 6)

### 1.9.3. CRÍTICA

1.9.3.1. DR. FERGUSSON. **Borrifos.** Crônica que trata de cinco pequenos comentários sobre política e senhores da alta sociedade pelotense. (p. 6)

1.9.3.2. DR. LEÃO. **Recados de Pelotas.** Correspondência de Pelotas em que o autor critica outros periódicos em geral. (p. 2)

1.9.3.3. DR. SEMIRIQUEFESTE. **Ricochetes.** Crítica ao periódico *Cabrion*. (p. 6)

### 1.9.4. NOTAS GERAIS

1.9.4.1. Sem autor. **Repiques.** Reclamação quanto aos toques do sinos da igreja em Rio Grande. (p. 7)

### 1.9.5. CARICATURA

1.9.5.1. LORD K. Sem título. Contra injustiças e desemprego. (p. 4)

1.9.5.2. LORD K. **Experiência.** Questionando atividades financeiras dos padres. (p. 8)

### 1.9.8. OUTROS

1.9.8.1. LORD K. Sem título. Retrato em homenagem ao Dr. Miguel Rodrigues Barcellos, médico. (p. 1)

---

<sup>54</sup> Esse termo é utilizado em todo esse trabalho, sempre que se fizer necessário, na ausência de um outro mais apropriado. Sempre se referindo aos rostos que eram pintados e publicados no jornal.

<sup>55</sup> Não há referência à data nessa edição, porém, com publicações sempre aos domingos, pressupõe-se a mesma.

1.9.8.1. Sem autor. **Expediente**. Resposta à cidade de Pelotas sobre críticas ao Rio Grande. (p. 2)

**MARUÍ. Rio Grande, Ano I, n.º 10, 7 de março de 1880<sup>56</sup>.**

### **1.10.1. POESIA**

1.10.1.1. O.X.M. **Uma trova no passeio municipal da câmara**. Poema romântico. (p. 7)

1.10.1.2. Sem autor. **O vagabundo**. Soneto que critica ironicamente quem por opção não trabalha. (p. 6)

### **1.10.3. CRÍTICA**

1.10.3.1. DR. FERGUSSON. **Borrifos**. Crônica que fala sobre os imigrantes europeus, defendendo-os e preferindo-os aos imigrantes chineses. Ao falar sobre a vadiagem de meninos e adultos ele cita o poema **O vagabundo**. Sem autor. (p. 6)

1.10.3.2. DR. LEÃO. **Recados de Pelotas**. Correspondência de Pelotas em que o autor critica outros periódicos em geral. (p. 2)

### **1.10.4. NOTAS GERAIS**

1.10.4.1. Sem autor. Sem título. Homenagem a Gaspar Silveira Martins. (p. 2)

1.10.4.2. Sem autor. Sem título. Várias sobre diversos assuntos. (p. 2)

1.10.4.3. Sem autor. Sem título. Nota criticando a Igreja. (p. 3)

### **1.10.5. CARICATURA**

1.10.5.1. LORD K. Sem título. Critica a imprensa, o comércio e a imigração chinesa. (p. 4)

1.10.5.2. LORD K. Sem título. Critica à imigração chinesa preferindo a alemã. (p. 8)

### **1.10.8. OUTROS**

1.10.8.1. LORD K. Sem título. Retrato em homenagem a Gaspar Silveira Martins. (p. 1)

---

<sup>56</sup> Não há referência à data nessa edição, porém, com publicações sempre aos domingos, pressupõe-se a mesma.

**MARUÍ. Rio Grande, Ano I, n.º 11, 14 de março de 1880.**

### **1.11.1. POESIA**

1.11.1.1. COSTA, Lobo da. **Descuido**. Poema em 4 quadras. (p. 7)

1.11.1.2. Sem autor. **Súplicas amorosas**. Poema romântico não dividido em estrofes. (p. 3)

1.11.1.3. ULJIO, C. **Sou triste**. Poema romântico em 4 quadras. (p. 6)

1.11.1.4. ULJIO, C. **Um adeus**. Poema romântico em 6 quadras. (p. 6)

### **1.11.2. PROSA**

1.11.2.1. Sem autor. **Tudo por falta de combinação**. Conta a história de dois diabos, Surival e Astarot, que através de uma luneta mágica podiam observar os desencontros da vida em qualquer lugar da Terra. Continua na edição posterior.

### **1.11.3. CRÍTICA**

1.11.3.1. DR. FERGUSSON. **Borrifos**. Crônica em que o autor fala da queda do ministério e lista uma série de nomes que poderiam compor o novo. (p. 3)

### **1.11.4. NOTAS GERAIS**

1.11.4.1. Sem autor. Sem título. Homenagem ao Coronel João Simões Lopes, o Visconde da Graça. (p. 2)

### **1.11.5. CARICATURA**

1.11.5.1. LORD K. Sem título. Satiriza a queda do ministério. (p. 4)

1.11.5.2. LORD K. Sem título. Sobre eleição dos senadores. (p. 8)

### **1.11.8. OUTROS**

1.11.8.1. LORD K. Sem título. Retrato do Coronel João Simões Lopes, o Visconde da Graça. (p. 1)

1.11.8.2. Sem autor. **Expediente**. Respostas acerca de assuntos variados. (p. 2)

**MARUÍ. Rio Grande, Ano I, n.º 12, 21 de março de 1880.**

### **1.12.2. PROSA**

1.12.2.1. Sem autor. **Tudo por falta de combinação.** Conclusão do conto que teve início na edição anterior. (p. 6)

### **1.12.3. CRÍTICA**

1.12.3.1. DR. LEÃO. **Recados de Pelotas.** Assuntos variados. (p. 6)

1.12.3.2. JOSÉ NINGUÉM. Sem título. Várias críticas. (p. 3)

### **1.12.5. CARICATURA**

1.12.5.1. LORD K. Sem título. Sobre a avareza. (p. 4)

1.12.5.2. LORD K. Sem título. Um tipo de história em quadrinhos que trata da avareza. (p. 8)

### **1.12.8. OUTROS**

1.12.8.1. LORD K. Sem título. Retrato do Dr. João Landell. (p. 1)

1.12.8.2. Sem autor. **Expediente.** Respostas acerca de assuntos variados. (p. 2)

1.12.8.3. MARUÍ. **Correspondências.** Vários telegramas fantasiosos sobre a organização do Ministério e uma guerra contra a Argentina. (p. 6)

**MARUÍ. Rio Grande, Ano I, n.º 13, 28 de março de 1880.**

### **1.13.1. POESIA**

1.13.1.1. OTAVIANO, F. **Esfinge.** Poema de autoria de Alexandre Dumas traduzido por F. Otaviano. (p. 6)

1.13.1.2. ULJIO, C. **Saudades.** Poema romântico em 6 quadras. (p. 3)

1.13.1.3. ULJIO, C. **Quimera.** Poema romântico em 6 quadras. (p. 7)

### **1.13.2. PROSA**

1.13.2.1. Sem autor. **Diálogo entre um barqueiro e dois passageiros.** Conto em que três pessoas discutem sobre a política nacional. (p. 2)

### 1.13.3. CRÍTICA

1.13.3.1. DR. FERGUSSON. **A pedido**. Crítica a um bordel em que o autor promete divulgar os nomes dos freqüentadores caso as autoridades não tomem nenhuma providência quanto ao fechamento da casa. (p. 6)

1.13.3.2. Sem autor. **Pagaram-se com usura**. Crônica contra padres da cidade. (p. 6)

### 1.13.5. CARICATURA

1.13.5.1. LORD K. Sem título. Alusão à semana santa. (p. 4)

1.13.5.2. LORD K. Sem título. Crítica política. (p. 8)

### 1.13.8. OUTROS

1.13.8.1. LORD K. Sem título. Retrato do Cônsul e negociante alemão no Rio Grande Luiz Fraeb. (p. 1)

**MARUÍ. Rio Grande, Ano I, n.º 14, 4 de abril de 1880.**

### 1.14.2. PROSA

1.14.2.1. ANTONIO DA PROBIDADE. **Cartas para o outro mundo**. Segue o modelo das anteriores, fala sobre o comportamento dos homens durante as missas e festas religiosas. (p. 2)

### 1.14.3. CRÍTICA

1.14.3.1. DR. LEÃO. **Recados de Pelotas**. Várias notícias sobre outros jornais e também trata de relações políticas. (p. 6)

1.14.3.2. Sem autor. **Que ratona!**. Crítica política falando sobre a reforma eleitoral. (p. 3)

### 1.14.4. NOTAS GERAIS

1.14.4.1. Sem autor. **A este chegamos nós**. Nota de agradecimento ao público leitor pela boa receptividade do periódico no primeiro trimestre do ano. (p. 6)

### 1.14.5. CARICATURA

1.14.5.1. LORD K. Sem título. Alude aos 4 meses de existência do periódico. (p. 1)

1.14.5.2. LORD K. Sem título. Crítica política e à igreja. (p. 4)

1.14.5.3. LORD K. Sem título. Crítica política ao Império e à educação. (p. 8)

### 1.14.8. OUTROS

1.14.8.1. LORD K. Sem título. Retrato do Cônsul e negociante alemão no Rio Grande Luiz Fraeb. (p. 1)

## MARUÍ. Rio Grande, Ano I, n.º 15, 11 de abril de 1880.

### 1.15.2. PROSA

1.15.2.1. ANTONIO DA PROBIDADE. **Cartas para o outro mundo**. Segue o modelo das anteriores, fala sobre a sociedade e suas mazelas. (p. 2)

1.15.2.2. Sem autor. **Palestra de um inglês e um congo**. Conto que versa sobre as diferenças culturais. (p. 6)

### 1.15.3. CRÍTICA

1.15.3.1. ZÉ NINGUÉM. **Vão só ouvindo**. Vários comentários criticando a sociedade e os donos de jornal. (p. 3)

### 1.15.4. NOTAS GERAIS

1.15.4.1. BASÍLIO. **Noticiário**. Várias notas políticas. (p. 7)

1.15.4.2. Sem autor. Sem título. Resposta às críticas do *Cabron* feitas ao *Maruí*.

### 1.15.5. CARICATURA

1.15.5.1. LORD K. Sem título. Crítica política, à igreja e à imprensa. (p. 4)

1.15.5.2. LORD K. Sem título. Contra a repressão à imprensa. (p. 8)

### 1.15.7. ANEDOTA

1.15.7.1. ROLANDO JR. **No Times**. (p. 7)

1.15.7.2. Sem autor. **No júri.** (p. 7)

### **1.15.8. OUTROS**

1.15.8.1. LORD K. Sem título. Retrato do comerciante uruguaio em visita à cidade, Joaquim da Costa Ferreira. (p. 1)

## **MARUÍ. Rio Grande, Ano I, n.º 16, 18 de abril de 1880.**

### **1.16.2. PROSA**

1.16.2.1. ANTONIO DA PROBIDADE. **Cartas para o outro mundo.** Segue o modelo das anteriores. (p. 2)

1.16.2.2. Sem autor. **Palestra de um inglês e um congo.** Continuação do conto que versa sobre as diferenças culturais. (p. 3)

### **1.16.3. CRÍTICA**

1.16.3.1. DR. LEÃO. **Recados de Pelotas.** Várias notas políticas. (p. 7)

1.16.3.2. MATHIAS. **O carnaval na quaresma.** Crônica religiosa. (p. 3)

### **1.16.5. CARICATURA**

1.16.5.1. LORD K. Sem título. Retrata a Província fugindo da nova aurora presidencial. (p. 1)

1.16.5.2. LORD K. Sem título. Em defesa da liberdade de imprensa. (p. 4)

1.16.5.3. LORD K. Sem título. Em defesa da liberdade de imprensa. (p. 8)

### **1.16.7. ANEDOTA**

1.16.7.1. Sem autor. **Na carteira do Maruí.** Várias piadas que fazem crítica de costumes. (p. 6)

### **1.16.8. OUTROS**

1.16.8.1. Sem autor. Sem título. Expressão de pêsames pela morte de Manoel Procópio Pereira. (p. 2)

1.16.8.2. Sem autor. **Expediente**. Respostas variadas. (p. 2)

**MARUÍ. Rio Grande, Ano I, n.º 17, 25 de abril de 1880.**

### **1.17.2. PROSA**

1.17.2.1. ANTONIO DA PROBIDADE. **Cartas para o outro mundo**. Segue o modelo das anteriores, fala sobre a magia circense. (p. 2)

### **1.17.3. CRÍTICA**

1.17.3.1. ELFRIDES. **Uma noite florida**. Crônica sobre as festas no clube *Saca-Rolhas*. (p. 6)

1.17.3.2. ROLANDO JR. **Pois não acertou**. Crônica que fala sobre o *Cabrion*, critica duramente o desenhista da folha. (p. 3)

1.17.3.3. TINOCO. **Não amole**. Crônica em que o autor faz críticas a diversos assuntos. (p. 3)

### **1.17.4. NOTAS GERAIS**

1.17.4.1. Sem autor. Sem título. Homenagem ao Coronel Visconde de Pelotas. (p. 2)

### **1.17.5. CARICATURA**

1.17.5.1. LORD K. Sem título. Crítica política e à imprensa. (p. 4)

1.17.5.2. LORD K. Sem título. Crítica política e homenagem ao clube *Saca-Rolhas*. (p. 4)

### **1.17.7. ANEDOTA**

1.17.7.1. Sem autor. **Na carteira do Maruí**. Várias piadas que fazem crítica de costumes. (p. 6)

### **1.17.8. OUTROS**

1.17.8.1. LORD K. Sem título. Retrato do Coronel Visconde de Pelotas. (p. 1)

1.17.8.2. Sem autor. **Expediente**. Respostas variadas. (p. 2)

**MARUÍ. Rio Grande, Ano I, n.º 18, 2 de maio de 1880.**

### **1.18.2. PROSA**

1.18.2.1. ANTONIO DA PROBIDADE. **Cartas para o outro mundo**. Segue o modelo das anteriores, fala sobre festas. (p. 2)

### **1.18.3. CRÍTICA**

1.18.3.1. ROLANDO JR. **Aquele *Cabrion***. Crítica ao caricato *Cabrion*. (p. 3)

1.18.3.2. ROLANDO JR. **Sentença contra a *Tribuna Liberal de São Paulo***. Crônica política. (p. 6)

1.18.3.3. TINOCO. **O mundo vai em aumento**. Sátira aos jornais *Eco* e *Cabrion*. (p. 3)

### **1.18.4. NOTAS GERAIS**

1.18.4.1. ANUNCIAÇÃO. **Safa! Que colarinhos!** Crítica política. (p. 3)

### **1.18.5. CARICATURA**

1.18.5.1. LORD K. Sem título. Contra as obras na alfândega. (p. 1)

1.18.5.2. LORD K. Sem título. Contra a dominação européia. (p. 4)

1.18.5.3. LORD K. Sem título. Crítica contra o senado. (p. 8)

### **1.18.7. ANEDOTA**

1.18.7.1. Sem autor. **Na carteira do *Maruí***. Várias piadas que fazem crítica de costumes. (p. 6)

**MARUÍ. Rio Grande, Ano I, n.º 19, 9 de maio de 1880.**

### **1.19.2. PROSA**

1.19.2.1. ANTONIO DA PROBIDADE. **Cartas para o outro mundo**. Segue o modelo das anteriores, fala sobre a liberdade. (p. 2)

### 1.19.3. CRÍTICA

1.19.3.2. ROLANDO JR. **Aquele *Cabrion***. Crítica ao caricato *Cabrion*. (p. 3)

1.19.3.3. ZÉ NINGUÉM. **Por desenfado**. Crônica Política. (p. 6)

### 1.19.5. CARICATURA

1.19.5.1. LORD K. Sem título. Crítica política. (p. 1)

1.19.5.2. LORD K. Sem título. Exigindo eleições diretas e a favor da reforma eleitoral. (p. 4)

1.19.5.3. LORD K. Sem título. Crítica contra o senado. (p. 8)

### 1.19.6. ANÚNCIO

1.19.6.1. ROLANDO JR. Sem título. Vários anúncios que o autor satiriza anúncios que foram publicados em jornais locais, mas devido a problemas de sintaxe ficaram ambíguos. (p. 7)

### 1.19.7. ANEDOTA

1.19.7.1. TEU PAI. **Fulano**. Várias piadas. (p. 6)

1.19.7.2. TIC. **Na rua**. Várias piadas que fazem crítica de costumes. (p. 6)

1.19.7.3. Sem autor. **Charada**. Charadas com promessa de resposta na edição posterior. (p. 6)

### 1.19.8. OUTROS

1.19.8.1. Sem autor. **Expediente**. Respostas à assuntos variados. (p. 2)

**MARUÍ. Rio Grande, Ano I, n.º 20, 16 de maio de 1880.**

### 1.20.1. POESIA

1.20.1.1. ULJIO, C. **À memória da inditosa criança**. Poema pela ocasião da morte de Luiz B. O. Menezes. Em 7 quadras. (p. 6)

1.20.1.2. VIEIRA, Damasceno. **Comédia vulgar**. Soneto que contraria os ideais republicanos. (p. 6)

### **1.20.2. PROSA**

1.20.2.1. ANTONIO DA PROBIDADE. **Cartas para o outro mundo**. Segue o modelo das anteriores. (p. 2)

### **1.20.3. CRÍTICA**

1.20.3.1. ANUNCIAÇÃO. **Mais um herói**. Crônica política. (p. 6)

1.20.3.2. ROLANDO JR. **Aquele Cabrion**. Crítica ao caricato *Cabrion*. (p. 2)

1.20.3.3. TINOCO. **Hom'ssa**. Crônica Política. (p. 6)

### **1.20.4. NOTAS GERAIS**

1.20.4.1. Sem autor. Sem título. Homenagem a Duque de Caxias. (p. 2)

### **1.20.5. CARICATURA**

1.20.5.1. LORD K. Sem título. Alusivo à imprensa. (p. 4)

1.20.5.2. LORD K. Sem título. Alusivo à queda do *Cabrion*. (p. 8)

### **1.20.6. ANÚNCIO**

1.20.6.1. Sem autor. Sem título. Sobre a venda de móveis de qualidade. (p. 7)

### **1.20.8. OUTROS**

1.20.8.1. Sem autor. **Em memória a Duque de Caxias**. Retrato pela ocasião da morte. (p. 1)

1.20.8.2. Sem autor. **Expediente**. Respostas a assuntos variados e agradecimentos. (p. 2)

**MARUÍ. Rio Grande, Ano I, n.º 21, 23 de maio de 1880.**

### **1.21.1. POESIA**

1.21.1.1. VIEIRA, Damasceno. **A deusa da razão**. Soneto. (p. 6)

1.21.1.2. Sem autor. **Sessão dogmática. Lição de história**. Poema satírico. Em uma estrofe de 8 versos. (p. 6)

### **1.21.2. PROSA**

1.21.2.1. ANTONIO DA PROBIDADE. **Cartas para o outro mundo**. Segue o modelo das anteriores. (p. 2)

### **1.21.3. CRÍTICA**

1.21.3.1. ROLANDO JR. **Aquele *Cabrion***. Crítica ao caricato *Cabrion*. (p. 2)

### **1.21.4. NOTAS GERAIS**

1.21.4.1. TIC. Sem título. Assuntos diversos. (p. 7)

### **1.21.5. CARICATURA**

1.21.5.1. LORD K. Sem título. Sobre a falta de zelo pela cidade. (p. 4)

1.21.5.2. LORD K. Sem título. Alusivo à queda do *Cabrion*. (p. 8)

### **1.21.6. ANÚNCIO**

1.21.6.1. Sem autor. Sem título. Sobre a publicação das cartas de Antonio da Probidade. (p. 7)

### **1.21.8. OUTROS**

1.21.8.1. LORD K. Sem título. Retrato em homenagem a Alfredo Luiz de Mello, fundador da Sociedade Emancipadora dos Escravos. (p. 8)

1.21.8.2. LORD K. Sem título. Retrato de Eufrânio Lopes de Araújo, Barão de São José do Norte. (p. 1)

1.21.8.3. Sem autor. **Expediente**. Texto em homenagem ao Barão de São José do Norte. (p. 2)

**MARUÍ. Rio Grande, Ano I, n.º 22, 30 de maio de 1880.**

### **1.22.1. POESIA**

1.22.1.1. VIEIRA, Damasceno. **Escravos**. Soneto a favor da abolição. (p. 3)

### **1.22.2. PROSA**

1.22.2.1. ANTONIO DA PROBIDADE. **Cartas para o outro mundo**. Segue o modelo das anteriores, progresso. (p. 2)

### **1.22.3. CRÍTICA**

1.22.3.2. ROLANDO JR. **Aquele *Cabrion***. Crítica ao caricato *Cabrion*. (p. 6)

1.22.3.3. Sem autor. **Assoe-se neste guardanapo**. Resposta ao *Cabrion*. (p. 6)

### **1.22.4. NOTAS GERAIS**

1.22.4.1. Sem autor. Sem título. Notas de agradecimento. (p. 2)

### **1.22.5. CARICATURA**

1.22.5.1. LORD K. Sem título. Crítica pessoal. (p. 1)

1.22.5.2. LORD K. Sem título. Preparativos para o tricentenário da morte de Camões. (p. 4)

1.22.5.3. LORD K. Sem título. Crítica ao *Cabrion*. (p. 8)

### **1.22.7. ANEDOTA**

1.22.7.1. Sem autor. **Na carteira do *Maruí***. Várias piadas. (p. 7)

1.22.7.2. TINOCO. **Charada**. Charadas com promessa de resposta na edição posterior. (p. 7)

**MARUÍ. Rio Grande, Ano I, n.º 23, 6 de junho de 1880.**

### **1.23.2. PROSA**

1.23.2.1. ANTONIO DA PROBIDADE. **Cartas para o outro mundo**. Segue o modelo das anteriores. O autor fala sobre o progresso. (p. 2)

1.23.2.1. Sem autor. **Academia dos fenômenos**. Criticando a política. (p. 7)

### 1.23.3. CRÍTICA

1.23.3.1. Sem autor. **Esgotos**. Crítica pela falta de saneamento básico na cidade. (p. 2)

### 1.23.5. CARICATURA

1.23.5.1. LORD K. **Indecência**. Sobre a falta de esgotos na cidade. (p. 4)

### 1.23.8. OUTROS

1.23.8.1. LORD K. Retrato de Alexandre Bernardino de Moura. (p. 1)

1.23.8.2. LORD K. Retrato de Ana Justina Pereira Nery, enfermeira, pela sua atuação na Guerra do Paraguai. (p. 8)

1.23.8.3. Sem autor. **Expediente. Sr. Ofendido**. Resposta irônica do *Maruí* a alguém que se disse ofendido pelas críticas. (p. 2)

## **MARUÍ. Rio Grande, Ano I, n.º 24, 20 de junho de 1880.**

### 1.24.1. POESIA

1.24.1.1. ALENCAR, José de. **A ela**. Soneto romântico. (p. 3)

### 1.24.2. PROSA

1.24.2.1. ANTONIO DA PROBIDADE. **Cartas para o outro mundo**. Segue o modelo das anteriores. O autor fala sobre o progresso. (p. 2)

1.24.2.1. Sem autor. **História do meu amigo**. Narra o nascimento e desenvolvimento de um amigo fiel e ético. (p. 7)

### 1.24.3. CRÍTICA

1.24.3.1. NENÊ-QUINQUINHA. **Lembrou bem**. Crônica sobre a circulação de outros jornais na cidade. (p. 6)

1.24.3.2. ROLANDO JR. **Vai ou fica?** Sobre a alfândega. (p. 6)

1.24.3.3. Sem autor. **Os últimos acontecimentos**. Crítica aos republicanos. (p. 2)

1.24.3.4. TINOCO. **Dr. Aillard**. Crítica de costumes. (p. 7)

#### **1.24.5. CARICATURA**

1.24.5.1. LORD K. Sem título. Crítica a política local. (p. 1)

1.24.5.2. LORD K. Sem título. Crítica à imprensa, à política e a falta de saneamento básico. (p. 4)

1.24.5.3. LORD K. **Uma indecência**. A província é representada por uma mulher seminua. A intenção é destacar a falta de esgotos na cidade. (p. 8)

#### **1.24.8. OUTROS**

1.24.8.1. Sem autor. **Expediente**. Várias respostas à críticas ao jornal. (p. 6)

1.24.8.2. Sem autor. Sem título. Pedido de regularização no pagamento das assinaturas. (p. 7)

### **MARUÍ. Rio Grande, Ano I, n.º 25, 27 de junho de 1880.**

#### **1.25.2. PROSA**

1.25.2.1. ANTONIO DA PROBIDADE. **Cartas para o outro mundo**. Segue o modelo das anteriores. O autor faz uma crônica a respeito do ditado “o melhor bocado, quase nunca é para quem o faz e sim para quem o come”, citando vários exemplos. (p. 2)

1.25.2.2. Sem autor. **Academia dos fenômenos. D. Patrizio**. Criticando a política. (p. 7)

#### **1.25.3. CRÍTICA**

1.25.3.1. ANUNCIAÇÃO. **Ora o decano?** Crítica contra a publicação de alguns jornais. (p. 6)

1.25.3.2. Sem autor. **Verdades patentes**. Crítica ao Império. (p. 2)

### 1.25.5. CARICATURA

1.25.5.1. LORD K. Sem título. Crítica a política nacional. (p. 4)

1.25.5.2. LORD K. Sem título. Crítica à igreja. (p. 8)

1.25.5.3. LORD K. **Uma indecência**. A província é representada por uma mulher seminua. A intenção é destacar a falta de esgotos na cidade. (p. 8)

### 1.25.8. OUTROS

1.25.8.1. LORD K. **Tributo de saude**. Retrato de Álvaro Antonio dos Santos. (p. 1).

## MARUÍ. Rio Grande, Ano I, n.º 26, 4 de julho de 1880.

### 1.26.2. PROSA

1.26.2.1. ANTONIO DA PROBIDADE. **Cartas para o outro mundo**. Segue o modelo das anteriores. (p. 2)

1.26.2.2. D. PATRIZIO. **Academia dos fenômenos**. Criticando a política. (p. 6)

### 1.26.3. CRÍTICA

1.26.3.1. ANUNCIAÇÃO. **Não passe o sapateiro além da bota**. Crítica política. (p. 7)

1.26.3.2. Sem autor. **O Partido Republicano**. Crítica política. (p. 2)

1.26.3.3. TINOCO. **Então o que é dos esgotos**. Crítica política e social pela falta de saneamento básico. (p. 7)

### 1.26.4. NOTAS GERAIS

1.26.4.1. Sem autor. Sem título. Sobre Cabral Pinheiro, redator d'*O Progresso*. (p. 2)

### 1.26.5. CARICATURA

1.26.5.1. LORD K. Sem título. Ilustração de um diálogo entre o povo e São Pedro pelo mau tempo na cidade. (p. 1)

1.26.5.2. LORD K. Sem título. Várias caricaturas que criticam a política nacional. (p. 4)

1.26.5.3. LORD K. Sem título. Várias caricaturas que criticam a política e falam sobre a criação da estrada de ferro e da reforma eleitoral. (p. 8)

### **1.26.6. ANÚNCIO**

1.26.6.1. Sem autor. Sem título. Cobrança de dívida do Sr. J. de Souza Soares. (p. 7)

## **MARUÍ. Rio Grande, Ano I, n.º 27, 11 de julho de 1880.**

### **1.27.2. PROSA**

1.27.2.1. ANTONIO DA PROBIDADE. **Cartas para o outro mundo**. Segue o modelo das anteriores. (p. 2)

1.27.2.2. Sem autor. **História do meu amigo**. Continuação do conto. O mistério é revelado: o amigo afinal era um gato. (p. 6)

1.27.2.3. TINOCO. **Academia dos fenômenos**. Criticando a política. (p. 6)

### **1.27.3. CRÍTICA**

1.27.3.1. ANUNCIAÇÃO. **Pomada, pomada**. Crônica que fala sobre a falta de ética em vários setores da sociedade. (p. 6)

1.27.3.2. ROLANDO JR. **Aí temos nós outra**. Crítica política. (p. 6)

1.27.3.3. Sem autor. **O Partido Republicano**. Crítica política. (p. 2)

### **1.27.4. NOTAS GERAIS**

1.27.4.1. Sem autor. Sem título. Sobre as vantagens em se assinar o periódico. (p. 2)

### **1.27.5. CARICATURA**

1.27.5.1. LORD K. **A câmara deu luz**. Sobre a reforma eleitoral. (p. 4)

1.27.5.2. LORD K. Sem título. Várias caricaturas que criticam a política nacional. (p. 8)

#### **1.27.8. OUTROS**

1.27.8.1. LORD K. Sem título. Retrato de Camilo Castelo Branco. (p. 1)

### **MARUÍ. Rio Grande, Ano I, n.º 28, 18 de julho de 1880.**

#### **1.28.2. PROSA**

1.28.2.1. ANTONIO DA PROBIDADE. **Carta para o outro mundo.** Segue o modelo das anteriores. (p. 2)

1.28.2.2. D. PATRIZIO. **Academia dos fenômenos.** Criticando a política. (p. 6)

#### **1.28.3. CRÍTICA**

1.28.3.1. ANUNCIAÇÃO. **Ora 15 homens...uma ninharia.** Crônica política. (p. 7)

1.28.3.2. Sem autor. **O Partido Republicano.** Crítica política (p. 2)

#### **1.28.5. CARICATURA**

1.28.5.1. LORD K. Sem título. Crítica política. (p. 4)

1.28.5.2. LORD K. Sem título. Várias caricaturas que criticam a política nacional. (p. 8)

#### **1.28.8. OUTROS**

1.28.8.1. LORD K. Sem título. Retrato de José Vicente Thibaut, diretor do Colégio São Pedro. (p. 1)

### **MARUÍ. Rio Grande, Ano I, n.º 30, 1 de agosto de 1880.**

#### **1.30.2. PROSA**

1.30.2.2. D. PATRIZIO. **Academia dos fenômenos.** Criticando a política. (p. 3)

### **1.30.3. CRÍTICA**

1.30.2.1. BICUINHAS. **Não lhe caia o dente com a gracinha.** Crônica política. (p. 6)

1.30.3.2. Sem autor. **Situação política.** Crônica que debate os rumos da política nacional. I parte. (p. 2)

1.30.3.3. TINOCO. **O bicho feroz do Dr. Nunes Miranda.** Crítica política (p. 2)

1.30.3.4. TINOCO. **Com a boca na botija.** Crítica à imprensa (*Eco do Sul e Diário do Rio Grande*). (p. 6)

### **1.30.4. NOTAS GERAIS**

1.30.4.1. Sem autor. Sem título. Homenagem ao jovem Eugênio Dangremont. (p. 2)

### **1.30.5. CARICATURA**

1.30.5.1. LORD K. Sem título. Crítica à má administração da cidade. (p. 4)

1.30.5.2. LORD K. Sem título. Várias caricaturas que criticam a política estadual. (p. 8)

### **1.30.8. OUTROS**

1.30.8.1. LORD K. Sem título. Retrato em homenagem ao jovem Eugênio Dangremont. (p. 1)

**MARUÍ. Rio Grande, Ano I, n.º 31, 8 de agosto de 1880.**

### **1.31.1. POESIA**

1.31.1.1. PECEGUEIRO, L. M. **Poesia cômica. Quem pagará o pato?** Não dividida em estrofes. (p. 7)

### **1.31.2. PROSA**

1.31.2.1. D. PATRIZIO. **Academia dos fenômenos.** Criticando a política. (p. 3)

### 1.31.3. CRÍTICA

1.31.2.1. PINDAMONHANGABENSE. **O vinagre**. Crônica que associa a figura humana ao vinagre, não o tempero mas um termo médio entre o homem e o animal;. (p. 3)

### 1.31.4. NOTAS GERAIS

1.31.4.1. TIC. **Gazetilha**. Várias notas críticas sobre personalidades da cidade. (p. 6)

### 1.31.5. CARICATURA

1.31.5.1. LORD K. Sem título. Crítica à igreja pela exacerbação nas tabela de preços para realização de casamentos. (p. 4)

1.31.5.2. LORD K. Sem título. Várias caricaturas que criticam a política e o clero (p. 8)

### 1.31.8. OUTROS

1.31.8.1. LORD K. Sem título. Retrato em homenagem a Carlos Gomes. (p. 1)

## MARUÍ. Rio Grande, Ano I, n.º 32, 15 de agosto de 1880.

### 1.32.1. POESIA

1.32.1.1. ANUNCIAÇÃO. **Triolet**. Súplica ao *Diário* para não suspender as entregas. (p. 6)

1.32.1.2. Sem autor. **O orgulhoso**. Poema em 7 quadras. (p. 6)

1.32.1.3. Sem autor. **Se eu fosse querido**. Poema romântico dividido em 3 quartetos. (p. 6)

1.32.1.4 TOBIAS. **Verso coxo**. Poema que enaltece o *Diário*. Não dividido em estrofes. (p. 3)

### 1.32.2. PROSA

1.32.2.1. ANTONIO DA PROBIIDADE. **Cartas para o outro mundo**. Segue o modelo das anteriores. (p. 2)

### 1.32.3. CRÍTICA

1.32.3.1. BELDROEGAS. **Era uma vez um diário.** Crítica pelo não mais recebimento do *Diário*. (p. 2)

1.32.3.2. TINOCO. **O mota.** Crítica política. (p. 3)

1.32.3.3. TINOCO. **O orfeu no inferno.** Crônica social. (p. 6)

### 1.32.4. NOTAS GERAIS

1.32.4.1. Sem autor. Sem título. Pedido de desculpas aos leitores pela não continuidade do artigo **Situação Política**. O autor da mesma encontrava-se doente. Boas-vindas pelo retorno de Antonio da Probidade. (p. 2)

1.32.4.2. Sem autor. **Declaração.** Nota em que é anunciada a venda do periódico a Tadeu Alves do Amorim. (p. 7)

### 1.32.5. CARICATURA

1.32.5.1. SCIPIÃO. Sem título. Retrata a alfândega prestando continência ao alfandegueiro, o Sr. Nunes de Miranda (p. 5)

1.32.5.2. Sem autor. Sem título. Ilustrando a passagem do Maruí para Tadeu Alves do Amorim. (p. 1)

1.32.5.3. Sem autor. Sem título. Crítica à política e quanto a mudanças na redação do jornal. (p. 4)

1.32.5.4. Sem autor. Sem título. Várias caricaturas sobre o fim do *Cabron*. (p. 8)

## MARUÍ. Rio Grande, Ano I, n.º 34, 29 de agosto de 1880<sup>57</sup>.

### 1.34.1. POESIA

1.34.1.1. Sem autor. **Incidente.** Soneto que contraria os ideais românticos. (p. 7)

---

<sup>57</sup> Não foi possível confirmar a data dessa edição. Muito embora conste 28 de agosto de 1880, pela ordem das páginas, que é contínua e está no final do volume de 1880, pelo conteúdo e, principalmente, por 28 de agosto ter sido um sábado, decidiu-se, para fins de classificação, inserir a data de 29 de agosto, edição n.º 34, que não foi encontrada, e considerar erro de impressão e arquivamento.

### 1.34.2. PROSA

1.34.2.1. Sem autor. **Mercado de sentimentos**. Texto que coloca os sentimentos como mercadorias à venda. (p. 7)

### 1.34.3. CRÍTICA

1.34.3.1. DR. JOVER. **Também assim é demais**. Crítica sobre a omissão da câmara por não corrigirem aquelas pessoas que decidem não trabalhar. (p. 3)

1.34.3.2. SALSAPARRILHA, Virgílio. **As nossas aspirações**. Crônica sobre as aspirações humanas. (p. 2)

### 1.34.4. NOTAS GERAIS

1.34.4.1. CASTRO. **Prof. Modelo**. Crítica à educação brasileira, partindo de um erro de gramática cometido por um diretor de escola. (p. 6)

1.34.4.2. GALINHA, Amadio. **Se ele é brasileiro**. Homenagem ao artista Lucio. Dengremont pela brilhante apresentação ao piano. (p. 7)

1.34.4.2. LUCIO. **Dengremont**. Homenagem ao artista. (p. 3)

1.34.4.4. SIMFRONIO. **Interesse público**. Crítica contra à imprensa pelotense. (p. 6)

1.34.4.5. ZÉ DA BESTIA. **Pugilato**. Nota sobre uma briga entre dois funcionários públicos, no centro da cidade, e que a grande imprensa não noticiou. O *Maruí* promete relatar o caso no próximo número.

### 1.34.5. CARICATURA

1.34.5.1. T<sup>58</sup>. Sem título. Crítica contra vários assuntos pendentes, incluindo a imigração chinesa. (p. 4)

1.34.5.2. T. Sem título. Crítica política. (p. 8)

---

<sup>58</sup> Tadeu Alves do Amorim é quem passa a fazer todos os desenhos da folha e sempre assina com um T. Por esse motivo decidiu-se manter essa assinatura nos registros bibliográficos dessa dissertação.

### 1.34.8. OUTROS

1.34.8.3. T. Sem título. Retrato em homenagem a Rafael Bordallo Pinheiro, caricaturista português. (p. 1)

## MARUÍ. Rio Grande, Ano I, n.º 35, 5 de setembro de 1880<sup>59</sup>.

### 1.35.1. POESIA

1.35.1.1. D'ALVA, Lucio. **Recitativo**. Poema romântico em 8 quadras. (p. 3)

### 1.35.3. CRÍTICA

1.35.3.1. GALINHA, Amadio. **Que balbúrdia!**. Condenando o comportamento do público de teatro. (p. 2)

1.35.3.2. LIMPO, Manoel. **Limpeza pública**. Crítica aos fiscais que fingem não perceber a sujeira na cidade. (p. 2)

1.35.3.3. SALSAPARRILHA, Virgílio. **Por uma injustiça**. Crônica social que ironiza o comportamento de pessoas que não querem trabalhar. (p. 3)

1.35.3.4. ZÉ DA BESTIA. **Como se lê a história**. Ridicularizando a má interpretação de algumas pessoas ao ler textos. (p. 3)

### 1.35.4. NOTAS GERAIS

1.35.4.1. Sem autor. Sem título. Homenagem a Lucio Crespo. (p. 2)

### 1.35.5. CARICATURA

1.35.5.1. T. Sem título. Retrata a disputa entre os jornais *Eco* e *Artista*. (p. 4)

1.35.5.2. T. Sem título. Crítica à política entre Pelotas e Rio Grande. (p. 8)

### 1.35.6. ANÚNCIO

1.35.6.1. Sem autor. **Anúncios**. Aviso de espaço para publicação de anúncios. (p. 7)

---

<sup>59</sup> As páginas dessa edição estão invertidas, porém manteve-se a ordem tradicional (páginas 1-8).

### 1.35.8. OUTROS

1.35.8.1. T. Sem título. Retrato em homenagem a Lucio Crespo. (p. 1)

**MARUÍ. Rio Grande, Ano I, n.º 39, 3 de outubro de 1880<sup>60</sup>.**

### 1.39.1. POESIA

1.39.1.1. CUNHA, Machado da. **Ao amigo Cabral Pinheiro. Redator do Progresso. Quem é Antonio Joaquim Dias?** Poema humorístico em 5 quadras. Na seqüência há várias piadas a respeito da figura do Sr. Dias. (p. 2)

### 1.39.3. CRÍTICA

1.39.3.1. DR. BRISTOL. **Sistema cômodo.** Ironia o uso de discurso para manipular a opinião pública. (p. 6)

1.39.3.2. JONATAS. **Isso é sério.** Satirizando o *Correio Mercantil*. (p. 3)

1.39.3.3. L. de C. **Vejam lá no que ficam.** Crítica à imprensa. (p. 2)

1.39.3.4. SIMFRONIO. **Trabalho perdido.** Crítica ao comércio da cidade. (p. 6)

### 1.39.4. NOTAS GERAIS

1.39.4.1. LECLERC, Jules. **Ana e Augusto.** Nota de homenagem ao casal. (p. 6)

1.39.4.2. PIPAROT<sup>61</sup>. **Os dois lutadores.** Nota sobre a caricatura publicada na edição do dia. (p. 7)

### 1.39.5. CARICATURA

1.39.5.1. T. Sem título. Expressa uma briga entre dois ilustres da cidade (p. 1)

1.39.5.2. T. Sem título. Satiriza a figura do Sr. Dias (redator do *Correio Mercantil*). e a cidade de Pelotas à espera de uma alfândega. (p. 4)

---

<sup>60</sup> É nessa edição que começa a ordem aleatória de números do periódico. No entanto, para fins de identificação, decidiu-se manter a seqüência numérica. Esse mesmo número está fora de ordem dentro do volume arquivado na Biblioteca Rio-Grandense, além de também conter as páginas invertidas.

<sup>61</sup> Esse autor também poderá aparecer com os pseudônimos Picarot, Picarote, Piparote ou ainda Piparotes. Não há registros do verdadeiro nome do autor.

1.39.5.3. T. Sem título. Sátira à economia, brinca com a situação dos banqueiros. (p. 8)

**MARUÍ. Rio Grande, Ano I, n.º 41, 17 de outubro de 1880.**

**1.41.1. POESIA**

1.41.1.1. GAIOLA. **Às duas irmãs**. Poema humorístico em 12 quadras. (p. 3)

**1.41.2. PROSA**

1.41.2.1. Sem autor. Sem título. Conto que questiona a brevidade da vida e a solidão. (p. 2)

**1.41.3. CRÍTICA**

1.41.3.1. PAFUNCIO. **O baile**. Crítica a omissão de jornais pelotenses. (p. 3)

1.41.3.2. SIMFRONIO. **É desfrutável**. Crítica ao *Correio Mercantil*.

**1.41.4. NOTAS GERAIS**

1.41.4.1. JANJOCA. **Reunião**. Nota sobre um ato público em Pelotas. (p. 3)

1.41.4.2. MAGANO. **Maxixes**. Nota contra um baile considerado indecente. (p. 2)

1.41.4.3. Sem autor. **Aos nossos favorecedores**. Nota explicando o atraso e ausência de números do periódico por problemas na litografia. (p. 2)

1.41.4.4. Sem autor. **Ato meritório**. Homenagem a patriotas. (p. 3)

**1.41.5. CARICATURA**

1.41.5.1. T. Sem título. Retrata uma sátira ao *Cabrion*. (p. 1)

1.41.5.2. T. Sem título. Representação de Rio Grande e Estrela do Sul reivindicando a criação de uma universidade já que agora ambas tem estrada de ferro. (p. 4)

1.41.5.3. T. Sem título. Reclamação da cidade pelo excesso de chuvas. (p. 8)

### 1.41.8. OUTROS

1.41.8.1. O GEREMIAS. **O que se diz por aí**. Várias notas críticas sobre diversos assuntos. (p. 3)

**MARUÍ. Rio Grande, Ano I, n.º 42, 24 de outubro de 1880.**

### 1.42.1. POESIA

1.42.1.1. COSTA, Morivaldo. **Perfumes**. Poema romântico em 4 quadras. (p. 7)

1.42.1.2. GAIOLA. **Modinha**. Poema humorístico em 6 quadras. (p. 7)

### 1.42.2. PROSA

1.42.2.1. VICTOR HUGO. **O leito nupcial**. Crônica que enaltece o casamento. (p. 3)

1.42.2.2. VISCONDE COROACY. **O suicida**. Conto de cunho pessimista. (p. 2)

1.42.2.3. \*\*\*. **Juanita**. Continuação de conto. Não foram encontradas referências anteriores desse texto. (p. 2).

### 1.42.3. CRÍTICA

1.42.3.1. DR. BRISTOL. **Questões sociais**. Crônica sobre a importância do casamento. (p. 6)

1.42.3.2. JANJOCA. **Sociedades bailantes**. Crônica em que o autor manifesta a necessidade de festas sociais. (p. 6)

1.42.3.2. SIMFRONIO. **A representação**. Sobre a representação da Praça do Comércio em um jornal da cidade. (p. 2)

### 1.42.5. CARICATURA

1.42.5.1. T. Sem título. Caricaturas variadas. (p. 4)

1.42.5.2. T. Sem título. Caricaturas variadas. (p. 8)

### 1.42.8. OUTROS

1.42.8.1. T. Sem título. Retrato de Artur R. da Rocha, administrador do correio. (p. 1)

**MARUÍ. Rio Grande, Ano I, n.º43, 31 de outubro de 1880<sup>62</sup>.**

#### **1.43.1. POESIA**

1.43.1.1. GUMARAES JR., Luiz. **Satanás**. Soneto. Crítica social. (p. 2)

1.43.1.2. Sem autor. **A uma cega**. Soneto. Crítica social. (p. 2)

1.43.1.3. Sem autor. **A escrava**. Soneto. Crítica social. (p. 2)

1.43.1.4. Sem autor. **A voz das árvores**. Soneto romântico. (p. 3)

1.43.1.5. Sem autor. **O esquife**. Soneto romântico. (p. 3)

1.43.1.6. Sem autor. **A um milionário**. Soneto. Crítica social (p. 3)

1.43.1.6. Sem autor. **A borralheira**. Soneto romântico. (p. 3)

#### **1.43.3. CRÍTICA**

1.43.3.1. DR. BRISTOL. **Antonio Joaquim Dias**. Crônica irônica a respeito do redator. (p. 7)

1.43.3.2. F. C. **Júlio Cezar Machado**. Crônica em homenagem. (p. 6)

1.43.3.3. MAGANO. **Ao Sr. Justo**. Crítica a um baile considerado indecente acontecido na cidade. (p. 6).

#### **1.43.4. NOTAS GERAIS**

1.43.4.1. PIPAROT. **Sensação**. Ironia quanto a situação da alfândega em Pelotas. (p. 2)

1.43.4.2. Sem autor. **Assunto político**. Sobre a reforma eleitoral. (p. 2)

1.43.4.3. Sem autor. **Tentativa dramática**. Nota sobre a montagem de uma peça de teatro. (p. 7)

1.43.4.4. SIMFRONIO. **Importante notícia**. Sobre a chegada de imigrantes italianos. (p. 7)

#### **1.43.5. CARICATURA**

1.43.5.1. T. Sem título. Sobre um ato de filantropia. (p. 4)

1.43.5.2. T. Sem título. Sátira à imprensa pelotense. (p. 8)

---

<sup>62</sup> As páginas dessa edição estão invertidas, porém manteve-se a ordem tradicional (páginas 1-8).

### 1.43.8. OUTROS

1.43.8.1. T. Sem título. Retrato de Júlio Cezar Machado. (p. 1)

## MARUÍ. Rio Grande, Ano I, n.º 44, 7 de novembro de 1880<sup>63</sup>.

### 1.44.1. POESIA

1.44.1.1. A. F. A. **Poesia**. Poema pessimista em 6 quadras. (p. 2)

1.44.1.2. Sem autor. **A Guitarra**. Soneto romântico. (p. 2)

1.44.1.3. Sem autor. **Eva**. Soneto. Ironiza a figura romântica da mulher. (p. 2)

1.44.1.4. Sem autor. **A canção da morte**. Soneto pessimista. (p. 3)

### 1.44.2. PROSA

1.44.2.1. Sem autor. **Vaidade estomacal**. Conto que relata a soberba e faz críticas à vaidade humana. (p. 7)

### 1.44.3. CRÍTICA

1.44.3.1. DR. BRISTOL. **O monstrengo**. Crítica ao Sr. Dias. (p. 2)

1.44.3.2. IGNÁCIO. **Calvas à mostra**. Várias notas de natureza crítica que zombam de personalidades da cidade tidas como imorais, no conjunto formam uma crítica à imoralidade. O autor promete na edição seguinte anunciar os nomes das tais pessoas. (p. 7)

1.44.3.3. Sem autor. **Ainda mais esta**. Crítica a sociedade de dança *Recreio* por essa não ter cedido seu salão à Biblioteca Pública. (p. 2).

### 1.44.4. NOTAS GERAIS

1.44.4.1. Sem autor. **Visconde do Rio Branco**. Homenagem na ocasião da morte. (p. 2)

---

<sup>63</sup> As páginas dessa edição estão invertidas, porém manteve-se a ordem tradicional (páginas 1-8).

### 1.44.5. CARICATURA

1.44.5.1. T. Sem título. Crítica ao feriado de finados por acreditar que nesse dia as pessoas se esbaldam em orgias. Há um escrito que diz “Esse dia foi inventado para os hipócritas e deve ser riscado do calendário”. (p. 4)

1.44.5.2. T. Sem título. Sátira à imprensa. (p. 8)

**MARUÍ. Rio Grande, Ano I, n.º 45, 14 de novembro de 1880<sup>64</sup>.**

### 1.45.2. PROSA

1.45.2.1. D. PATUSCO JUBILADO. **Um rapto**. Conto que relata um rapto de amor em tempos de pessimismo. (p. 6)

### 1.45.3. CRÍTICA

1.45.3.1. DR. BRISTOL. **Estrada de ferro**. Crítica pela demora na construção da estrada. (p. 2)

1.45.3.2. DR. BRISTOL. **Em casa de ladrão não se fala em força**. Crítica à imprensa. (p. 7)

1.45.3.3. DR. GILBERT. **Como se escreve a história**. Crítica à sociedade. (p. 2)

1.45.3.4. Sem autor. **Mulher**. Exaltação do modelo ideal de mulher. (p. 3)

1.45.3.5. SIMFRONIO. **Que desfeita!** Crítica à soberba de cidadão pelotenses que em passagem pela cidade não desembarcaram. (p. 3)

### 1.45.4. NOTAS GERAIS

1.45.4.1. PAFUNCIO. Sem título. Várias críticas. (p. 7)

1.45.4.2. PICAROT. **E viva a fineza!** Elogiando a imprensa pelotense por optar em não fazer crítica ao Rio Grande no carnaval próximo. (p. 2)

1.45.4.3. Sem autor. **Pandegas no cemitério**. Nota crítica pela falta de respeito no dia de finados no interior do cemitério. (p. 2)

---

<sup>64</sup> As páginas dessa edição estão invertidas, porém manteve-se a ordem tradicional (páginas 1-8).

### 1.45.5. CARICATURA

- 1.45.5.1. T. Sem título. Crítica ao *Correio Mercantil* de Pelotas. (p. 1)
- 1.45.5.2. T. **Zarzuella**. Homenagem ao Musical Zarzuella. (p. 1)
- 1.45.5.3. T. Sem título. Crítica à guarda da cidade. (p. 8)

## MARUÍ. Rio Grande, Ano I, n.º 46, 21 de novembro de 1880.

### 1.46.2. PROSA

- 1.46.2.1. G. B. **Angélicas e Bem-me-queres**. Conto que compara o ser humanos à flores. (p. 2)
- 1.46.2.2. Sem autor. **A saudade. Como se amavam**. Conto que fala sobre a brevidade da vida. (p. 2)

### 1.46.3. CRÍTICA

- 1.46.3.1. Sem autor. **Os amigos**. Analisa a falsidade das pessoas. (p. 3)
- 1.46.3.2. SIMFRONIO. **O monstrengo**. Crítica política. (p. 3)

### 1.46.4. NOTAS GERAIS

- 1.46.4.1. DR. BRISTOL. Sem título. Nota sobre os preparativos para o carnaval. (p. 7)
- 1.46.4.2. JAMELÃO. **Que pena!** Ironias contra o Sr. Dias. (p. 6)
- 1.46.4.3. PAFUNCIO. **O que se diz**. Várias críticas satíricas. (p. 6)
- 1.46.4.4. PIPAROT. **Até a consumação dos séculos**. Nota política. (p. 7)

### 1.46.5. CARICATURA

- 1.46.5.1. T. **Um admirável marombista**. Uma tentativa para equilibrar Pelotas e Rio Grande. (p. 1)
- 1.46.5.2. T. Sem título. Crítica ao consumismo. (p. 4)
- 1.46.5.3. T. Sem título. Crítica ao consumismo e à vaidade. (p. 8)

### 1.46.8. OUTROS

1.46.8.1. Sem autor. Sem título. Texto que enaltece a beleza das flores e compara o ser humano a elas. (p. 2)

## MARUÍ. Rio Grande, Ano I, n.º 47, 28 de novembro de 1880.

### 1.47.1. POESIA

1.47.1.1. J. ARAÚJO. **Linda pastora**. Poema romântico. (p. 7)

1.47.1.2. CUNHA, Machado da. **A ignota**. Poema romântico. (p. 7)

### 1.47.3. CRÍTICA

1.47.3.1. PIPAROT. **Casamentos**. Em defesa do casamento entre pessoas idosas e contra aqueles feitos apenas por interesses comerciais. (p. 3)

1.47.3.2. Sem autor. **Loterias**. Crítica contra essa prática considerada um mal dominante. (p. 3)

### 1.47.4. NOTAS GERAIS

1.47.4.1. A. FAVA. **Apareça**. Várias notas críticas. (p. 6)

1.47.4.2. Sem autor. Sem título. Homenagem a Efisio Aneda, artista. (p. 2)

1.47.4.3. Sem autor. Sem título. **Fábula instantânea**. Várias notas que tentam explicar ditos populares. (p. 7)

1.47.4.4. SIMFRONIO. **Parabéns**. Pela postura do *Maruí* ao defender a elegibilidade de acatólicos. (p. 3)

### 1.47.5. CARICATURA

1.47.5.1. T. Sem título. Homenagem a Companhia Zarzuela. (p. 8)

1.47.5.2. T. Sem título. Crítica ao consumismo. (p. 4)

1.47.5.3. T. Sem título. Crítica ao consumismo e à vaidade. (p. 8)

### 1.47.8. OUTROS

1.47.8.1. DR. BRISTOL. **Nuvens no firmamento**. Sobre constantes guerras entre a imprensa. (p. 3)

1.47.8.2. Sem autor. **Tragédia por causa de um lenço**. Notícia de um duplo suicídio entre um casal de noivos que aconteceu na Hungria. (p. 3)

1.47.8.3. T. Sem título. Retrato em homenagem ao artista Efísio Aneda. (p. 1)

1.47.8.4. T. Sem título. Retrato em homenagem a Victor Hugo. (p. 4)

### MARUÍ. Rio Grande, Ano I, n.º 48, 5 de dezembro de 1880.

#### 1.48.2. PROSA

1.12.2.1. Sem autor. **A noiva**. Exaltação do lar e do casamento.

#### 1.48.3. CRÍTICA

1.48.3.1.DR. BRISTOL. **Bravo a heroína**. Crônica em que o autor elogia uma mulher por ter defendido sua honra espancando o agressor. (p. 6)

#### 1.48.4. NOTAS GERAIS

1.48.4.1. Sem autor. Sem título. Notas variadas. (p. 2)

1.48.4.2. SIMFRONIO. **Semana fúnebre**. Notas por diversos fatos sem grande importância para o autor. (p. 7)

1.48.4.3. MARUÍ. Estrada de ferro. Sobre a necessidade da realização da obra. (p. 7)

#### 1.48.5. CARICATURA

1.48.5.1. T. Sem título. Retrata o Brasil, na figura de um índio, dormindo frente a um possível ataque argentino. (p. 1) (Anexos; Fig. 4)

1.48.5.2. T. **Os sonhos dourados de Pelotas**. Satiriza os sonhos de Pelotas: estrada de ferro, alfândega, universidade, cais, ser a capital do império... (p. 4)

1.48.5.3. T. Sem título. Sobre a imprensa e a estrada de ferro em Pelotas. (p. 8)

### 1.48.6. ANÚNCIO

1.48.6.1. Sem autor. Sem título. Vários anúncios de comerciantes locais. (p. 7)

**MARUÍ. Rio Grande, Ano I, n.49, 12 de dezembro de 1880.**

### 1.49.1. POESIA

1.49.2.1. ALBUQUERQUE, Lins. **Na carteira de um tísico.** Poema satírico. Faz referência ao *O Primo Basílio*, romance português de autoria de Eça de Queirós. (p. 7)

1.49.1.2. BARRETO. **Confissão.** Poema em 4 quadras. (p. 7)

### 1.49.3. CRÍTICA

1.49.3.1.DR. BRISTOL. **Fervoroso ato de instrução.** Crônica em que o autor elogia o presidente da província de Santa Catarina por remeter o jornal *A Pátria* para a biblioteca pública de lá. (p. 2)

1.49.3.3. PIPAROTE. **Os dois pimentéis.** Crítica política. (p. 6)

1.49.3.3. SIMFRONIO. **Horizontes carregados.** Da inércia do Brasil frente a uma possível guerra contra a Argentina. (p. 2)

### 1.49.4. NOTAS GERAIS

1.49.4.1. PANCRACIO. **A um falsário sem-vergonha.** Nota de advertência a um mal pagador em dívida com o periódico. (p. 6)

1.49.4.2. CARIOCA. **Corridas.** Notas variadas. (p. 6)

### 1.49.5. CARICATURA

1.49.5.1. T. Sem título. Retrata o *Maruí* dando conselhos ao Brasil. (p. 1)

1.49.5.2. T. **Disputa pela alfândega.** Satiriza a disputa travada entre Rio Grande e Pelotas pela alfândega. (p. 4)

1.49.5.3. T. Sem título. Crítica ao clero que só pensa em obter vantagens e dinheiro às custas da fé alheia. (p. 8)

**1.49.8. OUTROS**

1.49.8.1. Sem autor. **Carta de pêsames**. Crítica à falsidade na hora da morte. (p. 3)

**MARUÍ. Rio Grande, Ano I, n.º 50, 19 de dezembro de 1880.****1.50.1. POESIA**

1.50.2.1. GUIMARÃES JR., L. **Estâncias**. Poema romântico em 10 quadras. (p. 6)

1.50.2.2. GIL JR. **Exumação de um cadáver**. Poema pessimista em 8 quadras. (p. 6)

1.50.2.3. D'ALVA. Luiz. Sem título. Poema romântico. (p. 6)

**1.50.3. CRÍTICA**

1.50.3.1. GALIBERT. **Exames**. Crítica à imprensa (p. 3)

1.50.3.2. JONATAS. **Modéstia no caso**. Crítica à imprensa. (p. 3)

1.50.3.3. K. BISBAIXO. **Procurador**. Crítica política. (p. 3)

1.50.3.4. PIPAROTE. **O padre Fortunato Odorgirto**. Crítica ao clero. (p. 2)

1.50.3.5. SIMFRONIO. **Vai tudo reza**. Crítica à imprensa. (p. 2)

**1.50.4. NOTAS GERAIS**

1.50.4.1. MR. EDSON. **O planeta Vênus**. Sobre a passagem do planeta pela Terra em 1882. (p. 2)

**1.50.5. CARICATURA**

1.50.5.1. T. Sem título. Sátira ao comércio local. (p. 1)

1.50.5.2. T. Sem título. Várias caricaturas. (p. 4)

1.50.5.3. T. Sem título. Sobre o retorno da arte dramática ao Rio Grande do Sul. (p. 8)

**MARUÍ. Rio Grande, Ano I, n.º 51, 26 de dezembro de 1880<sup>65</sup>.**

### **1.51.1. POESIA**

1.51.1.1. JUNIO. **A minha ela. Soneto realista.** Soneto que contraria os ideais românticos. (p. 7)

### **1.51.3. CRÍTICA**

1.51.3.1.K. TACEGA. **Companhia dramática.** Crônica sobre artes dramáticas (p. 3)

1.51.3.2. SIMFRONIO. **Estrada de ferro.** Crítica política. (p. 2)

### **1.51.4. NOTAS GERAIS**

1.51.4.1. DR. BRISTOL. **Um apelo.** Pela inauguração da estação telegráfica. (p. 2)

1.51.4.2. MORAES. **Pergunta inocente.** Sobre os preparativos para as festas de carnaval. (p. 6)

### **1.51.5. CARICATURA**

1.51.5.1. T. Sem título. Crítica contra as loterias da cidade. (p. 4)

1.51.5.2. T. Sem título. Sobre a insegurança local. (p. 8)

### **1.51.8. OUTROS**

1.51.8.1. DISCRETO. **Pelotas.** Várias notas críticas sobre a cidade. (p. 6)

1.51.8.2. PIPAROTE. **Bem bom.** Pela justiça feita em consequência de um assassinato. (p. 3)

1.51.8.3. T. Sem título. Retrato em homenagem ao poeta Visconde de Castilho. (p. 1)

1.51.8.4. Sem autor. **O que a mulher nunca confessa.** Diversas expressões em que o autor diz serem inconfessáveis pelas mulheres.

---

<sup>65</sup> Essa edição além de apresentar as páginas invertidas, está “perdida” nas edições do ano de 1881. Provavelmente um erro na hora de arquivar, já que a obra como um todo encontra-se em um único volume.

**MARUÍ. Rio Grande, Ano II, n.º1, 2 de janeiro de 1881.**

### **2.1.1. POESIA**

2.1.1.1. ARGEMIRO. Sem título. Poema satírico em 1 quadra. (p. 6)

2.1.1.2. . UM BAIANO. **Tudo é assim.** Poema satírico em 8 quadras. (p. 2)

### **2.1.2. PROSA**

2.1.2.1. Sem autor. **Abecedário útil.** Texto que apresenta o perfil ideal feminino. (p. 7)

### **2.1.3. CRÍTICA**

2.1.3.1. DR. BRISTOL. **O reinado das bisnagas.** Crônica sobre o uso e sucesso das bisnagas que “são o termômetro da fidelidade”, diz o autor. (p. 3)

2.1.3.2. ROMUALDO. **Pobre Rio Grande.** Crítica a algumas personalidades que tratam a cidade com desprezo. (p. 7)

2.1.3.3. Sem autor. **O mundo é de quem sabe viver.** Crônica que ironiza o se vencer na vida por meio de atitudes ilícitas. (p. 2)

2.1.3.4. Sem autor. **A propósito de ladrões.** Questionando a impunidade para com os poderosos. (p. 7)

### **2.1.5. CARICATURA**

2.1.5.1. T. Sem título. Sobre o consumismo durante as festas de fim de ano. (p. 1)

2.1.5.2. T. **Miscelânea.** Vários desenhos. (p. 4)

2.1.5.3. T. Sem título. Votos de felicidade do ano velho ao novo. (p. 8)

### **2.1.8. OUTROS**

2.1.8.1. MARUÍ. **Boas festas!** Saudações da redação ao público leitor. (p. 7)

**MARUÍ. Rio Grande, Ano II, n.º 2, 9 de janeiro de 1881.**

### **2.2.1. POESIA**

2.2.1.1. CASTANHEDA. **Murmúrios d'alma**. Poema romântico em 6 quadras. (p. 7)

### **2.2.3. CRÍTICA**

2.2.3.1. DR. BRISTOL. **Colégios e colégios**. Sobre a educação na cidade e variedade de escolas. (p. 6)

2.2.3.2. FACUNDO. **Os reis**. Crônica sobre a caminhada dos reis, a que o autor chamou de reinação, pelas ruas da cidade. Para ele um sinal de atraso intelectual da sociedade. (p. 6)

2.2.3.3. DR. HYSOPPE. **No passeio**. Crítica ao costume de flerte entre jovens meninos e mulheres mais velhas, ato considerado, pelo autor, indecoroso e desenrosado na sociedade de então. (p. 7)

2.2.3.4. JUVÊNCIO. **O Saca-Rolhas**. Crônica que homenageia o clube. (p. 3)

2.2.3.5. PIPAROTE. **Salve a delicadeza**. Crítica contra Lara Ulrich, mentor do jornalismo na província, pela sua soberba. (p. 7)

2.2.3.6. Sem autor. **Passou pela aprovação da reforma eleitoral**. Crítica política. (p. 2)

2.2.3.7. SIMFRONIO. **Teremos guerra?**. Crônica sobre a possibilidade de guerra entre Brasil e Argentina. (p. 3)

### **2.2.5. CARICATURA**

2.2.5.1. T. **Variedades**. Caricaturas diversas. (p. 4)

2.2.5.2. T. Sem título. Alusão à imprensa alimentando o povo com o leite da verdade. (p. 8)

### **2.2.7. ANEDOTA**

2.2.7.1. Sem autor. **Na mesa**. (p. 3)

2.2.7.2. Sem autor. **Que interpretação!**. (p. 7)

## **2.2.8. OUTROS**

2.2.8.1. T. Sem título. Retrato em homenagem a Luiz Henrique Fagundes Varela, poeta brasileiro. (p. 1)

**MARUÍ. Rio Grande, Ano II, n.º 3, 16 de janeiro de 1881<sup>66</sup>.**

### **2.3.3. CRÍTICA**

2.3.3.1. DR. BRISTOL. **Dias Braga**. Crônica de homenagem. (p. 2)

2.3.3.2. FLORENCIO. **A história de um soldado**. Segue um artigo falando sobre um soldado rio-grandense abandonado pelo país depois de ter servido à pátria. (p. 3)

2.3.3.3. FLORENCIO. **As bodegas**. Crítica aos maus estabelecimentos comerciais da cidade. (p. 3)

### **2.3.4. NOTAS GERAIS**

2.3.4.1. EPIFANIO. **Notas do nosso repórter**. Várias notas críticas. (p. 6)

2.3.4.2. MARUÍ. Sem título. Nota de esclarecimento sobre o trabalho da empresa, trabalho litográfico, capricho na caricatura. (p. 7)

### **2.3.5. CARICATURA**

2.3.5.1. T. Sem título. Diversas caricaturas em crítica à política, economia e imprensa geral. (p. 4)

2.3.5.2. T. Sem título. Crítica ao clero. (p. 8)

## **2.3.8. OUTROS**

2.3.8.1. T. Sem título. Retrato do ator Dias Braga. (p. 1)

---

<sup>66</sup> As páginas dessa edição estão invertidas, porém manteve-se a ordem tradicional (páginas 1-8)

**MARUÍ. Rio Grande, Ano II, n.º4, 23 de janeiro de 1881<sup>67</sup>.**

#### **2.4.1. POESIA**

2.4.1.1. Sem autor. **Ao ator Muniz.** Poema em 7 oitavas recitado por Alcebíades Cezar Plaisant na noite de apresentação no Teatro 7 de Setembro. (p. 3)

2.4.1.2. Sem autor. **O que são as mulheres.** Poema em 8 quadras. (p. 6)

#### **2.4.3. CRÍTICA**

2.4.3.1. JUVÊNCIO. **Briguem mas não se ofendam.** Crítica social. (p. 6)

2.4.3.2. MARUÍ. **A nossa imprensa.** Crítica ao trabalho da imprensa séria. (p.

2.4.3.3. Sem autor. **Crônica.** Crítica ao Sr. Dias. (p. 6)

2.4.3.4. Sem autor. **Crônique.** Sobre a companhia dramática do Sr. Simões. O autor afirma que em havia cerca de 16.000 pessoas morando em Rio Grande. (p. 7)

#### **2.4.5. CARICATURA**

2.4.5.1. T. Sem título. Várias críticas. (p. 4)

2.4.5.2. T. **Uma do Mariano.** História em quadrinhos que conta da noite que um sujeito chamado Mariano pensou que sua casa estivesse sendo invadida por ladrões. (p. 8)

#### **2.4.8. OUTROS**

2.4.8.1. T. Sem título. Retrato em homenagem ao ator e autor Antonio José Muniz. (p. 1)

2.4.8.2. Sem autor. **Expediente.** Cobrança de débito à D. Chiquinha. (p. 7)

**MARUÍ. Rio Grande, Ano II, n.º 5, 30 de janeiro de 1881<sup>68</sup>.**

#### **2.5.1. POESIA**

2.5.1.1. Sem autor. **Sessão dogmática. Lição de história.** Poema não dividido em estrofes (p. 7)

<sup>67</sup> Embora conste nessa edição a data de 26 de janeiro, decidiu-se manter a publicação dominical, no caso 23/01.

<sup>68</sup> As páginas dessa edição estão invertidas, porém manteve-se a ordem tradicional (páginas 1-8)

### 2.5.3. CRÍTICA

2.5.3.1. DR. BRISTOL. **Coisas**. Crônica sobre a falta de divertimento na cidade entre outros assuntos. (p. 2)

2.5.3.2. EPIFANIO. **Temporiedade**. Crítica ao clero. (p. 3)

2.5.3.3. ESCABECHE. **Assuntos políticos**. Crítica política. (p. 3)

2.5.3.4. JUVÊNCIO. **Balbúrdia**. Crítica política. (p. 3)

2.5.3.5. PARASITACROEICO. **Crônique**. Sobre o carnaval. (p. 6)

### 2.5.5. CARICATURA

2.5.5.1. T. Sem título. Representação do *Maruí* dormindo em uma rede explicando-se: “ as novidades são poucas e o calor é muito”. (p. 1)

2.5.5.2. T. Sem título. Variedades. (p. 4)

2.5.5.3. T. Sem título. Variedades. (p. 8)

### 2.5.8. OUTROS

2.5.8.1. T. Sem título. Retrato em homenagem ao Conselheiro Saldanha Marinho. (p. 1)

## MARUÍ. Rio Grande, Ano II, n.º6, 6 de fevereiro de 1881.

### 2.6.1. POESIA

2.6.1.1. MARQUES, Paulo. **A minha noiva**. Poema romântico em 5 quadras. (p. 6)

2.6.1.2. ROSA, Garcia. **O canto do proscrito**. Soneto romântico. (p. 6)

2.6.1.3. Sem autor. **Petição e despacho**. Poema em 2 quadras. (p. 7)

### 2.6.3. CRÍTICA

2.6.3.1. DR. BRISTOL. **O Carnaval**. Crônica elogiando as sociedades pelo cronograma de carnaval. (p. 6)

2.6.3.2. O FORTUNATO. **A festa do Norte**. Crítica à falta de investimentos turísticos. (p. 3)

2.6.3.3. Sem autor. **Editorial**. Crônica política. (p. 2)

#### 2.6.4. NOTAS GERAIS

2.6.4.1. Sem autor. **Exposição**. Sobre a visita a uma exposição de arte. (p. 7)

#### 2.6.5. CARICATURA

2.6.5.1. T. **Escaparão esse ano?** Crítica ao clero. (p. 4)

2.6.5.2. T. **Grande mistério**. Sobre as próximas notícias no periódico. (p. 8)

#### 2.6.7. ANEDOTA

2.6.7.1. JUVÊNCIO. Sem título. Diversas piadas que são na verdade sátiras de muitas personalidades locais. (p. 3)

#### 2.6.8. OUTROS

2.6.8.1. Sem autor. **Destes há muitos**. Notícia o caso de um devedor espanhol. (p.2)

**MARUÍ. Rio Grande, Ano II, n.º 7, 13 de fevereiro de 1881<sup>69</sup>.**

#### 2.7.1. POESIA

2.7.1.1. Sem autor. **A um usurário**. Poema em 3 quadras criticando a ganância. (p. 6)

#### 2.7.3. CRÍTICA

2.7.3.1. DR. BRISTOL. **Exposição Brasileira Alemã**. Crônica sobre a exposição e a influência das duas culturas. (p. 2)

2.7.3.2. JUVÊNCIO. **Instrução pública**. Sobre os rumos da educação brasileira. (p. 3)

2.7.3.3. KTUMBI. Sem título. Várias críticas ao Império. (p. 3)

2.7.3.4. O MANSINHO. **Correspondência**. Críticas à imprensa. (p. 3)

---

<sup>69</sup> As páginas dessa edição estão invertidas, porém manteve-se a ordem tradicional (páginas 1-8)

### 2.7.5. CARICATURA

2.7.5.1. DR. PICKNICK. JR. **Passeio burlesco**. Crítica pela falta de progresso e entretenimento na cidade. (p. 8)

2.7.5.2. T. Sem título. Sátira ao barqueiro da cidade. (p. 1)

2.7.5.3. T. Sem título. Várias críticas. (p. 4)

2.7.5.4. T. Sem título. Crítica política. (p. 8)

### 2.7.7. ANEDOTAS

2.7.7.1. PIPAROTES. Sem título. Diversas piadas. (p. 7)

**MARUÍ. Rio Grande, Ano II, n.º8, 20 de fevereiro de 1881.**

### 2.8.1. POESIA

2.8.1.1. Sem autor. **Gota de orvalho**. Quadra romântica. (p. 6)

2.8.1.2. Sem autor. **Conselhos**. Poema em prosa. (p. 6)

### 2.8.3. CRÍTICA

2.8.3.1. Sem autor. **Alistamento de eleitores**. Crônica política. (p. 3)

2.8.3.2. Sem autor. **A exposição Ávila Koseritz**. Crítica ao *Comercial* por sua crítica à Exposição Brasileira Alemã. (p.6)

2.8.3.3. Sem autor. **Os intrigantes**. Crítica a pessoas que levantam falso testemunho, critica toda forma de calúnia. (p. 6)

2.8.3.4. DR. TUMBY. **Um tipo**. Crítica a um advogado da cidade. (p. 3)

### 2.8.4. NOTAS GERAIS

2.8.4.1. Sem autor. Sem título. Diversas notas sobre respostas do periódico aos leitores e aos concorrente. (p. 2)

2.8.4.2. Sem autor. Sem título. Texto em homenagem ao poeta Mucio Teixeira. (p. 2)

2.8.4.3. Sem autor. **Boletim de saúde**. Nota do *Maruí* afirmando estar em perfeitas condições de “saúde”, em resposta às críticas do *Comercial* que afirmou que o periódico estaria falido. (p. 2)

2.8.4.4. Sem autor. **Notas a lápis.** Várias notas que tentam explicar o comportamento humano. (p. 7)

### 2.8.5. CARICATURA

2.8.5.1. T. **Clube Boêmio.** Desenhos que homenageiam a entidade pelas festas oferecidas durante o carnaval. (p. 4)

2.8.5.2. T. Sem título. Recomendação do *Maruí* de um estabelecimento comercial, pela passagem do carnaval, ao público leitor. (p. 8)

### 2.8.8. OUTROS

2.8.8.1. T. Sem título. Retrato em homenagem ao poeta Mucio Teixeira. (p. 1)

**MARUÍ. Rio Grande, Ano II, n.º 11, 13 de março de, 1881.**

### 2.11.1. POESIA

2.11.1.1. HERACLITO. **Os quidans.** Poema em 12 quadras. (p. 6)

### 2.11.3. CRÍTICA

2.11.3.1. DR. BRISTOL. **Negócio...Ílcito.** Crítica política. (p. 3)

2.11.3.2. JUSTICEIRO. **Por um desprotegido.** Crônica que relata a história de um empregado, Sr. Jones, estrangeiro, que após ter deixado seu país de origem a convite do patrão, Sr. Wigg, e depois de muito trabalhar não obteve o que fora acordado. Em uma tentativa desesperada de obter o que era seu por direito ele agride o patrão, diante disso ele foi preso. O autor da crônica utiliza esse fato para fazer crítica social. Essa crônica ainda será debatida em muitas edições do *Maruí*. (p. 2)

2.11.3.3. Sem autor. **Em ordem de marcha.** Crítica política. (p. 3)

2.11.3.4. SÓCIO DE TODOS. **Nova época.** Crônica política que analisa as eleições. (p. 3)

#### **2.11.4. NOTAS GERAIS**

2.11.4.1. Sem autor. **Um quadro**. Nota sobre o desenho que consta na primeira página de autoria de Efisio Aneda. (p. 4)

2.11.4.2. Sem autor. **Boletim de saúde**. Sobre a permanência do *Maruí*, em respostas aos comentários dos concorrentes de que ele estaria falindo. (p. 6)

#### **2.11.5. CARICATURA**

2.11.5.1. ANEDA, Efisio. **Homenagem ao Clube Boêmio**. Quadro em que o artista ilustra as alegrias do carnaval. (p. 1)

2.11.5.2. T. Sem título. Ilustra a injustiça cometida contra o Sr. Jones, relatada nessa edição; também sobre a falta de água na cidade. (p. 4)

2.11.5.3. T. Sem título. Sobre um recebedor de impostos. (p. 8)

#### **2.11.8. OUTROS**

2.11.8.1. Sem autor. **As mulheres**. Várias expressões filosóficas sobre as mulheres. (p. 7)

2.11.8.2. Sem autor. **Sr. Roque Quarante**. Crítica pessoal contra um farsante. (p. 7)

2.11.8.3. Sem autor. Sem título. Satiriza o drama de se casar por conta da infidelidade conjugal. (p. 7)

#### **MARUÍ. Rio Grande, Ano II, n.º12, 20 de março de 1881.**

#### **2.12.3. CRÍTICA**

2.12.3.1. DR. PATUROT. **Candidatos**. Crônica política. (p. 2)

2.12.3.2. Sem autor. **Escândalos sobre a Constituição**. Crônica política. (p. 2)

2.12.3.3. Sem autor. **O Costa Iacaio**. O cronista discursa a favor da abolição no Brasil já em 1881. (p. 2)

2.12.3.4. Sem autor. **Sic transit gloria mundi**. Crítica política. (p. 3)

#### **2.12.4. NOTAS GERAIS**

2.12.4.1. CASTELO. **São José do Norte**. Várias notas sobre diversos assuntos de interesse da cidade. (p. 7)

#### **2.12.5. CARICATURA**

2.12.5.1. T. **Onde está a Reforma Judiciária?**. Sobre a prisão do Sr. Jones. O periódico se utiliza do acontecido para fazer crítica à Constituição. (p. 1)

2.12.5.2. T. Sem título. Em favor da reforma judiciária pelas injustiças cometidas contra os desprotegidos. O *Maruí* se coloca na condição de defensor desses. (p. 4)

2.12.5.3. T. Sem título. Crítica ao clero. (p. 8)

**MARUÍ. Rio Grande, Ano II, n.º 13, 27 de março de 1881<sup>70</sup>.**

#### **2.13.3. CRÍTICA**

2.13.3.1. DR. BRISTOL. **Destes há poucos**. Crônica sobre o *Correio Mercantil*. (p. 6)

2.13.3.2. FRASCUELO. **Fervet opus**. Crítica política. (p. 3)

2.13.3.3. Sem autor. **Expliquemo-nos**. Crônica sobre a posição do periódico quanto à delegacia da cidade. (p. 2)

#### **2.13.4. NOTAS GERAIS**

2.13.4.1. Sem autor. Sem título. Agradecimentos aos colegas e ao público em geral e avisos de cobrança para aqueles que se acham em débito com a folha. (p. 2)

#### **2.13.5. CARICATURA**

2.13.5.1. T. Sem título. Satiriza o clero. (p. 4)

2.13.5.2. T. Sem título. Crítica aos mal pagadores. (p. 8)

---

<sup>70</sup> Nessa edição apenas a capa está invertida, foi publicada ao final do jornal. Ainda assim a ordem tradicional foi mantida.

### **2.13.8. OUTROS**

2.13.8.1. Sem autor. **Agouros diversos**. Diversos presságios da cultura popular. (p. 7)

2.13.8.2. Sem autor. **Coisas ridículas e insuportáveis**. Várias expressões de mal gosto.

2.13.8.3. Sem autor. Sem título. Charadas. (p. 2)

2.13.8.4. T. **Homenagem a Bulhão Pato**. Retrato do escritor da literatura portuguesa. (p. 1)

**MARUÍ. Rio Grande, Ano II, n.º 14, 3 de abril de 1881.**

### **2.14.3. CRÍTICA**

2.14.3.1. Sem autor. Sem título. Crônica sobre a atuação de José da Costa Azevedo. (p. 2)

2.14.3.2. Sem autor. Sem título. Ainda sobre o caso do Sr. Jones. (p. 6)

### **2.14.4. NOTAS GERAIS**

2.14.4.1. Sem autor. Sem título. Sobre o alistamento eleitoral. (p. 7)

### **2.14.5. CARICATURA**

2.14.5.1. T. Sem título. Sobre a questão dos padres. (p. 4)

2.14.5.2. T. Sem título. Caricatura que retrata uma crítica pessoal a um morador da cidade. (p. 8)

### **2.14.7. ANEDOTA**

2.14.7.1. Sem autor. **A capital da França**. (p. 7)

### **2.14.8. OUTROS**

2.14.8.1. COURSOL, Gaston de. **Charada**. (p. 7)

2.14.8.2. MONTEIRO, Julieta. **Logogrifo por letras**. A poeta contribuiu com um enigma para divertimento dos leitores. (p. 7)

2.14.8.3. T. Sem título. Retrato em homenagem a José da Costa Azevedo, chefe da divisão. (p. 8)

**MARUÍ. Rio Grande, Ano II, n.º15, 10 de abril de 1881.**

**2.15.3. CRÍTICA**

2.15.3.1. PIPAROT. **Os sinos.** Crítica que satiriza o clero. (p. 3)

2.15.3.2. Sem autor. Sem título. Crônica sobre a circulação de moeda falsa. O autor aproveita a notícia para falar de imoralidade e subversão. (p. 2)

2.15.3.3. Sem autor. **Os algozes.** Crítica a favor da abolição. (p. 3)

2.15.3.4. Sem autor. Sem título. Continuação da crítica em defesa do Sr. Jones. (p. 7)

**2.15.4. NOTAS GERAIS**

2.15.4.1. CURIOSO. **Uma pergunta.** Sobre a questão da demora em se realizar a reforma eleitoral. (p. 6)

2.15.4.2. KTUMBI. **Um bom negócio.** Nota criticando a atuação do *Correio Mercantil* ao apoiar o assassino de um escravo. (p. 3)

2.15.4.3. UM SEU AMIGO. **F. C..** Sobre a falsa moral de uma mulher maldizente, moradora da cidade. (p. 6)

**2.15.5. CARICATURA**

2.15.5.1. T. Sem título. Felicitações pela reabertura do clube *Saca-Rolhas* sob nova direção. (p. 4)

2.15.5.2. T. **Pela moralidade.** Promessa da publicação dos nomes daqueles chefes de família considerados pelo periódico como devassos. (p. 8)

**2.15.8. OUTROS**

2.15.8.1. PATETA. **Charada.** (p. 7)

2.15.8.2. T. Sem título. Retrato em homenagem à poeta Julieta Monteiro. (p. 1)

**MARUÍ. Rio Grande, Ano II, n.º 17, 24 de abril de 1881.**

### **2.17.1. POESIA**

2.17.1.1. GUIMARÃES, Lucas. **Tragédia**. Poema romântico em 12 quadras. (p. 3)

2.17.1.2. Sem autor. **Remédio contra a febre amarela**. Poema em 6 quadras que exaltam a beleza de uma mulher cor de canela. (p. 3)

### **2.17.3. CRÍTICA**

2.17.3.1. SEGISMUNDO. **Candidatos**. Crítica política. (p. 2)

2.17.3.2. Sem autor. Sem título. Conclusão da crônica sobre o caso do Sr. Jones. (p. 6)

### **2.17.4. NOTAS GERAIS**

2.17.4.1. Sem autor. Sem título. Homenagem a Francisco Luiz de Campos Jr. (p. 2)

2.17.4.2. Sem autor. Sem título. Crítica a atuação de um indivíduo mal caráter, morador da cidade. (p. 3)

### **2.17.5. CARICATURA**

2.17.5.1. T. **Sobre as coisas desta terra**. Variedades. (p. 4)

2.17.5.2. T. Sem título. Várias críticas. (p. 8)

### **2.17.8. OUTROS**

2.17.8.1. T. Sem título. Retrato de Francisco Luiz de Campos Jr. (p. 1)

2.17.8.2. Sem autor. **Charada**. (p. 7)

**MARUÍ. Rio Grande, Ano II, n.º 18, 1 de maio de 1881.**

### **2.18.2. POESIA**

2.18.1.1. BONSUCESSO, Verissimo do. **A cobra e o caminheiro**. Poema em 10 quadras. (p. 7)

2.18.1.2. L. M. **O mendigo**. Poema em 8 quadras. (p. 3)

2.18.1.3. S.... **Noite de noivado**. Poema romântico em 2 quadras.

2.18.1.4. Sem autor. **O que são as mulheres?**. Texto que aborda os “fenômenos” porque passa a mulher, segundo o autor, no decorrer da vida. (p. 6)

### **2.18.3. CRÍTICA**

2.18.3.1. ELPIDIO. **Questão literária**. Crítica literária sobre o livro **Alfajores** de Moreira de Vasconcelos. (p. 2)

2.18.3.2. DR. PATUROT. **Pobre canoa**. Crítica política. (p. 6)

2.18.3.4. SIMFRONIO. **Deputados de canastra**. Crítica política. (p. 2)

### **2.18.4. NOTAS GERAIS**

2.18.4.1. Sem autor. Sem título. Várias notas sobre a atuação política. (p. 3)

### **2.18.5. CARICATURA**

2.18.5.1. T. Sem título. Satirizando a viagem de um Sr. Vaz Dias para a Europa. (p. 4)

2.18.5.2. T. Sem título. Caricatura que retrata uma crítica pessoal a uma pessoa da cidade. (p. 8)

### **2.18.8. OUTROS**

2.18.8.1. T. Sem título. Retrato em homenagem a Domingos Moreira de Paiva. (p. 1)

2.18.8.2. Sem autor. **As mulheres julgadas pelas más línguas**. Várias expressões filosóficas sobre a mulher. (p. 3)

**MARUÍ. Rio Grande, Ano II, n.º 19, 8 de maio de 1881.**

### **2.19.2. POESIA**

2.19.2.1. Sem autor. **Que olhos!**. Poema humorístico não dividido em estrofes. (p. 6)

2.19.1.2. Sem autor. **Trovas sertanejas**. Poema composto por 12 trovas de temáticas diferentes. (p. 6)

### 2.19.3. CRÍTICA

2.19.3.1. Sem autor. **Um pouco de política.** Crítica política. (p. 2)

2.19.3.2. Sem autor. **Os faladores.** Crítica de costumes. (p. 2)

2.19.3.3. SILVA, Timorato da. **Questão literária.** Sobre os primeiros literatos a surgirem na Terra. (p. 2)

### 2.19.4. NOTAS GERAIS

2.19.4.1. Sem autor. **Os beijos.** Nota que tenta explicar a origem dos beijos. (p. 3)

2.19.4.2. Sem autor. Sem título. Sobre a representação do periódico em Jaguarão e Sta. Vitória do Palmar. (p. 7)

### 2.19.5. CARICATURA

2.19.5.1. T. Sem título. Caricatura que retrata uma crítica pessoal a um morador da cidade. (p. 1)

2.19.5.2. T. Sem título. Sobre a questão literária discutida na edição do dia. (p. 4)

2.19.5.3. T. Sem título. Ainda sobre a viagem do Sr. Vaz Dias para a Europa. (p. 8)

### 2.19.7. ANEDOTA

2.19.7.1. Sem autor. **Piruetas.** Várias piadas. (p. 7)

**MARUÍ. Rio Grande, Ano II, n.º20, 15 de maio de 1881.**

### 2.20.1. POESIA

2.20.1.1. BRAGA, Guilherme. **Dum poema inédito.** Poema não dividido em estrofes. (p. 3)

2.20.1.2. FORTE GATO. **Boemia.** Poema em 7 quadras. (p. 6)

### 2.20.3. CRÍTICA

2.20.3.1. DR. PATUROT. **Grande alma.** Crítica ao *Correio Mercantil*. (p. 2)

2.20.3.2. KTUMBI. **Ora, até que enfim!** Crônica sobre a construção da estrada de ferro. (p. 2)

2.20.3.3. Sem autor. **Conferência.** Crônica política. (p. 2)

#### **2.20.4. NOTAS GERAIS**

2.20.4.1. Sem autor. Sem título. Várias sobre a situação política. (p. 3)

2.20.4.2. SILVA, Timorato da. **Dois grandes homens**. Nota sobre a chegada de dois padres ilustres e queridos na cidade. (p. 3)

#### **2.20.5. CARICATURA**

2.20.5.1. T. Sem título. Alusivo à imprensa. (p. 4)

2.20.5.2. T. Sem título. Crítica ao *Artista* e ao *Diário* pelo mau uso da gramática portuguesa em suas publicações. (p. 8)

#### **2.20.7. ANEDOTA**

2.20.7.1. Sem autor. Sem título. Várias anedotas. (p. 3)

#### **2.20.8. OUTROS**

2.20.8.1. T. Sem título. Retrato em homenagem ao Major Silvestre Nunes Gonçalves Vieira, ilustre advogado de Jaguarão. (p. 1)

**MARUÍ. Rio Grande, Ano II, n.º 22, 29 de maio de 1881.**

#### **2.22.1. POESIA**

2.22.1.1. A. B. F. **Deus!**. Poema romântico em 12 quadras. (p. 7)

#### **2.22.2. PROSA**

2.22.2.1. Sem autor. **Memórias de um espartilho**. Conto em que um espartilho ganha personificação e conta suas aventuras no corpo de uma mulher. (p. 6)

#### **2.22.3. CRÍTICA**

2.22.3.1. KTUMBI. **Rapto**. Crítica de costumes em que o autor fala do rapto em detrimento do casamento. (p. 2)

2.22.3.2. Sem autor. **Que valente!**. Crítica política. (p. 2)

#### **2.22.4. NOTAS GERAIS**

2.22.4.1. PIPELET. **Que sacrilégio!**. Crítica ao clero. (p. 3)

#### **2.22.5. CARICATURA**

2.22.5.1. T. **Escândalos**. Crítica à imprensa. (p. 4)

2.22.5.2. T. Sem título. Alusivo à estrada de ferro. (p. 8)

#### **2.22.8. OUTROS**

2.22.8.1. T. Sem título. Retrato em homenagem ao Tenente Coronel Jacinto de Brum Amaral. (p. 1)

**MARUÍ. Rio Grande, Ano II, n.º 23, 5 de junho de 1881.**

#### **2.23.1. POESIA**

2.23.1.1. PERIQUITO. **O mundo está desgraçado**. Poema pessimista. (p. 6)

#### **2.23.3. CRÍTICA**

2.23.3.1. ELPIDIO. **São muitos na canoa**. Crítica política. (p. 2)

2.23.3.2. KTUMBI. **A sua mania**. Crítica ao *Correio Mercantil*. (p. 2)

2.23.3.3. PIPELET. **Estrada de ferro**. Crítica política pela construção da estrada. (p. 2)

#### **2.23.5. CARICATURA**

2.23.5.1. T. Sem título. Felicita a chegada de *Asmodeo*, um novo caricato (p. 1)

2.23.5.2. T. Sem título. Diversas caricaturas. (p. 4)

2.23.5.3. T. Sem título. Pela chegada do inverno. (p. 8)

#### **2.23.7. ANEDOTA**

2.23.7.1. Sem autor. **Não se riam**. Várias piadas. (p. 7)

### 2.23.8. OUTROS

2.23.8.1. Sem autor. Texto em que são apresentadas algumas definições para a vida política. (p. 6)

**MARUÍ. Rio Grande, Ano II, n.º 24, 12 de junho de 1881.**

### 2.24.3. CRÍTICA

2.24.3.1. KTUMBI. **Com faca não**. Crítica política sobre uma briga travada entre dois deputados. (p. 3)

2.24.3.2. TINTIN-LINTIN. **Crise ministerial**. Crônica política. (p. 3)

2.24.3.3. Sem autor. **Grande questão**. Antonio Joaquim Dias, redator do *Correio Mercantil*, acusa os redatores do *Maruí* de o estarem caluniando em suas caricaturas “Das viagens do Sr. Vaz Dias a Europa”. O cronista defende o periódico, utilizando muita ironia no seu discurso, dizendo que esse Sr. Dias pode ser qualquer um.

2.24.3.4. Sem autor. **Sermão**. Crônica sobre os malefícios da ganância e ambição. (p. 6).

2.24.3.5<sup>71</sup>. Sem autor. **Nariz que passou a história**. Crônica sobre a publicação do 2º fascículo das obras poéticas de Gregório de Matos.

### 2.24.4. NOTAS GERAIS

2.24.4.1. KLISTO LESTO LESTE. **Mais um**. Sobre o surgimento de um novo jornal na cidade. (p. 6)

### 2.24.5. CARICATURA

2.24.5.1. T. Sem título. Alusão às festividades juninas. (p. 4)

2.24.5.2. T. Sem título. Crítica à falta de segurança. Ilustra uma chacina ocorrida no Taim. (p. 8)

---

<sup>71</sup> Nesse texto o cronista faz citação a um poema de Gregório de Matos, já transcrito nessa dissertação.

### 2.24.8. OUTROS

2.24.8.1. T. Sem título. Retrato em homenagem ao governador Antonio Luiz da Câmara Coutinho. (p. 1)

**MARUÍ. Rio Grande, Ano II, n.º 28, 10 de julho de 1881<sup>72</sup>.**

### 2.28.2. POESIA

2.28.2.1. SILVA, José Bonifácio de Andrade e. **Recitativo**. Poema romântico. (p. 6)

2.28.2.2. V. P. **Candoca**. Acróstico que satiriza o comércio local. (p. 7)

### 2.28.3. CRÍTICA

2.28.3.1. KTUMBI. **!! Que desgraça!**. Crítica ao *Correio Mercantil*. (p. 6)

2.28.3.2. PICOLET. **Assunto importante**. Crítica política. (p. 2)

2.28.3.3. PIPELET. **Importantíssimos acontecimentos**. Crítica política. (p. 3)

2.28.3.4. Sem autor. **Teatro**. Crônica sobre as artes dramáticas. (p. 1)

### 2.28.4. NOTAS GERAIS

2.28.4.1. MARUÍ. **Aos nossos favorecedores**. A redação do jornal pede desculpas ao público leitor pela irregularidade na entrega do periódico, o que ocorreu por problemas pessoais. (p. 2)

2.28.4.2. Sem autor. **Mais um**. Nota de boas-vindas a V. da Porciuncula, autor do acróstico publicado nessa edição. (p. 7)

2.28.4.3. Sem autor. **Júri**. Nota exigindo a liberdade do Sr. Jones. (p. 7)

### 2.28.5. CARICATURA

2.28.5.1. T. Sem título. Ilustração que ironiza a cidade de Pelotas diante do progresso. (p. 4)

2.28.5.2. T. Sem título. Ilustração da biblioteca pública de Rio Grande. (p. 8)

---

<sup>72</sup> Essa edição está entre as edições de 5 e 12 de junho, provavelmente um erro de arquivo.

### **2.28.8. OUTROS**

2.28.8.1. T. Sem título. Retrato em homenagem a Henrique José Pereira Jr., comerciante. (p. 1)

2.28.8.2. T. Sem título. Retrato em homenagem a Antonio Magalhães, na ocasião de sua morte. (p. 5)

**MARUÍ. Rio Grande, Ano II, n.º 30, 24 de julho de 1881.**

### **2.30.2. POESIA**

2.30.2.1. ROCHA, J. Dias da. **O lar**. Poema de cunho moralizante. (p. 7)

### **2.30.4. NOTAS GERAIS**

2.30.4.1. JOÃO CENSURA. **O que dizem por aí**. Várias notas sobre acontecimentos diversos. (p. 2)

2.30.4.2. LECLERC, Jules. **Por um pedido. A F. B.** (p. 2)

### **2.30.5. CARICATURA**

2.30.5.1. T. Sem título. Crítica aos fofoqueiros da cidade. (p. 1)

2.30.5.2. T. Sem título. Ilustra a viagem do Sr. Dias a Europa. (p. 4)

2.30.5.3. T. Sem título. Sobre um temporal de granizo que atingiu a cidade. (p. 8)

### **2.30.7. ANEDOTAS**

2.30.7.1. Sem autor. **Miscelânea**. Várias anedotas. (p. 3)

### **2.30.8. OUTROS**

2.30.8.1. Sem autor. **Dois mutilados – Drama ultra histórico**. Transcrição de uma peça de teatro que fala do descaso dos governantes como os heróis de guerra. (p. 6)

2.30.8.2. Sem autor. **Qualificativos do homem**. Apresenta as qualificações do homem nas diferentes fases de vida. (p. 7)

2.30.8.2. Sem autor.

**MARUÍ. Rio Grande, Ano II, n.º 31, 31 de julho de 1881.**

### **2.31.1. POESIA**

2.31.1.1. LECLERC, Jules. **Ela? À A Hormain**. Soneto romântico. (p. 6)

2.31.1.2. ALVES, Castro. **Os 3 amores**. Poema romântico em 3 partes. (p. 6)

2.31.1.3. TUA BOTA. **Último canto do cisne**. Poema romântico em 7 quadras. (p. 7)

2.31.1.4. ATUALIDADE. **Traspassa-se**. Soneto. (p. 7)

### **2.31.3. CRÍTICA**

2.31.3.1. JOCA. **Instrução e Recreio**. Crônica em comemoração aos 27 anos da *Sociedade Instrução e Recreio*. (p. 2)

### **2.31.4. NOTAS GERAIS**

2.31.4.1. ELPIDIO. **O que dizem por aí**. Várias notas sobre acontecimentos diversos. (p.3)

2.31.4.2. Sem autor. **Advertência**. Alerta do periódico quanto ao pagamento das assinaturas. (p. 7)

### **2.31.5. CARICATURA**

2.31.5.1. T. Sem título. Várias críticas caricatas. (p. 4)

2.31.5.2. T. Sem título. Parabenizando a *Sociedade Instrução e Recreio* pela festa em comemoração aos 27 anos de fundação. (p. 8)

2.31.5.3. T. Sem título. Sobre um temporal de granizo que atingiu a cidade. (p. 8)

### **2.31.8. OUTROS**

2.31.8.1. Sem autor. Sem título. Retrato em homenagem ao inspetor da alfândega, Bento Martins de Menezes. (p. 6)

2.31.8.2. Sem autor. **O coração da mulher**. Apresenta as qualificações do coração feminino. (p. 7)

**MARUÍ. Rio Grande, Ano II, n.º 34, 21 de agosto de 1881.**

### **2.34.1. POESIA**

2.34.1.1. B. LOPES. **Cromos**. Poema descritivo. (p. 3)

2.34.1.2. OTAVIANO, F. **Soneto**. Soneto que faz crítica abordando a brevidade da vida.

### **2.34.2. PROSA**

2.34.2.1. Sem autor. **Um drama familiar**. Conto, continua na edição seguinte. (p. 3)

### **2.34.3. CRÍTICA**

2.34.2.1. Sem autor. **Ora qual!**. Crônica pela alforria de um escravo. (p. 2)

2.34.3.2. Sem autor. **Esperança e fé**. Crônica que debate os rumos da política nacional. (p. 3)

### **2.34.4. NOTAS GERAIS**

2.34.4.1. Sem autor. Sem título. Nota exigindo o pagamento das assinaturas do periódico que estiverem em atraso. (p. 2)

2.34.4.2. Sem autor. Sem título. Nota em resposta às críticas do *Correio Mercantil* de que o *Maruí* estaria em crise. (p. 2)

### **2.34.5. CARICATURA**

2.34.5.1. T. **A calçada mais perigosa desta terra**. Em alusão a calçada que ficava em frente a igreja. Crítica ao clero. (p. 1)

2.34.5.2. T. **Questão jornalística**. Ilustra a concorrência entre jornais na cidade. (p.4)

2.34.5.3. T. Sem título. Várias questões ilustradas. (p. 8)

**MARUÍ. Rio Grande, Ano II, n.º35, 28 de agosto de 1881.**

### **2.35.1. POESIA**

2.35.1.1. C. J. **A uma menina vaidosa**. Poema romântico em 12 quadras. (p. 3)

2.35.1.2. CUNHA, Viana. **Um herói realista**. Soneto. (p. 7)

2.35.1.3. SOFFI. **Cenas no lar**. Soneto romântico. (p. 7)

### 2.35.2. PROSA

2.35.2.1. ALGUÉM. **Um drama familiar**. Conclusão do conto. (p.3)

2.35.2.2. Sem autor. **Um velho apaixonado**. Conto. (p. 2)

### 2.35.3. CRÍTICA

2.35.2.1. Sem autor. **Progresso de gatunos**. Crítica política. (p. 2)

### 2.35.4. NOTAS GERAIS

2.35.4.1. Sem autor. Sem título. Nota exigindo o pagamento das assinaturas do periódico que estiverem em atraso. (p. 2)

### 2.35.5. CARICATURA

2.35.5.1. T. Sem título. Crítica pelo grande número de loterias na cidade. (p. 4)

2.35.5.2. T. Sem título. Várias caricaturas que criticam a política e o clero (p. 8)

### 2.35.6. ANÚNCIO

2.35.6.1. Sem autor. Sem título. Vários anúncios do comércio da cidade, porém são apresentados em forma de crítica aos proprietários. (p. 7)

**MARUÍ. Rio Grande, Ano II, n.º 37, 11 de setembro de 1881<sup>73</sup>.**

### 2.37.1. POESIA

2.37.1.1. RODRIGUES, M. Jorge. **Na roça**. Soneto. (p. 4)

2.37.1.2. Sem autor. **Na vareta de um leque**. Soneto. (p. 4)

2.37.1.3. Sem autor. **No baile**. Soneto. (p. 4)

2.37.1.3. Sem autor. **Ela**. Poema em 7 quadras. (p. 7)

---

<sup>73</sup> A partir dessa edição o periódico tem novo formato. Os desenhos passam a ser publicados nas páginas 2e 3, 6 e 7.

### 2.37.3. CRÍTICA

2.37.3.1. Sem autor. **A Sta. Rosa de Lima**. Crônica sobre o temporal acontecido em uma localidade de mesmo nome, situada na costa do sul. (p. 1)

2.37.3.2. Sem autor. **Máscaras abaixo**. Crítica política. (p. 5)

### 2.37.4. NOTAS GERAIS

2.37.4.1. Sem autor. Sem título. Nota exigindo o pagamento das assinaturas do periódico que estiverem em atraso. (p. 5)

### 2.37.5. CARICATURA

2.37.5.1. T. Sem título. Crítica à imprensa. (p. 2)

2.37.5.2. T. Sem título. Crítica à política e à imprensa. (p. 6)

### 2.37.8. OUTROS

2.37.8.1. BANDARRILHEIRO. Sem título. Retrato em homenagem a Francisco da Silva Almeida Pontes. (p. 3)

2.37.8.2. Sem autor. **Periquitadas**. Várias sátiras. (p. 4)

**MARUÍ. Rio Grande, Ano II, n.º 38, 18 de setembro de 1881.**

### 2.38.1. POESIA

2.38.1.1. B. LOPES. **Cromos**. Poema descritivo. (p. 5)

2.38.1.2. Sem autor. **Teu pé**. Soneto. (p. 8)

### 2.38.2. PROSA

2.38.2.1. CHANTEPIE, Alfred. **Lili**. Conto. (p. 4)

### 2.38.3. CRÍTICA

2.38.3.1. LUIZ. **Biblioteca**. Crônica sobre a importância da Biblioteca Rio-Grandense para a cultura local. (p. 1)

#### **2.38.4. NOTAS GERAIS**

2.38.4.1. Sem autor. Sem título. Nota exigindo o pagamento das assinaturas do periódico que estiverem em atraso. (p. 5)

#### **2.38.5. CARICATURA**

2.38.5.1. T. Sem título. Crítica à política. (p. 2)

2.38.5.2. T. Sem título. Crítica contra a imoralidade, de qualquer tipo. (p. 6)

#### **2.38.8. OUTROS**

2.38.8.1. Sem autor. **Carta. O amante de Hercília Correa.** Publicação de uma carta de cunho moralizante contra a conduta de uma mulher casada. (p. 4)

2.38.8.2. Sem autor. **Periquitadas.** Várias sátiras. (p. 4)

### **MARUÍ. Rio Grande, Ano II, n.º 41, 9 de outubro de 1881.**

#### **2.41.1. POESIA**

2.41.1.1. B. P. **Pressentimento.** Soneto. (p. 3)

2.41.1.2. Sem autor. **Festim etéreo.** Poema em 8 quadras. (p. 3)

#### **2.41.3. CRÍTICA**

2.41.3.1. Sem autor. **Com vista à polícia.** Crônica por conta da insegurança. (p. 5)

2.41.3.2. Sem autor. **Quadriha.** Crônica sobre uma que atuara em Rio Grande e que jamais foi capturada. (p. 5)

2.41.3.3. JUNIUS, Leo. **Tartufos.** Crônica sobre a hipocrisia. (p. 1)

#### **2.41.4. NOTAS GERAIS**

2.41.4.1. Sem autor. **Notre Drame de Paris.** Nota que anuncia a abertura de novo comércio na cidade. (p. 4)

2.41.4.2. Sem autor. **Escândalo.** Nota que critica uma injustiça feita a um escravo. (p. 8)

2.41.4.3. Sem autor. Sem título. Nota exigindo o pagamento das assinaturas do periódico que estiverem em atraso. (p. 5)

#### **2.41.5. CARICATURA**

2.41.5.1. T. Sem título. Várias. (p. 2)

2.41.5.2. T. Ao novo comércio da cidade, o *Notre Drame de Paris* (p. 5)

**MARUÍ. Rio Grande, Ano II, n.º 42, 16 de outubro de 1881.**

#### **2.42.1. POESIA**

2.42.1.1. FABRINO, Rodolfo. **A montanha**. Poema em 7 quadras. (p. 4)

2.42.1.2. VARELA, Fagundes. **A mulher**. Poema em 7 quadras. (p. 4)

#### **2.42.3. CRÍTICA**

2.42.3.1. CABRION. **Que trapalhão!**. Sobre uma autoridade de nome Gabriel. (p. 4)

#### **2.42.4. NOTAS GERAIS**

2.42.4.1. Sem autor. Sem data. Nota sobre o clube *Caridade na sombra*. (p. 1)

2.42.4.2. Sem autor. Sem título. Nota exigindo o pagamento das assinaturas do periódico que estiverem em atraso. (p. 5)

#### **2.42.5. CARICATURA**

2.42.5.1. T. Sem título. Contra a hipocrisia. (p. 2)

2.42.5.2. T. Sem título. Várias. (p. 6)

#### **2.42.8. OUTROS**

2.42.8.1. Sem autor. Sem título. Texto em homenagem a Artur da Cruz Ferreira, na ocasião da sua morte. (p. 1)

2.42.8.2. Sem autor. **Álbum de um doido**. Vários pensamentos sobre diversos fatos da vida. (p. 5)

2.42.8.3. Sem autor. **Mosaico**. Vários pequenos textos. (p. 6)

**MARUÍ. Rio Grande, Ano II, n.º43, 23 de outubro de 1881.**

### **2.43.2. PROSA**

2.43.2.1. LECLERC, Jules. **Ela**. Conto. Tem continuação na edição seguinte. (p. 3)

### **2.43.3. CRÍTICA**

2.43.3.1. A. GAMA. **Muito obrigado**. Sobre o hábito de se ficar devendo favores. (p. 5)

2.43.3.2. JUNIUS, Leo. **Libertinos**. Crônica sobre a falsa moralidade. Continua na edição seguinte. (p. 1)

### **2.43.5. CARICATURA**

2.43.5.1. T. Sem título. Caricaturas variadas. (p. 2)

2.43.5.2. T. Sem título. Caricatura sobre a estrada de ferro. (p. 6)

### **2.43.6. ANÚNCIO**

2.43.6.1. Sem autor. **Baratilha**. Propaganda de um estabelecimento comercial na forma de um poema de 7 quadras.

### **2.43.8. OUTROS**

2.43.8.1. T. Sem título. Retrato em homenagem a Artur da Cruz Ferreira. (p. 7)

**MARUÍ. Rio Grande, Ano II, n.º44, 30 de outubro de 1881.**

### **2.44.1. POESIA**

2.44.1.1. LECLERC, Jules. **A Artur Rocha**. Soneto em sua homenagem. (p. 4)

2.44.1.2. B. LOPES. **Cromos**. Poema descritivo. (p. 3)

### **2.44.2. PROSA**

2.44.2.1. LECLERC, Jules. **Ela**. Continuação do conto. (p. 5)

2.44.2.2. VASSY, G. **Os olhos do Tio Bernard**. Conto. (p. 5)

### **2.44.3. CRÍTICA**

2.44.3.1. JUNIUS, Leo. **Libertinos**. Crônica sobre a falsa moralidade, cont.. (p. 1)

### **2.44.4. NOTAS GERAIS**

2.44.4.1. Sem autor. Sem título. Texto que homenageia Teodoro Rangel. (p. 1)

2.44.4.2. Sem autor. **Baile**. Nota de agradecimento ao clube *Diógenes*.

### **2.44.5. CARICATURA**

2.44.5.1. T. Sem título. Crítica ao feriado de finados e a política em geral. (p. 2)

2.44.5.2. T. Sem título. Crítica ao feriado de finados. (p. 2)

### **2.44.6. ANÚNCIO**

2.44.6.1. Sem autor. **Baratilho**. Propaganda de um estabelecimento comercial na forma de um poema de 7 quadras.

### **2.44.8. OUTROS**

2.44.8.1. T. Sem título. Retrato de Teodoro Rangel. (p. 7)

## **MARUÍ. Rio Grande, Ano II, n.º 45, 6 de novembro de 1881.**

### **2.45.1. POESIA**

2.45.1.1. C. F. **Teus olhos**. Poema em 4 quadras. (p. 2)

2.45.1.2. RODRIGUES, M. Jorge. **Poetiza**. Soneto romântico. (p. 5)

### **2.45.3. CRÍTICA**

2.45.3.1. JUNIUS, Leo. **Libertinos**. Crônica sobre a falsa moralidade, cont.. (p. 1)

2.45.3.2. TRAVASSOS. **O dandy travassos**. Crítica política. (p. 1)

2.45.3.3. Sem autor. **O casamento**. Crônica sobre essa prática. (p. 2).

### **2.45.5. CARICATURA**

2.45.5.1. T. Sem título. Crítica política. (p. 2)

2.45.5.2. T. Sem título. Sátira à imprensa. (p. 6)

**MARUÍ. Rio Grande, Ano II, n.º46, 13 de novembro de 1881.**

### **2.46.1. POESIA**

2.46.1.1. J. J. C. **No Éden**. Poema em 6 estrofes que aborda e questiona a versão católica sobre o mito edênico. (p. 5)

### **2.46.2. PROSA**

2.46.2.1. LECLERC, Jules. **Ela**. Continuação do conto. (p. 4)

### **2.46.3. CRÍTICA**

2.46.3.1. Sem autor. **Sabatina**. Crônica sobre o clube *Diógenes*. (p. 4)

### **2.46.4. NOTAS GERAIS**

2.46.4.1. LECLERC, Jules. Sem título. **Irineu Barbosa**. Uma homenagem na ocasião da morte desse. (p. 1)

### **2.46.5. CARICATURA**

2.46.5.1. T. Sem título. Caricaturas variadas. (p. 2)

2.46.5.2. T. Sem título. Caricatura sobre a estrada de ferro. (p. 6)

**MARUÍ. Rio Grande, Ano II, n.º 47, 20 de novembro de 1881.**

### **2.47.1. POESIA**

2.47.1.1. ALORNA, Marquesa D'. **Ausência**. Soneto. (p. 5)

2.47.1.2. DEUS, João de. **Pergunta**. Poema em 6 quadras. (p. 4)

2.47.1.3. L. de S. **O tope e flores**. Poema em 7 quadras. (p. 5)

2.47.1.4. Sem autor. **A força da mulher**. Poema em 4 quadras. (p. 5)

2.47.1.5. Sem autor. **A miséria**. Poema em 4 quadras. (p. 5)

### **2.47.3. CRÍTICA**

2.47.3.1. MACBETH. **Arabescos**. Várias críticas. (p. 1)

2.47.3.2. Sem autor. **Armas das mulheres**. Crônica sobre o perfil das mulheres. (p. 5)

### **2.47.5. CARICATURA**

2.47.5.1. T. Sem título. Sobre a estrada de ferro. (p. 2, 6)

**MARUÍ. Rio Grande, Ano II, n.º 51, 18 de dezembro de 1881.**

### **2.51.1. POESIA**

2.51.1.1. Sem autor. Sem título. Poema que satiriza os ideais acerca do casamento. (p. 5)

### **2.51.3. CRÍTICA**

2.51.3.1. CABRION. **Pedintes**. Crônica social. (p. 5)

2.51.3.2. JUNIUS, Leo. **Libertinos**. Crítica moralizante. Cont. (p. 4)

2.51.3.3. MACBETH. **Arabescos**. Várias críticas. (p. 1)

### **2.51.4. NOTAS GERAIS**

2.51.4.1. DR. BRISTOL. **Salpicos**. Notas variadas. (p. 2)

### **2.51.5. CARICATURA**

2.51.5.1. T. Sem título. Crítica política. (p. 2, 6)

**MARUÍ. Rio Grande, Ano II, n.º 52, 25 de dezembro de 1881.**

### **2.52.3. CRÍTICA**

2.52.3.1. DR. BRISTOL. **Faladores**. Crônica social. (p. 4)

2.52.3.2. CABRION. **Jones**. Crônica ainda sobre o caso do Sr. Jones. (p. 5)

2.52.3.3. MACBETH. **Arabescos**. Várias críticas. (p. 1)

### **2.52.5. CARICATURA**

2.52.5.1. T. Sem título. Críticas à imprensa. (p. 2)

2.52.5.2. T. **As aventuras de uma viagem à Europa**. Sobre a viagem do Sr. Vaz Dias (p. 6)

**MARUÍ. Rio Grande, Ano III, n.º 1, 1 de janeiro de 1882.**

### **3.1.1. POESIA**

3.1.1.1. PINTO, Antonio de Souza. **Ai, Senhora**. Poema em 6 quadras. (p. 8)

### **3.1.3. CRÍTICA**

3.1.3.1. CABRION. **Passeios**. Crônica social. (p. 5)

3.1.3.2. MACBETH. **Arabescos**. Várias críticas. (p. 4)

### **3.1.4. NOTAS GERAIS**

3.1.4.1. DR. BRISTOL. Sem título. Felicitações pelo novo ano. (p. 1)

3.1.4.2. CABRION. **Solta cão**. Crítica ao *Eco do Sul* e ao Sr. Dias. (p. 5)

3.1.4.3. MARUÍ. Sem título. Felicitações pelo novo ano. (p. 1)

### **3.1.5. CARICATURA**

3.1.5.1. T. Sem título. Sobre o consumismo durante as festas de fim de ano. (p. 1)

3.1.5.2. T. **Miscelânea**. Vários desenhos. (p. 4)

3.1.5.3. T. Sem título. Votos de felicidade do ano velho ao novo. (p. 8)

**MARUÍ. Rio Grande, Ano III, n.º 2, 8 de janeiro de 1882.**

### **3.2.3. CRÍTICA**

3.2.3.1. DR. BRISTOL. **Colégios e colégios.** Sobre a educação na cidade e variedade de escolas. (p. 6)

3.2.3.2. JUNIUS, Leo. **Os hipócritas e tartufos políticos.** Crítica política. (p. 5)

3.2.3.3. MARUÍ. **Ao público.** Pela morte de Buarque de Macedo. (p.1)

3.2.3.4. QUEM O CONHECE. **Máscaras abaixo.** Crítica ao redator do *Correio Mercantil*. (p. 4)

### **3.2.5. CARICATURA**

3.2.5.1. T. **Variedades.** Caricaturas diversas. (p. 2)

3.2.5.2. T. Sem título. Alusão ao dia de reis. (p. 6)

### **3.2.8. OUTROS**

3.2.8.1. Sem autor. **Os deveres da mulher.** Texto que traça as normas para o comportamento feminino. (p. 4)

**MARUÍ. Rio Grande, Ano III, n.º 3, 12 de fevereiro de 1882.**

### **3.7.3. CRÍTICA**

3.7.3.1. MACBETH. **Arabescos.** Várias críticas. (p. 5)

3.7.3.2. MARUÍ. **A imprensa e seus deveres.** Crônica sobre o trabalho da imprensa. (p. 4)

### **3.7.4. NOTAS GERAIS**

3.7.4.1. CABRION. **Carnaval.** Sobre os bailes de carnaval. (p. 1)

3.7.4.2. CABRION. **Ladrão que rouba ladrão.** (p. 4)

3.7.4.3. MARUÍ. **Ao público e aos nossos favorecedores.** Tadeu vem a público se defender de acusações e desculpa-se pela ausência do periódico. (p. 7)

### 3.7.5. CARICATURA

3.7.5.1. T. Sem título. Crítica à imprensa. (p. 2, 6)

### 3.7.8. OUTROS

3.7.8.1. TADEU. **Minha defesa.** O proprietário do periódico se defende das acusações de ataque a outros periódicos, mas alega só falar a verdade. (p.2)

**MARUÍ. Rio Grande, Ano III, n.º 11, 12 de março de 1882.**

#### 3.11.1. POESIA

3.11.1.1. ESTEVES, Joaquim. **Cismando.** Poema em 12 quadras. (p. 4)

3.11.1.2. Sem autor. **Lembra-te homem que és pó.** Poema não dividido em estrofes. (p. 8)

3.11.1.3. Sem autor. **A...eu não posso mais amar.** Soneto (p. 5)

#### 3.11.3. CRÍTICA

3.11.3.1. CABRION. **É Preciso.** Crítica ao clero. (p. 1)

3.11.3.2. Sem autor. **O que era.** Crítica política contra o pagamento do imposto de água. (p. 1)

#### 3.11.5. CARICATURA

3.11.5.1. T. Sem título. Crítica política. (p. 2, 6)

**MARUÍ. Rio Grande, Ano III, n.º15, 16 de abril de 1882.**

#### 3.15.1. POESIA

3.15.1.1. A. MARIETA. **Uma noite nupcial.** Soneto. (p. 8)

#### 3.15.3. CRÍTICA

3.15.3.1. CASTRO, Geraldo. **Os beijos.** Crônica sobre a origem do beijo. (p. 5)

### **3.15.4. NOTAS GERAIS**

3.15.4.1. Sem autor. Sem título. Assuntos variados. (p. 4)

### **3.15.5. CARICATURA**

3.15.5.1. T. Sem título. Sobre a questão dos padres. (p. 2)

3.15.5.2. T. Sem título. Várias críticas. (p. 6)

**MARUÍ. Rio Grande, Ano III, n.º 18, 7 de maio de 1882<sup>74</sup>.**

### **3.18.3. CRÍTICA**

3.18.3.1. MARUÍ. Sem título. Embora não confesse, esse discurso tem um tom de despedida. (p. 1)

### **3.18.4. NOTAS GERAIS**

3.18.4.1. OTERO, Conde de. **O que se diz por aí.** Várias notas críticas. (p. 4)

### **3.18.5. CARICATURA**

3.18.5.1. T. Sem título. Felicitações pelo início das atividades no Prado. (p. 2)

3.18.5.2. T. Sem título. Várias críticas. (p. 6)

---

<sup>74</sup> Essa é a última edição, e, ainda assim, incompleta, que consta no volume arquivado na Biblioteca Rio-Grandense. Há outras poucas páginas ao final do arquivo, mas foi impossível identificar a que edições elas correspondiam, portanto não fizeram parte desse índice.

## b) Índice remissivo de colaboradores

***.	1.42.2.3.
A. B. F.	2.22.1.1.
A. F. A.	1.44.1.1.
A. FAVA.	1.47.4.1.
A. GAMA.	2.43.3.1.
A. MARIETA.	3.15.1.1.
ALBUQUERQUE, Lins.	1.49.2.1.
ALENCAR, José de.	1.24.1.1.
ALGUÉM.	2.35.2.1.
ALORNA, Marquesa D'.	2.47.1.1.
ALVES, Castro.	2.31.1.2.
ANEDA, Efisio.	2.11.5.1.
ANTONELLI.	1.6.3.1.
ANTONIO DA PROBIDADE	1.21.2.1.
ANTONIO DA PROBIDADE.	1.14.2.1.
ANTONIO DA PROBIDADE.	1.15.2.1.
ANTONIO DA PROBIDADE.	1.16.2.1.
ANTONIO DA PROBIDADE.	1.17.2.1.
ANTONIO DA PROBIDADE.	1.18.2.1.
ANTONIO DA PROBIDADE.	1.19.2.1.
ANTONIO DA PROBIDADE.	1.22.2.1.
ANTONIO DA PROBIDADE.	1.23.2.1.
ANTONIO DA PROBIDADE.	1.24.2.1.
ANTONIO DA PROBIDADE.	1.25.2.1.
ANTONIO DA PROBIDADE.	1.26.2.1.
ANTONIO DA PROBIDADE.	1.27.2.1.

ANTONIO DA PROBIDADE.	1.28.2.1.
ANTONIO DA PROBIDADE.	1.32.2.1.
ANUNCIAÇÃO.	1.18.4.1.
ANUNCIAÇÃO.	1.20.3.1.
ANUNCIAÇÃO.	1.25.3.1.
ANUNCIAÇÃO.	1.26.3.1.
ANUNCIAÇÃO.	1.27.3.1.
ANUNCIAÇÃO.	1.28.3.1.
ANUNCIAÇÃO.	1.32.1.1.
ARGEMIRO.	2.1.1.1.
ATUALIDADE.	2.31.1.4.
B. P.	2.41.1.1.
BANDARRILHEIRO.	2.37.8.1.
BARRETO.	1.49.1.2.
BASÍLIO.	1.15.4.1.
BELDROEGAS.	1.32.3.1.
BICUINHAS.	1.30.2.1.
BONSUCESSO, Verissimo do.	2.18.1.1.
BRAGA, Guilherme.	2.20.1.1.
C. F.	2.45.1.1.
C. J.	2.35.1.1.
CABRION.	2.42.3.1.
CABRION.	2.51.3.1.
CABRION.	2.52.3.2.
CABRION.	3.1.3.1.
CABRION.	3.1.4.2.
CABRION.	3.7.4.1.
CABRION.	3.7.4.2.
CABRION.	3.11.3.1.
CARIOCA.	1.49.4.2.

CARVALHAES, Alfredo.	1.6.1.1.
CARVALHO JR.	1.5.1.1.
CASTANHEDA.	2.2.1.1.
CASTELO.	2.12.4.1.
CASTRO, Geraldo.	3.15.3.1.
CASTRO, Lucio de.	1.2.1.1.
CASTRO, Lucio de.	1.5.1.2.
CASTRO.	1.34.4.1.
CHANTEPIE, Alfred.	2.38.2.1.
COSTA, Lobo da.	1.11.1.1.
COSTA, Morivaldo.	1.42.1.1.
COURSOL, Gaston de.	2.14.8.1.
CUNHA, Machado da.	1.39.1.1.
CUNHA, Machado da.	1.47.1.2.
CUNHA, Viana.	2.35.1.2.
CURIOSO.	2.15.4.1.
D. PATRIZIO.	1.31.2.1.
D. PATRIZIO.	1.26.2.2.
D. PATRIZIO.	1.28.2.2.
D. PATRIZIO.	1.30.2.2.
D. PATUSCO JUBILADO.	1.45.2.1.
D'ALVA, Lucio.	1.35.1.1.
D'ALVA. Luiz.	1.50.2.3.
DEUS, João de.	2.47.1.2.
DISCRETO.	1.51.8.1.
DR. BRISTOL	1.39.3.1.
DR. BRISTOL.	1.1.3.1.
DR. BRISTOL.	1.2.3.1.
DR. BRISTOL.	1.3.3.1.
DR. BRISTOL.	1.4.3.1.

DR. BRISTOL.	1.5.3.1.
DR. BRISTOL.	1.42.3.1.
DR. BRISTOL.	1.43.3.1.
DR. BRISTOL.	1.44.3.1.
DR. BRISTOL.	1.45.3.1.
DR. BRISTOL.	1.45.3.2.
DR. BRISTOL.	1.46.4.1.
DR. BRISTOL.	1.47.8.1.
DR. BRISTOL.	1.48.3.1.
DR. BRISTOL.	1.49.3.1.
DR. BRISTOL.	1.51.4.1.
DR. BRISTOL.	2.1.3.1.
DR. BRISTOL.	2.2.3.1.
DR. BRISTOL.	2.3.3.1.
DR. BRISTOL.	2.5.3.1.
DR. BRISTOL.	2.6.3.1.
DR. BRISTOL.	2.7.3.1.
DR. BRISTOL.	2.11.3.1.
DR. BRISTOL.	2.13.3.1.
DR. BRISTOL.	2.51.4.1.
DR. BRISTOL.	2.52.3.1.
DR. BRISTOL.	3.1.4.1.
DR. BRISTOL.	3.2.3.1.
DR. FERGUSSON.	1.9.3.1
DR. FERGUSSON.	1.7.3.1.
DR. FERGUSSON.	1.10.3.1.
DR. FERGUSSON.	1.11.3.1.
DR. FERGUSSON.	1.13.3.1.
DR. GILBERT.	1.45.3.3.
DR. HYSOPPE.	2.2.3.3.

DR. JOVER.	1.34.3.1.
DR. KAMPP.	1.2.3.2.
DR. LEÃO.	1.4.8.1.
DR. LEÃO.	1.5.3.2.
DR. LEÃO.	1.6.3.2.
DR. LEÃO.	1.7.3.2.
DR. LEÃO.	1.9.3.2.
DR. LEÃO.	1.10.3.2.
DR. LEÃO.	1.12.3.1.
DR. LEÃO.	1.14.3.1.
DR. LEÃO.	1.16.3.1.
DR. PATUROT.	2.12.3.1.
DR. PATUROT.	2.18.3.2.
DR. PATUROT.	2.20.3.1.
DR. PICKNICK JR.	1.1.2.1.
DR. PICKNICK JR.	1.2.2.1.
DR. PICKNICK JR.	1.2.3.3.
DR. PICKNICK. JR.	2.7.5.1.
DR. PUFF.	1.9.1.1.
DR. RABAGAS.	1.3.2.1.
DR. RABAGAS.	1.4.2.1.
DR. SEMIRIQUEFESTE.	1.9.3.3.
DR. TUMBY.	2.8.3.4.
ELFRIDES.	1.17.3.1.
ELPIDIO.	2.18.3.1.
ELPIDIO.	2.23.3.1.
ELPIDIO.	2.31.4.1.
EPIFANIO.	2.3.4.1.
EPIFANIO.	2.5.3.2.
ESCABECHE.	2.5.3.3.

ESTEVES, Joaquim.	3.11.1.1.
F. C.	1.43.3.2.
FABRINO, Rodolfo.	2.42.1.1.
FACUNDO.	2.2.3.2.
FERRINHOS, José dos.	1.6.3.1.
FLORÊNCIO.	2.3.3.2.
FLORÊNCIO.	2.3.3.3.
FORTE GATO.	2.20.1.2.
FORTUNATO, O.	2.6.3.2.
FRASCUELO.	2.13.3.2.
G. B.	1.46.2.1.
GAIOLA.	1.41.1.1.
GAIOLA.	1.42.1.2.
GALIBERT.	1.50.3.1.
GALINHA, Amadio.	1.34.4.2.
GALINHA, Amadio.	1.35.3.1.
GEREMIAS, O.	1.41.8.1.
GIL JR.	1.50.2.2.
GONZALES, Henrique.	1.1.4.1.
GUIMARÃES JR., L.	1.50.2.1.
GUIMARÃES, Lucas.	2.17.1.1.
GUMARAES JR., Luiz.	1.43.1.1.
HERACLITO.	2.11.1.1.
IGNÁCIO.	1.44.3.2.
J. ARAÚJO.	1.47.1.1.
J. J. C.	2.46.1.1.
JAMELÃO.	1.46.4.2.
JANJOCA.	1.41.4.1.
JANJOCA.	1.42.3.2.
JOÃO CENSURA.	2.30.4.1.

JOCA.	2.31.3.1.
JONATAS.	1.39.3.2.
JONATAS.	1.50.3.2.
JOSÉ NINGUÉM.	12.3.2.
JUNIO.	1.51.1.1.
JUNIUS, Leo.	2.41.3.3.
JUNIUS, Leo.	2.43.3.2.
JUNIUS, Leo.	2.44.3.1.
JUNIUS, Leo.	2.45.3.1.
JUNIUS, Leo.	2.51.3.2.
JUNIUS, Leo.	3.2.3.2.
JUSTICEIRO.	2.11.3.2.
JUVÊNCIO.	2.2.3.4.
JUVÊNCIO.	2.4.3.1.
JUVÊNCIO.	2.5.3.4.
JUVÊNCIO.	2.6.7.1.
JUVÊNCIO.	2.7.3.2.
K. BISBAIXO.	1.50.3.3.
K. TACEGA.	1.51.3.1.
KLISTO LESTO LESTE.	2.24.4.1.
KTUMBI.	2.7.3.3.
KTUMBI.	2.15.4.2.
KTUMBI.	2.20.3.2.
KTUMBI.	2.22.3.1.
KTUMBI.	2.23.3.2.
KTUMBI.	2.24.3.1.
KTUMBI.	2.28.3.1.
L. de C.	1.39.3.3.
L. de S.	2.47.1.3.
L. M.	2.18.1.2.

LECLERC, Jules.	1.39.4.1.
LECLERC, Jules.	2.30.4.2.
LECLERC, Jules.	2.31.1.1.
LECLERC, Jules.	2.43.2.1.
LECLERC, Jules.	2.44.1.1.
LECLERC, Jules.	2.44.2.1.
LECLERC, Jules.	2.46.2.1.
LECLERC, Jules.	2.46.4.1.
LIMPO, Manoel.	1.35.3.2.
LOPES, B.	2.34.1.1.
LOPES, B.	2.38.1.1.
LOPES, B.	2.44.1.2.
LORD K.	1.22.5.3.
LORD K.	1.1.5.1.
LORD K.	1.1.5.2.
LORD K.	1.1.5.3.
LORD K.	1.2.5.1.
LORD K.	1.2.5.2.
LORD K.	1.2.5.3.
LORD K.	1.3.5.1.
LORD K.	1.3.5.2.
LORD K.	1.3.8.1.
LORD K.	1.4.5.1.
LORD K.	1.4.5.2.
LORD K.	1.4.5.3.
LORD K.	1.5.5.1.
LORD K.	1.5.5.2.
LORD K.	1.5.8.1.
LORD K.	1.6.5.1.
LORD K.	1.6.5.2.

LORD K.	1.6.8.1.
LORD K.	1.7.5.1.
LORD K.	1.7.5.2.
LORD K.	1.7.8.1.
LORD K.	1.8.5.1.
LORD K.	1.8.5.2.
LORD K.	1.8.8.1.
LORD K.	1.9.5.1.
LORD K.	1.9.5.2.
LORD K.	1.9.8.1
LORD K.	1.10.5.1.
LORD K.	1.10.5.2.
LORD K.	1.10.8.1.
LORD K.	1.11.5.1.
LORD K.	1.11.5.2.
LORD K.	1.11.8.1.
LORD K.	1.12.5.1.
LORD K.	1.12.5.2.
LORD K.	1.12.8.1.
LORD K.	1.13.5.1.
LORD K.	1.13.5.2.
LORD K.	1.13.8.1.
LORD K.	1.14.5.1.
LORD K.	1.14.5.2.
LORD K.	1.14.5.3.
LORD K.	1.14.8.1.
LORD K.	1.15.5.1.
LORD K.	1.15.5.2.
LORD K.	1.15.8.1.
LORD K.	1.16.5.1.

LORD K.	1.16.5.2.
LORD K.	1.16.5.3.
LORD K.	1.17.5.1.
LORD K.	1.17.5.2.
LORD K.	1.17.8.1.
LORD K.	1.18.5.1.
LORD K.	1.18.5.2.
LORD K.	1.18.5.3.
LORD K.	1.19.5.1.
LORD K.	1.19.5.2.
LORD K.	1.19.5.3.
LORD K.	1.20.5.1.
LORD K.	1.20.5.2.
LORD K.	1.21.5.1.
LORD K.	1.21.5.2.
LORD K.	1.21.8.1.
LORD K.	1.21.8.2.
LORD K.	1.22.5.1.
LORD K.	1.22.5.2.
LORD K.	1.23.5.1.
LORD K.	1.23.8.1.
LORD K.	1.23.8.2.
LORD K.	1.24.5.1.
LORD K.	1.24.5.2.
LORD K.	1.24.5.3.
LORD K.	1.25.5.1.
LORD K.	1.25.5.2.
LORD K.	1.25.5.3.
LORD K.	1.25.8.1.
LORD K.	1.26.5.1.

LORD K.	1.26.5.2.
LORD K.	1.26.5.3.
LORD K.	1.27.5.1.
LORD K.	1.27.5.2.
LORD K.	1.27.8.1.
LORD K.	1.28.5.1.
LORD K.	1.28.5.2.
LORD K.	1.28.8.1.
LORD K.	1.30.5.1.
LORD K.	1.30.5.2.
LORD K.	1.30.8.1.
LORD K.	1.31.5.1.
LORD K.	1.31.5.2.
LORD K.	1.31.8.1.
LUCIO.	1.34.4.2.
LUIZ.	2.38.3.1.
MACBETH.	2.47.3.1.
MACBETH.	2.51.3.3.
MACBETH.	2.52.3.3.
MACBETH.	3.1.3.2.
MACBETH.	3.7.3.1.
MAGANO.	1.41.4.2.
MAGANO.	1.43.3.3.
MANSINHO, O.	2.7.3.4.
MARQUES, Paulo.	2.6.1.1.
MARUÍ	1.1.1.1.
MARUÍ.	1.3.4.1.
MARUÍ.	1.6.4.1.
MARUÍ.	1.8.3.1.
MARUÍ.	1.12.8.3.

MARUÍ.	1.48.4.3.
MARUÍ.	2.1.8.1.
MARUÍ.	2.3.4.2.
MARUÍ.	2.4.3.2.
MARUÍ.	2.28.4.1.
MARUÍ.	3.1.4.3.
MARUÍ.	3.2.3.3.
MARUÍ.	3.7.3.2.
MARUÍ.	3.7.4.3.
MARUÍ.	3.18.3.1.
MATHIAS.	1.16.3.2.
MENDONÇA, Lucio de.	1.6.1.2.
MENDONÇA, Lucio de.	1.7.1.1.
MONTEIRO, Julieta.	2.14.8.2.
MORAES.	1.51.4.2.
MR. EDSON.	1.50.4.1.
NENÊ-QUINQUINHA.	1.24.3.1.
O.X.M.	1.10.1.1.
OTAVIANO, F.	1.13.1.1.
OTAVIANO, F.	2.34.1.2.
OTERO, Conde de.	3.18.4.1.
PAFUNCIO.	1.41.3.1.
PAFUNCIO.	1.45.4.1.
PAFUNCIO.	1.46.4.3.
PANCRACIO.	1.49.4.1.
PARASITACROEICO.	2.5.3.5.
PATETA.	2.15.8.1.
PECEGUEIRO, L. M.	1.31.1.1.
PEREIRA, Zé.	1.6.3.3.
PERIQUITO.	2.23.1.1.

PICAROT.	1.45.4.2.
PICOLET.	2.28.3.2.
PINDAMONHANGABENSE.	1.8.3.2.
PINDAMONHANGABENSE.	1.31.2.1.
PINTO, Antonio de Souza.	3.1.1.1.
PIPAROT.	1.43.4.1.
PIPAROT.	1.46.4.4.
PIPAROT.	1.47.3.1.
PIPAROT.	2.15.3.1.
PIPAROT.	1.39.4.2.
PIPAROTE.	1.49.3.3.
PIPAROTE.	1.50.3.4.
PIPAROTE.	1.51.8.2.
PIPAROTE.	2.2.3.5.
PIPAROTES.	2.7.7.1.
PIPILET.	2.22.4.1.
PIPILET.	2.23.3.3.
PIPILET.	2.28.3.3.
PUFF.	1.2.1.2.
PUFF.	1.4.3.2.
QUEM O CONHECE.	3.2.3.4.
RABAGAS.	1.1.1.2.
ROCHA, J. Dias da.	2.30.2.1.
RODRIGUES, M. Jorge.	2.37.1.1.
RODRIGUES, M. Jorge.	2.45.1.2.
ROLANDO JR.	1.15.7.1.
ROLANDO JR.	1.17.3.2.
ROLANDO JR.	1.18.3.1.
ROLANDO JR.	1.18.3.2.
ROLANDO JR.	1.19.3.2.

ROLANDO JR.	1.19.6.1.
ROLANDO JR.	1.20.3.2.
ROLANDO JR.	1.21.3.1.
ROLANDO JR.	1.22.3.2.
ROLANDO JR.	1.24.3.2.
ROLANDO JR.	1.27.3.2.
ROMUALDO.	2.1.3.2.
ROSA, Garcia.	2.6.1.2.
S....	2.18.1.3.
SALSAPARRILHA, Virgílio.	1.34.3.2.
SALSAPARRILHA, Virgílio.	1.35.3.3.
SCIPIÃO.	1.32.5.1.
SEGISMUNDO.	2.17.3.1.
SILVA, José Bonifácio de Andrade e.	2.28.2.1.
SILVA, Timorato da.	2.19.3.3.
SILVA, Timorato da.	2.20.4.2.
SIMFRONIO.	1.34.4.4.
SIMFRONIO.	1.39.3.4.
SIMFRONIO.	1.41.3.2.
SIMFRONIO.	1.42.3.2.
SIMFRONIO.	1.43.4.4.
SIMFRONIO.	1.45.3.5.
SIMFRONIO.	1.46.3.2.
SIMFRONIO.	1.47.4.4.
SIMFRONIO.	1.48.4.2.
SIMFRONIO.	1.49.3.3.
SIMFRONIO.	1.50.3.5.
SIMFRONIO.	1.51.3.2.
SIMFRONIO.	2.2.3.7.
SIMFRONIO.	2.18.3.4.

SIMIRIQUEFESTE.	1.2.3.4.
SIMIRIQUEFESTE.	1.3.3.3.
SÓCIO DE TODOS.	2.11.3.4.
SOFFI.	2.35.1.3.
T	1.39.5.3.
T	1.42.5.2.
T.	1.34.5.2.
T.	1.34.8.3.
T.	1.35.5.1.
T.	1.35.5.2.
T.	1.35.8.1.
T.	1.39.5.1.
T.	1.39.5.2.
T.	1.41.5.1.
T.	1.41.5.2.
T.	1.41.5.3.
T.	1.42.5.1.
T.	1.42.8.1.
T.	1.43.5.1.
T.	1.43.5.2.
T.	1.43.8.1.
T.	1.44.5.1.
T.	1.44.5.2.
T.	1.45.5.1.
T.	1.45.5.2.
T.	1.45.5.3.
T.	1.46.5.1.
T.	1.46.5.2.
T.	1.46.5.3.
T.	1.47.5.1.

T.	1.47.5.2.
T.	1.47.5.3.
T.	1.47.8.3.
T.	1.47.8.4.
T.	1.48.5.1.
T.	1.48.5.2.
T.	1.48.5.3.
T.	1.49.5.1.
T.	1.49.5.2.
T.	1.49.5.3.
T.	1.50.5.1.
T.	1.50.5.2.
T.	1.50.5.3.
T.	1.51.5.1.
T.	1.51.5.2.
T.	1.51.8.3.
T.	2.1.5.1.
T.	2.1.5.2.
T.	2.1.5.3.
T.	2.2.5.1.
T.	2.2.5.2.
T.	2.2.8.1.
T.	2.3.5.1.
T.	2.3.5.2.
T.	2.3.8.1.
T.	2.4.5.1.
T.	2.4.5.2.
T.	2.4.8.1.
T.	2.5.5.1.
T.	2.5.5.2.

T.	2.5.5.3.
T.	2.5.8.1.
T.	2.6.5.1.
T.	2.6.5.2.
T.	2.7.5.2.
T.	2.7.5.3.
T.	2.7.5.4.
T.	2.8.5.1.
T.	2.8.5.2.
T.	2.8.8.1.
T.	2.11.5.2.
T.	2.11.5.3.
T.	2.12.5.1.
T.	2.12.5.2.
T.	2.12.5.3.
T.	2.13.5.1.
T.	2.13.5.2.
T.	2.13.8.4.
T.	2.14.5.1.
T.	2.14.5.2.
T.	2.14.8.3.
T.	2.15.5.1.
T.	2.15.5.2.
T.	2.15.8.2.
T.	2.17.5.1.
T.	2.17.5.2.
T.	2.17.8.1.
T.	2.18.5.1.
T.	2.18.5.2.
T.	2.18.8.1.

T.	2.19.5.1.
T.	2.19.5.2.
T.	2.19.5.3.
T.	2.20.5.1.
T.	1.20.5.2.
T.	2.20.8.1.
T.	2.22.5.1.
T.	2.22.5.2.
T.	2.22.8.1.
T.	2.23.5.1.
T.	2.23.5.2.
T.	2.23.5.3.
T.	2.24.5.1.
T.	2.24.5.2.
T.	2.24.8.1.
T.	2.28.5.1.
T.	2.28.5.2.
T.	2.28.8.1.
T.	2.28.8.2.
T.	2.30.5.1.
T.	2.30.5.2.
T.	2.30.5.3.
T.	2.31.5.1.
T.	2.31.5.2.
T.	2.31.5.3.
T.	2.34.5.1.
T.	2.34.5.2.
T.	2.34.5.3.
T.	2.35.5.1.
T.	2.35.5.2.

T.	2.37.5.1.
T.	2.37.5.2.
T.	2.38.5.1.
T.	2.38.5.2.
T.	2.41.5.1.
T.	2.41.5.2.
T.	2.42.5.1.
T.	2.42.5.2.
T.	2.43.5.1.
T.	2.43.5.2.
T.	2.43.8.1.
T.	2.44.5.1.
T.	2.44.5.2.
T.	2.44.8.1.
T.	2.45.5.1.
T.	2.45.5.2.
T.	2.46.5.1.
T.	2.46.5.2.
T.	2.47.5.1.
T.	2.51.5.1.
T.	2.52.5.1.
T.	2.52.5.2.
T.	3.1.5.1.
T.	3.1.5.2.
T.	3.1.5.3.
T.	3.2.5.1.
T.	3.2.5.2.
T.	3.7.5.1.
T.	3.11.5.1.
T.	3.15.5.1.

T.	3.15.5.2.
T.	3.18.5.1.
T.	3.18.5.2.
T.	1.34.5.1.
TABOCA JR.	1.1.8.1.
TADEU.	3.7.8.1.
TEU PAI.	1.19.7.1.
TIC.	1.19.7.2.
TIC.	1.21.4.1.
TIC.	1.31.4.1.
TINOCO.	1.17.3.3.
TINOCO.	1.18.3.3.
TINOCO.	1.20.3.3.
TINOCO.	1.22.7.2.
TINOCO.	1.24.3.4.
TINOCO.	1.26.3.3.
TINOCO.	1.27.2.3.
TINOCO.	1.30.3.3.
TINOCO.	1.30.3.4.
TINOCO.	1.32.3.2.
TINOCO.	1.32.3.3.
TINTIN-LINTIN.	2.24.3.2.
TOBIAS.	1.32.1.4
TRAVASSOS.	2.45.3.2.
TUA BOTA.	2.31.1.3.
ULJIO, C.	1.7.1.2.
ULJIO, C.	1.11.1.3.
ULJIO, C.	1.11.1.4.
ULJIO, C.	1.13.1.2.
ULJIO, C.	1.13.1.3.

ULJIO, C.	1.20.1.1.
UM BAIANO.	2.1.1.2.
UM SEU AMIGO.	2.15.4.3.
V. P.	2.28.2.2.
VARELA, Fagundes.	2.42.1.2.
VASSY, G.	2.44.2.2.
VICTOR HUGO.	1.42.2.1.
VIEIRA, Damasceno.	1.21.1.1.
VIEIRA, Damasceno.	1.22.1.1.
VIEIRA, Damasceno.	1.20.1.2.
VISCONDE COROACY.	1.42.2.2.
ZÉ DA BESTIA.	1.34.4.5.
ZÉ DA BESTIA.	1.35.3.4.
ZÉ NINGUÉM.	1.15.3.1.
ZÉ NINGUÉM.	1.19.3.3.
ZEBEDEU.	1.7.3.4.

**c) Antologia da produção literária**

**Programa<sup>75</sup>**

O meu programa defino-o  
Sem rodeios, francamente:  
Pretendo ver se enriqueço  
Trabalhando honestamente.

As donzelas rio-grandinas  
Venho pedir proteção,  
Sabendo que elas possuem  
Um sensível coração.

Abri, pois, as vossas bolsas  
Ao travesso *Maruí*,  
Se estiverem recheadas  
Não sairei mais daqui!

Eu sou um pequeno inseto  
Ligeiro, alegre e tãful,  
A volitar buliçoso  
Por estas plagas do Sul!

Tranqüilizai-vos, leitoras,  
Não tem veneno o ferrão,  
Posso, pois, em vossos rostos  
Ir dar um leve chupão!

Não vou manchar minhas asas  
Pelo lodo dos paus,  
Desprendo o vôo ligeiro  
Só nos espaços azuis!

Vossos bolsos sejam flores  
Em que chupe o *Maruí*;  
Se vossos risos brotarem  
Não hei de sair daqui!

---

<sup>75</sup> MARUÍ. **Programa**. *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo*. Ano I, n.º 1. Rio Grande, 4 de janeiro de 1880. p. 2.

Não irei aos aposentos  
Das esposas recatadas  
Ferir alheios melindres  
Com grosseiras azoadas.

A vós também mocidade  
Dos clubes carnavalescos  
Que alegrais a sociedade  
Com vossos ditos burlescos;

Que desfraldais sempre ás auras  
O garboso pavilhão  
Pedimos o vosso auxílio  
Sem recear um *carão!*

Imprensa da minha terra,  
Forte, ousada paladina  
Que pregais os vossos programas  
Em toda e qualquer esquina;

E vós também, ó sectários  
Da chinesa emigração,  
Sineiros, padres, marujos  
E Jacinto garrafão;

Atendei: abri as portas  
Ao zunidor *Maruí*  
Que vos dará mais prazeres  
Que a cachaça Parati!

Se por acaso, indiscreto  
For posar num toucador,  
Não tende susto, leitoras,  
Não faço intrigas de amor!

Alegre como as crianças,  
Franco, honesto e folgazão,  
Quero abrir as minhas azas  
Ao quente sol de verão!

Gozar a vida, que é breve,  
Sempre a rir, sempre a brincar,  
Desprezando vãs tristezas  
Num constante volitar!

Se me dais algumas *notas*  
 Conto pilhérias a mil;  
 (mas essas *notas* que sejam  
 do tesouro do Brasil)!

Eis aí o meu programa  
 Variado, apetitoso!...  
 E sem mais, caros fregueses,  
 Eu me despeço saudoso!

*Maruí*

### **Turibio<sup>76</sup>**

Desde pequeno ainda mostrava Turibio Serapião da Silva uma vocação pronunciada para o comércio. O pai não caíba em si de contente á proporção que ia descobrindo o tino comercial do pimpolho.

Nenhum outro rapaz do se seu tempo era esperto, alicantineiro e maroto como o filho do funileiro Sempliciano Ramalho. Turibio não jogava peão, nem o emboque, se não a dinheiro; o que, porém, era notável é que o pequeno nunca perdia, tais artimanhas e trapaças imaginava. Os companheiros davam-lhe a valer; Turibio era um saco de pancadas; sempre ia de ventas ensangüentadas para casa e com o fato em pedaços. Mas nada arrefecia as tendências malévolas e mercantis do rapazinho.

Simpliciano quando via o filho entrar com as ventas esmurradas, dizia á mulher:

- Estás vendo? ... é um galo da Índia... Dão-lhe e não foge... Eu fui assim também... É o meu retrato este pequeno! De ti, Maria Benta, só tem o nariz.

O nariz de Maria Benta não tinha rival. Quando aqui chegou o Sr. Antão, lembraram-se o gaiatos da falecida Bentinha. O do Sr. Antão, contudo era mais corpanzil e ilustre.

Não havia taberneiro na cidade que não odiasse o menino Turibio. Quotidianamente o pai recebia recados e queixas de uns, insultos e reclamações de outros. O maior prazer de Turibio era entrar em casa com os bolsos cheios de feijão e milho. O pai, em vez de repreender e castigar o filho, esfregava as mãos e dizia consigo: - Há de ser homem, há de ser homem ... Por em quanto está na idade das proezas. A Sra. Bentinha, pelo contrário, entendia que se acoroçoava a índole malévola do filho e batia-o na ausência do marido.

- Agora vai dizer a teu pai que apanhaste e verás o que te sucede.

- Hei de dizer, sim ... hei de ... tartameleava o menino, ameaçando-a de longe.

Turibio não se emendava; é noite era o espantalho dos negros que lhe passavam á porte; esfregava cebo na cabeça, amontoava pedras em frente á porta,

<sup>76</sup> DR. PICKNICK JUNIOR. **Turibio**. *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo*. Ano I, n.º 1. Rio Grande, 4 de janeiro de 1880. p. 2. Essa prosa tem continuação em números posteriores.

e, quando algum caía numa das esparrelas ouvia-se uma vozeria infernal, gritos e assovios ecoavam: era Turibio com mais seis traquinas da vizinhança que aplaudiam a vítima encauta. Choviam então as precações e pragas, as ameaças e vitupérios ao Sr. Simpliciano, que não sabia educar o filho.

- Estás ouvindo, Simpliciano, estás ouvindo!?! Que coisa bonita! Este filho é a nossa vergonha ...

- Já fiz tudo aquilo, fiz mais ainda e aqui estou ...

- E se ele não mudar?

- Dá-se-lhe de cacete ... Quando chegar á idade do bestunto falaremos então...

- De pequeno é que se torce o pepino, Simpliciano...

- Cala-te, cala-te que é o mais acertado.

### III

Turibio já estava tão familiarizado com a palmatória do mestre, que era tido pelos colegas como o primeiro valentão de toda a escola. Apanhava com uma impudência incrível; e o preceptor, que lhe votava uma gana de morte, na mínima travessura do rapaz via um incentivo para uma tunda.

O mestre que costumava fazer suas praticas de moral, aos sábados, depois da missa, começava o habitual discurso, quando um estalido interrompeu o profundo silencio do auditório. Todas as cabeças voltaram-se para um ponto e após todos os dedos indicaram como autor do delito o filho do funileiro Simpliciano Aleixo da Silva.

- Não fui eu, não fui eu, seu mestre! Exclamava o menino.

- Foi, foi, gritavam todos, agravando a terrível sentença que devia cair sobre a cabeça do criminoso.

- Insolente! Patife! Desrespeitador! Mentiroso! Malvado! Demônio!

E cada uma destas palavras proferidas num tom medonho pelo mestre eram acompanhadas de uma sacudidela nas orelhas de Turibio. Seguiu-se nova cena: a férula começou a estourar nas mãos do pequeno sem dó nem piedade.

Eis o perfil do filho da Sra. Bentinha aos 8 anos.

### IV

Completara Turibio 12 primaveras quando entrou de caixeiro em uma loja de fazendas. Antes, porém, de encetar a nova vida, seu pai chamou-o e deu-lhe os mais salutareos conselhos. O que é verdade é que operou-se uma metamorfose no menino. Em pouco tempo granjeou a estima de seu patrão 'e era tido em boa conta pelo comércio.

Escoaram 10 anos de trabalho no fim dos quais o filho de Simpliciano estabelecia um armarinho na rua da Praia. O primeiro pensamento do Sr. Turibio foi casar-se e neste empenho lançou-se em busca de uma mulher. A todas manifestava o desejo de que se achava possuído, e os pais que reconheciam no Sr. Turibio um marido excelente, um marido de *partido* como dizem, davam-lhe as mais significativas provas de consideração. As moças, entretanto acham-no feio e atoleimado; feio com razão; atoleimado com mais razão ainda.

Sempre se parece com um Turibio, diziam elas. O nariz do negociante era o seu maior obstáculo às suas conquistas; Turibio que não havia herdado um ceitel dos pais herdara aquele promontório horrível, que se lhe afigurava a sua rocha Tarpéia. O nariz, pois do negociante era o seu pior inimigo, inimigo de todos os dias e que sê-lo-ia até á derradeira hora da existência, pensava o homem.

- Riem-se do meu nariz.
- Falam dele.
- Consersão *sobre* ele.
- Olham só para ele.
- Que martírio!
- Que desgraça!

A desconfiança não se apartavam só um momento de Turibio: de um lado a desconfiança, do outro a sombra do nariz.

*(continua)*

*Dr. Picknick Junior.*

### Perguntas e respostas <sup>77</sup>

Qual será o destino do Mayink?

Morrer no Rink!

Como irá o Soveral?

Muito mal!

E os bailes carnavalescos?

Muito frescos!

Em quem se fala por aí?

No *Maruí!*

O que era a tal jibóia?

Pinóia!

Quem é o grande amolador?

O torrador!

Quem no juri é o grande herói?

O Niterói!

Quem não parece uma enguia?

O cardia!

---

<sup>77</sup> TABOCA JUNIOR. **Perguntas e respostas.** *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo.* Ano I, n.º 1. Rio Grande, 4 de janeiro de 1880. p. 6.

Onde está metido o Ramos?  
Procuramos!

Porque se fazem mudanças lá na alfândega?  
Por pândega!

O que houve nos leilões da Biblioteca?  
Pouca prata e muita seca!

E do Campos na conferência?  
Transferência!

O que há pelo passeio?  
Namoro em cheio!  
Taboca Junior.

### Decepção<sup>78</sup>

Oh! que abundantes cabelos  
Tenho visto em minha amada,  
Em seus fios cor da noite  
Ficou-me a alma enredada!

Um dia, porém, valsando  
Desprendeu-se o penteado!  
Ah! leitoras! que tristeza!...  
Eu fiquei desnordeado!

Imaginem que os cabelos,  
Já por mim poetizados,  
Eram postiços! – Que pena!  
Duma defunta arrancados!

*Rabagas.*

---

<sup>78</sup> RABAGAS. **Decepção**. *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo*. Ano I, n.º 1. Rio Grande, 4 de janeiro de 1880. p. 6.

**O Sr. Turibio**<sup>79</sup>  
(Conclusão)

Os paus não cessavam de exaltar em casa as qualidades do negociante.

- Há de ser um excelente marido.
- Assim quisesse ele casar contigo filha.
- Deus me livre, mamãe, e aquele nariz??
- Que tem o nariz, tola; quem é que se lembra disso!
- Gostam mais desses bonecos que não sabem senão atar a gravata e mais

nada.

- Uns pelados... sem eira nem beira...

Em fim, o Sr. Turibio Serapião da Silva, tanto porfiou que encontrou caça. Na noite de 25 de Agosto de 1870, esposava ele a Ex.ma. Sra. D. Secundina Botelho de Mascarenhas. Três meses antes do casamento, o filho do funileiro liquidou a casa de negócio e entrava na posse de 40 contos, que com 30 que trouxera a mulher, fazia um capital de 70 contos de reis.

- É o que nos basta, pensava ele, para o resto da vida. É preciso descansar. E descansou sobre a legenda: - *In hoc signo vinces*.

VI.

No fim de 10 meses de casado, o Sr. Turibio, que já não despendia aqueles carinhos costumeiros á sua consorte, deixou cair a fronte meditativa sobre o peito, cerrou a boca, e fechou o coração ás alegrias terrenas.

- O que tens, Turibio? porque não comes? estás emagrecendo...Sentes alguma cousa? O que é que me ocultas?

- Não é nada, nada.
- Isso não se acredita.
- Não tenho apetite...
- E porque não falas?
- Não tenho vontade.
- Já não me amas, eu sei Turibio; dizia a Sra. Secundina lavada em prantos.
- Pois seja, seja assim; se queres que assim seja.

VII.

Como por encanto operou-se uma mudança repentina no Sr. Turibio. A alegria voltou ao lar do bom homem; Turibio parece rejuvenescer; sente um apetite canino; não se farta de abraçar a mulher, de beijá-la, de acaricia-la. As vezes D. Secundina ia encontrá-lo dançando sozinho e falando às paredes.

- O que será isto, santo Deus! meu marido esta ficando louco!

Numa dessas ocasiões em que o Sr. Turibio saltava como se tivesse 20 anos de menos, sua mulher lastimava a desgraçada sorte que devia mata-la.

---

<sup>79</sup> DR. PICKNICK JUNIOR. **O Sr. Turibio**. *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo*. Ano I, n.º 2. Rio Grande, 11 de janeiro de 1880. p. 2.

- Ó! Secundina, Secundina, deixa que eu te abrace!...Eu sou o homem mais feliz deste mundo!

E Turibio ia direito à mulher, com os braços abertos, quanto repentinamente estacou.

- Não, mil vezes não! Que loucura! poderia pisar a criança!

Foi então que D. Secundina compreendeu a causa das tristezas passadas e o motivo das alegrias presentes de seu marido. Já ser mãe. Ele ia ser pai.

### VIII.

O dia do nascimento do menino foi para o Sr. Turibio uma data gloriosa, a mais gloriosa que podia desejar. O enxoval da criança era riquíssimo, nada faltou. Não se contentaram os pais com uma ama, alugaram duas. O mais aprazível divertimento da criancinha era a penca do pai: agarrava-se a ela com uma alegria espantosa: tudo deixava pelo nariz do Sr. Turibio, mãe, amas, chocalhos, trombetinhas e assobios. Quando a criança berra o único meio de fazê-la calar-se era mostrarem o nariz do pai. E a criança estendendo os bracinhos dizia: - tetéia, tetéia! O que, porém, já preocupava seriamente o espírito do Sr. Turibio, era o nome que devia ter o filho, o seu ilustre varão. Não havia nome que agradasse, eram todos feios.

- Ó melhor era abrir a folhinha, e folheava, folheava sem encontrar um nome.

- Ó! Secundina! Vê se descobres... Eu não acho coisa que me agrade... se pudéssemos inventar um nome...Tu que és mais lida do que eu ...

- Se quisesses, poderia chamar-se Romeu.

- Romeu?! que lembrança! nem parece nome de gente!

- Pois então seja... Pelópidas... a um nome grego, Turibio.

- Pois eu não simpatizo com o tal grego.

Todas as vezes que o Sr Turibio encontrava um amigo, não se esquecia de perguntar:

- Como se chama o teu filho mais velho?

- Cesario!

- Não é o mais velho, é o outro logo abaixo ...

- Esse chama-se Aleixo.

- Aleixo?! É horrível!

Se encontrava um menino era logo:

- Como te chamas pequeno?

- Eu? Simão Leandro de ...

- Simão?! Pobre criança! Que pais, que nome! Antes fosse pagão o coitadinho!

### Epílogo.

Em conclusão, o filho do Sr. Turibio batiza-se hoje na igreja das Dores... em construção. Quem quiser saber o nome do menino é ir a festa. Há doces.

Dr. Picknick Junior.

### Casamento Feliz<sup>80</sup>

Quis casar-se o Sr. Cruz,  
E para achar companheira  
Procedeu de tal maneira  
Que encontrou a D. Luz.

A moça Luz se chamava  
E Cruz com Luz se casou;  
Breve o Cruz desconfiou  
Que Luz o sacrificava.

Maldisse Cruz de Luz cega  
Maldisse Luz sua Cruz;  
Cruz renega sua Luz  
E Luz sua Cruz renega.

Sendo pois tal matrimonio  
Como um vice-versa eterno  
Chama-lhe Cruz: "Luz do inferno"  
Luz a Cruz: "- Cruz do demônio".  
*Puff.*

### Nêmesis<sup>81</sup>

Ha nesse olhar translúcido e magnético  
A mágica atração dum precipício:  
Bem como no teu rir, nervoso, céptico,  
As argentinas vibrações do vício.

No andar, no gesto mórbido, esplenético<sup>82</sup>,  
Tens não sei *que* de nobre e de patricio,  
E um som de voz metálico, frenético,  
Como o tinir dos ferros dum suplício.

És o arcanjo funesto do pecado,  
E de teu lábio morno, avermelhado,  
Como um vampiro lúbrico, infernal.

<sup>80</sup> PUFF. **Casamento feliz**. *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo*. Ano I, n.º 2. Rio Grande, 11 de janeiro de 1880. p. 6

<sup>81</sup> CARVALHO Jr. **Nêmesis**. *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo*. Ano I, n.º 5. Rio Grande, 1 de fevereiro de 1880. p. 8.

<sup>82</sup> Nota do autor. *Relativo ou pertencente ao baço*.

Sugo o veneno amargo da ironia,  
O satânico fel da hipocondria,  
Numa volúpia estranha e sensual.

*Carvalho Junior.*

### Falstaff<sup>83</sup>

Ele andava cismando a passos lentos  
*Naquela rua estreita* á meia noite.  
E o vento sul – esse áspero açoute –  
Fustigava-lhe os cílios gordurentos.

E eu disse-lhe: – Ó Falstaff! Ó velho amigo.  
Que andas tu a estas horas procurando?!  
Mas ele, como quem fala consigo,  
Fez um gesto de tédio e foi-se andando.

Eu segui-o de perto a ver onde ia  
Rolar aquele pipo de aguardente;  
Eis senão quando pára de repente,  
Á porta duma *casa erma e sombria*.

Era a casa fatídica daquele  
Que ele contou em bons alexandrinos,  
A Laura, a Leonor, a Graziela  
De olhos gentis e dentes pequeninos.

Pôs-se a escutar – o ouvido à fechadura –  
E depois dum minuto de atenção,  
Retomou do caminho a via escura,  
Olhando inertemente para o chão.

Eu então agarrando-o por um braço  
E sacudindo rijo, lhe pergunto:.  
- Porque trocas assim o seu regaço  
Pela orgia obrigada a caldo d'unto?  
Ele cravando em mim seus olhos baços,  
Respondeu-me sereno e concentrado:  
– É que eu ouvi-o ressonar a espaços  
Com *ela* – o Manoel, o seu criado.

Alfredo Carvalhaes

<sup>83</sup> CARVALHAES, Alfredo. **Falstaff**. *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo*. Ano I, n.º 6. Rio Grande, 8 de fevereiro 1880. No original consta apenas o número da edição, sem referência a data.

### O anjo do prostíbulo<sup>84</sup>

A casa é um antro: é o lar do vício e do pecado  
Aluga a baixo preço o corpo desgraçado  
A triste que ali mora – emurchecida flor,  
Que nunca em vida teve um raio só de amor!

Apodreceu de todo – e tem dezesseis anos!  
Traz nos olhos febris, mais bestiais que humanos  
O vinho da luxúria, a embriaguez do mal.  
E há, naquela casa indecente, imoral.

Existe uma criança, uma loura pequena.  
Meiga como o perdão de Cristo a Madalena,  
De límpido sorriso e longo olhar azul.

Raio louro de sol na face do paul,  
Alvo lírio do céu brotado na imundice,  
Flori naquela ruína aquela meninice.  
Lucio de Mendonça.

### Perguntas e Respostas<sup>85</sup>

O que se fala do Dr. Flores?  
Que a *Reforma* e o *Diário* não quer amores!  
E do *Fernandinho* Osório?  
Que é de primeira marca, esse *finório*!  
E do espetáculo da *Hebe*?  
De entusiasmo, muita febre!  
E do major Salgado e a remoção?  
Que sempre vai para o Maranhão!  
Onde se anda aos empurrões?  
Na praça, por falta de lampiões!  
Na semana passada o que se viu na sexta-feira?  
O *Suíno* numa borracheira!  
De que forma andava então?  
De seis pés, dois fora do chão!  
E o que fez a policia?  
Cale-se ... Cousas de meninicie!  
E o que se diz do Torrador?

<sup>84</sup> MENDONÇA, Lucio de. **O anjo do prostíbulo**. *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo*. Ano I, n.º 7. Rio Grande, 15 de fevereiro de 1880. p.7. No original consta apenas o número da edição, sem referência a data.

<sup>85</sup> Dr. PUFF. **Perguntas e respostas**. *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo*. Ano I, n.º 9. Rio Grande, 29 de fevereiro 1880. p.6. No original consta apenas o número da edição, sem referência a data.

Ser um pouco falador!  
 E da escolha dos senadores?  
 É uma prenhez que já sente dores!  
 O que se fala das patotas?  
 Qual delas, a de Pelotas?  
 Sim! A do Manoel Ribas?  
 Isso não passa de intrigas!  
 Quem precisa de um freio bom?  
 O *Suíno* e o *Cabrion*!  
 É exato que o *Mignon* quer ser tenente?  
 Qual são assumptos de um correspondente!  
 Porque não se admite gente da *Trovoada*!  
 Para numa guerra não se fazer nada!  
 Dr. Puff.

**O vagabundo**<sup>86</sup>  
 (Fotografia)

Paletó, cujo dono... é um segredo.  
 Suja, alheia camisa esfrangalhada.  
 Velha calça do *Pobre Jó* furtada.  
 E na bota um postigo em cada dedo;

A face macilenta; o olhar tredo;  
 A garganta de sarro temperada;  
 Cada unha de terra recheada;  
 Com destreza, porém, de meter medo;

Eis o tipo fiel do vagabundo.  
 Que na casa ou lugar em que dá fundo,  
 Tenta logo empalmar uma carteira.

É larapio! E de tal habilidade.  
 Que se o mundo não *bifa* a humanidade  
 É que o mundo não cabe na algibeira.

---

<sup>86</sup> Sem Autor. **O vagabundo**. *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo*. Ano I, n.º 10. Rio Grande, 7 de março de 1880. p.6. No original consta apenas o número da edição, sem referência a data.

### Tudo por falta de combinação<sup>87</sup>

Todos sabem que o diabo coxo, bem que detrator, era um bonito diabo, Seu conhecimento para aquele que lhe quebrou a prisão de vidro (porque estava prisioneiro em uma redoma), o cuidado que tomou de lhe contar e fazer ver todas as aventuras escandalosas lhe granjearam uma reputação de honestidade, que durará em quanto houver diabos no mundo.

Prometeu-lhe a imortalidade.

Eu vou pôr em cena um outro diabo, parente do diabo coxo, e que se chamava *Astarot*.

*Astarot* amava *Survival*, e este *Survival* era uma espécie de Filósofo; raciocinava muito sobre os homens, e dizer- vos que detraia do gênero humano. Via que tudo de telhas abaixo era mal arranjado, e que a felicidade era tão difícil de encontrar, como a pedra filosofal.

*Astarot* o tomou um dia de parte para lhe dar uma lição ou antes um espetáculo de moral; conduziu para este ao cimo de uma torre assas elevada; uma grande luneta que tinha na mão, lhe dava o ar *imposante* de um sábio, que sobe ao observatório não era portanto sua intenção examinar o que se passava no Céu, mas de perscrutar o que se passava entre os homens que no fundo são talvez mais difíceis de decifrar que nos astros.

*Astarot* tinha também levado uma destas cornetas acústicas (vulgo buzinas de surdos).

— “Notai, diz ele a *Survival* que com esta corneta e luneta, ouvireis e vereis o que vai pelo mundo, de pólo a pólo.

No mesmo momento aproximou a luneta aos olhos de *Survival*, que distinguiu um homem pálido magro, mirando-se a um espelho, era um particular muito rico, ainda jovem, mas carregado de todas as enfermidades da velhice. Era asmático, gotoso, etc., tendo sobre tudo um lobinho na cara, que o afligia muito mais do que a sua asma e gota, porque estas doenças se limitavam a fazê-lo sofrer, enquanto que o seu lobinho o desfejava.

*Astarot* tendo aplicado a luneta para outro lado, mostrou a *Survival* um doutor em medicina, que não sendo um grande medico, se lisonjeava de ter remédios, infalíveis, e de nenhuma sorte perigosos para as afeições da pele, tais como verrugas, lobinhos, etc.

— “Não será este sujeito um charlatão?” perguntou *Survival*.

— “Não, lhe respondeu o seu amigo; era perfeitamente capaz de curar o lobinho que acabais de ver no rosto daquele homem, se o procurasse para esta operação; porem morre de fome por falta de clinica e o nosso doente amofina-se por falta de medico: bem vedes que isto procede *por falta de combinação*, pois se buscassem um ao outro, o primeiro seria curado, e o segundo teria que comer”.

*Survival* appicou a luneta para outro lado, e viu um marido próximo a ser viúvo, que derramava copiosas lágrimas, arrancando os cabelos.

— “Ah! Diz *Survival* quando è edificante um esposo que ama sua mulher!!”

<sup>87</sup> Sem autor. Tudo por falta de combinação. *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo*. Ano I, n.º 11. Rio Grande, 14 de março de 1880. (p. 6). Continua em edição posterior.

— “Sim diz *Astarot*, eis ahi o texto; escutei agora a glosa, ou o seu comentário”..

por morte de sua mulher, este sujeito será obrigado a entregar um dote considerável, que fôrma toda a sua fortuna, e isto por falta de filhos. Olhai agora um pouco mais longe, vede esse homem, que á força de pancadas, expulsa de sua casa um filho, que sem embargo disso, a ella sempre torna. Este filho lhe faz peso, por ter muitos, enquanto que o marido que ha pouco vimos, não tem nenhum. Este, desde muito tempo, sabia que ó não podia ter, e sua mulher, de quem é amado, muito os desejava ter, por sua causa; e as mulheres em caos taes, a que expedientes não recorrem! Acreditais acaso, que achando-se ambos de bom humor, a mulher, de combinação com seu marido, não podia ter ido encomenda-los á casa daquele homem, que os faz tão consecutivamente, ou mesmo toma-los já feitos? Tudo isto meu caro, acontece por *falta de combinação*.

*Survival* tinha perdido o fim deste discurso, porque entortando-se a luneta, lhe tinha deixado ver um objeto que atraiu sua atenção: era uma jovem menina que suspirava, gemia, e que parecia que estava atacada de uma forte dor de cólicas, mas que a sua única doença era ter 15 anos.

Ela estava na casa paterna, que se assemelhava a uma prisão; seu pai a chamava filha, e a tratava como uma escrava. Enfim, seu peito entumecido por suspiros, se agitava continuamente, o que não lhe fazia perder nada de sua beleza.

— “Oh! exclama *Survival* – abalado por um sentimento, que tomou por um simples movimento de piedade: que tem pois esta encantadora jovem?”

— “Tem necessidade de ser amada, diz *Astarot*”.

Falando assim, deu uma volta a luneta, e *Survival* ficou muito admirado de ver um mancebo correndo atormentando-se mostrando não poder estar de pé nem sentado, parecendo ao mesmo tempo gozar de perfeita saúde: estava mais inquieto que um doente.

— “Santo Deus! diz *Survival*, que tem pois este pobre rapaz?”

— “Tem necessidade de amar, respondeu *Astarot*”.

— Ah! porque não vai ele encontrar a jovem, que igualmente pena pelo mesmo objeto?

É justamente o que eu ia dizer-vos, e tudo isto porque succede? *Por falta de combinação*.

— Olhai, diz *Astarot*, eis ali duas pessoas que não se entendem bem. Vede esse homem que caminha nos bicos dos pés, que fala em segredo, que traz o receio estampado no semblante, que espalha dinheiro á direita e a esquerda, para tornar mudo os que o observam, que em uma palavra, se assemelha a um ladrão prestes a cair nas mãos da policia. (Continua)

**Tudo por falta de combinação**<sup>88</sup>  
(Conclusão)

É um marido que introduz em segredo no seu quarto uma criada, por quem anda perdido de amores.

Diz consigo mesmo: Ah! se minha mulher, que me é tão fiel, pudesse ter uma distração amorosa, não temeria que ela velasse sobre a minha conduta; eu seria mais livre e por conseqüência mais feliz!

\_ Tem razão, diz *Surival*.

Muito bem, respondeu *Astarot*; mas observai agora sua mulher que, em uma quinta em que está passando o verão, recebe os cumprimentos amorosos de um mancebo que sabe cativar o seu afeto.

\_ Vede como está no mesmo embaraço e na mesma inquietação!

\_ Oh!, diz ela, se meu esposo pudesse tornar-se inconstante, ao menos uma vez na sua vida, ele não teria nada a repreender-me, e eu seria mais feliz!

\_ Vós vedes, *Surival* que estes dois esposos não teriam senão uma palavra a dizer, para alcançarem uma indulgencia mutua e para viverem contentes e em paz. E tudo isto por que sucede?

*Por falta de combinação.*

*Surival* fez uso da corneta acústica, aplicando-a ao ouvido, e logo sentiu um grande estrondo. Era um homem de meia idade que se queixava em alta voz contra o Céu e a terra.

Eu, exclamava ele, sou a um tempo um homem de espírito e um sábio; faço obras em prosa e verso; percorro com glória a carreira do teatro e a da filosofia, e no entanto a indigência me persegue por toda a parte!

Eu cederia de boa vontade, muita da glória que tenho adquirido em troca de algum dinheiro!

\_ “Este homem vos entristece? Diz *Astarot*, olhai para aqui”.

É no mesmo instante lhe fez observar um homem rico, mas muito aborrecido.

Isto não espantou a *Surival*; o que o admirou foi ouvi-lo, com auxílio, da corneta acústica, lastimar-se; mais ou menos nestes termos; - “ Eu sou riquíssimo e estou longe de estar contente! É a glória que me falta; desejava ter a reputação de um grande homem, e não tenho senão a de um homem rico! Ah! que eu daria de bom grado muito dinheiro, em troca de alguma gloria!

*Surival*, no primeiro impulso, sem cuidar se seria ouvido ou não, gritou-lhe que comprasse alguns dos manuscritos do sábio, que nisso teria interesse; mas como o rico não tinha a maravilhosa corneta, os ventos levaram seus conselhos.

\_ “Eles não nos entendem, diz *Astarot*, e o que é pior, a si mesmo senão entendem. Bem o vedes; depois de vossos conselhos, um poderia adquirir glória, e o outro riquezas, e ambos ficariam satisfeitos. Mas, de que procede tudo isto?

*De falta de combinação?*

Fez-lhe ver depois muitas cousas, todas asas curiosas. Uma vez, era um homem tão fátuo, que, tendo necessidade de convidados á sua mesa ia recrutar nos bilhares, grande número de pessoas, que apenas conhecia pelo nome, e á quem

<sup>88</sup> Sem autor. **Tudo por falta de combinação.** *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo.* Ano I, n.º 12. Rio Grande, de março de 1880 (p.7).

rogava com instancia a virem jantar com elle; ao passo que na rua, um homem honesto e honrado, mas pálido e abatido, pedia uma esmola para não morrer de fome, e não encontrava uma pessoa que o chamasse para jantar!

Outras vezes era um negociante honrado que sofria por não poder obter um empréstimo útil, e bem seguro; e de outro lado um rico herdeiro, que se impacientava por não poder emprestar utilmente seu dinheiro. E a causa de tudo isto era:

*Falta de combinação.*

— “Muito bem, diz *Survival*, depois de estar satisfeito de ver e ouvir, eu quisera saber qual é o fim moral do espetáculo que me tendes feito observar: que pretendeis concluir disto?”...

— “Eu concluo, respondeu *Astarot*; a natureza tem colocado entre os homens, tudo que lhe era necessário para serem felizes, e que se devem somente queixar de si, quando o não forem”.

- “Vos tendes razão, meu caro filósofo, replicou *Survival*; não tenho mais que uma palavra a dizer-vos: eu vejo muito bem que os homens têm entre si tudo de que têm necessidade; mas também conheço que não ficariam melhores por isso, em quanto não tiverem a vossa luneta para se verem, e a vossa corneta para se entenderem.

### Descuido<sup>89</sup>

Chega um pobre viajante  
A uma tosca estalagem,  
Todo molhado da chuva  
Que apanhara na viagem.

Tiritando, o desgraçado  
Ao fogão se chega a custo.  
E a ele estendendo as pernas  
Adormece como um justo.

“Acorde!” brada a criada  
Olhe que queima as esporas.,.  
Além disso, meu amigo,  
Amanhece, já são horas.”

Quais esporas! ... São as botas  
Que estes sustos te causaram?  
Não senhor, são as esporas,  
Que as botas já se queimaram.

Lobo da Costa.

<sup>89</sup> COSTA, Lobo da. **Descuido**. *Periódico ilustrado, satírico e recreativo*. Ano I, n.º 11. Rio Grande, 14 de março de 1880. (p. 6)

### No Times<sup>90</sup>

Ele estava a escrever, no *Times*. De repente pára, medita, olha para o teto, coça a cabeça, assobia, não acha, pergunta ao administrador.

- Mamão? É masculino ou feminino?

- *Hom'essa!*... Masculino.

- Entretanto, diz-se: um mamão lava *outra!*

Puf Cardozinho?

Rolando Junior.

### Comédia vulgar<sup>91</sup>

Faz-me rir o furor d'alguns republicanos.  
Que tentam derribar do sólio a majestade.  
Em nome do porvir da deusa liberdade  
Que esmaga sob os pés o cetro do tiranos.

Pretendendo abater a fronte aos soberanos  
Com doudas conclusões repletas de verdade,  
Não cessam de citar varões d'antigüidade,  
Os Nários, os Catões, os Brutus desumanos.

Mas após a explosão que esvai-se num momento  
Tristíssima comédia! A recalcar os brios,  
A quem vão mendigar socorro e alimento?

Diretamente ao rei, que em paga aos desvarios.  
Lhes dá sempre um lugar à mesa do orçamento  
Qual se atirasse um osso a magros cães vadios!

### Lição de história<sup>92</sup>

O Guerra do *Cabrimon*  
Escreveu ao rei do Egito:  
Se o grande Faraó  
Quando nadava no pó  
Montaria algum cabrito  
Tão manso como foi Jó...

<sup>90</sup> ROLANDO Jr. **No times**. *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo*. Ano I, n.º 15. Rio Grande, 11 de abril de 1880. p. 7.

<sup>91</sup> Sem Autor. **Comédia Vulgar**. *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo*. Ano I, n.º 20. Rio Grande, 16 de maio de 1880.

<sup>92</sup> S. A. **Lição de história**. *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo*. Ano I, n.º 21. Rio Grande, 23 de maio de 1880. p. 6.

Ao que respondeu Jacó  
 Ouvindo a Sardanapalo  
 Em dia de mau humor:  
 Ele montava um cavalo  
 Com sestros de redator.

**Poesia cômica**  
**Quem pagará o pato?**  
**Origem deste rifão popular<sup>93</sup>**

Iam dois estudantes caminhando  
 De fome a bocejar de quando em quando.  
 Dizia um para o outro – ah! meu colega,  
 Quando a fome é de mais até me cega !  
 Que havemos de fazer? Pobre réptil.  
 Na algibeira não trago um só ceutil !...  
 - O mesmo me acontece, o outro dizia,  
 Mas não deve estar longe a hospedaria,  
 E, embora, como tu, eu seja um fona,  
 O crédito que temos nos abona...  
 Porém lembra-me agora um expediente,  
 Que, talvez, venha a ser-nos excelente.  
 Por exemplo, se queres, me adianto  
 Entro, peço o jantar, sento-me e janto:  
 Chegas tu aos depois, me cumprimentas,  
 Ofereço-te o jantar e tu te assentas;  
 Depois para pagar trabalharemos,  
 E nem eu nem tu jamais cedemos.  
 - Muito bem, diz o outro, a idéia abraço,  
 Por minha conta fica o mais, que o mais eu faço.  
 Eis que ao longe um hotel então deparam,  
 E conforme o ajuste se separam  
 Primeiro chega um á tal paragem.  
 Pede que o sirva ao moço da estalagem.  
 - Senhor, já nada ha, tudo acabou-se,  
 O fogo até que havia, ora apagou-se.  
 - Não sei, estou com fome, brada aquele,  
 Dá-me já de comer ou vou-te á pele.  
 E mal a frase tinha ele acabado,  
 Quando ouviu por ali certa grasnada.  
 - Um pato! Um pato aqui! Exclama logo,

---

<sup>93</sup> PECEGUEIRO. L. M. **Poesia cômica Quem pagará o pato?** *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo.* Ano I, n.º 31. Rio Grande, 8 de agosto de 1880. p.7.

E dizes que não há nem mesmo fogo!..  
 - Isso lá não, senhor, porque esse pato  
 É o pato do amo, e eu não o mato.  
 - Ora deixa-te disso, meu bregueiro,  
 Eu não faço questão lá por dinheiro!  
 - Veja lá o que diz! – Olhe que eu mato,  
 Mas são vinte mil réis que custa o pato!  
 - Seja lá quando for, prepara, anda.  
 Que a barriga ou a fome é quem o manda.

.....  
 Em breve põe-se a mesa e num instante  
 Pronto a jantar se pôs o estudante.  
 Mas nisto o outro chega, conhecendo  
 Que a cousa muito bem ia correndo;  
 Jantaram quando ergueu-se o tal primeiro,  
 E num tom magistral disse ao caixeiro:  
 - Não receba daquele nem vintém,  
 Sou eu quem paga o pato, entendeu bem?  
 - Sim, senhor, disse o moço, e lá consigo  
 Não pensava que houvesse ali perigo;  
 Porém senta-se aquele, e disfarçando  
 Vai o outro ao caixeiro e o encarando,  
 Diz em tom de ameaça – olhe que o mato  
 Se não for eu quem paga aquele pato!...  
 Então travou-se a luta em vozeria,  
 E ceder um ao outro não queria.  
 O pobre do caixeiro andava aflito,  
 A ver se acomodava um tal conflito,  
 Mas até que afinal, a muito custo.  
 (O caixeiro tremia então de susto),  
 Convieram que um deles só pagasse  
 A quem em cabra-cega, ele agarrasse,  
 E apertando-lhe aos olhos uma venda,  
 Começou o caixeiro na contenda:  
 - Quem pagará o pato? – repetindo,  
 E às cegas para os dois e dirigindo.  
 E enquanto com os braços a porfia  
 Como um louco gritava e repetia:  
 - Quem pagará o pato, o pato, o pato?  
 Os autores daquele desacato  
 Se mandaram mudar, vendo o coitado  
 Ficar daquele modo assim logrado.  
 Nisto vem vindo o lorpa do hospedeiro,  
 Que vendo em tal estado o seu caixeiro,  
 Aproxima-se dele enfurecido,  
 Perguntando se tinha endoidecido;  
 O caixeiro segura-o pelo fato

E alegre exclama: - És tu, pagaste o pato!

CONCEITO

Isto nos mostra muito claramente

Que é quase sempre o dono que mais sente,

L.M Pecegueiro.

### O orgulhoso<sup>94</sup>

Eu o vi! - tremendo era no gesto.

Terrível seu olhar;

E o senho carregado pretendia

O globo dominar.

Tremendo era na voz, quando no peito

Fervia-lhe o rancor!

E os demais homens, como um cedro à relva

Se cria sup'rior.

E o pobre agricultor junto a seus filhos,

Dentro do humilde lar,

Quisera, antes que os dele, ver de um tigre

Os olhos fuzilar;

Que a um filho seu talvez quisera o nobre

Para um executor;

Ou para o leito infesto alguma filha

Do triste agricultor.

Quem ousaria resistir-lhe? - Apenas

Algum pobre ancião

Já sobre o seu sepulcro, desejando

A morte e a salvação

Alguns dias apenas decorrerão;

E eis que ele se sumiu!

E a laje dos sepulcros fria e muda

Sobre ele já caiu.

E o bárbaro tropel dos que o serviam

Exulta com o seu fim!

E a turba aplaude; e ninguém chora a morte

De homem tão ruim.

---

<sup>94</sup> Sem Autor. **O orgulhoso**. *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo*. Ano I, n.º 32. Rio Grande, 15 de agosto de 1880. p. 7.

### Mercado de sentimentos<sup>95</sup>

Ambição - As vendas são poucas porque todos a tem.  
 Vaidade - É muito procurada pelas mulheres.  
 Amor - Frouxo e desanimado por estar caindo em desuso.  
 Amizade - Há algumas, mas avariada.  
 Caridade - Pouca e falsificada.  
 Probidade - Existe alguma, mas de contrabando.  
 Bom senso - Falta absoluta, muita procura.  
 Egoísmo - Tem afluído na praça.  
 Sinceridade - Há muita falta no mercado.  
 Justiça - Está sujeita à alteração do câmbio.  
 Consciência - O último carregamento naufragou junto às costas da Patota.  
 Pedantismo - Grande abundância.  
 Vergonha - Completa escassez.  
 Adulação - Há tanta que parece praga.  
 Dignidade - Está pelo preço da água benta.  
 Maledicência - É abundantíssissíssima! Irra!

### Incidente<sup>96</sup>

Balançava-se Sinhá, sorrindo à brisa  
 Que flutuava-lhe o loiríssimo cabelo,  
 E, voando a saia, um lindo tornozelo  
 Eu vi por entre as rendas da camisa...

Vem mais forte a aragem e mais divisa  
 Meu olhar, que começa a arder em zelo,  
 E eu vejo, meu Deus, ó que modelo!  
 De perna torneada, grossa e lisa!

E Sinhá, sem notar-me, bem contente  
 Na copada laranjeira balanceia,  
 Quando o acaso surge de repente:

Fatal espinho rompe a linda meia  
 E mostra-me (Jesus, que incidente!)  
 Os trapos de que estava a perna cheia.

<sup>95</sup> S. A. **Mercado de sentimentos**. *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo*. Ano I, n.º 34. Rio Grande, 29 de agosto de 1880. p. 7. Essa edição está localizada no ano de 1881. Com certeza por erro de catalogação bibliotecária.

<sup>96</sup> S. A. **Incidente**. *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo*. . Ano I, n.º 34. Rio Grande, 29 de agosto de 1880. p. 7.

**As duas irmãs**<sup>97</sup>

*Às excelentíssimas senhoras DD. Colotildes e Arsislinda*

Ingrata porque é que ao ver-me  
De pressa viras o rosto?  
De cócoras peço perdão  
Se te dei algum desgosto

Moça tão linda e chibante  
Que a quantos vê enfeitiça,  
Só vinda do Povo Novo  
Terra da boa lingüiça.

Não queiras enlouquecer-me  
Meteres-me em camisola,  
Tem compaixão do que sofre  
Do pobre Ignacio Gaiola.

Ao menos por piedade  
Dá-lhe um ar de tua *graça*;  
Olha que peço isto sério,  
Não creias que é por chalaça.

A china é das moças todas  
A mais gentil e sultana,  
Ando por ela caído  
Qual macaco por banana.

Após terríveis vigílias  
Se as vezes pego no sono,  
Sonho com a linda roceira  
Mas acordo no abandono,

As vezes sonho que a vejo  
Sentada em meio ao quintal,  
Rodeada de batatas,  
De couve, etc. e tal.

Se esta paixão continua,  
Creio que “planto figueira”  
Bem defronte a casa dela  
Da chinoca feiticeira.

---

<sup>97</sup> GAIOLA. **Às duas irmãs**. *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo*. Ano I, n.º 39. Rio Grande, 3 de outubro de 1880. p. 7

Pois ando até meio tonto  
 Nem sei que faço ou que digo,  
 Ela é meu sol, minha lua  
 Minha estrela que eu bendigo.

Desenhei o seu retrato  
 Que conservo à cabeceira,  
 Envolto num véu de teias  
 Que a torna mais feiticeira.

Ando a ver se posso agora  
 Conseguir dela um sorriso,  
 Se consigo, ó minha gente  
 Tenho mais que um paraíso.

E desta forma leitores,  
 Deixo a irmã pela chininha,  
 Mando a primeira à tábua  
 Fico só c'oa moreninha.

**Ao amigo Cabral Pinheiro (redator do Progresso)  
 Quem é Antonio Joaquim Dias?<sup>98</sup>**

Do sul nas plagas...na província linda,  
 A quem há tempos eu voltei meu ombro,  
 Existe um Dias bestial ainda  
 Que foi d'Arcadia redator! ... que assombro! ...

Ele escrevia com um c, setembro  
 Com um k, cavalos e jantar com i!  
 Quando do mesmo (a gracejar) me lembro  
 Dou gargalhadas sem cessar aqui!

Ele é um tipo perigoso e bruto,  
 E tem uns dentes de animal daninho!  
 Tudo recordo, ou talvez escuto  
 As vergalhadas que lhe deu o Martinho!<sup>99</sup>

---

<sup>98</sup> CUNHA, Machado. **Ao amigo Cabral Pinheiro (redator do Progresso) Quem é Antonio Joaquim Dias?** *Maruí. periódico, ilustrado, satírico e recreativo*. Ano I, n.º 41. Rio Grande, 17 de outubro de 1880. p. 7.

<sup>99</sup> Nota do autor. Foi o ator Martinho que esvergalhou-o no Rio Grande, em 1869, quando ele era redator d'Arcádia.

Dizem-me agora que esse biltre imundo,  
 Redige altivo o Mercantil portanto  
 A ele envio o meu pesar profundo  
 Por ser seu dono um redator jumento!

Do sul nas plagas...na gentil Pelotas,  
 Cidade imensa e sobre o modo avara,  
 Existe o Dias em que meto as botas,  
 Tipo asqueiroso de estanhada cara.

Corte, 1880.

Machado Cunha.

**Modinha**  
**(para ser cantada no violão)<sup>100</sup>**

Minha gente vinde ouvir  
 O canto da vossa roceira  
 O que eu lhes vou contar  
 É sério não é brincadeira.

Quem quiser ir a cidade  
 É boa vida passar  
 É por de lado toda vergonha  
 E deixar o barco andar.

Não sou velha nem tão feia  
 Como por aqui se diz,  
 Lá somente o que notaram  
 Foi o meu imenso nariz

Vivam todos minha gente  
 Viva a filha do meirinho  
 Que passou lá na cidade  
 As boas sopas de vinho

Era um gosto ver a chininha  
 Num sábado à rua Direita  
 Sustentando grosso namoro  
 Com qualquer bicho careta

---

<sup>100</sup> GAIOLA. **Modinha** (para ser cantada no violão). *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo.* Ano I, n.º 42. Rio Grande, 24 de outubro de 1880. p. 7.

Triste viemos  
 Saudosa estamos  
 Dos tempos felizes  
 Que por lá passamos

Gaiola

### **Satanás<sup>101</sup>**

Quando Satã o arcanjo fulminado  
 Pelas divinas mãos a criatura  
 Obra de Deus encarcerar procura  
 Entre as brônzeas muralhas do pecado

Explora o mundo inteiro disfarçado:  
 É o Ódio a Guerra, é a Avareza impura,  
 A Lúxuria venal, a torva e escura  
 Vingança...E sempre, sempre transformado,

A raça humana, estólita e ignorante,  
 Lança aos martírios de num cruel tormento  
 Mais pavoroso que as visões do Dante.

Ah! Quando chega a minha vez intento  
 Salvar-me em vão o infame nesse instante  
 E mais atroz ainda: - É o pensamento!

Luiz Guimarães Junior.

### **A uma cega (imitado o italiano)<sup>102</sup>**

Não te lastimes, não, bela infeliz,  
 Por não poderes ver o nosso mundo:  
 Não vale tanto - crê - Ninguém é jocundo  
 Como o teu pobre coração te diz.

Não vêes os torpes pensamentos vis  
 Que se agitam do nosso olhar no fundo;  
 O desejo brutal, o instinto imundo  
 Que nos domina. Ó cega, és bem feliz!

<sup>101</sup> GUIMARÃES Jr., Luiz. **Satanás**. *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo*. Ano I, n.º 43. Rio Grande, 31 de outubro de 1880. p. 6.

<sup>102</sup> Sem Autor. **A uma cega (imitado do italiano)**. *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo*. Ano I, n.º 43. Rio Grande, 31 de outubro de 1880. p. 6.

Varre da mente os gozos com que sonha  
Tua insensata e errante fantasia,  
Ergue a cabeça lívida e tristonha;

No nosso mundo a infâmia tripudia  
Nua, asqueirosa, lubriga, medonha!  
Feliz de que não vê a luz do dia.

### **A escrava**<sup>103</sup>

Enquanto os outros negros companheiros  
Bailam em frente à lúgubre senzala,  
E da fausta vivenda a rica sala  
Percorre a dança em giros feitiçeiros;

Enquanto a noite com seus ais fagueiros  
Como um segredo tropical se exala,  
E a quente aragem que a palmeira embala  
Treme na leve rama dos coqueiros;

Enquanto a festa vivida inclemente,  
Louca de febre e graças soberanas,  
Prende o senhor e o escravo juntamente;

Ela fugindo às emoções tiranas,  
Recorda tristemente, tristemente.  
A solidão das noites africanas.

### **A um milionário**<sup>104</sup>

Dizes que és grande, que és onipotente,  
Que ao teu fulgor a própria natureza  
Pasma e recua - e é tal tua grandeza  
Que abala os céus e a terra juntamente.

Dizes que podes com teu ouro absurdo  
Lutar com Deus, opor-te à Divindade,  
E até sem a menor dificuldade,  
Dar voz ao morto e dar ouvido ao surdo.

<sup>103</sup> Sem autor. **A escrava**. *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo*. Ano I, n.º 43. Rio Grande, 31 de outubro de 1880. p. 7.

<sup>104</sup> Sem autor. **A um milionário**. *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo*. Ano I, n.º 43. Rio Grande, 31 de outubro de 1880. p. 7.

Ora, se queres ver-me, humilde e terno,  
 Ante essa força monetária e vasta,  
 Esse poder que afronta céus e inferno,

Que algema os homens, o que o universo arrasta  
 Compra uma cousa, ó Júpiter moderno,  
 Compra um raio de sol: - é quanto basta.

### Eva<sup>105</sup>

Adão ao vê-la nua e iluminada  
 Pelo celeste olhar onipotente  
 Sorriu, tremeu, chorou e humildemente  
 Beijou a fronte à loira desposada,

Eva entreabrindo a pálpebra adorada,  
 Ao seu divino esposo ternamente  
 Estende a boca pálida, tremente  
 Como a açucena aos lumes da alvorada.

Rezam depois as folhas da escritura  
 Que Eva pecou e o Arcanjo vingador  
 Expulsou-os da edênica planura.

Salve, ó sublime filha do Senhor!  
 Tu que inventastes o êxtase, a ternura,  
 E os crimes todos do primeiro amor!

### Poesia<sup>106</sup>

Já dei quanto podia dar à vida  
 Já dei quanto podia dar a ti  
 É, pois, justo que eu chegue ao fim da vida  
 Mas descrente, talvez do que te vi.

O que faço também no mundo errante?  
 O que espero também do meu porvir?

<sup>105</sup> Sem autor. **Eva**. *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo*. Ano I, n.º 44. Rio Grande, 7 de novembro de 1880. p. 7.

<sup>106</sup> Sem autor. **Poesia**. *Periódico ilustrado, satírico e recreativo*. Ano I, n.º 44. Rio Grande, 7 de novembro de 1880. p. 7.

- A bússola desviou o navegante...  
Já não tenho roteiros a seguir.

Morro moço, senhora, muito moço!  
Quando tinha talvez tudo a esperar...  
Mas que importa! ... não devo, nem mais posso  
Tantas mágoas no peito suportar.

Não me pejo de ter feito maldades,  
Só me lembro do muito que sofri.  
Vão a campa comigo mil saudades  
Não - vingança – que nunca as exerci.

Se nos transe da vida o grito imerso  
Do pobre coração se desprende,  
- De blasfêmia não foi, segundo penso,  
Mas de dores cruéis que então sofreu.

Morro cedo, que importa! ... O sofrimento  
Não compensa sequer um dia a mais...  
Venha a morte - e que o último momento  
Seja ao menos do mundo a terra paz.

### **A canção da morte<sup>107</sup>**

Quando eu cingia a veste caprichosa  
Dos sarais opulentos e cintilantes  
Quando nas minhas gazes marcantes  
Enfeitiçava a turba rumorosa:

Diziam todos: - Como ela é formosa!  
Que donaires corretos e elegantes!  
E cercavam-me em grupos sussurrantes  
Como as abelhas em redor da rosa.

Porque será que a multidão magoada  
Geme agora de dor e de saudade  
Contemplando-me a fronte engrinalda?

Nunca tão bela fui na mocidade:  
Eis-me feliz, risonha e amortalhada  
Para as festas azuis da Eternidade.

---

<sup>107</sup> Sem autor. **A canção da morte**. *Periódico ilustrado, satírico e recreativo*. Ano I, n.º 44. Rio Grande, 7 de novembro de 1880. p. 7.

**Na carteira de um tísico**<sup>108</sup>

Quando eu morrer, em tão fatal momento  
De trevas e de luz, a mim que importa  
Que São. Pedro - o porteiro rabugento.  
Não me queira do céu abrir a porta?

O que sinto, o que dói-me imensamente  
É deixar-te de chofre e de improviso  
E ir assim sem graça, burguesmente  
Gozar do meu quinhão de paraíso.

Eu partirei saudoso e tristemente  
Depois de ter chuchado um mês de cama;  
E por lá viverei eternamente,  
Sem te poder mandar um *telegrama*.

Deixar-te é duro, exposta a algum p'rigo,  
Deixar-te pra sempre em abandono  
E nem sequer poder falar contigo,  
Pois por lá não existe o *telefone*...

A morte não me sai do pé do leito!  
Esta mulher que dita leis tiranas  
Já me resfria o coração no peito...  
Eu bebo-a todo o dia com tisanas!

E pensar que vivi dos teus amores,  
Como de orvalhos os lírios virginiais,  
E passar da ganância dos doutores  
Aos dentes de mil vermes canibais!

Amo-te muito! Morrerei te amando...  
Depois que me sumir no eterno exílio:  
Saudosa pensa em mim de vez em quando.  
E foge do teu primo...olha o Basílio!

---

<sup>108</sup> ALBUQUERQUE, Lins de. **Na carteira de um tísico**. Maruí. *Periódico ilustrado, satírico e recreativo*. Ano I, n.º 49. Rio Grande, 12 de dezembro de 1880. p. 7.

### Exumação de um cadáver<sup>109</sup>

Entrei num cemitério, era de tarde,  
Que triste quadro ante os olhos vi!  
O pranto ardente que me fugiu dos olhos  
Nas minhas faces deslizar senti:

Coveiro esquálido revolve a terra  
Mirrada e dura duma campa usada  
Parei de súbito, e irritado, vendo  
Mexer c'um morto na final morada.

Ceguei-me perto comovido e triste  
Por esse quadro que ante aos olhos tinha,  
Tudo era triste...o soluçar, - a brisa  
D'altos ciprestes, na ramagem vinha.

Ceguei-me perto, e o coveiro imundo  
Sem perceber-me com vigor, trabalha  
- Chega ao caixão - e vai dentro à cova  
Pra do morto rasgar a fria mortalha.

E rasga-a... e a ossada negra  
Do pobre morto eu divisei inteira;  
Brancos cabelos, que os não desfez a terra  
Inda lhe cobrem a negra caveira.

Enquanto eu triste contemplava a ossada  
Único indício de que dum mortal restava,  
O coveiro esquálido com a mão imunda  
Osso, por osso no caixão juntava.

Ao contemplar aquele quadro fúnebre  
O meu joelho eu senti curvar,  
Caí prostrado sobre a fria terra  
Desfeito em pranto e sem poder falar.

Tudo se finda! E na nudez dos túmulos  
Glórias, vaidades e soberba - é nada  
Tudo se acaba quando chega a morte  
Tudo de finda numa negra ossada.

B. D. Gil Junior.

---

<sup>109</sup> GIL Jr. B. D. **Exumação de um cadáver**. *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo*. Ano I, n.º 49. Rio Grande 19 de dezembro de 1880.p. 7.

**A minha Ela  
Soneto realista<sup>110</sup>**

Encontrei finalmente a minha “ela”.  
Um puro coração que me compreende!  
É sincero o amor que o meu lhe rende  
Sou moço (mas sem medo) e ela é bela....

Não pensem que é romântica donzela  
Que ao primeiro rapapé o peito rende;  
Ambos somos realistas. Ela entende  
Que o platonismo não passa de balela.

Ando agora lavado e engomado,  
Tenho sempre brunida a minha roupa  
Sem gastar um só vintém do ordenado!

E não sabem quem é que isso me poupa?  
A minha lavadeira, anjo adorado!  
Eu cá...não meto prego sem estopa.

**O mundo é de quem sabe viver<sup>111</sup>**

O mundo, está provado e mais que provado, não é de quem vive bem, mas de quem *sabe viver*. Isto é mal que vem de traz, como diz o velho chico da praça do comércio. Quem mais pilha, mais juízo tem.

Fazer escolha de meios e querer chegar aos fins, só o fazem os papalvos que não têm experiência do mundo e dos homens. Quem quer chegar ao complemento dos seus planos, deixa a estrada real e mete-se pelos atalhos e caminhos tortuosos. Chega mais depressa e sem ter necessidade de vencer obstáculos que há de encontrar no trajeto.

E tanto isto é verdade que um poeta das dúzias já o disse nas seguintes quadrinhas:

---

<sup>110</sup> JUNIO. **A minha ela. Soneto realista.** *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo.* .Ano I, n.º 51. Rio Grande, 26 de dezembro de 1880. p. 7.

<sup>111</sup> S. A. **O mundo é de quem sabe viver.** *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo.* Ano II, n.º 1. Rio Grande, 2 de janeiro de 1881. p. 2. Nota: Essa crônica introduz o poema a seguir, intitulado **Tudo é assim.**

**Tudo é assim**<sup>112</sup>

Bem aventurados  
Os vencedores,  
Porque da terra  
São os senhores.

Bem aventurados  
Os sem vergonha,  
Pois não há cousa  
Que lhes oponha.

Bem aventurados  
Os de alma vil,  
Que tudo alcançam  
Neste Brasil.

Bem aventurados  
São os ladrões,  
Porque merecem  
Mil atenções.

Bem aventurados  
Os vis e baixos,  
Que sempre alcançam  
Os bons despachos.

Bem aventurados  
Os assassinos,  
De grandes cargos  
Sujeitos dignos.

Bem aventurados  
Os escolhidos,  
Que da política  
São protegidos.

Porque só esses  
Bons afilhados,  
Saem senadores,  
Saem deputados.  
Um baiano.

---

<sup>112</sup> UM BAIANO. **Tudo é assim.** *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo.* Ano II, n.º 1. Rio Grande, 2 de janeiro de 1881. p. 2.

### A propósito de ladrões<sup>113</sup>

Quando bárbaros povos governam  
 Nas cruces os ladrões se penduravam.  
 Hoje, que reina o século das luzes,  
 Pendentes dos ladrões andam as cruces.

### As mulheres quando caem<sup>114</sup>

As mulheres quando caem  
 A falar da vida alheia,  
 Começam pela lua nova  
 E acabam na lua cheia.

### Abecedário útil<sup>115</sup>

- A. - Amiga deve ser a mulher de sua casa.
- B. - Bem quista deve-se fazer da vizinhança.
- C. - Caridosa deve ser com o pobre.
- D. - Devota deve ser do seu ofício.
- E. - Extremosa deve ser para seus filhos.
- F. - Firme deve ser na fé e no amor conjugal.
- G. - Governadeira diligente deve ser na sua fazenda
- H. - Humilde deve ser a seu marido.
- I. - Inimiga deve ser de mexericos.
- J. - Jovial deve ser com todos.
- L. - Lealdade deve ter com suas amigas.
- M. - Mansa deve ficar ante as contrariedades.
- N. - Nobreza deve mostrar aos inimigos.
- O. - Orgulhosa, jamais deve ser.
- P. - Pacífica deve se tornar quando cólera acomete-la.
- Q. - Quieta deve estar sempre.
- R. - Regrada deve ser em seus gastos.
- S. - Sisuda deve aparecer em todas as sociedades.
- T. - Trabalhadeira deve ser para espelho dos filhos.
- U. - Usura jamais deve ter.
- V. - Virtuosa deve ser como o escudo impenetrável fabricado por Vulcano.
- X. - Ximia não deve assemelhar-se.

<sup>113</sup> S. A. **A propósito de ladrões**. *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo*. Ano II, n.º 1. Rio Grande, 2 de janeiro de 1881. p. 7.

<sup>114</sup> ARGEMIRO. Sem título. *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo*. Ano II, n.º 1. Rio Grande, 2 de janeiro de 1881. p. 6.

<sup>115</sup> S. A. **Abecedário útil**. *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo*. Ano II, n.º 1. Rio Grande, 2 de janeiro de 1881. p. 7.

Z. - Zelosa dever ser de sua honra, para que os lobos não possam devorá-la.

### O que são as mulheres<sup>116</sup>

O que são as mulheres? São estátuas  
Precisas ao poeta, ao romancista.  
São nas noites da vida luzes fátuas  
Que seduzem o próprio moralista.

O que são as mulheres? Precipícios  
Que enfeitam do viver a longa estrada.  
São a fonte divina desses vícios  
Que tem a humanidade aos pés prostrada.

O que são as mulheres? Da malícia  
E da astúcia são símbolo majestoso,  
São a estrela querida que propicia  
Reluz no céu azul de amor faustoso.

O que são as mulheres? Contra o tédio,  
Às vezes, elixir tão infalível;  
Também às vezes elas são remédio  
Que regenera um ente desprezível.

O que são as mulheres? São os lírios  
De pureza, os algozes da virtude;  
São a fonte do bem e dos martírios,  
As rosas da manhã na juventude.

O que são as mulheres? São o vício  
Revestidos de edênicos primores;  
São astros de virtude que propicia  
Nos anima c'oa luz dos seus fulgores.

O que são as mulheres? Uma história  
Escrita em perfil fino, mas com sangue,  
São anjos e demônios, a memória  
Dessa "diva" ideal, de "Lucia" sangue.

O que são as mulheres? São estátuas  
Que trazem à existência um paraíso;  
São nas noites da vida luzes fátuas  
São, enfim, deste mundo o pranto e o riso.

<sup>116</sup> S. A. **O que são as mulheres?** *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo.* Ano II, n.º 4. Rio Grande, 23 de janeiro de 1881. p. 6.

## A nossa imprensa<sup>117</sup>

O Maruí apesar de não gozar os foros da imprensa séria, lamenta todavia que esta ainda não tenha se compenetrado do que é e do que vale. Os ilustres colegas relevem a franqueza de dizer-lhes que eles próprios são a causa da imprensa não ser entre nós tão considerada quanto devia sê-lo e o é em outras partes.

Entendíamos nós, jornalistas domingueiros, ou hebdomadários, pobres ignorantes das práticas da imprensa graúda, que os atos públicos, e mesmo os particulares de certa ordem, para que não fosse convidada, não devia ela noticia-los. Ou a imprensa tem consciência da sua importância ou não tem. Se tem deve se fazer respeitar como potência que é, se não tem então nós retiramos a expressão e declaramo-nos convencidos pela lógica dos fatos, que as pessoas que a consideraram lá o sabem o porque o fazem.

Ora vejamos: a nossa imprensa diária raras vezes é honrada com um convite para certa ordem de solenidades, ao contrário do que se faz em outras cidades, aliás de somenos importância que a nossa. Aqui dá-se uma festa pública, convidam-se os chefes de todas as repartições, magistrados, autoridades, o corpo consular, as notabilidades do comércio, etc. e não se convida a imprensa. Mas a imprensa não dá pela *fineza* ou se dá faz que não compreende a desconsideração e noticia a festa, às vezes com elogios aos seus iniciadores.

Inaugura-se um melhoramento público com certa solenidade. Convida-se por assim dizer todo o mundo para assistir a ele, menos porém a imprensa. A imprensa porém, faz-se de surda, de cega e de idiota e não dá importância à exclusão e noticia o fato com as suas melhores frases e mais escolhidos adjetivos. Há um banquete oferecido a um personagem de mais ou menos importância, banquete feito com aparato e publicidade: para assistir a ele são convidados os primeiros homens da terra, mas como a imprensa é representada pelos *últimos*, a imprensa é excluída dos convites. Mas isso não obsta que no dia seguinte a imprensa empunhe a sua tuba e proclame aos povos a excelência do serviço. A abundância e delicadeza das iguarias, a superior qualidade dos líquidos, a amabilidade do anfitrião, a eloquência dos brindes, enfim a magnificência e suntuosidade do festim.

Ora meus senhores da imprensa diária, da imprensa séria, da imprensa graúda, da imprensa que guia a opinião pública e a esclarece e ilumina, confessai que sois vós que desprestigiáis a instituição que deveis zelar e enobrecer. Se pensais que falamos por fala, estais enganados. Podemos provar com fatos inúmeros a desconsideração com que é tratada a imprensa que representais e, por conseguinte, vós mesmos, e a indiferença com que recebeis essas demonstrações de pouco caso.

Há dias inaugurou-se oficialmente o canal da barca, da Bóia Grande ou não sei de que. Foi um ato público celebrado com certo aparato e ostentação. Havia música e nós sabemos que no Rio Grande não pode haver festa que preste sem música. Pois bem: foram convidados os juizes, autoridades, chefes de repartições, o

---

<sup>117</sup> Sem Autor. **A nossa imprensa**. Maruí. *Periódico ilustrado, satírico e recreativo*. Ano II, n.º 4. Rio Grande, 23 de janeiro de 1881. p. 1.

presidente da corporação municipal e uma infinidade de pessoas gradas, mas a imprensa ficou no tinteiro. A imprensa, que é uma força, foi considerada uma nhilide<sup>118</sup> (sic) e deixada à margem como entidade sem préstimo e sem importância.

Em toda parte atos desses são realizados depois de previamente convidada a imprensa. No Rio de Janeiro inaugura-se uma fábrica, que é um estabelecimento particular, faz-se a experiência de um vapor mercante, instala-se uma sociedade de beneficência ou de recreio, inauguram-se os trabalhos de qualquer obra pública de importância, dá-se um banquete político, convida-se a imprensa e a imprensa faz-se representar, aceitando o convite, não como um favor, mas como um ato de delicadeza e cortesia. Como um dever de quem compreende a época em que vive e no qual maior interesse tem os que o cumprem do que os que são honrados com o convite. No Rio Grande o estilo é outro.

Aqui inaugura-se um melhoramento, o ato é revestido de aparato oficial, convidam-se as notabilidades do comércio e da política, mas não se convida a imprensa. Esse menosprezo, porém, não impede que a imprensa, que devia ser muda e indiferente, noticie o fato e elogie os seus autores - os mesmos que a desconsideraram, que a lançaram ao desprezo como entidade indigna de ser representada em solenidades oficiais, honradas com a presença da gente limpa, da gente grada, da nobreza enfim.

Ora vamos lá: confessem os colegas da imprensa - séria - que é pouco invejável o papel que voluntariamente aceitam nestas comédias sociais. O Maruí confessa francamente que prefere a modesta e obscura posição de periódico caricato, a ser jornal diário com foros de sisudo e de órgão da opinião pública. Honras que nos desonre não as queremos.

### Seção dogmática - Lição de história<sup>119</sup>

Decretaram - Chernoviz  
Ursino, Plauto e Ariosto,  
Que quem usasse nariz  
Devia pagar imposto,  
Porque o bom rei Amadeu,  
Quando em Tróia foi padeiro,  
Com um espirro que deu  
Acordava o mundo inteiro.

<sup>118</sup> Após muitas tentativas, não foi possível depreender o que significaria essa palavra, uma vez que encontra-se assim no original.

<sup>119</sup> S. A. **Seção dogmática. Lição de história.** *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo.* Ano II, n.º 5. Rio Grande 30 de janeiro de 1881. p. 3.

### Petição e despacho<sup>120</sup>

Dizem que há moças, senhora  
Que segundo o seu desejo,  
Dão aí suas esmolas,  
E eu a minha peço um beijo.

Dizem que há, não duvida:  
Segue cada qual seus votos,  
E eu dou meu caro senhor,  
Mas tenho cá um devoto.

### A um usurário<sup>121</sup>

Um moribundo usurário  
Em vez de se confessar,  
Dava balanço às despesas,  
Ao que tinha de gastar:

Tantas visitas de médico,  
E tanto pra o boticário,  
Enterro e missas e cova,  
E depois o inventário...

Ó morte, exclama, nem sabes  
O que me fazes sofrer!  
Que despesas, quantos gastos!  
Muito me custa morrer!

### Conselhos<sup>122</sup>

Como mulher, descontente.  
Por não ter frutos de amor,  
Foi ter-se c'um jesuíta:  
- Olhe, meu padre, um filhinho  
É toda minha ambição...  
Não sei porque Deus que é justo  
Me nega essa aspiração...

<sup>120</sup> S. A. **Petição e despacho**. *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo*. Ano II, n.º 6. Rio Grande, 6 de fevereiro de 1881. p. 7.

<sup>121</sup> S. A. **A um usurário**. *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo*. Ano II, n.º 7. Rio Grande, 13 de fevereiro de 1881. p. 4.

<sup>122</sup> S. A. **Conselhos**. *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo*. Ano II, n.º 8. Rio Grande, 20 de fevereiro de 1881. p. 7.

- Quem sabe se anda em pecado?  
 Neste ponto apenas posso  
 Dar-lhe um conselho d'amigo:  
 Se quiser ter dúzias de filhos,  
 Apegue-se a um padre nosso...

### Os quidans<sup>123</sup>

Eu vou cantar alguns tipos  
 Tipinhos mui conhecidos.  
 Que uns por *faz* outros por *nefaz*  
 São muitos nossos queridos.

Ocupa o lugar primeiro  
 O nosso caro Davi,  
 De quem (Jesus, Credo, Cruzes)  
 Constam horrores aí.

Dizem alguns que esse cujo  
 Vivem em "Jaguarão"  
 Para ser o rei dos marotos  
 Só lhe falta ser ladrão<sup>124</sup>

Tem língua de palmo e meio,  
 Aspecto imundo indomável  
 Pra nada que é bom se presta  
 Para o mal é sempre prestável.

Capacho de todo aquele  
 Onde espera resultado,  
 É conhecido por *peça*,  
 Ou por focinho estanhado.

Segue-se agora o Costinha  
 O costinha *adorado*,  
 Que foi buscar *lã* à corte  
 E veio bem *tosqueneado*

<sup>123</sup> HERACLITO. **Os quidans**. *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo*. Ano II, n.º 11. Rio Grande, 13 de março de 1881. p. 6.

<sup>124</sup> Nota do autor. *Mesmo assim tenho minha dúvida*.

O nosso amigo Francisco  
Tem mil façanhas danadas,  
Que pela tuba da fama  
Já tem sido apregoadas.

É fato mais que sabido  
Que de ladrão não tem cara,  
Mas que apossa-se do alheio  
Com facilidade rara.

Há mil fatos que comprovam  
Cada qual um novo aponta,  
Eu vou fazer um resumo  
E breve lhe darei conta

Por hora direi apenas  
Que aquela cara *santinha*,  
É tratante conhecido  
Por F. Alvaro Costinha

Temos agora um terceiro  
E ó que cara engraçada:  
Mas enfim cala-te, ó pena  
Que é *mandão* de gente armada.

E... calada faço ponto  
Por *temer* ir pra cadeia,  
Manda *quem pode*, e não teme  
Pois seu horror não mareia.  
Heraclito.

### O que são as mulheres<sup>125</sup>

Um curioso, que há longos anos estuda a mulher e todos os seus fenômenos, acaba de escrever como resultado prático da experiência o seguinte:

Senhora séria degenera em soberba.

A recatada em arisca.

A risonha em fácil.

A esperta em doida.

A calada em sonsa.

A curiosa em murmuradeira.

A isenta em afetada.

A medrosa em mulherona.

<sup>125</sup> S. A. **O que são as mulheres**. *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo*. Ano II, n.º 12. Rio Grande, 20 de março de 1881. p. 6.

A faladora em maldizente.  
 A recolhida em bisonha.  
 A frenética em teimosa.  
 A ciosa em atrevida.  
 A discreta em abelhuda.  
 A que vai dar em toda parte em corriqueira.

### Que olhos!<sup>126</sup>

Os olhos de Joaquina de Garret,  
 A estes confrontados  
 Não podiam sofrer comparação:  
 Aqueles eram ternos, namorados  
 E estes *repolhudos...orvalhados*,  
 Causavam bem diversa sensação.  
 Quando a dona os *deitou* não resisti,  
 E fiquei boquiaberto;  
 E logo ali cedendo à tentação,  
 Fui me aproximando e quando perto,  
 Comprei-os...a pataco, isto foi certo,  
 Eram de couve...comi-os com feijão!

### Trovas sertanejas<sup>127</sup>

Vai ingrata, vai correndo  
 Guarda tua formosura;  
 Nem sempre o lírio floresce,  
 Nem sempre a beleza dura.

Vai ingrata, corre o mundo,  
 Procura a grande riqueza;  
 Se não achares, vem ver  
 A minha triste pobreza.

Você diz que não me quer  
 Porque eu tenho cor trigueira,  
 Bote-me fora na rua,  
 Não faltará quem me queira.

<sup>126</sup> S. A. **Que olhos**. *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo*. Ano II, n.º 19. Rio Grande, 8 de maio de 1881. p. 6.

<sup>127</sup> S. A. **Trovas sertanejas**. *Maruí. Periódico, ilustrado, satírico e recreativo*. Ano II, n.º 19. Rio Grande, 8 de maio de 1881. p. 6.

Vou estar em Minas Gerais  
Sete anos. É meu gosto!  
Eu vou ver minha mineira,  
Vou ver o seu lindo rosto...

De Minas Gerais, o ouro,  
De Montevideú, a prata,  
De Portugal o bom vinho,  
De Vitória, a mulata...

Eu não sei, pois tenho hoje  
Tão doído coração...  
Ou meu bem está mal comigo,  
Ou me quer fazer traição!

Menina, teu pai não quer  
Que tu meu amor sejas;  
Deita-lhe cinzas nos olhos  
Fica cego e não vê mais.

O amor do marinheiro  
Não dura senão um'hora:  
Sopra o vento, larga a vela,  
Tira o chapéu, vai-se embora.

Oitocentos guardanapos,  
Seis vinténs em cada ponta:  
Ó, senhor! Se sabe tanto,  
Me some lá está conta!

Os anjos também amaram.  
Também se ama nos céus;  
Se os amantes são culpados  
Os anjos também são réus!

Você diz que não me quer  
Me diga a razão porque;  
Será porque eu sou pobre,  
Que riqueza tem você?

Eu fui a Montevideú,  
E passei a Maldonado;  
Minha Santa Catarina  
Rio Grande foi tomado.

**Dum poema inédito**<sup>128</sup>

Treme a Superstição!  
 Desmaia a Hipocrisia!  
 A Ignorância vacila e foge a Iniquidade!  
 Ouve-se a voz de Deus.  
 Minhas irmãs, é dia!  
 Levanta-te justiça!  
 Acorda Liberdade!  
 Guilherme Braga.

**Boemia**<sup>129</sup>

Boemia, dá-me teu sangue,  
 Quero o meu sangue escaldar,  
 Boemia, dá me os feitiços  
 Do teu negro, ardente olhar!

Deslaça a corda lustrosa  
 Do teu cabelo formoso,  
 Abriga um peito que treme  
 De carinho duvidoso!

Os raios de um sol ardente  
 Quero em teus lábios achar,  
 Que os meus convulsos gelados  
 Querem-se aos teus aquestrar.

E tu foges! Só eu fico  
 Preso d'alma e coração!  
 Prenderam-me sortilégios  
 Que fazes com hábil mão.

Boemia, dos que me olhaste  
 Teu escravo eu já sou.  
 Bebi algemas no filtros,  
 Que o verbena te ensinou!

<sup>128</sup> BRAGA, Guilherme. **Dum Poema inédito**. *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo*. Ano II, n.º 20. Rio Grande, 15 de maio de 1881. p. 3.

<sup>129</sup> FORTE GATO. **Boemia**. *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo*. Ano II, n.º 20. Rio Grande, 15 de maio de 1881. p. 7.

Filtros que vem dos teus olhos  
 Como um veneno que mata;  
 Dos teus olhos que dão morte,  
 E onde a vida se retrata!

Hoje só quero teu sangue  
 Para o meu sangue esaldar,  
 Ai, Boemia, mais feitiços  
 Do teu negro, ardente olhar!  
 Forte Gato

### Definições políticas<sup>130</sup>

Pertencem a uma folha europeia as seguintes definições políticas:

*Ministro de estado* - Negociante por atacado, sem capital próprio.

*Constituição* - Chapéu de palha muito bonito para os dias secos, mas que não resiste ao menor aguaceiro.

*Alta Política* - Arte de navegar em todo tempo.

*Maioria* - Relógio de repetição a que se dá corda pela barriga, anda ou não anda conforme os governos dão ou deixam de dar-lhes corda a certas horas.

*Patriotismo* - Fogo de palha que faz muito fumo.

*Parlamento* - Divertimento bonito e lucrativo para os atores, mas caro para os espectadores.

*Conveniência* - Papel bancário que gira entre os governos e os parlamentos.

*Juramento político* - Escritura de má fé com que se entra no teatro das aspirações legítimas.

*Urna* - Alambique onde se destilam as fraudes dos partidos.

### O mundo está desgraçado<sup>131</sup>

O mundo enfim está perdido  
 Ninguém o pode endireitar;  
 Caminha tudo invertido;  
 Caminha tudo invertido,  
 Não sei onde isto há de dar!  
 Cede a razão à toleima!  
 A honra já não ateuima,  
 Em sustentar seu reinado.

<sup>130</sup> S. A. **Definições políticas**. Maruí. *Periódico ilustrado, satírico e recreativo*. Ano II, n.º 23. Rio Grande, 5 de junho de 1881. p. 6.

<sup>131</sup> PERIQUITO. **O mundo está desgraçado**. Maruí. *Periódico ilustrado, satírico e recreativo*. Ano II, n.º 23. Rio Grande, 5 de junho de 1881. p. 6.

A moral já tem peçonha!  
 Meu Deus! Que pouca vergonha!  
 "O mundo está desgraçado..."

Reina inveja, reina intriga,  
 Reina a impostura voraz;  
 Anda qualquer rapariga,  
 Atrás de qualquer rapaz.  
 Já sem o pai as filhinhas  
 Andam nas ruas sozinhas  
 Sempre dum pra outro lado,  
 A todos rendendo lérias:  
 Jesus! Meu Deus! Que miséria!  
 "O mundo está desgraçado..."

Caminha tudo às avessas  
 Anda tudo aos trambulhões;  
 Andam a pé as condessas,  
 Os viscondes e os barões;  
 Enquanto que os taberneiros,  
 Marçanos e albardeiros,  
 Andam de carro estufado,  
 Caminha tudo invertido.  
 Meu Deus! Está tudo perdido  
 "O mundo está desgraçado..."

Sabe hoje qualquer fedelho  
 Grego, latim e francês:  
 Mas afinal chega a velho  
 Sem saber o português;  
 Há hoje tantos lit'ratos  
 Como no Janeiro os gatos  
 A miarem no telhado;  
 Tantos sábios, tantos poetas.  
 Jesus! Meu Deus! Que patetas!  
 "O mundo está desgraçado..."

Hoje quem for estouvado  
 E imponha de sabichão,  
 Alcança ser deputado,  
 Visconde, conde ou barão,  
 A ministros sobem todos,  
 Que saibam pregar engodos  
 Com cocho palavreado,  
 Que tenham finura e ronha,  
 Meu Deus! Que Pouca vergonha!  
 "O mundo está desgraçado..."

Há milheiros de farjados,  
 Cãoseiros aos pontapés:  
 Se Deus a estes moscardos  
 Fizesse ter quatro pés...  
 Diferençavam-se da gente:  
 Mas esta raça indecente,  
 Tem sempre engodo estudado,  
 Tem manhosa aleivosia:  
 Meu Deus! Que patifaria!  
 "O mundo está desgraçado..."

Há usurários aos centos  
 Jogadores aos milhões:  
 Há chupistas fraudulentos  
 Que são mesmo uns paparrões:  
 Não faltam os mariolas  
 Os vadios, os carolas:  
 Nem o cristão desregrado:  
 Nem o voraz maldizente:  
 Meus Deus! Que gente! Que gente!  
 "O mundo está desgraçado..."

Neste século das luzes  
 Caminha tudo a vapor!  
 Nunca vi tantos lapuzes!  
 Louvado seja o Senhor!  
 Qualquer sem saber gramática,  
 Anda a estudar matemática,  
 No latim matriculado!  
 Sofre no prelo um martírio  
 Jesus! Meus Deus! Que delírio!  
 "O mundo está desgraçado..."

Nas côrtes todos desejam,  
 Sobre o poleiro cantar,  
 Todos uma pasta invejam,  
 Um osso para chupar:  
 Hoje em milhões de gazetas,  
 Não se encontram senão tretas  
 Mentiras de rabo alçado!  
 Verrinas de regateira!  
 Meu Deus, Meus Deus, que cegueira!  
 "O mundo está desgraçado..."

Qualquer gaiato de escola  
 Sem saber ler nem contar,  
 Já no bilhar à c'rambola  
 Passa os dias a jogar!  
 Mesmo até qualquer donzela  
 Se lhes dizem: - És tão bela.  
 'Stou por ti enamorado...  
 Ela perde logo a bola!  
 Meu Deus! Que gente tão tola!  
 "O mundo está desgraçado..."

O mundo, enfim 'stá perdido  
 Ninguém o pode end'reitar!  
 Caminha tudo invertido!  
 Não sei onde isto há de dar?  
 Cede a razão à toleima  
 A honra já não ateuima  
 Em sustentar seu reinado.  
 A moral já tem peçonha,  
 Meu Deus! Que pouca vergonha!  
 "O mundo está desgraçado..."  
 Periquito.

### Nariz de embono<sup>132</sup>

Nariz de embono  
 Com tal sacada  
 Que entra na escada  
 Duas horas primeiro que seu dono.

Nariz que fala  
 Longe do rosto  
 Pois na Sé posto  
 Na Praça, manda pôr a guarda em ala.

Membros de olfatos  
 Mas tão quadrado  
 Que um rei coroadado  
 O pode ter por copa de cem pratos.

<sup>132</sup> MATOS, Gregório de. **Sem título.** *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo.* Ano II, n.º 24. Rio Grande, 12 de junho de 1881. p. 7.

Tão temerário  
 É o tal nariz  
 Que por um triz  
 Não ficou cantareira de um armário.

### Acróstico<sup>133</sup>

**C** ompradores, no meu Bazar, lucram sempre  
**A** preços sem igual, vende a fazenda  
**N** ão exito ENGANAR o bom freguês  
**D** isputando, da excelência: minha Tenda

**O** s artefatos que ao público exponho  
**C** ompedidor, não receio: - não me suplantam  
**A** realidade, verifica: - não é sonho.

Ao bazar quem tiver bom gosto!  
*Futicadores* que não visam o futuro  
 Não podem prosperar: para vegetação  
 Venham ao Candóca, negócio seguro.  
 V. P.

### Qualificativos do Homem<sup>134</sup>

Nas diversas fases da existência é da seguinte forma que se qualifica o homem:  
 Cidadão; nas proximidades das eleições (está na ordem do dia).  
 Patriota; se votou com o governo.  
 Rebelde; se votou contra.  
 Religioso; se serve continuamente os cargos de tesoureiro e procurador de irmandades.  
 Estudante; se freqüenta academias.  
 Vinagre; se não assina subscrições.  
 Honrado, virtuoso e sábio; se é rico.  
 Número; se cumpre sentença.  
 Caso; se é atacado de febre amarela.  
 Sujeito e fulano; se dele se refere algum fato.  
 Meu amado ouvinte; se assiste a sermão.  
 Alma; se habita grande cidade.

<sup>133</sup> V. PORCIUNCULA. **Acróstico**. *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo*. Ano II, n.º 28. Rio Grande, 10 de julho de 1881. p. 7.

<sup>134</sup> S. A. **Qualificativos do Homem**. *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo*. Ano II, n.º 30. Rio Grande, 24 de julho de 1881. p. 7.

Paroquiano; quando batiza um filho.  
 Capanga, quando se incube de zelar a honra alheia.  
 Recruta; quando o obrigam a ser soldado.  
 Réu; quando tem contra si *autor* que não é de seus dias.  
 Fósforo; quando responde por nome que não é seu.  
 Próximo; quando comete fraquezas.  
 Transeunte; quando vai pela rua.  
 Moço; quando serve em hotéis.  
 Assinante; quando paga por teatro por junto.  
 Fidalgo; quando pretende não descender de Adão e Eva.  
 Convidado; quando vai a enterro ou casamento.  
 Respeitável público; quando está no teatro ou leilões.  
 Benévolo; quando lê prólogo.

### O lar<sup>135</sup>

*Ó! A família! O lar! O bonançoso porto  
 No tormento mar!*

Lúcio de Mendonça

Ele vinha da orgia - o ébrio macilento -  
 Revolta a cabeleira, o passo torvo e bruto,  
 Em demanda da casa, uma espelunca escura,  
 Onde a sós vegetava a triste criatura.  
     O dia despontara.  
 Do sol nascente e morno a luz fagueira e clara  
     Brincavam pelo espaço...  
 Súbito, ele teve o titubeante passo  
 Ante um quadro de amor, um quadro de poesia  
 Dum jardim sobre a alfombra inda orvalhada e fria

    Brincava uma criança,  
 Um anjinho do céu, a vívida esperança  
     Do par, que o idolatrava,  
     E que ali perto estava,  
 Ó! A família! O lar! Um ninho onde o precito  
 Pudesse descansar do desviver aflito!

O bêbado parou e na frente sombria,  
 Brilhou-lhe a mansa luz dum riso de alegria.  
     J. Dias da Rocha.

<sup>135</sup> ROCHA, J. Dias da. **O lar**. *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo*. Ano II, n.º 30. Rio Grande, 24 de julho de 1881. p. 7.

**Traspassa-se**<sup>136</sup>

...Uma velha trapaceira,  
 Que leva todo dia a rogar pragas;  
 Faz uso muitas vezes de triagas,  
 E tem-se como grande feiticeira.

Das velhas é a velha mais matreira,  
 Porque sabe arranjar bem boas pagas:  
 Até com presunção nas horas vagas  
 Exerce rude ofício de parteira.

O motivo - não pensem que é trapaça -  
 É por estar cansada a vizinhança,  
 A quem constantemente moe e massa.

Quem quiser, pois, andar em contradança,  
 E atura-la por gosto ou por pirraça,  
 Queira vi-la buscar, e sem tardança!  
 Atualidade.

**Soneto**<sup>137</sup>

Morrer, dormir, não mais termina a vida,  
 E com ela terminam nossas dores;  
 Um punhado de terra, algumas flores...  
 E depois uma lágrima fingida.

Sim, minha morte não será sentida:  
 Não tive amigos e nem deixo amores:  
 E se os tive, tornaram-se traidores,  
 Algozes vis de um'alma consumida.

Tudo é podre no mundo! Que me importa  
 Que amanhã se esboroe ou que desabe,  
 Se a natureza para mim'stá morta?!

É tempo já que meu exílio acabe...  
 Vem, vem, ó morte, Ao nada me transporta  
 Morrer, dormir, sonhar - talvez, quem sabe?  
 F. Otaviano.

<sup>136</sup> ATUALIDADE. **Traspassa-se**. *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo*. Ano II, n.º 31. Rio Grande, 31 de julho de 1881. p. 7.

<sup>137</sup> F. OTAVIANO **Soneto**. *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo*. Ano II, n.º 34. Rio Grande, 21 de agosto de 1881. p. 6.

### No Éden<sup>138</sup>

Lá na *santa mansão* - no paraíso,  
 Numa bela manhã do mês de maio,  
 A mãe Eva tremeu, perdeu o piso,  
 Suspirou e caiu: *teve um desmaio!*  
 Lá na *santa mansão* - no paraíso,  
 Numa bela manhã do mês de maio.

Eva! Eva! Meu bem! Minha doçura!  
 Morta! Morta! Meu Deus! Ó! Desventura!  
 Disse Adão logo após - com aflição -  
 E saindo dali - choramingando,  
 Um momento depois voltou - suando:  
 Conduzindo nas costas um colchão.

O desmaio (*fatal*) era fingido:  
 A mulher estudara tal *pilhéria*,  
 Ela via o colchão e o marido  
 E continha-se morta - muito séria.  
 O desmaio (*fatal*) era fingido:  
 A mulher estudara tal *pilhéria*.

A serpente *cruel* nada dizia;  
 De repente, porém, soltou um grito  
 E, caindo do tronco em que jazia,  
 Transformou-se - no ar - em um cabrito!  
 A serpente *cruel* nada dizia;  
 De repente, porém, soltou um grito.

.....  
 .....

É daqui que nos vem o *mal profundo*:  
 O tal - pomo - não passa de tolice,  
 Nunca Eva cedeu à gulodice  
 Com'os frades afirmam neste mundo.  
 É daqui que nos vem o *mal profundo*:  
 O tal - pomo - não passa de tolice.

.....  
 .....

Ah frades! ...

.....

---

<sup>138</sup> J.J.C. **No Éden**. *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo*. Ano II, n.º 46. Rio Grande, 13 de novembro de 1881. p. 6.

Eu respeito do - clero - muito a cr'oa:  
 Mas...se fosse possível um *transporte*...  
 Eu no leme...nas velas vento forte...  
 E os frade a bordo - lá na proa...  
 Eu respeito do - clero - muito a cr'oa:  
 Mas...se fosse possível um *transporte*...  
 Santa Vitória, Outubro 1881.  
 J. J. C.

### A força da mulher<sup>139</sup>

Ao touro deu córneas pontas  
 A provida natureza,  
 Deu à lebre a ligeireza  
 E a dura pata ao corcel.

A voar ensina às aves,  
 A nadar ao peixe mudo,  
 E deu ao leão sanhudo  
 O dente destruidor:

Aos homens deu a prudência:  
 À mulher não pode dá-la.  
 Acaso quis deserda-la?  
 Ou então com que a dotou?

Por armas e por defesa  
 Deu-lhes as formas engraçadas  
 Que o ferro, o fogo, as espadas,  
 Que tudo podem vencer.

### Casou-se João com Rita<sup>140</sup>

Casou-se João com Rita,  
 Mulher esperta, mas feia;  
 Casou Gil com Dorotéia,  
 Que era parva, mas bonita;  
 Bras casou com Ignês,  
 Que é rica, mas um demônio:  
 Pergunto qual matrimônio  
 É o pior destes três?

<sup>139</sup> S. A. **A força da mulher**. *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo*. Ano II, n.º 47. Rio Grande, 20 de novembro de 1881. p. 8.

<sup>140</sup> S. A. **Sem título**. *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo*. Ano II, n.º 51. Rio Grande, 18 de dezembro de 1881. p. 5.

### Os deveres da mulher<sup>141</sup>

São dez, segundo a opinião de pessoas abalizadas:

- 1º amar a um só homem sem ser coquete com os outros.
- 2º não jurar em vão até casar-se.
- 3º ouvir missa e confessar-se sem ser beata.
- 4º honrar com palavras e ações seu marido.
- 5º não mata-lo de desgosto, pedindo-lhe impossíveis.
- 6º saber manejar o leque para afugentar CERTAS MOSCAS.
- 7º não furtar uma hora à costura para dedica-la ao espelho.
- 8º não murmurar nem mentir grandezas aparentes.
- 9º não desejar mais de um marido.
- 10º ler quanto possa e instruir-se sempre que a instrução seja encaminhada em bem da sociedade e da família.

### Lembra-te homem que és pó<sup>142</sup>

O homem seja qual for  
 Seja rico ou seja pobre  
 Seja mecânico ou nobre  
 Seja vassalo ou senhor  
 Da morte e do seu furor  
 Não há de escapar um só  
 Bem nos adverte Jó  
 Bem a igreja nos propõe  
 Bem diz quando as cinzas põe  
 Lembra-te homem que és pó.

### Uma noite nupcial<sup>143</sup>

Em uma noite bela...pitoresca,  
 Senti o corpo todo me pesar,  
 Tomei cerveja preta um tanto fresca,  
 Depois lá fui pra cama me deitar.

Estava em pleno sono! Já sonhava  
 Com a pequena *Guilhé*, tipo engraçado.  
 E por isso contente, ora pulava,  
 Ora sorria, vendo-me casado!

<sup>141</sup> S. A. **Os deveres da mulher**. *Maruí. Periódico, ilustrado, satírico e recreativo*. Ano III, n.º 2. Rio Grande, 8 de janeiro de 1882. p. 4.

<sup>142</sup> S. A. **Lembra-te homem que és pó**. *Maruí. Periódico, ilustrado, satírico e recreativo*. Ano III, n.º 11. Rio Grande, 12 de março de 1882. p. 8.

<sup>143</sup> A.MARIETA. **Uma noite nupcial**. *Maruí. Periódico, ilustrado, satírico e recreativo*. Ano III, n.º 15. Rio Grande, 16 de abril de 1882. p. 8.

Em meio desta cena sem rival  
A mísera desgraça se apresenta  
E eis o episódio conjugal:

Marido eu hoje sou da velha *Benta*  
Em cujo narigão descomunal  
Me guardo em noites bravas de tormenta...  
A. Marieta.

## d) Material Caricato



Fig. 1.  
 LÓRD K. **Maruí**. *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo*. Ano I, n.º 1. Rio Grande, 4 de janeiro de 1880. (p. 1.)  
 “Meu filho, encontrarás aí na Terra o *Maruí*, que aguarda a tua presença para ilustrar teus fatos”.

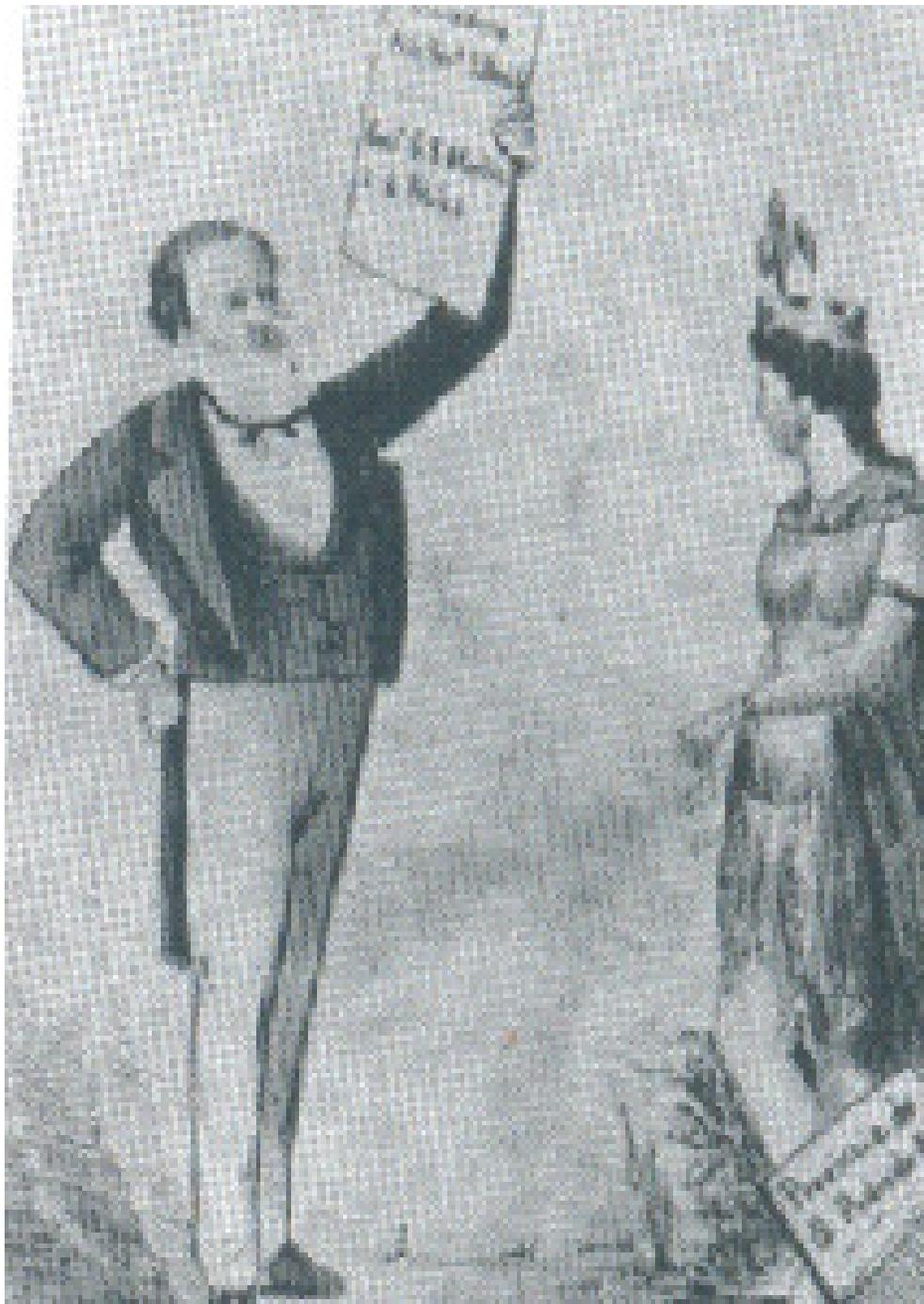


Fig. 2.  
LORD K. **Sem título.** *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo.* Ano I, n.º 11. Rio Grande, 14 de março de 1880. (p. 8)  
“- Eis aqui os nomes escolhidos para a senatoria”.  
“- Já eu supunha da vontade soberana, que escolhesse estes meus diletos filhos.”



Fig. 3.  
LORD K. **MARUÍ**. *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo*. Ano I, n.º 32. Rio Grande, 15 de agosto de 1880. (p. 1)  
“Em vossas mãos deposito, tem apenas seis meses de existência... sejam felizes!”



Fig. 4.  
T. **Sem título.** *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo.* Ano I, n.º 48. Rio Grande, 5 de dezembro de 1880. (p. 1)  
“O Brasil dorme indolentemente...”



Fig. 5  
T. **Sem título.** *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo.* Ano II, n.º 2. Rio Grande, 9 de janeiro de 1881. (p. 8)  
“ – Descarada, imoral, não tens vergonha de amamentares esse fedelho?”  
“ – Hipócrita, tu o que queres é que esse inocente morra à mingua em tuas mãos, mas estás enganado, eu cá estou para o socorrer.”

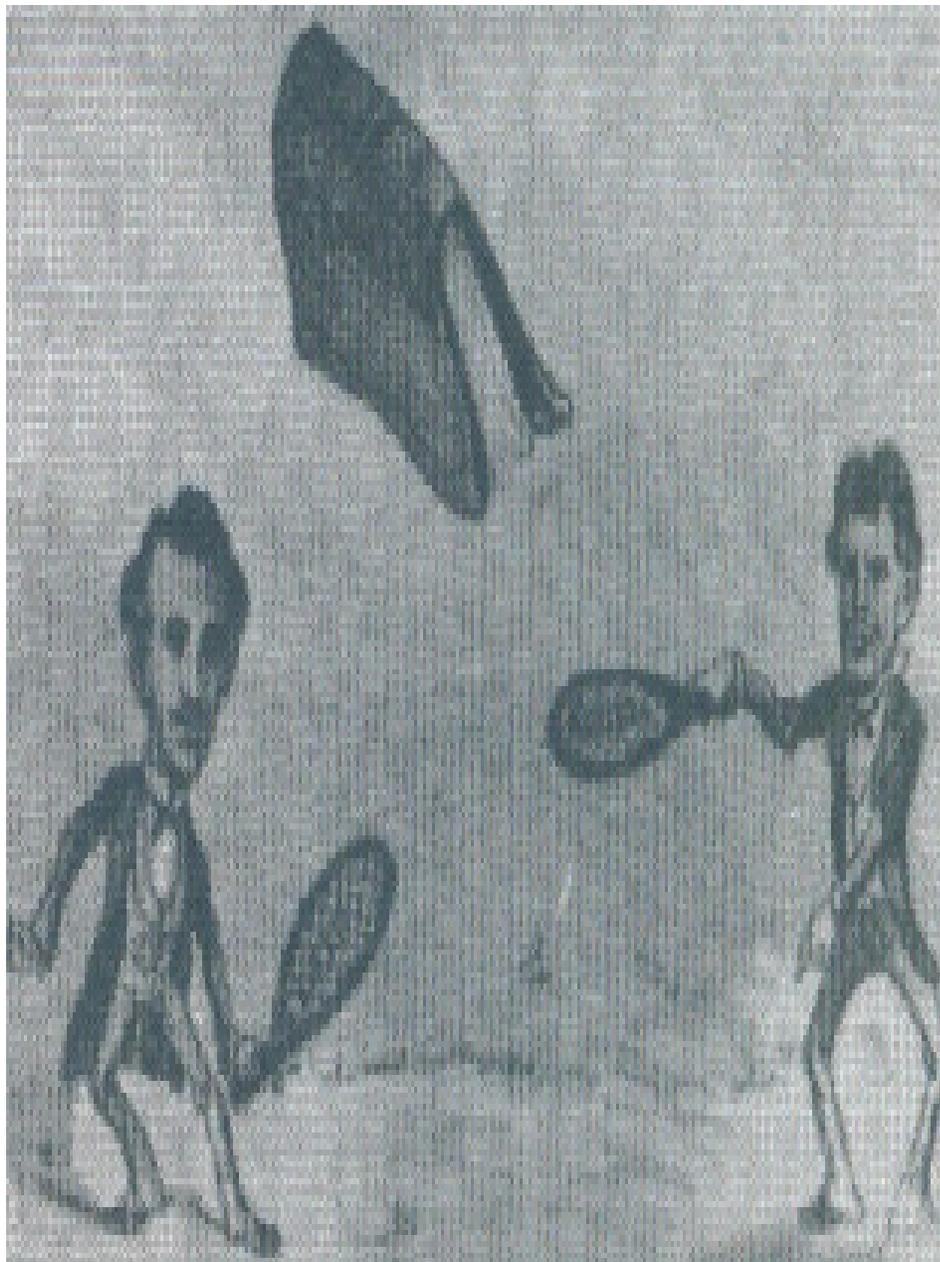


Fig. 6.  
T. **Sem título.** *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo.* Ano II, n.º 3. Rio Grande, 16 de janeiro de 1881. (p. 8)  
"O jogo da peteca".



Fig. 7.  
T. **Escaparão esse ano?** *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo.* Ano II, n.º 6. Rio Grande, 6 de fevereiro de 1881. (p. 4)  
“Escaparão este ano?”

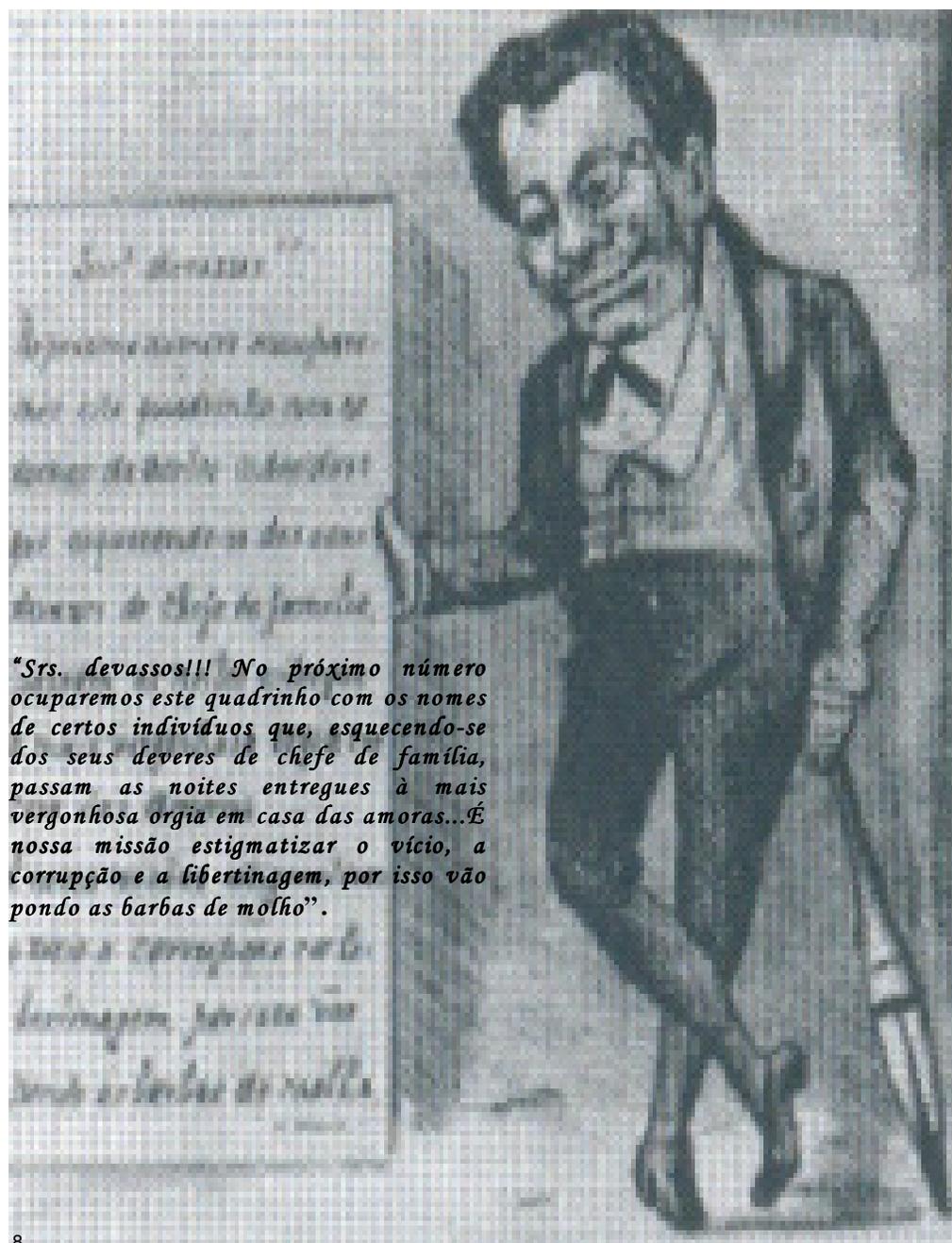


Fig. 8.  
 T. Sem título. Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo. Ano II, n.º 15. Rio Grande, 10 de abril  
 de 1881. (p. 8)  
 "Pela moralidade"



Fig. 9.  
T. **Sem título.** *Maruí. Periódico ilustrado, satírico e recreativo.* Ano II, n.º 35. Rio Grande, 28 de agosto de 1881. (p. 4)  
“Epidemia reinante”



Fig. 10.  
MARUI. Rio Grande, Ano III, n.º 11, 12 de março de 1882. (p.1)



Fig. 11.  
 MARUÍ. Rio Grande, Ano III, n.º 11, 12 de março de 1882. (p.2)